ALEX ASTER

LIGHTLARK

SENSAÇÃO do TIKTOK



Rocco
DIGITAL

ALEX ASTER

LIGHTLARK

Tradução de Carol Christo

Rocco
DIGITAL

Para Rron. Eu não conseguiria escrever a nossa história de amor nem se tentasse.



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Capítulo trinta e oito

Capítulo trinta e nove
Capítulo quarenta
Capítulo quarenta e um
Capítulo quarenta e dois
Capítulo quarenta e três
Capítulo quarenta e quatro
Capítulo quarenta e cinco
Capítulo quarenta e seis
Capítulo quarenta e sete
Capítulo quarenta e oito
Capítulo quarenta e nove
Capítulo cinquenta
Capítulo cinquenta e um
Capítulo cinquenta e dois
Capítulo cinquenta e três
Capítulo cinquenta e quatro
Capítulo cinquenta e cinco
Capítulo cinquenta e seis

Agradecimentos
Créditos
A Autora



CAPÍTULO UM

ISLA

Isla Crown com frequência atravessava poças de estrelas e acabava em lugares distantes. Sempre sem permissão, e, aparentemente, nos piores momentos.

Mesmo depois de cinco anos, usar o portal ainda fazia seu corpo doer. Ela segurou firme a varinha estelar, a respiração presa como se estivesse engarrafada, tal qual os perfumes raros em sua penteadeira. O quarto de vidro girava e cores fragmentadas se misturavam, até que a gravidade finalmente a prendeu ao chão como se Isla fosse um fio solto no universo.

E a varinha estava a salvo, escondida na parte de trás do vestido, colada às costas, no exato momento em que a porta se abriu.

— O que aconteceu com seu cabelo? — Poppy gritou tão alto que Terra veio correndo atrás dela, as várias facas e espadas em sua cintura batendo umas nas outras.

Seu cabelo era a menor das preocupações, embora ela não duvidasse de que estivesse parecendo um amontoado de musgo. Viajar entre as novas terras dos reinos com a varinha estelar estragava até mesmo as tranças mais firmes e os grampos de cabelo mais apertados de Poppy. Na verdade, essa era uma vantagem surpreendente.

Isla não fingia ser uma especialista no uso do aparato. No início, a poça

de estrelas a levou para lugares inesperados. Para as aldeias nevadas das novas terras Lunares, os jubileus arejados das novas terras Etéreas, até para algumas terras que não haviam sido colonizadas por nenhum dos seis reinos. Aos poucos, ela aprendeu a retornar aos lugares que já havia visitado. Esse era o máximo de seu domínio sobre a varinha. Tudo que tinha certeza saber era que, de alguma forma, o misterioso aparato permitia que ela atravessasse centenas de quilômetros em segundos.

Terra suspirou, a mão se afastando do cabo de sua lâmina.

— São só alguns fios soltos, Poppy.

Poppy a ignorou e disparou até Isla, empunhando uma escova e o frasco de um denso óleo herbal do mesmo jeito que, anos antes, Terra havia ensinado Isla a empunhar armas. Ela sorriu para sua professora de luta por cima do ombro de sua professora de boas maneiras, e soltou um grito quando Poppy arrancou os grampos dos cabelos dela. Poppy balançou a cabeça.

— Vou ter que começar do zero. — Ela segurou os grampos entre os lábios e falou com eles na boca: — Te deixo sozinha por uma hora e você fica toda desgrenhada. E ainda por cima trancou a porta! Como é possível ficar tão desarrumada dentro do próprio quarto, passarinha?

Dentro do próprio quarto. O quarto dela não era dela. Era uma esfera de vidro, restos de uma antiga estufa. Mas os vidros tinham sido pintados, as janelas haviam sido lacradas e todas as portas tinham sido removidas, exceto uma.

Ela era uma passarinha, como Poppy e, às vezes, até Terra a chamavam.

Um pássaro em uma gaiola.

Isla deu de ombros.

— Só um pouco de treino com a espada.

Poppy e Terra eram sua única família, embora não fossem da *sua* família. Todos que compartilhavam do mesmo sangue que ela tinham morrido muito tempo antes. Ainda assim, nem elas sabiam sobre a varinha estelar. Se soubessem, nunca deixariam Isla usá-la. Aquilo era a única chave para fora da gaiola de pássaro. E ela estava trancada ali não somente para sua própria segurança.

Mas para a de todos.

Terra olhou para ela, desconfiada, antes de voltar seu foco para a parede. Dúzias de espadas estavam penduradas em uma fileira brilhante, como um espelho improvisado.

— Uma pena você não poder levar nenhuma delas — disse, um dedo percorrendo a parede de armas. Ela havia presenteado Isla com cada uma das espadas, trazidas da antiga loja do castelo. Isla tinha *merecido* as lâminas depois de cada conquista e habilidade dominada.

— Essa é uma regra do Centenário com a qual concordo. Não precisamos que ela confirme a imagem horrível que todos os outros reinos têm de nós — Poppy zombou.

O frio na barriga de Isla aumentou com o nervosismo, como folhas rodopiando em uma tempestade. Ela forçou um sorriso, sabendo que isso acabaria com a frustração de Poppy. Sua tutora *sempre* dizia que ela não sorria o suficiente. Isla não tinha conhecido muitas pessoas, mas as que conhecia eram fáceis de decifrar. Ela só precisava descobrir suas motivações. Todo mundo queria alguma coisa e algumas eram mais fáceis de prover. Como um sorriso para uma professora que tinha passado quase duas décadas ensinando boas maneiras à sua aluna. Um elogio para uma mulher que valorizava a beleza acima de tudo.

— Poppy, mesmo você sendo linda como é, a imagem horrível que eles têm é verdadeira. Nós *somos* monstros.

Poppy suspirou enquanto deslizava o último grampo pelo cabelo de Isla.

— Você não — disse com determinação.

E, embora as palavras de sua tutora fossem bondosas e cheias de amor, elas fizeram seu estômago revirar de pavor.

— Tudo pronto — disse Terra. Ela deu alguns passos em direção à penteadeira. Isla a observou pelo espelho, as bordas manchadas pelo tempo. — E você, está?

Não. E nunca estaria. O Centenário era muitas coisas. Um jogo. Uma chance de quebrar as muitas maldições que atormentavam os seis reinos. Uma oportunidade de ganhar um poder inigualável. O encontro entre os seis governantes. Cem dias em uma ilha amaldiçoada que aparecia uma vez a cada cem anos. E para Isla...

Era morte quase certa.

Você está pronta, Isla?, questionou uma voz zombeteira e cruel em sua mente.

O medo só era amenizado por sua curiosidade. Ela sempre desejou mais de... tudo. Mais experiências, mais lugares, mais pessoas.

O lugar para onde estava indo — Lightlark — era feito de "mais". Isla costumava esgueirar-se por uma vidraça solta no quarto e fugir para a floresta, até que suas tutoras descobriram e fecharam a passagem. Foi lá que conheceu uma anciã que já havia vivido em Lightlark, assim como todo os Selvagens, antes das maldições. Antes da fuga da ilha depois da qual a maioria dos reinos criou novas terras naquela nova e caótica realidade. Suas histórias eram como frutos em uma árvore, doces e escassas. A anciã falava de reis que podiam segurar o sol nas mãos, mulheres de cabelos brancos que faziam o mar dançar, de castelos nas nuvens e de flores que desabrochavam puro poder.

Isso foi antes das maldições.

Agora, a ilha era uma sombra de si mesma, aprisionada em uma tempestade sem fim que tornava impossível a viagem para lá fora do período do Centenário, por barco ou mesmo por magia.

Uma noite, Isla encontrou a anciã na base uma árvore, deitada de lado. Ela poderia até ter pensado que a mulher estava dormindo, se sua pele bronzeada não tivesse se tornado uma casca, se suas veias não tivessem se transformado em videiras. Os Selvagens manipulavam a natureza em vida e juntavam-se a ela na morte.

Mas não havia nada de natural na morte da anciã. Mesmo com mais de quinhentos anos, mesmo longe da força de Lightlark, ela havia morrido cedo demais. Sua morte tinha sido a primeira de muitas.

E era tudo culpa de Isla.

Terra repetiu a pergunta, encarando-a com os olhos verde-escuros, da mesma cor da hera que envolvia o palácio dos Selvagens como uma película cobrindo tudo. Da mesma cor que os de Isla.

— Você está pronta?

Isla assentiu, embora seus dedos tremessem enquanto pegava a coroa à frente. Era uma simples coroa de ouro, adornada com botões, folhas e uma cobra sibilante em dourado. Ela a colocou na cabeça, tomando cuidado

para não bagunçar os grampos que mantinham o longo cabelo castanho-escuro longe do rosto.

— Linda — disse Poppy.

Isla não precisava ouvir o elogio para saber que era verdade. A beleza era uma dádiva dos Selvagens — e uma maldição. Maldição que havia causado a morte de sua mãe e que tornava o fato de elas supostamente serem muito parecidas ainda mais perturbador. Poppy encontrou o olhar de Isla no espelho e disse em tom feroz:

— Você é capaz, passarinha. É melhor do que qualquer um deles.

Quem dera isso fosse verdade.

Uma onda de pânico encobriu as feições de Isla. E se aquela fosse a última vez em que Isla veria suas tutoras? E se nunca voltasse para o seu quarto? Suas mãos agiram por instinto, estendendo-se para elas, querendo tocá-las uma última vez.

Antes que pudesse fazer isso, Terra lançou um olhar tão severo que a fez parar.

O sentimentalismo é egoísta, parecia dizer.

O Centenário não era sobre ela. Era preciso salvar seu reino. Seu povo.

Controlando-se, Isla endireitou a postura e se levantou devagar, o peso da coroa parecendo muito maior.

— Sei o que devo fazer — ela disse. Todo governante chegava ao Centenário com um plano. Terra e Poppy martelavam o delas em sua cabeça desde que Isla era criança. — Vou seguir suas ordens.

— Que bom — disse Terra. — Porque você é nossa única esperança.

O castelo dos Selvagens possuía mais lugares abertos do que fechados. Os salões eram pontes, as árvores estendiam seus braços para o corredor e os galhos agarravam suavemente seu vestido como se dissessem adeus. Folhas farfalhavam ao redor de Isla enquanto ela andava pelos cômodos intermináveis nos quais não tinha permissão para entrar, com Poppy e Terra logo atrás. As videiras se arrastavam pelas paredes. Pássaros entravam e saíam quando queriam. O vento uivava pelos corredores em uma brisa que fazia a capa de Isla esvoaçar. Ela vestia um tom verde-escuro para homenagear seu reino, um tecido que marcava suas costelas,

cintura, joelhos e caía aos seus pés. A capa era de um tecido delicado, tão translúcido que qualquer pretensa modéstia era desnecessária. Essa escolha representava seu reino tanto quanto a cor.

Os Selvagens sempre se orgulharam de seus corpos, da beleza e das habilidades que tinham. Sempre amaram loucamente, viveram livres e lutaram com ferocidade.

Quinhentos anos antes, os seis reinos — Selvagem, Estelar, Lunar, Etéreo, Solar e Umbra — foram amaldiçoados, e suas forças transformadas em seu próprio veneno. Cada maldição era perversa à sua maneira.

A dos Selvagens era dupla. Eles foram fadados a matar a pessoa por quem se apaixonassem — e a sobreviver exclusivamente de corações humanos. Transformaram-se em monstros de beleza terrível, com o cruel poder de seduzir com um único olhar.

Milhares de homens e mulheres Selvagens haviam morrido desde então. O amor tornou-se proibido. Irresponsável. Poucas crianças nasciam... e o nascimento de meninas sempre fora mais comum no reino. Ainda que o amor tenha várias formas, homens morriam com mais frequência quando as regras eram quebradas, e, aos poucos, os Selvagens se tornaram uma pequena comunidade formada, principalmente, por mulheres guerreiras. Temidas. Odiadas. E fracas, já que menos pessoas significava menos poder. O Centenário era a única chance de acabar com as maldições, retornar à glória de outrora e recuperar o poder de que tanto precisavam. *Isla* era a única chance.

Você é nossa única esperança...

Ela os ouviu antes de vê-los. Entoando cantos antigos, batendo suas lâminas como instrumentos musicais. O controle dos Selvagens sobre a natureza estava em plena exibição. Flores desabrochavam e se espalhavam pela varanda, pelo corredor, parando somente quando alcançavam os seus pés. Elas cresciam exponencialmente, duplicando-se repetidas vezes em uma poça de pétalas, subindo pelos tornozelos. De acordo com a lenda, mil anos antes, os Selvagens conseguiam fazer crescer florestas inteiras apenas com o pensamento, mover montanhas com o movimento das mãos.

Agora, centenas de anos após a maldição e passado tanto tempo longe do poder da ilha, suas habilidades haviam diminuído para nada além de

alguns truques bobos.

Isla caminhou cuidadosamente sobre as flores até o fim das paredes do castelo e ficou de frente para as centenas de Selvagens que a aplaudiam.

As árvores acima floresceram cerejas, amoras e flores vermelho-sangue, que caíam sobre a multidão como uma chuva colorida. Os animais saíram da floresta e se juntaram ao grupo, sentando-se ao lado de seus companheiros. Os poderes dos Selvagens variavam pelo domínio da natureza e muitas vezes incluíam a afinidade com animais. Terra tinha uma grande pantera chamada Sombra com quem conversava com a mesma facilidade com que se comunicava com Isla. Poppy tinha um beija-flor que gostava de se aninhar em seu cabelo.

Quando Isla assentiu, a multidão ficou em silêncio.

— É uma honra representar nosso reino neste Centenário.

O coração de Isla acelerou, um tambor ressoando em seu peito. Ela olhou para a multidão, para os rostos belos e esperançosos. Alguns Selvagens usavam trajes feitos de retalhos de tecido entrelaçados com folhas e videiras. Outros usavam somente espadas penduradas nas costas. Alguns tinham acabado de se alimentar, os lábios sujos de um vermelho profundo. Isla encarou seu povo e fez o possível para não tremer. Para não deixar a voz falhar, ou gaguejar, ou levantar dúvidas, por um momento sequer, do motivo pelo qual sua governante muitas vezes se escondia atrás das grossas paredes de seu castelo. Por que criados eram proibidos de entrar em seus aposentos. Ela tentou não se perguntar quantos desses Selvagens tinham ouvido aquelas mesmas palavras cem anos antes, vindas de uma governante diferente; quantos deles ainda restavam depois da série recente de mortes. Ela fez uma promessa, porque era isso que seu povo queria. Alguém que os tranquilizasse. Que demonstrasse força.

— Prometo quebrar nossa maldição… de uma vez por todas.

Eles tinham todo o direito de estar preocupados. O fracasso de Isla os condenaria por pelo menos mais um século. Já eram quatro Centenários fracassados. Isla cerrou os dentes, esperando que sua insegurança fosse notada; esperando que estivesse errada quanto ao que eles queriam.

Mas o ar da manhã incendiou-se com gritos e lâminas erguidas. Pássaros cantavam das copas das árvores e o vento farfalhava pelas folhas

como um rugido. Aliviada, Isla desceu os degraus cobertos de pétalas, a natureza florescendo a seus pés, enquanto a multidão criava uma passagem em direção às árvores gêmeas mais antigas.

As raízes se ergueram no ar, depois se entrelaçaram, formando uma arcada imponente, redonda como uma lupa. O outro lado da floresta a esperava além, seguro e familiar. Mas não era para lá que Isla estava indo. Engoliu em seco. Ela passara a vida toda se preparando para aquele momento. As mãos de Terra e de Poppy encontraram seus ombros.

Isla atravessou o portal que só funcionava uma vez a cada cem anos. As últimas palavras ditas para as tutoras ainda estavam frescas em sua mente: *Vou seguir suas ordens*.

E desejou que não tivessem sido uma mentira.



CAPÍTULO DOIS

A ILHA

O portal se fechou atrás dela, o silêncio sufocando os aplausos. Apenas sua respiração irregular permaneceu. Ela deu um passo à frente, e uma luz como a de mil estrelas e sóis moribundos a cegou.

Isla se desequilibrou para o lado e um braço se estendeu para segurá-la.

— Abra os olhos — disse uma voz, sombria e marcante como a meia-noite.

Isla nem tinha percebido que estavam fechados. Ela piscou, o mundo tremeu e depois se firmou; esse portal era muito pior do que o da varinha estelar.

A expressão do homem que a olhava era de divertimento. E, de algum jeito, parecia familiar. Ele era tão alto que Isla teve que levantar o queixo para encontrar seus olhos, escuros como carvão. O cabelo era como tinta derramada em sua testa pálida. Um Umbra, sem dúvida. O que significava...

— Obrigada, Grimshaw — Isla disse com firmeza.

Ela rapidamente se endireitou e olhou em volta, torcendo para que ninguém a tivesse visto tropeçar. Ela quase podia ouvir Poppy e Terra em seus ouvidos, repreendendo-a.

Mas, além de Isla e do homem, o penhasco estava vazio. Ela se virou, e um pequeno som sufocado arranhou o fundo de sua garganta. O mar rugia furiosamente centenas de metros abaixo. Ela quase se juntou às rochas e acabou com o plano de salvar seu povo antes de sequer o Centenário ter começado.

Quase acabou com *todos* os seus planos.

— Isso teria sido inconveniente. — O governante Umbra sorriu, revelando uma única covinha, completamente deslocada em seu rosto de feições marcadas e cruéis. — Pode me chamar de Grim, Isla.

Grim. Significa sombrio, sinistro, ela pensou. Uma palavra terrível, mas usada com orgulho. Ainda assim, o nome lhe convinha. *Havia* algo de sombrio sob aquele sorriso, uma sombra discreta sempre capaz de se tornar monstruosa no escuro.

— Já nos vimos antes?

Não era o fato de que ele sabia seu nome. Isso era de esperar. Não era o fato de que ele o pronunciasse perfeitamente, como o sibilar de uma cobra, se demorando nos sons de cada letra. Havia algo mais...

Aquele sorriso vacilou.

— Se fosse o caso — seus olhos ficaram mais profundos por um momento —, não teria sido apenas uma vez.

Isla sentia seu rosto ficar quente sob aquele olhar. Além das raras e monitoradas interações ou em suas viagens secretas com a varinha estelar para as outras terras, ela não havia passado muito tempo com homens.

Especialmente com homens como ele.

Especialmente com homens que não pareciam ter medo dela e de sua maldição.

Isla franziu a testa. Ele *deveria* ter medo. Se um Selvagem desejasse, poderia fazer uma pessoa se jogar de um penhasco. Seu poder de sedução era impossível de resistir, embora seu uso fosse proibido durante os cem dias. O Umbra deve ter pensado que estava seguro.

Ele não estava.

Cada Centenário era um grande jogo, uma chance de ganhar habilidades sem precedentes. Diziam que quem quebrasse as maldições, cumprindo a profecia, receberia todo o poder necessário para lançá-las, o

maior dos prêmios.

Esse flerte tinha por objetivo distraí-la?

Isla olhou para ele.

E Grim sorriu ainda mais.

Interessante.

A cada cem anos, desde que as maldições foram lançadas, a ilha de Lightlark aparecia por apenas cem dias, livre de sua intransitável tempestade. Os governantes de cada reino eram convidados a viajar das novas terras em que se estabeleceram depois de fugir de Lightlark para tentar quebrar as maldições que ligavam seus poderes e a própria ilha. Quer dizer, todos os reinos, exceto Umbra. Eles tinham o poder de lançar maldições, o que os tornava os principais suspeitos de tê-las criado, embora negassem. Naquele ano, parecia que o rei de Lightlark estava desesperado.

Era o primeiro Centenário para o qual um Umbra havia sido convidado.

Grim segurou seu braço mais uma vez e antes que Isla pudesse contestar, ele gentilmente a moveu para o lado. Um instante depois, a marcação gigante na borda do penhasco — uma insígnia representando todos os seis reinos — brilhou em dourado, e outra pessoa apareceu do nada, no mesmo ponto onde Isla estava antes.

Uma capa azul-clara balançou com o vento antes de cair sobre seus ombros e braços muito escuros e musculosos. O homem tinha sobrancelhas maiores que os olhos, queixo esculpido e uma barba baixa em linhas perfeitas que emoldurava sua boca rosada. Azul, governante dos Etéreos. Isla sabia seus nomes desde que aprendeu a falar. Azul e Grim eram antigos, tinham mais de quinhentos anos. Estavam vivos no dia em que as maldições foram lançadas. Eram lendas — comparada a eles, ela não era ninguém.

Aparentemente, os séculos não foram tempo suficiente para Azul e Grim tornarem-se amigos. O Etéreo acenou brevemente para o Umbra, e o sorriso de Grim se tornou perverso. Debochado. Azul virou-se para Isla e fez uma reverência completa, pegando sua mão.

— É bom ter sangue Selvagem novo neste Centenário — disse ele. Seus olhos brilhantes encontraram os dela, então estudaram seus dedos, cada

um coberto de anéis com pedras preciosas do tamanho de bolotas de carvalho. Embora o restante dos reinos gostasse de ver os Selvagens apenas como bárbaros, a riqueza deles era inquestionável. Controle da natureza tinha suas vantagens. — Por mil nuvens, nunca vi um diamante tão grande!

Para Isla, era apenas uma rocha. Bonita, claro, mas nada especial. Pedras preciosas eram criadas quando um grande poder era exercido sobre a natureza, e ao longo dos séculos elas floresciam sob o solo na nova terra dos Selvagens, surgindo de vez em quando e desabrochando como flores. Era difícil *não* tropeçar em algum tipo de pedra preciosa nas terras de Isla, coisa que ela só sabia por meio dos livros, certamente não por experiência própria.

Pelo menos até onde Terra e Poppy estavam cientes.

Terra sempre dizia que aquelas pedras brilhantes eram a razão de terem um suprimento constante de corações. Ladrões de outros reinos, pessoas tolas, ousadas e perversas que entravam sorrateiramente em seu território em busca dos diamantes.

Isla sorriu. Então, o Etéreo gostava de joias. Sem perder tempo, ela deslizou o anel de sua própria mão para o dedo mais longo de Azul.

— Fica muito melhor em você do que em mim.

Azul parecia que ia se opor, mas não o fez.

Outra pessoa apareceu, passando facilmente por eles, como se atravessar portais fosse tão cotidiano quanto a chegada da maré. Ela se virou para Isla. Sua expressão fechada parecia vir tão facilmente quanto os sorrisos da maioria das pessoas.

— Então este é o novo bichinho de estimação?

Uma brasa se acendeu no peito de Isla. Os demais reinos viam as mulheres guerreiras como sedutoras e selvagens, predadoras que atraíam amantes para depois se deleitarem com seus corações.

E Isla não podia culpá-los, na verdade. Porque isso era quase real.

Mas os Selvagens eram muito mais do que isso. Já tinham sido, pelo menos. E ainda poderiam voltar a ser.

Embora parte dela quisesse dizer algo do qual provavelmente se arrependeria, Isla sabia que a governante *queria* que ela revidasse. Ela

desafiava o monstro a sair de Isla e mostrar ao resto deles que a Selvagem não era nada além de uma fera sanguinária. Em vez disso, Isla fez uma leve reverência para ela.

— É uma honra conhecê-la, Cleo — disse, abaixando a cabeça em um cumprimento formal. Cleo era a mais velha entre eles, ainda mais que o rei de Lightlark, que também governava os Solares. Sua idade estava em desacordo com seu rosto jovem e perfeitamente sem rugas. Mesmo que a maioria dos governantes fosse centenas de anos mais velhos que Isla, era quase impossível perceber a diferença entre eles. Quase.

Em vez de proferir outro insulto, Cleo simplesmente levantou o queixo e, com um esgar, observou seu vestido verde de cima a baixo, como se Isla estivesse nua na ilha. Comparada com as roupas dos Lunares, era como se estivesse.

O vestido branco de Cleo tinha mangas compridas, brancas e leitosas como raios de luar, uma gola que chegava até o queixo e uma capa que cobria três quartos do seu corpo. A pele que Isla *conseguia* ver era tão pálida que suas veias brilhavam, linhas azuis em uma placa de mármore branco. Ela era vários tons mais clara do que Isla e muito mais alta. Seus traços eram longos e angulosos nas maçãs do rosto e queixo, esculpidos como um diamante.

Uma última vez, a insígnia brilhou e uma garota deu um passo à frente, com um breve tropeço. Ela era como o prateado das estrelas, desde o cabelo longo e reto até o vestido cintilante e as luvas, que iam até os cotovelos. Sorriu timidamente para eles, o rosto em forma de coração se abrindo, então disse, confiante:

— Acho que sou a última a chegar.

Cleo canalizou sua antipatia diretamente para a garota. A governante Estelar, assim como Isla, era nova. A maldição dos Estelares era das mais cruéis. Ninguém em seu reino vivia além dos vinte e cinco anos.

Isla deu um passo à frente e ofereceu sua mão.

— Celeste, não é?

A Estelar sorriu de forma calorosa.

— Olá, Isla.

— Encantado — disse Grim, oferecendo uma reverência que parecia

zombar da que Azul havia feito momentos antes.

O Etéreo franziu a testa por apenas um instante antes de oferecer a Celeste seus próprios dedos, agora brilhando com o diamante de Isla.

— Mais sangue novo. Estou com um bom pressentimento sobre este Centenário.

Cleo ergueu uma sobrancelha para ele.

— Espero que sim — disse ela, acenando para a Estelar. — Ela não estará aqui para o próximo.

O rosto de Celeste ficou sombrio. E a Lunar simplesmente se virou, a capa branca flutuando de leve atrás dela.

— Não se sinta tão especial — disse Azul com uma piscadela. — Ela é desagradável assim com todos.

Os governantes seguiram para o palácio, e o coração de Isla disparou de ansiedade. Ela estava tão concentrada nos outros governantes que não tinha realmente observado seu entorno. No restante do século, a ilha ficava envolta em uma tempestade, mas agora as nuvens haviam se dissipado.

Lightlark era brilhante e cheia de penhascos brancos como ossos, a luz do sol recobrindo a ilha em camadas enevoadas de dourado. Uma das fontes originais, seu chão ainda vibrava com poder, cantando um canto de sereias para Isla. Ela podia sentir a força a cada passo, cada respiração. Ela sorveu a paisagem ávida, como se fosse o vinho que nunca teve permissão de provar. Igualmente viciante e perigosa.

As lições de Poppy passaram por sua cabeça, fatos no papel que agora eram reais e sólidos diante dela.

Milhares de anos atrás, a ilha havia sido cortada em vários pedaços, para que cada reino pudesse reivindicar uma parte. Os Umbras deixaram a ilha logo depois para formarem sua própria terra. Os Selvagens partiram após as maldições. As partes que ficaram eram a Ilha da Estrela para os Estelares, Ilha do Céu para os Etéreos, Ilha da Lua para os Lunares e Ilha do Sol para os Solares. E havia o Continente, onde todos os reinos tradicionalmente se reuniam. Era a base do Centenário.

Historicamente, também era o lar da realeza de Lightlark.

O castelo do Continente apareceu nas proximidades, encarapitado no alto de um penhasco como uma joia de coroa, projetando-se precariamente

para o mar. Grande o suficiente para ser sua própria cidade. O que era bom, considerando que seu principal habitante não podia deixar o palácio.

Não durante o dia, pelo menos.

Isla devia estar encarando, porque Celeste suspirou ao seu lado.

— Você acha que ele está nos observando? — ela perguntou baixinho.

Ele. O governante dos Solares e rei de Lightlark. O último que ainda restava dos Originais, com sangue de cada um dos quatro reinos que ainda tinham presença na ilha. Ele podia usar todos os quatro poderes Lightlark.

E, segundo diziam, era insuportável.

Em Lightlark e além, o amor tinha um preço. Se apaixonar profunda e verdadeiramente significava formar um vínculo que dava à pessoa amada acesso completo às suas habilidades. Ela podia fazer o que quisesse com seus poderes. Usá-los, rejeitá-los. Até roubá-los.

Sabendo bem a quantidade de pessoas que queria ter acesso ao seu infinito fluxo de poder, o governante de Lightlark não confiava em ninguém. Era paranoico. Frio. Isla temia conhecê-lo. Especialmente por conta do primeiro passo do plano de Poppy e Terra.

Ela olhou para o castelo e resistiu ao desejo de recuar. Em vez disso, rompeu sua máscara de sedução e fez um gesto obsceno para o palácio.

O jogo tinha oficialmente começado.

— Espero que sim.

Multidões os esperavam na entrada do castelo. Estelares. Lunares. Etéreos.

Na noite das maldições, quinhentos anos antes, todos os seis governantes pereceram. Seus poderes e responsabilidades foram transferidos para os herdeiros, e todos eles, exceto o novo rei, fugiram da instabilidade da ilha para criar novas terras, a centenas de quilômetros da ilha e uns dos outros.

Alguns súditos permaneceram em Lightlark.

Certa vez, Isla perguntou à anciã Selvagem por que alguém ficaria na constante tempestade amaldiçoada.

O poder está no sangue e nos ossos da ilha, ela dissera. *Lightlark prolonga nossas vidas, nos dá acesso a um poder muito maior do que temos. E, mais do que isso, para muitos... Lightlark é um lar.*

Nenhum Selvagem permaneceu. Ela não receberia ajuda de seu povo ali.

Estava sozinha.

— Não se preocupe — disse uma voz profunda e zombeteira ao seu lado. — Eu também não tenho fãs.

A multidão assistiu a Grim com uma mistura de medo e desdém, e Isla estudou as reações dele com cuidado. Ele parecia a noite personificada, suas roupas como sombras transformadas em seda. Se os Selvagens eram desprezados em Lightlark, os Umbra pareciam ser odiados por completo. E, segundo as aulas de Terra e de Poppy, nunca haviam sido totalmente aceitos na ilha. Eles tinham a própria terra, uma fortaleza que mantinham há milhares de anos.

A guerra entre Umbra e Lightlark também não ajudou.

Isla não encontrou o olhar dele, embora sentisse seus olhos nela. Era irritante como sua pele parecia inexplicavelmente elétrica.

— Tenho certeza de que você recebe atenção mais que suficiente em casa.

Isla sorriu educadamente para a multidão, testando a reação das pessoas. Alguns retribuíram o gesto com cautela. Outros claramente recuaram ao vê-la, a sedutora que devorava corações. Não ficou surpresa. Tudo o que representava era proibido. Uma mulher Lunar cobriu os olhos do filho e fez um gesto no ar, como se estivesse afastando um demônio.

— Recebo — ele admitiu. — Ainda assim, continuo... insatisfeito.

Isla o ignorou. Não ia jogar esse jogo com ele, seja lá qual fosse. Tinha o próprio jogo com que se preocupar.

No interior do castelo, parecia que um sol havia explodido e banhado as paredes com seu brilho — uma ode aos Solares que tinham construído o lugar. Tudo era dourado. A luz amanteigada do sol se derramava pelas longas janelas, a claridade cobria o hall e refletia no piso liso e reluzente. Isla apertou os olhos como se ainda estivesse do lado de fora. Um fogo furioso queimava bem acima deles em um candelabro, com chamas no lugar dos cristais.

O governante Solar não estava lá para cumprimentá-los. Mesmo se quisesse — o que Isla duvidava —, ele não poderia. Solares foram amaldiçoados a nunca sentir o calor do sol ou ver a luz do dia, forçados a

evitar o que lhes dava poder. O rei de Lightlark estava preso na escuridão de seus aposentos, só podendo aparecer à noite. Naquilo, Isla supôs que eram semelhantes. Ela também havia passado muito tempo presa.

Uma mulher em prata Estelar curvou-se diante deles. Atrás dela, um pequeno grupo de funcionários copiou seu movimento. Cada governante recebia um assistente por todo o Centenário.

— Será um prazer acompanhá-los a seus aposentos.

Cada um seria levado para partes completamente diferentes do castelo, bem longe um do outro. Isla não sabia o que pensar sobre isso. Intencional. Cada detalhe no Centenário era intencional, era isso que Terra havia lhe ensinado.

Uma jovem Estelar caminhou lentamente na direção de Isla, meio de lado, como uma criança se aproximando de uma cobra enrolada.

— Minha senhora — disse ela, a voz tão baixa que Isla teve de se inclinar para escutá-la, fazendo a garota se retrair. Isla resistiu à vontade de revirar os olhos. A garota realmente pensava que iria ter seu coração devorado no meio do hall de entrada? Seu povo era selvagem, mas eles não eram *animais*. — Venha.

— Isla — disse para as costas rígidas da garota enquanto ela se afastava, apressada, com grande dificuldade. Isla provavelmente precisaria da ajuda da garota em algum momento, o que significava que precisava encontrar formas de ganhar sua lealdade. — Pode me chamar de Isla.

— Como desejar — a garota murmurou.

Ela levou Isla por um extenso conjunto de escadas que atravessavam o centro do castelo e por um emaranhado de corredores que se conectavam como pontes. Mas, ao contrário de seu palácio no reino Selvagem, este se tornava cada vez mais fechado quanto mais ela se aprofundava. Era como um labirinto em uma caverna. Ou uma prisão. De repente, ela imaginou o rei como uma fera antiga, presa no escuro. Perdido no labirinto de seu castelo. Elas chegaram a um trecho sem uma única janela, os corredores eram mais frios, as paredes mais grossas.

A garota parou em frente a uma antiga porta de pedra que abriu com toda a força que conseguiu reunir.

Alguém tinha conseguido plantar uma árvore bem no meio do quarto,

um carvalho com flores rosadas e frutos que Isla não reconheceu, suas raízes fincadas no chão de pedra. Hera cobria o teto em padrões bonitos que iam até sua cama, encostada na parede coberta de folhas até o chão.

Havia mais. Isla atravessou o cômodo e entrou em uma ampla varanda arredondada que se projetava sobre o mar. Parecia perigoso. Ondas se agitando lá embaixo. O castelo era uma criança curiosa empoleirada no topo da montanha, inclinando-se demais na borda.

Isla franziu a testa.

— Isso é resistente?

Parecia que a varanda poderia quebrar a qualquer momento, ou que o próprio castelo poderia simplesmente deslizar do penhasco durante uma tempestade.

— Tanto quanto o próprio rei, suponho.

Certo. Isla tinha aprendido isso em suas aulas. O rei de Lightlark não só controlava seu poder — ele *era* o poder. Se algo acontecesse com ele, toda aquela terra iria desmoronar, cada um dos reinos de Lightlark. Era por isso que ele agia com tanto cuidado. Não por medo de ser morto, mas por medo de alguém roubar esse terrível poder.

Outra semelhança. Isla também não podia se apaixonar.

Bem, ela *podia*, mas todos viviam com medo de que um Selvagem se apaixonasse por eles. A maldição fez do amor uma sentença de morte.

Não era bem um terreno fértil para romance, é preciso admitir.

Nunca fora um problema, na vida relativamente curta e tão contida de Isla. Por outro lado… Quão cruel seria um rei que temia se apaixonar havia mais de quinhentos anos?

Ela logo descobriria.

— O jantar é às oito badaladas — disse a garota Estelar antes de começar a atiçar o fogo já alto que queimava na lareira em frente à sua cama.

— Está quente o suficiente — disse Isla. — Não se incomode.

A garota continuou, movendo os carvões como se já tivesse feito isso milhares de vezes.

— O rei deu ordens estritas para que as lareiras permaneçam constantemente acesas.

Que ordem estranha, pensou Isla. Mas, antes que ela pudesse perguntar o motivo, a garota Estelar já estava do outro lado do cômodo. Ela se curvou uma vez antes de fechar a porta às pressas.

Isla estava terminando de inspecionar seu banheiro, mais espaçoso até do que o de sua casa, com uma banheira que era quase uma piscina, quando uma batida soou em sua porta.

Ela abriu com cuidado.

E encontrou Celeste ali parada.

Isla imediatamente jogou os braços ao redor da governante Estelar. Elas pularam em círculos apertados, se abraçando e rindo. Isla chutou a porta para fechá-la e evitar que o som ecoasse pelo corredor.

A garota ergueu uma sobrancelha.

— Celeste, não é? — ela disse, fazendo uma imitação surpreendentemente boa e pouco lisonjeira de Isla, depois inclinou a cabeça prateada para trás e riu.

O sorriso de Isla ficou tenso, imaginando se não tinha sido convincente o suficiente.

— Você acha que eles...

— Eles não suspeitam de nada — Celeste interrompeu. Ela estalou a língua e estendeu a mão para puxar uma mecha do cabelo de Isla. — Achei que você fosse cortar.

Isla suspirou.

— Eu tentei. Mas foi só olhar para a tesoura, e Poppy quase me esfaqueou com ela. Confiscou todos os conjuntos de tesouras dos meus aposentos.

— Confiscou? — Celeste ergueu uma sobrancelha. — Preciso lembrar que *você é* a governante do seu reino?

Isla riu sem humor. Ela se virou para ir até os fundos de seus aposentos, e a mão de Celeste foi direto em suas costas.

— Você trouxe?

Ela viu seu reflexo no espelho. Algo ao longo de suas costas brilhava levemente — deve ter sido a presença de Celeste. Ela xingou, esperando que ninguém mais tivesse notado, e puxou a varinha estelar para fora da roupa.

— Eu não poderia deixá-la para trás.

Celeste franziu a testa.

— É arriscado. Esconda bem.

Ela estava certa. Se alguém descobrisse que Isla tinha aquele encantamento, a aliança secreta entre as duas estaria ameaçada.

Isla havia encontrado a varinha estelar nas coisas de sua mãe, cinco anos antes. Mais desesperada por liberdade do que com medo de ser transportada para algum lugar perigoso, Isla viajou pelas terras novas dos reinos por meses antes de finalmente conhecer Celeste. Aquela foi a primeira vez em que se encontraram.

Celeste imediatamente reconheceu a varinha como uma antiga relíquia Estelar. Isla não fazia ideia de como sua mãe colocara as mãos nela antes de morrer. E, como a família de Celeste havia morrido muito tempo antes, graças à maldição que condenava todos em seu reino a morrer aos vinte e cinco anos, ela também não sabia.

Embora pertencesse ao reino Estelar, Celeste nunca havia pedido o artefato de volta. Isso marcou o início da amizade das duas governantes, suas terras separadas por centenas de quilômetros, e uma coisa em comum: ambas precisavam desesperadamente quebrar as maldições *neste* Centenário.

Para Celeste, quebrar sua maldição era a diferença entre a vida ou a morte. Não só para ela, mas para todo o seu povo.

Para Isla... as coisas eram ainda mais complicadas. Ninguém tinha percebido o quanto seu reino havia encolhido. Muito mais Selvagens tinham morrido do que nascido, e seus poderes ficavam mais fracos a cada geração. As florestas encolheram, animais e plantas haviam sido extintos. No ritmo em que suas terras e seu povo estavam se deteriorando, não haveria nenhum Selvagem *vivo* no próximo Centenário.

Isla nunca concordou com o plano de Poppy e Terra. Era muito complexo. Muito degradante.

Então, ela havia criado uma nova estratégia com Celeste.

— Tenho que ir — disse a amiga depois de avaliar completamente o quarto de Isla. — Só para constar, seus aposentos são melhores que os meus. Embora meu quarto não esteja em um canto tão antigo do castelo.

Isla revirou os olhos.
— Até o jantar.
Celeste virou-se para a porta e formou um sorriso malicioso.
— Que os jogos comecem.



CAPÍTULO TRÊS

SANGUE

O sol estava se pondo. Parecia uma pequena gema de ovo, quase desaparecendo no horizonte, quando Isla abriu as portas duplas e olhou para a lua que surgia. Ela estava se arrumando, ainda apenas de roupa de baixo. As cortinas brancas quase transparentes sopraram com a brisa, percorrendo seus braços, os joelhos nus e os dedos dos pés. Ela se esgueirou para a sacada, a pedra fria sob os pés. Inspirou sal e maresia.

Cuidadosamente, sentou na larga saliência de pedra, e colou os joelhos no peito. E, da mesma forma como fazia em casa, sozinha no quarto, sempre que se sentia ansiosa, solitária e aprisionada, começou a cantar.

Cantar era um dom dos Selvagens, algo sedutor. Assim como o canto de suas irmãs, as sereias do mar. A voz de Isla era linda de um jeito anormal, como seda e veludo e sonhos profundos. Ela sabia disso e gostava do som. Apreciava como sua voz podia ser tão grave quanto o fundo do oceano e tão aguda quanto o ruído do vento. Ela não precisava de música. O mar lá embaixo era o único instrumento necessário, suas ondas batendo violentamente nos penhascos brancos e angustiantes da ilha, como se estivesse tentando olhar para ela.

Ela cantou e cantou, palavras e melodias sem sentido, deixando sua voz

ondular, atingir a nota mais aguda e voltar para a mais grave, como se estivesse desenhando em uma tela infinita. Ela cantou para o mar, para a lua, para a escuridão crescente. Para todas as coisas que não tinha sido capaz de ver pelas janelas no reino Selvagem. Finalmente, terminou com uma nota aguda, deixando-a durar o máximo que o fôlego aguentasse. Sorriu para si mesma, sempre surpresa pelo que saía de sua boca. Sempre aliviada pela forma como isso afastava até mesmo seus pensamentos mais sombrios.

Então alguém aplaudiu.

Isla se virou e viu um homem em outra varanda ao longe, tão escondido nos recônditos do castelo que ela nem tinha notado. Praticamente de roupas íntimas e pega desprevenida, Isla se assustou. Virou-se rápido demais, espantada. Seus braços giraram nas laterais do corpo, mas não adiantou — a gravidade era forte demais.

Ela caiu para trás, escapando da borda.

Sua respiração ficou presa no peito, e ela gritou em silêncio enquanto caía, agarrando-se ao ar noturno como se as estrelas fossem pontos de apoio.

Apenas o ar encontrou seus dedos, e ela caiu, caiu...

Até o mar rugindo lá embaixo. Sua cabeça bateu na superfície.

Isla se sentou tão rapidamente que vomitou água do mar. Sua garganta queimava. Ela piscou várias vezes. Limpou a boca com as costas da mão.

E descobriu que estava de volta em sua varanda, com uma poça de água em volta. O cabelo estava pingando. A roupa de baixo grudava no corpo, completamente encharcada. O topo de sua cabeça latejava de dor. Quando seus dedos passaram cautelosamente pelo local, ela esperava encontrar sangue, mas não.

Isla estava viva. Não se afogou, como deveria ter acontecido. Essa pessoa, o homem que estava observando-a... devia tê-la salvado.

Depois a largou ali, sem nem se preocupar se acordaria.

Quem faria uma coisa dessas?

A parte mais surpreendente não era o fato de que ele havia descartado Isla...

Mas que a tinha *salvado*.

Depois que as maldições foram lançadas, houve caos. Naquela mesma noite, os seis governantes dos reinos se sacrificaram em troca de uma profecia que prometia ser a chave para o fim das maldições. Terra e Poppy diziam que sua ancestral tinha liderado os sacrifícios, a primeira a morrer.

Verdade ou não, Isla nunca poderia imaginar a força necessária para desistir de suas vidas pela chance de salvação de seu povo. O poder que os seis injetaram na ilha e transferiram para seus reinos fizeram o Centenário possível. A cada cem anos, durante cem dias, os seis reinos tinham a chance de se salvar, por causa desse sacrifício.

A profecia para quebrar as maldições tinha três partes, que foram interpretadas de várias maneiras ao longo dos séculos. Uma era clara. Para que as maldições fossem erradicadas, um dos seis governantes tinha que morrer. Por isso o Centenário era algo tão arriscado e temido, para o qual tanto se preparavam. Por isso Terra havia treinado Isla para lutar desde o momento em que ela deu seus primeiros passos.

O afogamento súbito de Isla poderia ter sido o primeiro passo para o cumprimento da profecia. Mas, por algum motivo, a pessoa na varanda quis mantê-la viva.

Por quê?

Sinos ecoaram pelo castelo, fazendo Isla levar um baita susto. Ela contou as badaladas, então xingou.

Para aquele primeiro jantar, ela deveria ter passado uma hora arrumando o cabelo, fazendo um penteado complicado. Deveria escolher o vestido perfeito, passar loção de rosas na pele até brilhar e aplicar a maquiagem com precisão, usando ferramentas que ela aprendera a manejar tão habilmente quanto suas lâminas de arremesso. Todas as coisas que Poppy tinha lhe ensinado.

Em vez disso, penteou o cabelo molhado com os dedos e quase escorregou no rastro de água deixado no chão. Colocou o primeiro vestido em que conseguiu pôr as mãos, calçou um par de chinelos de seda e pegou a coroa no último instante, colocando-a de qualquer jeito na cabeça enquanto saia do quarto.

Quase esbarrou na mesma criada Estelar de antes. Sua boca pequena se

abriu com o choque, e ela ergueu as mãos por instinto, protegendo-se de um ataque.

— Por aqui... Isla.

Vários corredores depois, as portas da sala de jantar se abriram e todos se viraram para olhá-la.

Isla desejou ser uma Umbra, só para poder desaparecer.

Celeste recostou-se na cadeira, as sobrancelhas levantadas.

Azul largou a taça que estava segurando.

Cleo a encarou com mais desdém que antes. Na pressa, Isla pegou um de seus vestidos mais ousados, um que tinha sido instruída a usar muito mais tarde no jogo. O corpete ficava à mostra, em uma estrutura quase transparente. A saia tinha uma fenda que subia pela perna até o alto da coxa. A capa era de renda verde, presa ao decote.

Grim parecia estar se divertindo. Acompanhava cada passo dela com tanta atenção que ela corou de vergonha.

Havia mais alguém na cabeceira da mesa. O mesmo homem que a vira cantar — que devia ter salvado sua vida, e que depois a abandonou.

Oro, rei de Lightlark, governante do reino Solar. Seu cabelo era como um tecido dourado, os olhos em um tom forte de âmbar e tão vazios quanto favos de mel. Olhos cruéis que a prenderam no lugar. Ele franziu a testa e acenou com a cabeça em boas-vindas, só por obrigação.

Por que o rei tinha salvado Isla?

Se pretendia tratá-la com tamanho desdém.

Ela devolveu o aceno frio e ocupou o lugar vazio ao lado dele, xingando em silêncio a pessoa que a havia colocado ali.

O cabelo molhado de Isla caia sobre seu braço, água pingando pela pele até o chão e formando uma poça. Seu corpo tremeu um pouco, congelando; o frágil e praticamente inexistente vestido não fazia absolutamente nada para aquecê-la.

A voz zombeteira estava de volta: *Você está pronta, Isla?*

Claro que não. Por que Isla tinha sido tola o suficiente para aceitar o convite para o Centenário? Por que tinha entrado de cabeça em um jogo tão mortal?

Um dos seis governantes tinha que morrer. Como a mais jovem e menos

experiente, era uma tola por acreditar que não seria ela. Especialmente quando já quase morrera duas vezes em menos de um dia.

Se fosse esperta, iria embora naquela noite, usando sua varinha estelar.

Se quisesse viver, abandonaria a ilha, seu reino, seu povo, seu dever, e nunca mais olharia para trás. As terras além de Lightlark e das terras novas eram em grande parte inexploradas. Ela sempre se perguntou sobre o que haveria por lá. Seria uma viagem arriscada, mas certamente não mais perigoso do que enfrentar o Centenário.

Ela não poderia. Não se desejava ser livre de verdade. Sua maldição jamais permitiria que ela tivesse a vida plena que queria, com as pessoas com que mais se importava. Terra. Poppy. Celeste.

Se tudo corresse como planejado, ela nunca mais teria que se esconder como se fosse um segredo. Ela nunca sentiria vergonha por ser quem era. Poderia levar seu povo à prosperidade e viajaria pelas terras novas à vontade, visitando Celeste sempre que quisesse.

Isla passara incontáveis horas de sua vida analisando outras pessoas, adivinhando suas motivações.

Sua motivação era a liberdade.

Oro observou seu cabelo pingando, e teve a coragem de sorrir.

— Sei que nossos mares são irresistíveis... mas por favor, no futuro, limite seus mergulhos ao início da noite, para não deixar o restante de nós esperando. — Ele levantou o queixo ligeiramente. A coroa em sua cabeça era dourada e reluzente, suas pontas afiadas o suficiente para arrancar sangue. — Muito rude, mas talvez minhas expectativas para o seu reino fossem muito altas, para começar.

Os olhos de Cleo brilharam com zombaria, saboreando o vermelho que Isla sentia se espalhando por suas bochechas.

— Um mergulho *naquele* mar, a *esta* hora? Ela certamente é um bicho de estimação selvagem. Nem mesmo um Lunar pensaria em fazer tal coisa durante o Centenário. Só mesmo um tolo.

Selvagem. Animal de estimação. Tolo. A Lunar tinha conseguido inserir vários ataques em apenas algumas frases curtas.

— Certamente não na lua cheia — Isla disse tranquilamente, as palavras escorregando para fora antes que ela pudesse se conter.

Silêncio.

Talheres se chocaram em algum lugar do outro lado do salão.

A maldição dos Lunares significava que, em toda lua cheia, o mar reivindicava dezenas de vidas de seu reino, afogando qualquer um que estivesse muito perto da costa. Portanto, o comércio distante era quase impossível, a vida perto do oceano, um perigo, e a economia dos Lunares havia sido completamente paralisada.

No mesmo instante Isla se arrependeu de suas palavras. A forma como os olhos de Cleo se estreitaram, como uma flecha marcando o alvo, fez com que ela se sentisse, oficialmente, fazendo sua primeira inimiga.

Antes que alguém pudesse dizer outra palavra, um prato foi colocado à sua frente. Nele havia um coração sangrando.

— Oriundo do pior de nossas prisões — Oro disse suavemente. — Um assassino de mulheres.

Foi preciso toda a vontade para Isla sorrir cordialmente para ele.

— Muito gentil da sua parte. No entanto, prefiro comer sozinha. Alguns acham... perturbador. — Ela procurou pela Estelar que a levara ao salão de jantar. — Poderia mandar isso para o meu quarto, para mais tarde?

— Bobagem — disse Oro. Ele olhou para o coração, então para Isla. — Coma.

Ela podia sentir o olhar de todos sobre ela. Fazia tempo desde que tinham estado com um Selvagem. Isla pegou o garfo e a faca com cuidado, assentiu graciosamente para o anfitrião, e cortou um pedaço. O sangue se acumulava em torno do coração, enchendo o prato. Ela sentiu o cheiro metálico.

Então deu uma mordida.

Grim bateu a taça de vinho na mesa de forma rude.

— Isla, ainda que o sangue em seus lábios combine com você, posso notar a aversão do meu bom amigo Azul aos prazeres dos Selvagens... — De fato, o Etéreo, embora tentasse ser educado, parecia passar mal. Grim fez sinal para um dos criados. — Por favor, envie o prato para os aposentos dela.

Ele falou como se aquele fosse o seu castelo, não o de Oro. O governante Solar piscou, mas não impediu que o garoto Etéreo levasse o

prato de Isla.

— Estômago fraco, Grimshaw?

O Umbra sorriu, a covinha retornando.

— Todos nós temos nossas fraquezas, Oro — ele disse. — Estou contando com elas.

De alguma forma, Isla conseguiu passar o resto do jantar sem ter que pedir licença.

Então, passou a noite vomitando sangue.



CAPÍTULO QUATRO

REGRAS

Isla nasceu sem a maldição dos Selvagens e sem o poder deles.

Desde que nasceu, viveu trancada. Protegida por Poppy e Terra, por medo de que o reino descobrisse seu segredo.

Sua mãe era a culpada. Ela quebrou a regra mais importante dos Selvagens: se apaixonou. E depois não conseguiu matar seu amado. Terra e Poppy sempre disseram que havia consequências em quebrar as regras... e que, não importava como, maldições sempre encontravam seu sangue. O pai assassinou a mãe de Isla momentos depois do parto, e a menina não tinha poderes. Uma maldição própria, como consequência por sua mãe ter, de alguma forma, impedido a original. Isla não precisaria comer corações ou matar seus amantes. Mas ser uma governante nascida sem poderes era tão perigoso quanto.

Esperava-se que os governantes depositassem seu poder em suas terras para manter o povo forte. Era assim que Lightlark se mantinha tão cheia de energia, e como os reinos sobreviveram nas terras novas depois de terem fugido da ilha. E, sem poder para dar, Isla estava matando seu reino. Até agora, seu povo havia culpado as maldições e o tempo longe de Lightlark pelas mortes. Mas alguns já começavam a suspeitar dela.

Esse era seu maior segredo. E seria uma sentença de morte no

Centenário.

Um dos seis governantes tinha que morrer para quebrar as maldições, de acordo com a profecia do oráculo. Mas era pior do que isso. O poder de um governante era a força vital de seu povo. Então, se algum deles morresse sem um herdeiro...

Todo o seu povo morreria junto.

Era isso que estava em jogo. Quebrar as maldições significava eliminar um reino inteiro.

O primeiro Centenário tinha sido um massacre. Todos os governantes convidados tentaram matar uns aos outros, e muitos dos ilhéus foram pegos no fogo cruzado. Mas os chefes dos reinos eram muito habilidosos, já muito antigos, e os cem dias terminaram com todos vivos e as maldições intactas. Depois disso, ficou decidido que os próximos Centenários teriam regras.

Oro estava nos degraus em frente ao seu trono dourado, em pé em vez de sentado nele. Essa foi a primeira coisa que Isla notou ao entrar no grande salão. Os líderes pareciam estar lembrando constantemente as pessoas em volta de sua autoridade. Durante suas poucas visitas a nova terra Lunar, ela vira inúmeras estátuas de gelo esculpidas à semelhança de sua governante, ouviu Lunares conversarem sobre pagar seus impostos, viu a patrulha que Cleo mantinha perambulando constantemente pelas ruas.

Havia uma razão para o rei hesitar se sentar ao trono?

A outra coisa que ela percebeu foi a meia dúzia de candelabros de fogo, sobrepondo-se no teto. Eles reverberavam as chamas de quatro lareiras, que queimavam fortemente. Ela se lembrou do comentário de sua criada: o rei não queria nenhuma das lareiras apagadas.

Por que não?

Os governantes se reuniram em um círculo, e Isla ficou de pé, ignorando a pontada de fome no estômago. Ela havia se infiltrado nas cozinhas naquela manhã, mas tudo o que conseguiu foi pão, uma fruta que lembrava vagamente mura da terra dos Selvagens e uma xícara de leite. Seria necessária uma solução de longo prazo para seu problema alimentar.

Celeste, do outro lado do círculo, parecia bem descansada, com a pele

vibrante. Isla imaginou que sua amiga tinha visitado a Ilha da Estrela pela primeira vez naquela manhã, onde talvez tivesse ocorrido uma cerimônia em sua homenagem. Sem acesso regular aos seus líderes, os Etéreos, Estelares e Lunares que permaneciam em Lightlark tinham criado seus próprios subgovernos. Seus governantes máximos passaram a ser vistos quase como deuses, chefes de fachada a quem se submetiam e viam por apenas alguns meses a cada cem anos. Durante o Centenário, todos os governantes tradicionalmente passavam a maior parte do tempo no Continente, mas havia algumas exceções.

Isla sempre se perguntou como eram as diferentes ilhas que compunham Lightlark. Ela ansiava perguntar a sua amiga sobre tudo isso e desejava saber como usar sua varinha estelar entre pequenas distâncias para que pudesse simplesmente aparecer no quarto de Celeste quando quisesse. Mas teriam que se contentar em usar os corredores. Além disso, se encontrar muitas vezes, tão cedo no jogo, era um risco grande.

Ela se virou e acabou cruzando o olhar com o de Cleo. A Lunar a observava com muito interesse. Um predador avaliando sua presa, com um brilho afiado.

Isla pagaria por seu comentário na noite anterior, tinha certeza disso.

Oro finalmente falou:

— Vamos começar declarando as regras do Centenário.

O ar estava elétrico, zumbindo de energia.

— A primeira regra: um governante não pode assassinar ou tentar assassinar outro governante até depois do quinquagésimo dia. — A regra era um alívio para Isla. Por pelo menos metade do Centenário, sem poderes ou não, ela estaria segura. Era por isso que ela e Celeste planejavam estar fora da ilha antes mesmo do baile que iria acontecer no quinquagésimo dia. — E, quando os pares forem decididos, no vigésimo quinto dia, um governante não pode assassinar seu parceiro.

Após o caos do primeiro Centenário, os cem dias foram divididos em partes e tornaram-se mais estruturados. Os primeiros vinte e cinco dias eram dedicados a demonstrações feitas por cada governante, projetadas para testar os pontos fortes de cada um e o quanto mereciam permanecer vivos. Cada teste tinha um vencedor. O governante que vencesse o maior

número de testes decidiria em quais pares os governantes seriam divididos pelo restante do Centenário.

— A segunda regra: todos os governantes devem comparecer e participar de todos os eventos do Centenário.

Essa regra parecia inócua, mas era perigosa, dependendo do acontecimento.

— A terceira regra: para participar, nenhum governante pode ter um herdeiro. — Desta forma, sua morte eliminará sua linhagem familiar e quebrará as maldições, segundo a profecia. Também significa o fim de seu reino para sempre.

Cada governante recebeu um convite para o Centenário contendo essas regras. Aceitar o convite significava concordar com as três ordenanças.

E toda boa promessa era selada com sangue.

Com o movimento do pulso do rei, um fogo irrompeu no meio do círculo. Isla sabia exatamente o que aconteceria a seguir.

Poppy a fez praticar, *de novo e de novo, até você não vacilar*! Sua ferida era costurada, apenas para ser aberta de novo e de novo e de novo, até que ela não tivesse nenhuma reação visível à dor.

Em sincronia com os outros, Isla removeu a coroa da cabeça e usou a ponta mais afiada para fazer um corte profundo em sua palma.

Ela não vacilou. Poppy ficaria orgulhosa.

Antes de oferecer o sangue para as chamas, havia outra parte da cerimônia que ela havia praticado. O sangue de cada governante tinha propriedades especiais, em acordo com suas habilidades. Do sangue selvagem deveriam desabrochar flores.

Isla estava preparada, pétalas escondidas entre os dedos. Quando o sangue finalmente escorreu de sua mão, ela segurava uma rosa em miniatura.

O sangue de Cleo endureceu como gelo antes de ser queimado pelo fogo. O sangue de Grim tornou-se escuro como tinta. O sangue de Azul ficou suspenso no ar, separando-se, antes de finalmente cair. O sangue de Celeste explodiu em uma confusão de faíscas. O sangue de Oro ardeu brilhantemente antes mesmo de chegar às chamas.

O fogo ficou carmim, manchado com o sangue deles, e depois

desapareceu.

Agora, eles estavam presos às regras. Quebrá-las tinha consequências. Para Isla, Celeste, Grim, Cleo e Azul, significava perder o direito ao prêmio do Centenário: o poder inigualável que o oráculo dissera ser o presente que o responsável por quebrar todas as maldições receberia. Oro, como rei e anfitrião do Centenário, estava ligado às regras com sua vida.

Foi por isso que Oro tinha salvado Isla? Ele tinha essa responsabilidade? Não estava claro como as mortes acidentais contribuíam para a profecia.

O que *estava* claro era que o rei de Lightlark tinha um plano. E, aparentemente, envolvia manter Isla viva.

Pelo menos até o momento em que a quisesse morta.



CAPÍTULO CINCO

GRIM

Na manhã seguinte, quando a criada de Isla bateu a sua porta, ela estava pronta.

Armas não eram permitidas, mas era possível levar um baú com pertences. Ela aplicou tintura nos olhos verdes, em arcos pretos perfeitos. Os cílios já eram longos e volumosos, mas ela os curvou ainda mais. Passou um bálsamo nos lábios carnudos que iluminaram seu tom natural. Sua pele, mesmo naturalmente bronzeada, ainda parecia pálida demais para seu gosto, pelo longo tempo passado dentro de um quarto.

Isso seria facilmente resolvido. Agora que ela estava livre para explorar, não tinha intenção de ficar trancada em lugar nenhum.

Os poucos vestidos em seu baú mais pareciam uma coleção de fitas costuradas. Transparentes, diminutos e tão suaves que pareciam líquido. No reino Selvagem, na constante reclusão de seus aposentos, ela conseguia se safar disso usando roupas largas e macias. Mas agora estava no Centenário, e Poppy tinha escolhido esses vestidos por uma razão.

Uma razão que fez Isla querer jogá-los todos na lareira mais próxima.

Naquele dia, ela escolheu um vestido no tom rosa de tulipas, decotado nas costas e feito de um tecido que grudava no seu corpo como se estivesse molhado. Era tradição usar a cor de sua fonte de energia. Estelares usavam

prata, Solares usavam dourado, Etéreos usavam azul-claro, Umbras usavam preto e Lunares usavam branco. Como a natureza tinha muitas cores, Isla não estava presa a um tom, desde que não usasse o dos outros.

A garota Estelar se assustou quando Isla abriu a porta tão rapidamente.

Isla não perdeu tempo.

— Qual seu nome?

— O meu nome? — a garota perguntou, tão confusa que Isla não pôde deixar de rir.

— Acredito que você tenha um? — ela brincou, esperando que seu sorriso fizesse sua fala parecer bem-humorada, e não maldosa.

A garota sorriu de volta timidamente. *Bom*.

— É claro. Ella, senhora. — A garota balançou a cabeça. — Quero dizer, *Isla*.

Isla baixou a cabeça, do jeito que tinha visto as pessoas fazerem quando estavam prestes a trocar confidências. Ela havia ouvido muitos segredos sussurrados em becos, ou nos arredores de uma aldeia, graças a sua varinha estelar. Com o tempo, aprendeu a se disfarçar e a se misturar na multidão tão perfeitamente que ninguém poderia adivinhar que ela não era dali.

— Ella, notei que você anda mancando — disse.

A garota pareceu surpresa. Deu um passo trêmulo para longe, e Isla se perguntou se deveria ter esperado mais... ou se tinha sido muito direta. A mão da Estelar foi instintivamente para a perna.

— Meu... meu osso — Ella disse, enfim. — Quebrei há algum tempo e nunca me curei direito.

Isla franziu a testa.

— Não há curandeiros Lunares aqui que possam ajudar?

As habilidades deles eram lendárias. Além de controlarem a água, tinham o poder da cura.

— Por um preço — disse Ella, sorrindo levemente. — Quando ajudam, nesses últimos tempos. — Isla se perguntou o que ela queria dizer, mas, antes que pudesse falar, a garota acrescentou: — E também... não me falta muito antes de completar vinte e cinco anos. Não... não...

Valeria a pena. Isla estremeceu. Mesmo tendo Celeste como melhor

amiga, às vezes ela se esquecia da crueldade dessa maldição. Nenhum Estelar tinha passado dos vinte e cinco em centenas de anos.

— Bem — disse Isla, enfiando a mão no bolso do vestido. — Isto deve ajudar. — Ela entregou o tubo de pasta, com um elixir de cura dos Selvagens feito com plantas especialmente cultivadas. A mesma poção que curou o corte em sua palma na cerimônia do dia anterior.

Ella apenas olhou para o tubo em sua mão até que finalmente Isla enrolou os dedos dela ao redor do recipiente e gentilmente afastou-se, sinalizando para que ela ficasse com o remédio.

— Agora — Isla disse animada. — Preciso que faça algo por *mim*.

Com os meios para obter refeições regulares resolvidos, Isla partiu para o mercado. Em suas mãos, o convite do alfaiate que Ella trouxera. Antes de participar de qualquer uma das seis demonstrações, ela precisava de roupas novas. Havia apenas uma certa quantidade de roupas que poderia levar na bagagem, de modo que, a cada Centenário, os governantes eram presenteados com um guarda-roupa personalizado.

Hoje era a vez de Isla.

Ela ouviu Poppy em seu ouvido.

Seus vestidos são sua armadura, suas joias são suas armas. Elas eram as ferramentas de uma sedutora.

Era o papel para o qual Poppy a tinha treinado, o primeiro passo do plano de sua tutora — um plano que Isla não tinha intenção de seguir. Ela não tinha poderes, mas isso não significava que era *impotente*.

Ela podia se misturar. Ouvir. Se esconder. Criar estratégias. Todas as habilidades necessárias para o plano dela e de Celeste.

A criada insistiu em escoltar Isla até a praça no centro do Continente, onde ficava o alfaiate. A anciã Selvagem havia mencionado isso em suas histórias, como *um lugar encantador que floresce à noite, como uma flor voltada para o sol*.

Isla preferiu ir sozinha. Isso lhe daria uma boa oportunidade de explorar esta parte da ilha e observar os ilhéus, despercebida pelo maior tempo possível.

Com três palavras, esse plano foi por água abaixo.

— Você acordou cedo — disse *Grim*.

Isla engoliu em seco e se virou, subitamente muito consciente de como o tecido do seu vestido era apertado.

Apenas para encontrá-lo a centímetros de distância.

Isla tropeçou para trás. Levou tempo demais para encontrar sua voz.

— Você também.

Grim ergueu os ombros largos, olhando para Isla, que precisou esticar o pescoço para manter contato visual.

— Gosto de aproveitar qualquer momento em que possa estar ao ar livre.

Certo. Sua maldição era o espelho da de Oro — Umbras não podiam sentir a energia e a calma da noite. Embora fossem noturnos, escolhendo viver na escuridão, tudo isso mudou quinhentos anos antes.

— Além disso, tenho coisas para fazer na praça.

— Assim como eu — disse Isla.

Grim sorriu.

— Que bom. Odeio caminhar sozinho.

Os guardas que estavam ao longo da entrada ficaram visivelmente tensos quando Grim passou. Isla tentou não pensar em todas as coisas terríveis que tinha ouvido sobre os Umbras, sobre *ele*. Tentou e falhou; embora mantivesse a cabeça erguida, suas pernas ficaram bambas.

Terra sempre disse que eles eram os mais perigosos dos reinos. Umbras extraíam poder da escuridão, enquanto todos os outros extraíam da luz. Rumores de suas habilidades se acumulavam: o poder de desaparecer, mover-se através das paredes, tecer pesadelos, manipular a própria escuridão.

Grimshaw tinha uma reputação. Houve uma guerra entre Lightlark e Umbra, poucas décadas antes das maldições serem lançadas. Ele tinha sido o guerreiro mais temível dela. Dizia-se que, ao final de uma batalha, sua capa estava sempre encharcada com o sangue dos inimigos. Isso só deixou Isla mais confusa por ele ter demonstrado tanto desconforto quando ela começou a comer o coração no jantar.

Apesar da habilidade de Grim, Lightlark venceu a guerra e um tratado foi feito. Por um tempo, houve paz entre os reinos.

Então as maldições foram lançadas, e a maioria estava convencida de que Umbras haviam feito isso por vingança.

Isla não sabia o que pensar. Umbra tinha sofrido uma grande perda graças à maldição. O líder de seu reino, o pai de Grimshaw, tinha morrido pela profecia, e seu filho subira ao poder imediatamente, na época em que ter um herdeiro era a norma. Agora que não era mais permitido, os governantes compareciam ao Centenário colocando em risco seu próprio reino.

Isla sabia por que *ela* estava na ilha. As razões de Grim eram mais misteriosas. Se os governantes queriam alguém morto mais do que Isla, era Grim. Ele não encontraria aliados durante o Centenário, e ganhar o prêmio do poder prometido era quase impossível sem parcerias de verdade. Então, por que participar, por que correr o risco?

O que *ele* queria?

Um sorriso sagaz tomou conta do rosto marcado de Grim enquanto ele também a analisava. Seu cabelo preto liso cobria a testa pálida, tinta no papel.

— Decidindo se sou um vilão?

Isla estreitou os olhos para ele.

— Você consegue...

— Ler mentes? — Sua cabeça balançava de leve de um lado para o outro. — Não exatamente. Posso ler vislumbres de emoções. Medo. Raiva. — Seus lábios se ergueram em um meio sorriso. — Curiosidade.

A respiração de Isla ficou tão instável que parecia que pedras tinham sido empilhadas sobre seus pulmões. Ela era uma impostora, uma governante sem poderes em meio a uma matilha de lobos. Era hábil em desempenhar o papel de uma governante Selvagem, manter a fachada, mas suas emoções eram muito mais difíceis de controlar. O poder de Grim poderia desmascará-la se Isla não aprendesse a administrar seus sentimentos.

Habilidades mentais eram comuns nos Umbras. Era parte do que os tornava tão perigosos. Os governantes muitas vezes também tinham uma habilidade a mais, poderes raros passados pela linhagem, aparecendo gerações mais tarde. Isso não tinha nada a ver com as estrelas, lua, sol,

natureza, escuridão, ou céu.

Isla se perguntou se Grim tinha algum outro segredo.

— Você está nervosa agora. — Ele parou e olhou para ela. — Por que está nervosa?

Nervosa não era como uma poderosa governante Selvagem deveria se sentir, mesmo ao lado do governante Umbra. Ela o encarou, fundo nos olhos tão escuros que pareciam infinitos, dois buracos negros galácticos, e se controlou o suficiente para fazer uma pergunta ousada:

— Você tem um dom?

A cabeça de Grim se inclinou para trás em compreensão.

— Está preocupada que eu tenha uma habilidade que você desconhece. Uma que esteja usando contra você neste exato momento.

Não adiantava esconder. Em seus cem dias na ilha, ela teria que mentir, roubar e possivelmente matar.

Grim não fazia parte do plano. Ainda não.

Isla assentiu.

Ele deu de ombros e começou a descer a passarela mais uma vez.

— Tenho. Mas é algo que vou guardar para mim, por enquanto. — Grim olhou para ela. — Não é leitura da mente, de qualquer forma. Ou outra coisa que eu pudesse usar em você em segredo.

A subida terminou, a grama acabou, e abaixo, no vale entre duas montanhas, havia um mercado.

Grim suspirou.

— Faz quinhentos anos que não volto e quase nada mudou. — Ele se virou para ela, um brilho nos olhos. — Devoradora de Corações, você pode comer chocolate?

Isla tentou manter a fome longe do rosto.

— Posso comer todo o meu peso em chocolate.

Os ilhéus inundavam o mercado, os bolsos tilintando com moedas. O burburinho era irritante. O Centenário era um jogo mortal; eles não entendiam que, se os governantes fossem bem-sucedidos, um de seus reinos pereceria? Não estavam com medo?

Parecia que os cem dias de sol, sem tempestade, superavam qualquer terror.

A praça era composta por casinhas, todas apertadas, cada uma diferente como os reinos. Uma loja se assemelhava a uma xícara de chá virada, as paredes feitas de vidro fosco. Outra era alta como uma sequoia, fumaça saindo de uma chaminé como uma série de nuvens de tempestade. A outra era sustentada por estacas. Ainda outra parecia uma estrela amarrada dos céus, prateada e reluzente.

A que eles entraram tinha a forma de um enfeite de inverno, pintada de azul-claro.

— Os Etéreos fazem os melhores doces, tenho que admitir — disse Grim por cima do ombro antes de abrir a porta com tanta força que as dobradiças rugiram. No momento em que Isla entrou, um suspiro veio de algum lugar em seu peito.

Chocolate. Cacau aveludado, crocante, açucarado e sedoso.

Ela só tinha provado chocolate em suas incursões às aldeias Etéreas nas novas terras, durante suas celebrações trimestrais. Etéreos tinham sempre uma desculpa para dar festas: antes de tempestades, depois de tempestades, mesmo durante tempestades. Mas nada era parecido com isto. Nada como as grossas barras de chocolate que ela observou um Etéreo cortar em rodelas com uma faca comprida.

Grim olhou para ela, achando graça.

O homem atrás do balcão empalideceu ao vê-lo. Ele lançou um olhar para seu sócio, que sumiu para a sala dos fundos de forma conveniente. Ele nem notou a presença de Isla.

Interessante. Estar perto de Grim era como ser um para-raios menor em uma tempestade: toda a ira se dirigia a ele.

Embora ele fosse um dos governantes mais poderosos e ela não tivesse nenhum poder, aos olhos dos ilhéus, ambos eram vilões. Isla sabia como isso era importante. Embora os governantes pudessem, se bem-sucedidos, decidir qual deles morreria para cumprir parte da profecia, as opiniões e ações dos ilhéus podiam mudar o curso do Centenário. Sua ajuda, ou a falta dela, poderia significar a diferença entre a vida e a morte, especialmente para Isla, que não tinha ninguém do seu próprio povo na ilha. As pessoas comuns também costumavam ser convidadas para assistir a todas as seis demonstrações.

Grim não parecia notar a maneira como todos o olhavam. Ou, se notava, não parecia se importar, disposto a interpretar o papel de vilão.

Apesar de que, talvez, ele não estivesse interpretando.

— Dois de tudo — disse ele preguiçosamente, puxando um punhado de moedas. Sem se preocupar em contá-las, ele as colocou no balcão e não esperou por uma resposta, nem sequer olhou o homem nos olhos enquanto se sentava.

A cadeira era ridiculamente pequena para ele. Seus joelhos bateram no tampo da mesa. Isla deslizou lentamente para a cadeira à sua frente.

— É muito chocolate.

Ele deu de ombros.

— Você disse que poderia comer seu peso disso. Estou levando ao pé da letra.

Logo, o dono da loja colocou uma bandeja de prata imensa na mesa. Fez uma rápida reverência para Isla, outra para Grim, depois foi se juntar ao restante dos funcionários na sala dos fundos.

Isla ergueu uma sobrancelha.

— Você ateou fogo na praça da última vez em que esteve aqui?

O joelho de Grim bateu no dela, fazendo Isla puxar as pernas para trás tão rápido que ele sorriu.

— Vamos apenas dizer que os ilhéus têm boa memória. — Antes que ela pudesse pedir esclarecimentos, ele pegou uma trufa entre dois dedos enormes. — Experimente esta primeiro.

Ela pegou o chocolate, tímida. Mastigou. E seus olhos se arregalaram.

— Divino, não é?

Isla afundou na cadeira, a cabeça pendendo para trás. Ela não deveria estar perdendo tempo precioso em uma degustação de chocolate, mas conhecer o Umbra, talvez fazer com que ele confiasse nela, poderia ser útil. Ela fechou os olhos com o sabor do caramelo em sua língua.

— Me acorde quando tudo isso acabar.

Uma risada. Com os olhos ainda fechados, ela sentiu algo áspero contra seus lábios.

— Abra.

Ela obedeceu, e Grim deixou cair outra trufa na língua dela. Esta tinha

um recheio de creme de frutas e uma casca dura por fora.

Isla experimentou cada um doce que ele lhe ofereceu. Barras de chocolate, bombons mentolados, uma barra de manteiga de banana. Tudo, exceto a pralina de chocolate com pimenta.

— Não é tão picante — disse Grim, jogando um na própria boca. Ele encolheu os ombros. — Uma pitada de calor, nada mais.

— Eu gosto da minha língua *funcionando*, obrigada.

Grim entrelaçou seus longos dedos e descansou o queixo entre eles.

— Então você devora corações e sangue, mas não um chocolate apimentado?

Uma piada, mas perigosamente próxima da verdade.

— Está bem — disse ela, murmurando algo mais sob sua respiração que o fez sorrir maliciosamente.

Isla colocou o chocolate na boca e se arrependeu imediatamente. Seus olhos lacrimejaram, a boca ardeu e sua língua inchou na hora. Ela cuspiu, esquecendo todos os modos, sem nem mesmo se importar que o dono da loja estivesse olhando para eles pela janela da cozinha. Suas narinas se dilataram.

— *Você* — ela disse entre goles profundos de água que pioraram ainda mais a dor.

Grim riu e riu e riu, aquela covinha estúpida radiante no rosto. Ele tentou dizer alguma coisa, então riu um pouco mais, e não parou nem mesmo quando se levantou, nem mesmo quando usou suas habilidades Umbra para *atravessar* um balcão como se não fosse nada e se servir de uma jarra de leite. Nem mesmo quando colocou um copo na frente de Isla e disse:

— Beba.

Ela lhe dirigiu um olhar mortal enquanto engolia longos goles, tão desesperadamente que o leite escorria pelo queixo e pela frente do vestido dela. Vilão, com certeza.

— Demônio — ela disse de forma maldosa.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Não exatamente. — Ele franziu a testa para o vestido de Isla. — Vamos ter que trocar isso. Você está indo para o alfaiate agora?

— E como você sabe?

Ele só respondeu quando estavam fora da loja.

— Também me ofereceram um horário com o alfaiate de Lightlark.

— Acho que seu guarda-roupa não dá margem para muita diversidade.

Grim franziu a testa para sua camisa preta, calça preta, botas pretas e capa preta.

— Eu disse a eles que consigo me vestir sozinho.

As ruas estavam cheias de dezenas de tochas cravadas na pedra, queimando, embora o dia estivesse quente e o sol brilhasse. Guardas Solares pareciam estar encarregados de mantê-las acesas, com as chamas que saiam de suas palmas.

Chegaram a uma loja com janelas de vidro cristalino, cada vidraça cortada em formato de esmeralda. Dentro havia um arco-íris com cores dos Selvagens: tecidos, fitas, linhas e pilhas de alfinetes.

Tudo para ela.

— Aproveite — Grim disse de forma zombeteira, e então se foi.

Desapareceu. Estava lá num instante e no outro, não mais. Isla sentiu um arrepio na coluna.

Como seria ter um poder como a invisibilidade?

Isla entrou na loja.

Um sino tocou, anunciando sua presença. Um jovem Estelar, com alfinetes presos em uma almofada no pulso, congelou. Isla esperou que seus olhos se arregalassem por repulsa ou medo.

Mas o alfaiate fez simplesmente uma graciosa reverência.

— Isla, governante dos Selvagens. Prazer. O que aconteceu com seu vestido? — Antes que ela pudesse responder, ele levantou a mão. — Não se preocupe, só uso seda de aranha gigante na minha loja... Não mancha, é forte como aço, e o caimento é incomparável. — Ele fez sinal para que ela subisse na plataforma. — Cores preferidas?

As respostas que saíram de sua boca poderiam muito bem ter saído da de Poppy, a centenas de quilômetros de distância, no reino dos Selvagens. Isla tinha sido instruída para saber exatamente o que dizer.

— Verde. Vermelho. Roxos e rosas, de vez em quando.

— Ajuste preferido?

— Justo.

— Comprimento?

— Longo.

Ele a examinou.

— Quão apegada você é a este vestido?

Ela olhou para baixo e deu de ombros.

— Não muito.

— Que bom — disse ele, e estalou os dedos.

De repente, tudo na loja começou a flutuar. Graças a Celeste, Isla conhecia bem os poderes deste reino. Estelares canalizam a energia das estrelas, permitindo-lhes mover objetos. O alfaiate apontou um dedo, e um rolo de tecido vermelho-sangue intenso voou pela sala. Em um piscar de olhos, Isla estava embrulhada nele, tão rápido que o traje antigo foi substituído e ela só percebeu quando viu o vestido velho em tiras no chão. O vermelho a apertou com tal força na cintura que tirou seu fôlego; tesouras flutuantes faziam cortes rápidos; linhas voadoras e agulhas costuravam a uma velocidade impossível. O alfaiate dirigia tudo como se estivesse conduzindo uma orquestra, mãos movendo-se graciosamente à frente. Outro corte de tecido formava uma capa sedosa e transparente. Um corpete foi habilmente trabalhado ao seu redor e amarrado firmemente ao espartilho, cortando sua respiração.

Em segundos, ela estava usando um lindo vestido novo.

Ela se virou para o alfaiate e encontrou outra pessoa sentada na loja, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Como chegou aqui? — ela perguntou, incrédula.

Grim parecia entediado. Ele ergueu uma sobrancelha, como se dissesse: *Preciso mesmo responder?*

O alfaiate olhou para ele, permanecendo surpreendentemente calmo em comparação com os outros ilhéus que haviam encontrado, e voltou sua atenção para Isla.

— O que achou?

Ela se olhou nos muitos espelhos.

— Parece água. O tecido... é macio como uma pétala de rosa.

— Seda de aranha gigante, Governante. Vou trabalhar no restante do

guarda-roupa.

Mantendo a voz o mais baixa possível e lançando outro olhar na direção de Grim, ela disse:

— Se não for nenhum problema, além dos vestidos, preciso de algo mais adequado para lutar. Calça. Armaduras.

Essas instruções vieram de Terra. Enquanto o alfaiate anotava algumas coisas, ela espiou atrás dele, dando uma boa olhada na sala dos fundos... e na fechadura da porta.

O alfaiate juntou as mãos, como se estivesse rezando. Ele *realmente* parecia adorar moda mais do que a maioria das pessoas adorava seus governantes.

— Com todo o prazer. Mandarei tudo para o castelo em breve.

Isla agradeceu e lançou um olhar fulminante para Grim ao sair da loja, sabendo que ele iria gostar disso. Compartilhar chocolates parecia ter colocado alguns dos seus medos sobre Umbras e seus poderes de lado. Parte dela estava surpresa por ter se sentido tão confortável perto de um homem que conhecia havia poucos dias. Talvez isso fosse exatamente o que ele queria, que ela baixasse a guarda.

— Dá para ser menos esquisito? — ela disse.

A expressão de Grim ficou séria.

— Se quiser que eu vá embora, eu irei. É só pedir que eu desapareço.

Isla ficou em silêncio. Ela se perguntou qual era o jogo dele. Se poderia usá-lo a seu favor.

Ele começou a andar, e ela continuou ao seu lado. Os ilhéus se viraram para olhar enquanto passavam, e a encaravam por tanto tempo quanto olhavam para Grim. Ela supôs que estava chamando a atenção por conta do vestido vermelho, tão brilhante contra o azul-claro, branco e prata que os ilhéus usavam. Como sangue manchando o mercado.

— Você está curiosa de novo, Isla.

Ela não encontrou o olhar dele.

— Não me leia. É rude.

Ele riu.

— Como se eu pudesse evitar...

Isla o encarou.

— O famoso todo-poderoso governante Umbra não consegue controlar as próprias habilidades?

Os cantos de seus lábios se curvaram de maneira errática.

— Famoso? Bem, pelo menos sei então que rumores da minha grandeza chegaram até os Selvagens. — Ele a olhou, e o sorriso desapareceu. — Fico feliz por estar fazendo uma armadura — ele disse, puxando algo do bolso.

Era um cartão em papel dourado, o mesmo do convite para o Centenário.

— Minha demonstração é a primeira — disse ele, colocando o cartão de volta na capa antes que ela pudesse ler o que dizia. Ele se inclinou, os lábios ficando perigosamente perto de sua orelha. — Você também vai precisar de uma espada.

No momento em que Isla compreendeu as palavras de Grim, o frio de sua proximidade desapareceu — e ele também.

E Isla ficou sozinha no mercado, perguntando-se por que o governante Umbra estava a ajudando.



CAPÍTULO SEIS

DESVINCULADOR

Isla jogou a arma para Celeste, que a pegou no ar, com a astúcia de seu poder invisível.

— O que é isto?

— Uma espada — Isla disse, retirando a dela das costas, onde havia escondido ambas para contrabandeá-las para dentro do castelo. — E uma bem cara.

Celeste a encarou.

— Eu *sei* o que é, Isla. Minha dúvida é por que você trouxe essa coisa pavorosa para os meus aposentos.

Isla tinha aprendido muito tempo antes que os Estelares não tinham grande apreço por armas, embora seu reino fosse famoso por criá-las com suas técnicas metalúrgicas. E por que teriam? Celeste tinha o poder da energia na ponta dos dedos, podia ferir um inimigo do outro lado da sala. Aos olhos dela, uma espada era um desperdício de ferro.

Isla imaginou que era exatamente por isso que Grim havia escolhido um duelo para sua demonstração. Bem, ele não disse a palavra *duelo*, mas com as pistas que deu, era como se tivesse dito.

— Nosso primeiro teste é um duelo — disse ela. — Vamos precisar delas.

Celeste torceu o nariz como se tivesse cheirado algo ruim.

— E quem te disse isso?

— Grimshaw.

Celeste piscou.

— Esteve com ele esse tempo todo?

— Não, só um pouco. Por quê?

Celeste a encarou.

— Sério, Isla?

Ela não precisava dizer mais nada. Grim não era coisa boa. Perigoso. Nada confiável.

— Eu sei, eu *sei*. Mas consegui essa informação, não foi? Você não acha que ele pode ser útil?

Celeste balançou a cabeça com firmeza.

— Não, Isla. Eu acho que, na verdade, ele vai usar *você*. Nós.

Era isso que o passeio até a praça tinha sido? Apenas uma estratégia do perverso governante Umbra?

Claro que foi. Seria tolice acreditar em qualquer coisa além disso.

Isla começou a se perguntar se o aviso de Grim era mesmo verdade. Talvez *não fosse* um duelo, ou qualquer tipo de demonstração envolvendo espadas, e ele estava apenas tentando enganá-la.

Ela franziu a testa.

Celeste suspirou de um jeito cansado. Segurou as bochechas de Isla com as mãos delicadas e disse:

— Minha amada, adorável e *ingênua* amiga…

Isla a teria interrompido, fosse qualquer outra pessoa se não Celeste dizendo aquelas palavras. Mas, mesmo as duas tendo praticamente a mesma idade, Isla tinha aprendido lições inestimáveis com a Estelar. Celeste a acolheu quando não tinha ninguém além de Poppy e Terra.

— Você vai ficar longe dele — completou com firmeza, como uma irmã chamando a atenção do irmão insensato.

Celeste estava certa. Grim era uma distração. Ela não seria a tola que cairia em seus truques, especialmente quando a própria mãe tinha morrido por amar um homem.

Especialmente quando sua missão pessoal era provar ser mais do que a

sedutora que suas tutoras a treinaram para ser.

O primeiro passo no elaborado plano de Terra e Poppy era seduzir o rei. Roubar seu poder fazendo-o se apaixonar por ela. Sem essa etapa, o restante da estratégia era inútil. Isla estava disposta a fazer muitas coisas para salvar seu reino, mas essa não era uma delas.

Felizmente, sua amiga havia pensado em outra maneira de Isla conseguir tudo o que queria.

— Bom. Agora, mesmo que as demonstrações ainda não tenham começado, quanto antes começarmos a nos preparar para encontrar o desvinculador, melhor — disse Celeste.

O *desvinculador*. Era esse o plano delas. Em uma sala cheia de manuscritos levados de Lightlark, Celeste havia descoberto um texto sobre uma relíquia encantada. Uma enorme agulha de vidro com duas pontas afiadas, capaz de quebrar qualquer vínculo que aprisionava uma pessoa e sua linhagem, incluindo maldições.

Mas tudo em Lightlark tinha um preço. E o do desvinculador era sangue.

O suficiente para matar até mesmo um governante. Era por isso que, até onde sabiam, ele nunca havia sido usado antes. No chão dos aposentos de Celeste, elas formularam um plano para dividir esse preço entre as duas.

E torcer para que aquilo não as matasse.

De acordo com o texto, o desvinculador estava escondido nos fundos de uma biblioteca em Lightlark. Elas não sabiam qual, e cada ilha tinha a sua própria, então teriam que procurar em todas elas.

Celeste procuraria primeiro na biblioteca da Ilha da Estrela. Com sorte, estaria lá. Caso contrário, a Estelar teria que fazer um grande esforço para obter a ferramenta de que Isla precisaria para acessar o restante das bibliotecas.

E, com o cronograma apertado, Isla precisava trabalhar com a possibilidade de ter que fazer isso.

O desvinculador só quebraria as maldições dos *seus* reinos, não dos demais. Elas não ganhariam o prêmio do poder prometido na profecia. Mas Isla não se importava. Ao quebrar a maldição de ter nascido sem poderes, ela finalmente receberia o dom Selvagem que lhe foi negado e seu

reino se livraria do sofrimento.

Ela poderia voltar para a nova terra Selvagem, finalmente livre, sem precisar ficar escondida no quarto. Isla poderia injetar energia de volta no solo e fazê-lo prosperar mais uma vez, teria a vida de uma governante imortal e séculos para explorar o mundo com Celeste.

Tudo que Isla queria dependia do desvinculador e de seu poder de quebrar todas as maldições que afligiam a ela e ao seu reino.

— Vou começar hoje à noite.

Para procurar em segredo nas bibliotecas das ilhas do Sol, da Lua e do Céu, Isla precisava se misturar.

O cabelo escuro seria a primeira coisa a entregar sua identidade. Mas ela veio preparada. Antes de partir para o Centenário, havia se esgueirado pelos aposentos de Poppy. Os elixires dos Selvagens variavam de remédios curativos a encantamentos e produtos de beleza. Cremes que tingiam os lábios, bochechas e, mesmo que temporariamente, *cabelos*.

Ela mesma teria que misturar a cor certa, o que seria um desafio por si só, mas pelo menos tinha os apetrechos.

A roupa era o outro problema.

Bem depois da meia-noite, Isla saiu do castelo. Memorizou alguns pontos pelo caminho: o mosteiro com um enorme vitral, a insígnia por onde havia chegado apenas alguns dias antes, ruínas que gostava de pensar terem sido um farol, movido por raios dos Solares. Ela havia lido sobre esses lugares em um dos poucos livros que lhe permitiam ler a cada ano.

Terra entendeu logo que ela gostava de ler, então usou livros como incentivo. Se Isla não reclamasse dos dedos machucados ou do corpo dolorido durante o treinamento, se dominasse as técnicas de luta, se acertasse as estrelas de arremesso nos alvos, era recompensada com uma ida à biblioteca.

Isla apreciava os livros, anotava suas passagens favoritas no papel e sentia uma espécie de luto quando era obrigada a se desfazer deles em troca de outros.

Apenas um livro de cada vez, sua tutora dizia. *Não seja gananciosa.*

Ela parou bem perto da praça. A surpresa a deixou imóvel.

O mercado se transformou depois que o sol se pôs. A maioria das lojas estava fechada, as janelas escuras, mas as que estavam abertas estavam... *abertas*. Exatamente como a anciã Selvagem havia descrito.

De alguma forma, algumas das lojas tinham sido viradas do avesso, as paredes desdobrando-se nas ruas, sem portas à vista, o teto esticado como um leque. Clientes andavam livremente dentro de bares e, momentos depois, fora deles, segurando copos transbordando de bebidas espumantes. Etéreos dançavam no meio da rua ao som da música que se espalhava pela noite, bateria e violão e vozes que forçavam a escuridão a obedecer a seu ritmo agitado. Os Solares eram manchas douradas em todos os lugares, aproveitando as horas que podiam estar lá fora.

A praça estava animada e confusa, mas Isla se lembrava das ruas por onde havia passado mais cedo. Ela tomou um caminho entre as lojas, escolhendo becos em vez de ruas principais, seguindo as fileiras de tochas acesas até que chegou à porta dos fundos do alfaiate.

Todas as luzes estavam apagadas. Todas as janelas estavam trancadas.

Depois de confirmar que não havia outro jeito de entrar, ela se ajoelhou e tirou um de seus grampos. Em uma viagem com a varinha para a terra nova dos Etéreos, a garota havia seguido um grupo de ladrões, curiosa. Tinha assistido das sombras enquanto eles usavam grampos e agulhas curvas para destrancar uma fechadura.

Foi uma habilidade útil para invadir os quartos de Poppy e Terra. Para escapar de seu quarto também.

A porta se abriu e Isla juntou suas ferramentas, tomando cuidado para não deixar nada para trás. Ela apertou os olhos na escuridão, sem se atrever a acender qualquer uma das luzes. Uma alfaiataria não seria normalmente um lugar visado por ladrões, portanto os guardas não estariam prestando particular atenção. Mas quem sabe quanto tempo iria levar para alguém aparecer no beco e vê-la pela janela?

Rápido. Seus olhos se concentraram nas cores de que precisava, todos os tons dos reinos de Lightlark, exceto os Estelares, que Celeste resolveria.

Branco. Ela pegou um vestido Lunar simples, de manga comprida e gola alta.

Azul-claro: um vestido com calça que, aparentemente, deveria ser usada

por baixo, algo que tinha visto alguns Etéreos usarem no mercado.

Dourado.

Não havia dourado na loja. Refletindo naquele momento, realmente não se lembrava de ter visto a cor na loja durante sua estada.

Os Solares não usavam o mesmo alfaiate que o restante dos reinos?

Por que não?

Uma voz na janela fez com que ela se deitasse no chão. Dois amigos estavam encostados do lado de fora da loja, rindo alegremente e brindando. Ela se esgueirou contra a parede e ficou encostada ali, decidida a não fazer barulho.

Meia hora se passou antes que os homens saíssem, e logo depois Isla se foi, tomando o cuidado de fechar a porta ao sair, torcendo para que o alfaiate pensasse que havia se esquecido de trancá-la.

Carregada de seda, ela voltou para o castelo, um passo mais perto do desvinculador.



CAPÍTULO SETE

DUELO

No quinto dia do Centenário, o convite para a primeira demonstração chegou. O papel estava carbonizado, preto, chamuscado. Apenas algumas palavras eram visíveis, gravadas no papel com uma faca.

Esteja pronto para o duelo.

Isla não pôde deixar de sorrir. Grim *tinha*, sim, lhe dado uma ajuda.

Mas por quê?

O horário do evento estava rabiscado na parte inferior: seria dali a uma hora. Em vez de ter que correr para conseguir uma arma, Isla já havia comprado a espada perfeita. Uma que era leve o suficiente para empunhar sem esforço, mas afiada e firme para um golpe certeiro. Tinha levado horas escolhendo na loja de armas Estelares. A metalurgia do reino era realmente inigualável... embora ansiasse pela familiaridade de uma de suas próprias lâminas.

As roupas do alfaiate haviam chegado no dia anterior; o homem trabalhava a uma velocidade extraordinária. O compromisso com seu ofício só fez Isla se sentir pior por tê-lo roubado.

Ao encontrar o desvinculador, estarei salvando o alfaiate e seu reino, Isla convenceu-se, para neutralizar a culpa.

Um dos vestidos era no mesmo tom azul-escuro de safiras, com cristais em forma de cacos nas laterais. Outro era de um roxo em um tom de lavanda com o corpete decotado e calças bem justas. Para finalizar, uma capa brilhante presa ao redor da cintura, criando a ilusão de uma saia. Tinha outro, verde-esmeralda, justo e leve, e transparente o suficiente para fazê-la corar. E um deles, ela descobriu, tinha bolsos.

Para esta demonstração, Isla usou a armadura. Ella a ajudou prendendo suas muitas partes, grunhindo enquanto erguia as peças de metal.

Era uma segunda pele. Terra se certificou disso.

Quantas vezes ela havia sido abandonada no meio da floresta, ou no epicentro de uma tempestade na floresta tropical, carregando mais de vinte quilos de cota de malha e de armadura? A volta para casa levava mais de um dia sem água, sem comida, com os uivos dos lobos e o tamborilar das panteras em seu encalço.

Os últimos metros eram sempre percorridos se arrastando de volta para o quarto, as unhas cravadas em raízes e terra.

Em comparação, o tecido Estelar bem-feito e as finas camadas de metal quase não pesavam. Tinham sido moldadas em partes que valorizavam sua figura ao mesmo tempo que a protegiam: ombreiras de metal, peças de cota de malha, botas com placas de ferro que iam até a coxa, um peitoral esculpido.

— Pronto — disse Ella, exausta depois de colocar a última parte do traje.

— Obrigada — disse Isla antes de dar uma garfada no prato de legumes grelhados e grãos que Ella trouxera para o almoço. Em troca do elixir de cura, a garota Estelar trazia refeições normais para Isla, acreditando serem tira-gostos dos corações que ela planejava jogar fora em segredo do alto da varanda. — Por *tudo*.

Ella inclinou a cabeça e gentilmente tocou na própria perna. Agora ela andava quase sem dificuldade, e sua testa não estava em constante tensão devido à dor.

— Eu que agradeço — disse ela.

O duelo aconteceu em uma arena na ala mais distante do castelo, uma que costumava ser aberta aos elementos, mas que fora coberta por uma

cúpula depois das maldições. Isso fazia os aplausos da multidão ecoarem e se misturarem, formando uma única voz de escárnio saindo de mil bocas. Os governantes controlavam muitas variáveis de suas provas, como o que elas testariam, onde aconteceriam, se haveria algum aviso prévio e quem era autorizado a testemunhá-las. Grim convidou os ilhéus, que se sentaram separados por reino, preenchendo todos os assentos em fileiras alinhadas por dezenas de tochas acesas. Estelares vestindo sua cor prata brilhante, Etéreos em seu azul vivo, Luares em seu branco imaculado, Solares em seu dourado polido.

As demonstrações eram um espetáculo, ela sabia disso. Usadas para testar diferentes habilidades, manipular simpatia, feitas para decidir quem merecia morrer.

Ou, no mínimo, quem escolheria as equipes nas quais iriam se dividir. O que, de uma forma ou de outra, mudaria o curso do Centenário ao criar alianças à força.

Cada teste era também um risco. Embora assassinatos não fossem permitidos até o quinquagésimo dia, a própria ancestral de Isla havia perdido a mão em uma dessas demonstrações. Isso enfraqueceu de forma significativa sua capacidade de usar os poderes, e ela foi forçada a engravidar depois que o Centenário terminou, para ter um melhor representante no próximo.

A voz de Grim ressoou entre os aplausos, silenciando a arena.

— Bem-vindos à minha demonstração — disse ele, de algum lugar. Isla não sabia dizer de onde; era como se sua voz estivesse vindo de todos os lugares ao mesmo tempo. — Vocês são todos muito ameaçadores *com* seus intermináveis poderes... mas como vão se sair sem eles?

Ele anunciou a primeira dupla: Oro contra Azul.

A espada do rei era feita de ouro maciço, para combinar com sua inestimável armadura. Isla se perguntou se o duelo acabaria envergonhando o rei na frente de seu povo, e o pensamento quase a fez sorrir. Ela nunca tinha ouvido falar sobre as habilidades de luta do rei durante seus anos de aulas, o que poderia significar que Oro dependia fortemente do fogo.

A arma de Azul estava coberta de joias preciosas, safiras e diamantes.

Ele não usava armadura; grande parte do peito estava exposta. Mas em compensação estava com o anel que Isla lhe dera. Ele era tão bom que não precisava de proteção?

As análises de Isla estavam ambas erradas.

O duelo terminou em segundos. O rei atacou tão rápido que ela quase não viu. Em um momento, a ponta de sua espada estava cravada no cascalho da arena; no seguinte, estava encostada na garganta do Etéreo.

Azul apenas sorriu graciosamente e fez uma reverência, reconhecendo a derrota.

Os Solares ficaram de pé, rugindo em aprovação, balançando longos tecidos dourados no ar.

Celeste e Cleo eram as próximas.

As unhas manicuradas de Isla cravaram na palma das mãos, vendo a amiga entrar na arena. A Lunar sorria de forma sagaz, como uma serpente. Ela também não usava armadura, mas havia optado por calças. Sua arma era longa e fina como um quebrador de gelo.

Celeste segurou sua espada com firmeza. Isla tinha escolhido uma lâmina mais leve para a amiga, fácil de ser manipulada por alguém que não tinha tanto treinamento. Seu cabelo prateado estava trançado, preso com firmeza à cabeça.

Ao som do sino, Cleo atacou.

— Nervosa, Devoradora de Corações?

A voz de Grim estava em seu ouvido. Ela não se atreveu a tirar os olhos da ação. Cleo errou o braço de Celeste por centímetros, e sua amiga havia acabado de contra-atacar sem sucesso.

— Não me chame assim — ela disse baixinho, estremecendo quando Celeste tropeçou e quase caiu direto na lâmina de Cleo.

Era como se pudesse ouvir o sorriso nas palavras de Grim quando ele disse:

— É esse o agradecimento que recebo por tê-la ajudado?

Ela deu um rápido olhar fulminante, estalou a língua e...

Congelou. Grim era um guerreiro temível. Ele usava um capacete com espinhos que mais pareciam punhais saindo do topo da cabeça. Um deles ficava entre os olhos, protegendo o nariz. Os ombros tinham as mesmas

pontas de metal afiadas, que cobriam seus braços, espinhos por toda parte.

Ele era um demônio, a própria imagem da morte.

Isla engoliu em seco. Ele observou o movimento, olhando para seu pescoço com muita atenção, antes de quase distraidamente mostrar os dentes em um esgar, como se quisesse mordê-la. Sua pele formigou de forma inexplicável diante desse pensamento.

Não, *isso é nojento*. Isla forçou-se a se recompor. Ele não queria mordê-la, era coisa de sua cabeça.

Por que isso estava na cabeça dela?

O toque de um sino chamou a sua atenção de volta para a arena.

A espada de Celeste estava no chão. A lâmina de Cleo encostava de maneira imprudente no peito da Estelar. Então, também foi largada no chão.

Alívio tomou conta de Isla. Celeste tinha perdido, mas isso não importava. As duas haviam planejado se apresentar de forma razoável. Não tão mal para serem rotuladas como fracas, mas não bem o suficiente para que fossem desejadas como dupla. Ainda que não pudessem controlar os pares decididos no vigésimo quinto dia — a menos que vencessem a maioria dos testes, o que as tornaria imediatamente alvos para serem eliminadas —, elas contavam com o fato de que o ganhador ou ganhadora colocaria as governantes mais jovens e mais inexperientes juntas. Seria a escolha mais inteligente, elas raciocinaram, amarrar os elos mais fracos como presas fáceis para o resto das partidas.

Não chame muita atenção para si mesma, Celeste havia avisado.

— Nossa vez, Devoradora de Corações — Grim disse antes de passar por ela e entrar na arena.

Ah.

De alguma forma, ela não tinha se dado conta de que *os dois* iriam duelar. Estava muito distraída com a batalha de Celeste.

Isla não moveu um músculo, observando o centro da arena enquanto Grim retirava das costas uma espada mais grossa que sua coxa.

Sua boca de repente ficou muito seca. Grim escolheu as partidas. Essa era a sua demonstração. Ele tinha escolhido Isla como oponente por algum motivo.

Uma teoria se formou em sua cabeça, peças se juntando. Eles eram os dois únicos governantes sem o povo presente. Os dois mais odiados. Ele os combinou de propósito, para mostrar sua superioridade? Para certificar-se, desde a primeira demonstração, de que a ilha torceria por *ele* e não por ela?

Celeste estava certa, ele não era confiável.

— *Vai* — sua amiga sussurrou de forma ríspida, de repente ao seu lado.

Certo. Isla pisou no centro da arena com pernas que não estavam tão firmes como alguns minutos antes.

Ninguém aplaudiu. A espada de Isla bateu no metal de suas botas altas, com um som estranho e dissonante que reverberou pelo silêncio.

Recomponha-se, disse a si mesma, pensando em seu treinamento. Em Terra.

O Umbra poderia estar conspirando contra ela. Tudo o que podia fazer era garantir que seu plano fosse frustrado antes mesmo de começar.

Com a respiração firme, Isla sacou sua espada e assumiu a posição. Era uma segunda natureza, como dormir ou respirar. O único momento em que se sentia como se tivesse um sussurro de poder. Parte dela ainda queria se acovardar, mas Isla sabia lidar com uma lâmina melhor do que com uma pena.

O sino tocou, alto e claro.

Grim atacou primeiro.

Isla girou para o lado, rápida como o vento. A lâmina dele atingiu apenas ar. Ela deu meia-volta e mirou o peito dele.

Grim era muito rápido. Ele evitou o golpe, então atacou de novo, mas tudo que conseguiu foi encontrar a espada dela com a sua. O braço de Isla tremeu por um momento com a força do golpe. Em um instante, ela recuperou o equilíbrio e deslizou a lâmina para a direita, abaixo da dele, o metal contra metal fazendo-a estremecer, cortando a arena.

Os olhos de Grim se arregalaram de surpresa quando ele se jogou para trás, escapando da ponta da lâmina de Isla por pouco.

Está vendo? Talvez você devesse ter escolhido um oponente diferente, ela pensou.

— Está se sentindo confiante, Devoradora de Corações — Grim disse.

Ele avançou, e ela bloqueou seu golpe. Tentou de novo, apenas para encontrar mais aço. Por poucos segundos de tropeços vertiginosos, suas lâminas se encontraram repetidamente, se tocando, deslizando, colidindo. De alguma forma, ele estava em seu ouvido. — Diga, como vai se sentir quando perder?

Ela engoliu em seco e virou, então se abaixou, o ar saindo de suas narinas quando ele mirou seu pescoço. E quase acertou. *Passou muito perto*.

Isla disparou para cima e para a frente, um braço completamente estendido, o outro atrás das costas. Ela era leve como um dente-de-leão, mas forte como o aço de sua lâmina a cada avanço. Era parte dela, um quinto membro, uma coisa linda e brilhante. Cada um de seus movimentos era mais rápido que o anterior, deslizando no ritmo, no fluxo. Era uma dança. Ela sentiu a arena como se estivesse descalça, o ar como se fosse elétrico. Um rosnado surgiu do fundo da garganta quando ela forçou Grim a recuar, em direção à parede, para a multidão sentada no alto.

Enquanto se concentrava, Isla sentia a boca contraída em uma linha; podia jurar que viu uma gota de suor escorrer pela testa de Grim.

— Está se sentindo surpreso, *Grim* — ela disse, a voz profunda e rouca.

Os olhos dele eram ferozes, não restava nenhum brilho neles.

Isla sorriu, girou rápido como um redemoinho para reunir mais força, e atacou como uma naja — tão forte que Grim perdeu o equilíbrio, apenas um pouco.

Era tudo de que precisava. Isla pulou do chão com um grito de guerreira e caiu bem na frente dele, prendendo-o na parede.

Sua lâmina na garganta dele.

A espada de Grim caiu no chão.

Ela estava ofegante, bem na cara dele. Grim a encarava como se nunca tivesse visto Isla antes.

— Todo mundo parece esquecer... — disse ela, sem desviar o olhar, mesmo que isso significasse erguer a cabeça. Ambos estavam ofegantes, seus peitos subindo a cada respiração. — ... que os Selvagens são, acima de tudo, guerreiros.

Isla podia não ter poderes. E podia ter passado a vida inteira

aprisionada como um pássaro em uma gaiola por causa disso. Mas era capaz de lutar tão bem quanto qualquer governante. Terra se certificara disso. Ela abaixou a lâmina da garganta de Grim.

E escutou aplausos.

Isla se virou, atordoada pelo som, a única torcida na sala com centenas de pessoas.

O rei. Ele estava batendo palmas para ela.

De novo.

Ela se voltou para o governante Umbra, esperando que ele a odiasse. Mas ele estava sorrindo, seus olhos cheios de algo parecido com prazer.

Grim estava *feliz* por ela ter vencido.

O que não fazia sentido.

Seus olhos se estreitaram para ele, tentando analisá-lo. Nunca as motivações de alguém tinham sido tão misteriosas.

O que Grim queria?

O que estava tramando?

Incitados pelo rei, algumas palmas soaram na multidão, então se espalharam como fogo de palha até que todos estavam gritando, comemorando sua vitória, a menor entre os dois vilões que superara o oponente.

Ainda confusa, Isla seguiu até a lateral da arena, mas o que encontrou foi Celeste com uma expressão preocupada. Sua amiga não podia dizer nada, não na frente dos outros, mas Isla sabia que tinha se destacado demais. Seu trabalho era embromar, passar despercebida a maior parte do tempo, para que pudessem ficar juntas.

Agora, os ilhéus e governantes com certeza estavam prestando atenção em Isla.

Cleo e Oro, vencedores de suas duplas, duelaram em seguida. A Lunar fez uma exibição impressionante, mas, em menos de um minuto, o rei saiu vitorioso. Antes disso, porém, Cleo conseguiu rasgar seu braço. A pele se abriu. Sangue manchou a arena, quase fervendo no chão. Ele não tentou se curar antes do próximo duelo.

Parte de Isla se perguntou como a Lunar ousava ferir o rei. Uma energia nervosa parecia circular pela arena, talvez alguns dos ilhéus estivessem

pensando o mesmo que ela.

Oro nem se incomodou em deixar o ringue. Ele se levantou, a espada cravada no chão diante dele, as mãos apoiadas no cabo. Ainda sangrando. Encarando Isla. Sua última adversária.

Seus olhos estavam vazios. Sem emoção.

Ela não se esquivou de seu olhar sem vida quando voltou para a arena. Daquela vez não houve aplausos para ela. A fidelidade da multidão havia mudado tão rápida e previsivelmente quanto a maré.

Um sino, em algum lugar.

Então uma espada, cortando o ar diante dela. Isla conseguiu erguer sua arma a tempo, por pouco, mas a força do primeiro golpe do rei ecoou em seus ossos, sentida até mesmo nos dentes.

Um gemido lhe escapou dos lábios enquanto ela intensificava seus movimentos, cavando, absorvendo o impacto, protegendo-se contra as investidas do rei.

Ele continuou avançando, e o pé de Isla escorregou, atrapalhando sua postura. Ele estava tentando forçá-la a fazer um movimento, a se deixar vulnerável.

Será que achava que ela era tola?

Isla colocou a outra mão no cabo da espada, então forçou o golpe com toda a força que tinha.

Ele respondeu como era esperado, pressionando de volta na mesma medida...

E ela girou no último momento, fazendo-o cambalear para a frente.

Isla era mais rápida, sabia disso. Era o que tinha a seu favor.

Mas Oro era mais forte. Mesmo ferido.

A espada do rei encontrou a dela antes que ela pudesse se recuperar por completo, e Isla lutou para acompanhar, principalmente na defesa, bloqueando golpe após golpe, cada ataque mais ensurdecedor que o outro. Ele conhecia sua força. A estratégia dele era cansá-la, acabar com sua energia em vez de atacar. Até os braços de Isla cederem.

Ela quase sorriu.

Oro não sabia que, quando Isla tinha doze anos, Terra a deixou pendurada no galho de uma árvore, quinze metros acima do solo, por

cinco horas.

Caia e você quebrará as pernas, ela disse. *Elas vão se curar, mas você não terá permissão para fazer o passeio nas novas terras se estiver ferida.*

Ela havia esperado pela primeira viagem por suas terras por anos.

A primeira hora não foi tão ruim. Ela já vinha treinando por um tempo àquela altura. Seus braços eram fortes.

Depois de três horas, estava gritando.

Depois de quatro, perdeu a voz.

Após cinco, um de seus ombros deslocou.

Ela nunca soltou o galho.

Mas não recebeu permissão para ir na viagem. Punição por ter gritado.

Você recebe a dor como um remédio, Terra disse em resposta às suas lágrimas. *Você engole com um sorriso.*

Então colocou o ombro de Isla de volta no lugar sem medicação. Outra lição.

O rei não seria capaz de cansá-la.

Ainda assim, era bom que ele pensasse assim. Ela diminuiu a velocidade dos movimentos ligeiramente, dobrou o punho apenas um grau. Inclinou a espada como se estivesse tentando descansar um lado do corpo.

Ele avançou mais rápido em resposta, sentindo seu enfraquecimento.

Ela deu um passo para trás. Depois outro, com um leve tropeço.

Ele fez seu ousado movimento final.

E Isla liberou a força que tinha guardado.

O rei foi pego de surpresa pela sanha de seu golpe. A lâmina tremeu com o impacto. Ela avançou, aproveitando sua chance, mirando em todos os lugares. Ele então foi forçado a recuar, desviando de seus golpes, as sobrancelhas se juntando em concentração.

Ela ia ganhar.

Sua lâmina se transformou em uma serpente, como se aquela em sua coroa ganhasse vida, atacando para matar, com presas e tudo. De novo, de novo, de novo, ela atacou, quase acertando o coração do rei. Quase encostando em seu pescoço.

Ela saltou para a frente, pronta para o golpe final…

E hesitou.

Celeste era um lembrete prateado nas arquibancadas, logo atrás do rei. Ela não deveria ganhar. Não era parte do plano.

Você não quer ser livre?, perguntou uma voz em sua cabeça. Isso era mais importante do que seu orgulho. Do que vencer. Do que qualquer coisa.

No último momento, Isla mirou mais abaixo, em um lugar do qual Oro poderia desviar com facilidade. Quando ele o fez, ela afrouxou o aperto no cabo da espada.

Então, quando a espada dele a atingiu, sua lâmina saiu voando pela arena.

Aplausos explodiram, não apenas de Solares, mas de todos os reinos de Lightlark ficando de pé. Honrando seu rei.

Mas Oro apenas observou Isla, estreitando os olhos.

Ele *sabia*.

De alguma forma, ele sabia que Isla tinha permitido que ele vencesse.

A ponta da espada dele, então, subiu sem entusiasmo pela barriga de Isla até o coração. Então se afastou. Mas o olhar do rei era implacável, observando-a com atenção demais.

Isla encolheu-se sob sua atenção, curvando-se, fazendo uma reverência, reconhecendo a derrota.

Ela voltou para os assentos quando Oro foi coroado o vencedor da demonstração.

Seus olhos não encontraram os dele novamente. Mas ela podia sentir o olhar dele nela, não mais sem vida, mas tão impiedoso quanto o fogo.



CAPÍTULO OITO

CELESTE

Na primeira vez em que Isla conheceu Celeste, ela sentiu alívio. Tinha passado a vida toda aprendendo sobre os outros governantes dos reinos. Quatro deles eram terrivelmente velhos e habilidosos, já vivos quando as maldições foram lançadas, herdeiros originais dos que se sacrificaram pela profecia. Isla não era páreo para eles, não importava quanto tempo e quanto esforço ela dedicasse aos seus treinos. Eles eram os protagonistas dos seus pesadelos, cada um matando-a mil vezes antes mesmo da chegada do convite para o Centenário.

A Estelar era um mistério. Jovem como Isla e em desvantagem, pois não tinha Terra ou Poppy, ninguém antigo e sábio para guiá-la, graças à maldição de seu reino.

Ainda assim, os Estelares eram poderosos.

Ela é sua inimiga, Terra diria. Um informante havia muito tinha anunciado às suas tutoras que a mais nova da longa fileira de governantes Estelares era uma garota. *Uma de vocês vai perder.*

Terra convenceu Isla de que, por serem as duas mais novas, elas seriam caçadas para cumprir parte da profecia. Apenas uma delas sobreviveria.

Deve ser você.

Então, quando acidentalmente Isla abriu um caminho direto para o

castelo da governante com sua varinha estelar, e a garota apenas olhou para ela e sorriu, um peso foi tirado de seu peito.

— Acho que a varinha sabia que eu precisava de você — Isla diria a Celeste anos depois, durante uma de suas muitas festas do pijama secretas.

— E que *eu* precisava de *você* — respondeu Celeste, apertando a mão dela com força.

Inimigas, não.

Amigas.

Irmãs. Essa palavra descrevia muito melhor o vínculo entre elas, um relacionamento para o qual Isla nunca poderia ter se preparado depois de ter passado a vida inteira sozinha. Ela amava Celeste mais do que a qualquer um. Mais, até mesmo, que as suas tutoras.

Era natural que ela contasse seu segredo, três anos depois que se conheceram.

Foi por causa do amor pela amiga que Isla tinha sido sincera.

— Eu entendo se você não quiser unir forças comigo — Isla dissera. — De verdade, Celeste. Eu entenderia.

Celeste a abraçou com força enquanto as duas choravam. Saber sobre a ausência dos poderes de Isla complicava tudo. Saber que havia uma grande possibilidade de os outros governantes descobrirem esse segredo durante o Centenário, e de Isla morrer uma vez que o resto da profecia se cumprisse.

— Não — sussurrou a Estelar no ombro de Isla depois de um bom tempo. — Vamos fazer isso juntas. Sempre.

Tomando o rosto dela nas mãos, Celeste olhou diretamente para os olhos de Isla e fez uma promessa:

— Eu vou proteger você. Nós vamos sair do Centenário vivas e passar o resto das nossas longas vidas juntas.

Foi por isso que Isla deu ouvidos a ela, ou tentou. Celeste tinha colocado a si mesma e todo o seu reino em perigo ao formar aquela aliança.

E Isla talvez tivesse colocado tudo a perder.

— Sinto muito — disse ela, olhando para o chão do quarto de Celeste. Já passava da meia-noite, então ninguém ouviria seus sussurros. Elas mal tinham se visto, sabendo que, se fossem pegas, isso significaria o fim do

plano secreto.

Mas, naquela noite, Isla tinha corrido o risco.

Celeste balançou a cabeça. Suspirou. Estava trançando seu cabelo prateado apenas para ter o que fazer com as mãos. Sua amiga muitas vezes se ocupava de algo quando estava ansiosa. Antes do Centenário, Celeste havia feito um cobertor por conta do estresse, tricotando por horas a fio, até que Isla, enfim, escondeu as agulhas.

— Não podemos consertar o que está feito — disse ela, simplesmente.

O silêncio se estendeu, e ele sempre deixava Isla desconfortável. Ela o preencheu com desculpas.

— Quero dizer, eu deveria deixar Grim ganhar? Eu não podia. Era isso que *ele* queria.

Embora seu sorriso após ter sido derrotado tivesse insinuado o contrário...

Ela não fazia ideia do que ele queria.

Celeste lhe dirigiu um olhar.

— Você não deveria se tornar um alvo.

Isla não sabia por que revirou os olhos, mas foi o que fez, subitamente incomodada.

Foi quando a Estelar se levantou. Energia crepitava na sala, um sinal certeiro de que estava com raiva.

— Você precisa pensar no longo prazo — disse ela com firmeza, as mãos fechadas em punhos ao lado do corpo. — Os ilhéus estavam assistindo. Todos os governantes estavam assistindo. Você venceu *Grimshaw*. Quase derrotou o rei. Pretende fazer inimigos, Isla? Quer se tornar alguém de quem os outros governantes querem *se livrar?*

Isla desviou o olhar.

— Claro que não.

— Então você precisa me *ouvir*. Nós temos um plano. Participe das demonstrações sem chamar a atenção. Seja a governante jovem e inexperiente que eles já acham que somos, então o vencedor das demonstrações, assim espero, vai nos unir. Isso vai permitir que a gente procure o desvinculador e trabalhe juntas sem ter que esconder nossa aliança. — Isla se surpreendeu quando a voz de Celeste falhou. Poucas

vezes tinha visto Estelar chorar. — Assim vou poder passar um tempo com você sem deixar ninguém desconfiado. Para te proteger. — Uma lágrima prateada escorreu por sua bochecha. Ela deu um suspiro enquanto Isla se dirigia até a amiga, se sentindo envergonhada na hora. — Não posso protegê-la se você não me escuta.

Isla jogou os braços ao redor de Celeste, abraçando-a.

A verdade era que, se a governante Estelar quisesse simplesmente sobreviver e salvar seu reino, teria abandonado Isla. Ela sabia seu segredo, afinal, e seria fácil compartilhá-lo com todos os outros. Garantir que a Selvagem morresse, em vez dela, quando chegasse a hora de escolher um governante para sacrificar.

Mas não tinha feito isso. Porque eram irmãs.

Celeste era uma amiga melhor do que Isla merecia.

— Desculpe — disse ela. — Eu prometo, vou pensar no plano. Prometo que vou te escutar.

Mais tarde, Celeste contou que havia procurado na biblioteca da Ilha da Estrela.

— Não está lá — disse ela. Uma biblioteca cortada da lista.

Uma pontada de decepção estremeceu no estômago de Isla. O plano teria sido muito mais fácil se o desvinculador acabasse sendo uma relíquia Estelar.

— Agora vou atrás das luvas — ela disse.

Isla ergueu a cabeça. Encontrou os olhos de Celeste.

— Não me olhe assim — continuou baixinho. — Como se não soubesse que esse era o próximo passo. — Ela baixou o queixo. — Como se isso não fosse ideia *sua*.

Claro que Isla sabia que essa era a próxima parte do plano. Se o desvinculador não estivesse na biblioteca da Ilha da Estrela, elas precisariam de uma maneira de entrar nas seções protegidas das coleções das outras ilhas.

As luvas eram cruciais para tanto.

Este tipo particular de acessório encantado era bem conhecido por todos, até mesmo nas novas terras. Luvas que eram capazes de aproveitar um sussurro de poder de um reino. Isla havia pesquisado obsessivamente

sobre elas, acreditando que poderiam ajudá-la durante o Centenário. Tudo o que teria que fazer era capturar um pouco da capacidade de Poppy ou Terra de manipular a natureza e usá-las para fingir...

Infelizmente, era perigoso colocar as mãos nas luvas. Diziam que eram feitas de carne humana esfolada. Só os mercados clandestinos nas terras novas ousariam vender uma coisa dessas, e Isla vasculhou quase todos eles.

Eram raras hoje em dia, por não serem mais feitas regularmente. Criá-las não valia o trabalho. O poder que detinham era mínimo, irrelevante.

A menos que alguém encontrasse um uso muito específico para elas.

Isla tinha sugerido as luvas como último recurso, se precisassem de uma maneira de entrar nas bibliotecas.

— Isla, parece que você vai vomitar — Celeste disse, franzindo a testa.

Ela engoliu em seco.

— Como vai conseguir um par?

Sua amiga a observou. Suspirou.

— Não faça perguntas para as quais não quer saber a resposta.

Talvez ela *realmente* vomitasse.

— Se tiver que fazer novas, vá até a prisão. Escolha um assassino, alguém horrível...

Celeste agarrou os ombros de Isla, quase machucando-a, trazendo-a de volta para a realidade, estabilizando-a.

— Essa é a minha parte do nosso plano — disse ela. — Concentre-se na sua.

Certo. A dela. Isla se ofereceu para procurar nas outras três bibliotecas. Uma vez que tivessem as luvas, seu papel realmente começaria.

— Falando na minha parte... — ela começou. Era a vez dela de compartilhar a má notícia sobre não conseguir a roupa dos Solares.

As sobrancelhas de Celeste se franziram.

— Isso é estranho... — Ela apertou os lábios. — Apesar de que, na Ilha da Estrela, os nobres me contaram que coisas suspeitas vêm acontecendo desde o último Centenário. Os Solares se afastaram dos outros reinos mais do que nunca, ficam em sua própria ilha na maior parte do tempo.

— Você acha que o rei está por trás disso?

Celeste franziu a testa.

— Não tenho certeza. Mas não confio nele de jeito nenhum.

Nem Isla. Mesmo que ele a tivesse salvado no primeiro dia do Centenário. Depois do duelo, estava disposta a apostar que ele também não confiava nela.

— Não é só isso — disse Celeste, e Isla se preparou para mais um obstáculo. — Os Lunares também têm agido de forma estranha. Meus nobres disseram que têm guardas na ponte todos os dias. O dia *todo*.

Isla xingou. Como iria entrar na Ilha da Lua sem ser percebida e vasculhar a biblioteca se havia guardas na entrada?

Ela era autorizada a entrar, mas seus movimentos certamente seriam compartilhados com Cleo.

Que suspeitaria dela imediatamente.

— Você verificou? — perguntou Isla.

Celeste assentiu. Sua amiga sempre foi meticulosa.

— Fui caminhar por aquela parte da ilha e confirmei. Dois guardas, bem na frente, de olho em todo mundo.

Dois Lunares não impediriam o plano.

— Vou encontrar um jeito — disse Isla, ansiosa para ajudar depois de sua exibição no duelo.

E esperando que aquela não fosse apenas mais uma promessa que não conseguiria cumprir.



CAPÍTULO NOVE

COROA

Felizmente, os governantes não jantavam juntos todos os dias. Algumas noites, Celeste, Azul, Cleo e Oro faziam as refeições em suas ilhas e os outros comiam cada um em seus aposentos. Os jantares em grupo eram precedidos por um convite e eram embaraçosos, especialmente para Isla, que tinha que se sentar com um prato vazio à sua frente. Desde o primeiro jantar, oito dias antes, o rei havia honrado seu pedido para comer no quarto. Os Selvagens só precisavam de um ou dois corações por mês para sobreviver. Ainda assim, corações eram fornecidos semanalmente, e logo descartados em segredo.

Os insultos constantes de Cleo também tornavam os jantares desconfortáveis. A Lunar tinha deixado bem claro sua aversão desde aquela primeira refeição, quando seu comentário foi revidado. Isla se arrependera desde então, principalmente quando os olhos de Celeste encontravam os dela, um lembrete de por que era importante ficar fora do radar.

Despercebida. Irrelevante.

Isla estava prestes a entrar no salão para um desses jantares quando parou de repente.

Havia muitas vozes lá dentro. Dezenas.

As portas foram abertas para ela, revelando uma sala cheia de nobres de todos os reinos de Lightlark. Muitos se viraram para encarar Isla, medo e curiosidade disputando uma batalha em suas feições. Eles a observaram com atenção, tão críticos quanto um joalheiro em busca de defeitos em um diamante.

De uma vez, cada uma das lições de Poppy invadiram sua cabeça.

Costas retas.

Queixo para cima.

Ombros para baixo.

Olhe para a frente, não dê atenção a eles.

Mãos relaxadas ao lado do corpo.

Era uma demonstração, é claro. Quem a planejou havia decidido convidar apenas os nobres de Lightlark.

Nenhum convite a precedeu. Surpresas eram frequentes durante o Centenário. *Você deve estar preparada para tudo*, Terra avisara.

As demonstrações eram oportunidades para os governantes avaliarem uns aos outros. Para decidir quem era fraco. Para, quem sabe, ganhar o poder de escolher a dupla com quem trabalhariam durante o restante do Centenário na tentativa de decifrar as profecias.

Isla quebrou a cabeça tentando descobrir que tipo de teste era aquele. Suas tutoras tinham uma lista de demonstrações de Centenários anteriores, algumas mais elaboradas que outras. Missões. Desafios para domar uma fera. Até mesmo caças ao tesouro. Testes de força física, de estratégia ou de lógica.

Não havia pistas ao redor. Tudo o que via eram mesas postas com taças de vinho e pratos de cristal.

Realmente parecia um jantar. Ela tentou reprimir a ansiedade. Talvez *fosse* apenas uma refeição e os nobres, simples convidados.

Eles tinham visto Isla durante o primeiro teste, de longe. E ela, evidentemente, chamou a atenção. Alguns olharam por tempo demais para as partes mais justas de seu vestido. Outros a observavam como se Isla estivesse prestes a arrancar as próprias roupas ou explodir em chamas. Alguns recuaram, olhos fixos na boca e nos dedos dela, como se esperassem ver garras.

Ela era uma sedutora. Um monstro que sobrevive dos corações de presas facilmente atraídas.

Aquelas pessoas achavam que a conheciam.

Mas não sabiam de nada.

Alguns dos convidados engasgaram quando Grim apareceu ao seu lado do nada, tornando-se visível. A expressão dele não mudou.

As pessoas que não estavam olhando para ela antes certamente estavam olhando agora. A sedutora e o governante das trevas. Uma dupla vencedora.

— Grim — ela cumprimentou sem emoção, evitando encontrar seu olhar. Lembrando que não sabia nada sobre ele ou o que queria.

— Devoradora de Corações — ele sussurrou, para que apenas ela pudesse ouvir.

Seu olhar ficou mais atento, estudando cada centímetro do novo vestido carmim dela. As alças finas. O pequeno pedaço de seda que era o corpete. A cintura, onde o vestido ficava bem apertado antes de cair em mais camadas de tecido agarradas ao corpo. Luvas até os cotovelos, da mesma cor e tecido do vestido, algo que raramente usava, mas que calçou naquele dia, mesmo que apenas para cobrir um pouco mais o corpo.

Ele a olhava de forma descarada, impaciente, como se fosse importante guardar na memória cada centímetro de pele. Ela nunca tinha sido examinada com tal minúcia.

Grim queria envergonhá-la?

Ou seduzir a sedutora?

Seus olhos escuros pareceram ficar ainda mais sombrios quando encontraram os dela, e ele disse:

— Não tenho certeza do que gosto mais. A forma como você segura uma espada... ou a forma como seu vestido te segura.

Se olhares matassem, o Umbra estaria morto e Isla teria quebrado a primeira regra do Centenário. Os lábios de Grim formaram um sorriso dissimulado em resposta a seu olhar.

Isla deu um passo na direção dele, sentindo-se corajosa. Ainda não tinha certeza do que Grim pretendia, mas *sabia* que ele gostava quando ela revidava.

— E *eu* não sei do que gosto mais. De relembrar a imagem da minha espada contra a sua garganta... ou de pensar em como seu coração ficaria no meu prato.

Os olhos escuros de Grim brilharam; ele estava se divertindo.

— Cuidado, Devoradora de Corações — ele sussurrou, se aproximando dela, perto demais. — Talvez eu mesmo entregue-o a você.

Durante aqueles instantes, a sensação era que havia apenas ela e Grim no salão.

Aplausos a trouxeram de volta para a multidão. Isla se virou para ver que Azul havia se posicionado na cabeceira de uma mesa, já com os outros governantes.

— Bem-vindos — disse ele. — Se todos puderem tomar seus lugares, vamos começar.

Isla correu para a mesa, grata por uma desculpa para se afastar do Umbra. Infelizmente, os dois últimos lugares eram um ao lado do outro. Ótimo.

Era uma demonstração, não um jantar elaborado, ainda que a comida estivesse sendo servida por dezenas de lacaios. Sua mente começou a pensar nas possibilidades. Ela estava alerta, estudando cada detalhe, preparando-se mentalmente para qualquer provação que viesse a enfrentar.

Os nobres haviam se acomodado em seus assentos. Isla observou os ternos e vestidos feitos com tecidos deslumbrantes. O alfaiate devia ter passado os últimos meses bem ocupado. Ela se perguntou se ele já dera falta das duas peças que sumiram.

Mas a loja tinha centenas de roupas... Seria quase impossível fazer o inventário todos os dias.

Por outro lado, o alfaiate parecia profundamente comprometido com seu ofício. Talvez tivesse *percebido*. Será que denunciaria o roubo?

Será que suspeitaria da Selvagem que estivera em sua loja naquela mesma manhã?

— Vamos começar — disse Azul cordialmente, com um sorriso largo.

O governante Etéreo tinha os dentes mais perfeitos e brilhantes que ela já vira. Naquela noite, usava vestes com recortes triangulares nas laterais, revelando marcações pintadas em sua pele escura, símbolos que Isla não

reconheceu. Alguns Selvagens se tatuavam com agulha e tinta depois de completar seu treinamento ou após feitos ilustres. Isla nunca teve permissão para isso. Seu corpo não pertencia apenas a ela, Poppy disse. Pertencia ao reino. Ela era sua representante, sua tábua de salvação. Mesmo tendo nascido sem poderes.

— Esta noite, gostaria de celebrar as fantásticas habilidades que nos permitirão ter sucesso no fim das maldições — disse Azul. — Governantes do reino, vocês nos honrariam com uma demonstração de seus poderes?

Isla quase deixou cair a taça de água.

Os olhos de Grim estavam no copo dela. Seus dedos tremiam, a água ondulava. Se estivesse certa de que suas pernas ficariam firmes, teria saído correndo do salão.

Ela não tinha poderes para demonstrar.

Grim. Ele poderia fazer as luzes se apagarem. Poderia fazê-la desaparecer, ou pelo menos provocar algum tipo de distração. Se ela pedisse, ele o faria. Adoraria ter uma chance de provocar o caos. E, embora suas intenções fossem obscuras, ele a ajudara antes.

Mas Isla teria que explicar o motivo. Engoliu em seco, pesando os riscos.

Antes que ela pudesse dizer uma palavra, Azul falou:

— Grim, não temos um Umbra em nossa ilha há séculos. — Sua voz estava tensa. Desconfiada. — Poderia começar?

Grim ficou sentado por um momento, e Isla se perguntou o que aconteceria se ele simplesmente ignorasse o governante Etéreo. Finalmente, o Umbra se levantou.

Abriu a palma da mão.

A sala mudou. De repente, havia uma centena de Grims, de pé entre cada cadeira. Todos sorrindo. O teto se abriu, assim como o chão, e grandes placas de pedra caíram bem na cabeça de todos, fazendo gritos atravessarem o ar.

De repente, tudo desapareceu. A sala voltou ao normal. Havia apenas um Grim, que parecia entediado, como se a demonstração não tivesse usado nem um sussurro de seu poder.

O ambiente estava em silêncio. Alguém derrubou uma taça.

Isla sabia que os Umbras tinham habilidades mentais. Mas isso era maior, uma visão em grande escala.

Quão perigosa essa habilidade seria na guerra?

Ou *agora*, neste jogo?

Ela olhou para o rei. Oro observou Grim com olhos duros, como se sua exibição fosse uma ameaça. Uma declaração do que exatamente ele era capaz.

— Cleo, se puder — disse Azul, um pouco menos animado.

Ela precisava inventar alguma coisa. Rápido.

Terra e Poppy a prepararam para essa possibilidade. Mas o plano complicado *das duas* dependia de ela já ter se aproximado do rei e roubado um dos encantamentos que ele supostamente tinha em sua coleção pessoal, uma flor selvagem capaz de se multiplicar e viver para sempre. Ela recebeu instruções específicas para obtê-la o mais rápido possível.

Algo de que havia se esquecido completamente, concentrada no plano dela e de Celeste.

Ela nem tinha falado diretamente com o rei desde aquele primeiro jantar, e o evitara ao máximo. Talvez até *demais*, em desafio ao primeiro passo degradante da estratégia de suas tutoras.

Agora, o que faria?

Admitir seu segredo não apenas para todos os nobres, mas também para os governantes?

Ela poderia muito bem se considerar morta no segundo em que o relógio soasse a meia-noite do quinquagésimo dia. Nem mesmo Celeste poderia protegê-la de todos eles. Ela sabia.

Celeste. Isla enfim olhou para a governante Estelar, que a encarava, claramente tentando chamar a sua atenção havia um bom tempo.

Sua expressão estava tensa, os olhos arregalados de preocupação.

Ela era um fardo. Sempre precisando ser cuidada, protegida.

Isla não sabia por que, mas sorriu de volta, tranquila, balançando a cabeça de leve como se dissesse: *Não se preocupe, tenho um plano*.

Embora nunca tivesse um plano próprio, não é? Ela só tinha seguido as estratégias dos outros. Nunca a dela. Não de verdade.

Cleo estava de frente para a mesa agora. Levantou os braços de forma dramática.

Vinho vermelho como sangue se ergueu de cada uma das taças para o centro da sala. Ela moveu as mãos como se estivesse acariciando um animal selvagem, e do vinho surgiu um enorme tubarão com três fileiras de dentes. Ele partiu em direção à multidão, caindo do céu, sua mandíbula monstruosa se abrindo, mas, antes que pudesse alcançar Cleo, sua mão se fechou em um punho e o tubarão congelou. Os dentes se tornaram estalactites cor de malva que formaram um círculo perfeito ao redor da Lunar, afundando no chão. O resto transformou-se em um vapor vertiginoso.

Aplausos ecoaram pela sala, os nobres nada chateados por suas taças agora estarem vazias. Cleo parecia muito presunçosa enquanto voltava para a mesa.

— Celeste?

A Estelar levantou-se devagar, os ombros tensos. Isla sabia que sua amiga não estava nervosa, pelo menos não por conta de *sua* demonstração. Ela andou com cuidado até a frente da mesa, o cabelo brilhando sob as chamas do candelabro. Celeste ergueu um dedo no ar.

E a sala explodiu.

Fogos de artifício explodiram de todos os cantos, faíscas prateadas caindo como estrelas cadentes em miniatura. Eles guincharam e rugiram, voando pela sala, antes de se despedaçarem contra as paredes em manchas prateadas.

Murmúrios na multidão, alguns estendendo a mão para tocar a poeira estelar que caía como confete, cobrindo as mesas com purpurina. Caiu um pouco no cabelo de Isla.

Foi lindo.

Seu estômago embrulhou, esperando que seu nome fosse chamado. Ela precisava de um plano... uma saída.

— Minha vez, suponho — disse Azul, sorrindo bem-humorado.

O Etéreo se levantou com graça, a capa ondulando atrás dele. Azul girou o punho em direção ao teto, e o ar começou a ondular. Três nuvens parecidas com algodão-doce apareceram, ficando maiores e maiores, até

que suas extremidades se tocassem. Elas escureceram, então acenderam com raios de luz, nuvens de tempestade. Um trovão ecoou pela sala, antes de as nuvens se acalmarem e ficarem brancas como pergaminho. A plateia olhou para cima, maravilhada, enquanto elas flutuavam, se aproximando de suas cabeças. Seus dedos as atravessaram. Quando as nuvens alcançaram a mesa, até mesmo Isla levantou a mão enluvada, tentando sorrir enquanto o pavor fervia em sua barriga.

Ela precisava pensar... Ela precisava de ajuda...

Azul respirou fundo e soprou com tanta força que os cabelos de todos voaram para trás, suas capas batendo atrás das cadeiras. E as nuvens sumiram.

O Etéreo virou-se para ela e sorriu.

Agora não havia saída.

O coração de Isla era um tambor dentro do peito quando Azul disse seu nome.

Impotente, impotente, impotente. A palavra era um canto, uma provocação, tão alto em sua mente que ela se perguntava como ninguém mais estava escutando.

Comparada a todas as demonstrações dos outros governantes, ela se sentiu tão inútil e insignificante quanto um pedaço de carvão em meio a diamantes. Mas ela ainda precisava fingir por mais algumas semanas, tempo suficiente para encontrar o desvinculador.

Celeste não podia ajudá-la. Suas tutoras não podiam ajudá-la. Grim não podia ajudá-la.

Tinha que encontrar sua força.

Isla se levantou, sentindo os olhos de todos nela como as luzes de um palco. Os nobres sussurravam, repulsa e medo estampados nos rostos maquiados. Ela apertou os lábios, seu plano um quebra-cabeça malfeito ainda se formando. Então sorriu, tentando parecer confiante, embora seus joelhos tremessem por baixo do vestido.

— Rei? Poderia auxiliar na minha demonstração?

Oro piscou para ela, sem entender. Agora, nos olhos quase sempre sem vida, ela leu muitas coisas. Curiosidade. Irritação. Talvez até preocupação. Tudo isso sumiu em um instante. Estava inexpressivo no momento em que

se levantou, muito mais alto que ela, oferecendo a mão.

Tinha sido tolice chamar a sua atenção depois do duelo, depois de ele ter parecido tão desconfiado. Mas ser ousada era a única maneira de passar por aquela demonstração sem que todos questionassem suas habilidades.

Ela conduziu o rei para a frente da mesa, apertando forte sua mão, sinal de nervosismo.

— Fique aí — ela ordenou.

Então, tentando não olhar para os rostos que mostravam indignação com a audácia em dirigir um comando ao rei, tão famintos por seu fracasso como pela carne vermelha nos pratos, ela caminhou até o lado oposto do salão.

Lentamente, desejando que seus dedos não tremessem, Isla retirou seus muitos anéis e os deixou na mesa mais próxima, diante de um Solar que ofegou com a riqueza empilhada à sua frente. Ela despiu as luvas e ficou segurando uma delas. Com a outra mão, tirou um grampo do cabelo.

Não era um grampo qualquer. Uma estrela de arremesso, disfarçada como acessório.

A sala estava em silêncio, então a voz de Cleo ressoou quando disse:

— Não sabia que você vinha *armada* para os jantares, Selvagem.

Isla ergueu o queixo ligeiramente, sentindo o metal frio na palma da mão.

— Estou sempre armada — respondeu.

Isla podia jurar que ouviu alguém perto dela engolir em seco.

Oro não se moveu. Permaneceu parado alguns metros de distância à frente. Isla não tirou os olhos dos dele quando prendeu a estrela entre os dentes e amarrou a luva sobre os olhos.

A plateia arfou, mas ela não conseguia mais ver suas expressões. Não conseguia ver nada por trás do tecido vermelho-escuro.

Ela pegou a estrela dos lábios e a segurou entre os dedos, as pontas letais cravadas na pele.

Isla respirou lentamente, enquanto as lições de Terra passavam por sua mente.

Fique parada, criança.

Não se agite.

Você é uma guerreira.

Deixe que a temam.

Deixe que vejam o que significa ser selvagem.

A estrela voou com um zunido.

Isla ouviu o barulho inconfundível de metal contra metal quando a estrela atingiu seu alvo.

Ela tirou o tecido dos olhos e não pôde deixar de sorrir ao ver Oro, rei de Lightlark, ainda grudado no lugar, seu olhar não nela, mas na coroa derrubada de sua cabeça dourada.

A peça caiu com um baque alto no chão, ecoando pela sala silenciosa.

Isla caminhou até Oro, esquecendo seus anéis. Os olhos deles finalmente se encontraram. Ela não conseguiu decifrá-lo naquele momento, nem tentou. Em vez disso, se abaixou e pegou a coroa.

— Você deixou cair isso — sussurrou antes de entregá-la e retornar ao seu lugar.

Ela não usara uma gota de poder em sua demonstração. Mas ninguém a questionou, todos chocados com sua coragem. Indignados.

E, por apenas uma fração de segundo, ela se sentiu a governante mais poderosa no salão.

Oro era o último governante a se apresentar.

Isla esperava fogo. Um inferno furioso saindo de suas mãos.

Em vez disso, o rei se levantou, colocou a palma da mão na mesa…

E a pedra virou ouro. Aconteceu em ondas. O metal encobriu o mármore, escorreu pelas laterais e tomou o piso. Em segundos, tudo ficou dourado.

Um poder impossível. Milhares de anos antes, dizia-se que os Estelares podiam criar diamantes. Selvagens conseguiam fazer esmeraldas e rubis crescerem de suas mãos como flores.

Solares podiam transformar taças em ouro.

Isso representava um domínio completo do poder.

Seria ele capaz de transformar uma pessoa em ouro? Matar alguém dessa forma?

Cada governante decidia como seu teste seria julgado. Azul anunciou

que os nobres votariam no vencedor, com a ressalva de que não poderiam votar em seu próprio reino. Como se isso fosse tornar a escolha justa.

Não foi surpresa quando o rei venceu novamente. Ele *mereceu*, Isla tinha que admitir, com a exibição que deixou a todos sem palavras.

Até os nobres Solares pareciam chocados. Era evidente que nunca tinham visto Oro usar aquele poder.

O que fez Isla se perguntar o que mais o rei mantinha em segredo.



CAPÍTULO DEZ

JUNIPER

A noite tinha gosto de sal. O vento soprou a maresia acima das falésias e árvores, chegando até Isla, agachada nos arredores da praça.

Padrões se formam para os que são pacientes, ela sabia, e havia aprendido a ser especialmente persistente durante sua prisão no castelo de vidro. Cinco dias haviam se passado desde a demonstração de Azul, Celeste estava ocupada tentando encontrar um fornecedor para as luvas, e nenhuma outra demonstração havia sido anunciada. Então Isla estava se concentrando na sua parte do plano. Tinha visitado a praça quase todas as noites para observar. Esperar.

Descobriu quais nobres frequentavam uma loja que vendia obras de arte durante o dia, mas se transformava em um bordel secreto depois da meia-noite. Quais lojas tinham entradas pelas portas dos fundos e exatamente a que horas elas realmente fechavam. Contou o número de músicas que a banda tocava antes de ir embora — sempre catorze — e quais membros passavam no bar antes de voltar para casa.

A informação realmente importante foi coletada quando os Solares já tinham ido embora havia muito tempo, para não explodirem em chamas com o sol nascente. Enquanto o primeiro indício do dia cobria o horizonte

em um tom rosado e as únicas pessoas que restaram na praça do mercado estavam muito bêbadas para notá-la, Isla andava pelas ruelas, atenta. Ouvindo.

Foi assim que descobriu sobre o dono do bar.

O homem trancou a porta no fim da noite com uma chave que guardava no bolso de sua calça azul-clara engomada. Havia um ritmo estranho no tilintar da fechadura; ele deu cinco voltas para trancá-la por completo.

O homem se virou e levou um susto.

Isla estava sentada em um banquinho instável, as mãos entrelaçadas à frente. O lugar cheirava a álcool, bebida forte, pura e concentrada. Ela nunca havia provado, graças à Poppy e Terra, mas conhecia bem o cheiro.

Você já tem a cabeça nas nuvens, elas disseram. *Não há necessidade de piorar a situação*.

— Parece que os negócios estão fervilhando — disse ela, apontando para as dezenas de copos vazios largados nas mesas, sobras de uma noite eufórica.

O homem sorriu, curvando as pontas de seu bigode de formato estranho.

— Bem, os anos não têm sido bons. Tempos ruins são bons para os negócios.

Isla não estava usando sua coroa nem qualquer cor mais vibrante, mas o homem a encarou.

— Você sabe quem eu sou, então — disse ela.

Seu olhar permaneceu fixo nela enquanto o Etéreo percorria o caminho até o outro lado do bar. Ele abriu uma garrafa, serviu o conteúdo em um copo e tomou um gole da bebida cor de mel sem tirar os olhos de Isla.

— Claro que sim, Selvagem. A questão é... você sabe quem sou eu?

Isla tinha visto inúmeros ilhéus entrarem e saírem do bar, rápido demais para estarem em busca de diversão, e sem nenhuma bebida nas mãos. Alguns saíam sem nem ao menos ter cheiro de álcool. Ela havia seguido alguns deles, passado por eles, visto que não havia nada de novo em seus bolsos. O que significava que o homem estava vendendo algo além de bebidas alcoólicas. Algo invisível, mas inestimável. A fofoca na rua tinha praticamente se confirmado.

— Você é quem os ilhéus procuram quando precisam de informações.

O Etéreo apertou os lábios, pensando. Enfim, colocou sua bebida no balcão e fez uma reverência.

— Juniper, ao seu dispor.

— Qual é o seu preço? — ela perguntou.

Tinha chegado preparada. Sem esperar pela resposta, deixou cair um punhado de pedras preciosas no balcão, junto com uma grande pilha de moedas. Estava pronta para pagar o que fosse necessário para obter as informações certas.

Juniper olhou para aquela riqueza toda e sorriu.

— Eu exijo um tipo diferente de pagamento...

Isla prendeu a respiração. O que ele estava insinuando?

Ele deve ter percebido a tensão de Isla, porque acrescentou:

— Eu lido com segredos, querida.

— Segredos?

Juniper assentiu.

— Conte-me um dos seus... e ficarei feliz em fornecer todas as informações que precisar.

A menção a segredos fez o sangue de Isla gelar. Seus segredos significavam sua morte. Isla endireitou a postura.

— Não tenho segredo algum — disse com firmeza.

Juniper apenas sorriu.

— Nós dois sabemos que *isso* não *é* verdade.

Ela engoliu. O que exatamente ele sabia?

Pânico cresceu em seu peito, bile subiu pela garganta.

Parte dela queria fugir.

Mas, para entrar na biblioteca da Ilha da Lua, Isla precisava de informações. Ela respirou fundo e, antes que mudasse de ideia, declarou:

— Deixei o rei vencer durante a primeira demonstração. Eu poderia tê-lo derrotado, mas não o fiz.

Juniper respirou fundo, como se o segredo o revigorasse, então disse:

— Isso serve. O que deseja saber, Governante?

Isla se inclinou para que ele escutasse seu sussurro.

— Como passo pelos guardas na Ilha da Lua?

Ele apoiou o dedo nos lábios, pensando.

— Não há guardas durante a lua cheia, quando a maldição fica mais forte. Todos os Lunares se abrigam na segurança de seu castelo.

Bom.

— E quando é a próxima lua cheia?

Juniper respondeu de imediato, como se soubesse que essa seria a próxima pergunta.

— No vigésimo dia do Centenário.

Isso seria dali a uma semana.

Ela assentiu.

— Obrigada.

Parte dela queria perguntar sobre todas as outras bibliotecas. Onde ficavam. Como poderia entrar nelas. Mas confidenciar seu plano ao dono do bar seria tolo e arriscado.

Isla virou-se para sair.

— Ah, Selvagem? — Juniper chamou, tamborilando no balcão.

Ela gelou. Olhou por cima do ombro para o homem.

— Algumas roupas do alfaiate sumiram. *Você* não saberia nada sobre isso, saberia?

O estômago de Isla se contorceu em um nó, mas seu rosto não revelou nada. O treinamento de Poppy garantia que suas emoções sempre ficassem sob controle.

Aquilo era um jogo. Para *todos* eles. A vida dos ilhéus também estava em risco, ela precisava se lembrar disso. Precisava se lembrar de que não podia confiar em ninguém. Especialmente em Juniper.

Ela sorriu.

— Um segredo para outra hora — respondeu, antes de sair pela porta dos fundos.



CAPÍTULO ONZE

MEDO

O alfaiate sabia que as roupas tinham sumido. Era mais importante do que nunca encontrar o desvinculador antes que algum dos governantes descobrisse sobre o roubo e ficasse desconfiado.

Um problema: ela só poderia começar sua busca pelas bibliotecas depois da demonstração de Celeste. A demonstração daria a elas a última coisa de que precisavam para localizar o desvinculador.

Felizmente, a carta dourada de Oro para a Estelar chegou na manhã seguinte. Cada governante tinha o direito de escolher quando e onde a demonstração aconteceria, desde que fosse em até dois dias após o recebimento da carta do rei.

Celeste escolheu realizar a dela imediatamente.

Quando Ella bateu à porta do quarto, Isla demorou para atender, como se já não estivesse vestida com o traje perfeito para o próximo teste. Como se não tivesse passado as últimas horas pensando em diferentes desfechos para aquela demonstração. Como se, coincidentemente, não tivesse solicitado que sua refeição fosse entregue mais cedo.

O papel que ela recebeu era prateado, brilhante. As palavras foram escritas na caligrafia perfeita de Celeste.

Um teste de medo, dizia o convite.

Local: Salão de Vidro

Hora: Agora

Isla seguiu Ella pelo castelo do Continente. Nunca havia estado naquela ala antes, uma parte que parecia antiga, quase intocada por centenas de anos.

As paredes estavam cobertas de pinturas e retratos de líderes Solares.

Ela viu o que só podia ser o antecessor de Oro, seu irmão, o rei Egan. Ele governou por séculos antes de se sacrificar na noite das maldições. Isla reconheceu o mesmo cabelo dourado, as sobrancelhas com o mesmo desenho.

O rei Egan, no entanto, tinha olhos vívidos, um vislumbre de alegria.

Diferente do irmão.

Isla se perguntava se Oro sempre tinha sido desse jeito... ou se quinhentos anos de maldições tinham cobrado seu preço.

O Salão de Vidro era jateado, a luz do sol embargada e suavizada, uma proteção para os Solares. Ela se perguntou se Oro alguma vez se preocupou em abrir as cortinas das janelas à noite, sabendo que esquecer de fechá-las significaria a morte pela manhã.

Então se lembrou de quando ele a salvou. Ele estivera na varanda logo depois do pôr do sol, como se estivesse sedento por estar a poucos centímetros e minutos da luz.

Uma maldição cruel.

Todas as maldições eram muito cruéis.

Celeste já estava lá, conversando com um grupo de nobres Estelares. A capa de sua amiga era magnífica, feita especialmente para sua demonstração. De alguma forma, um alfaiate do reino Estelar havia conseguido tecer uma seda tão fina, tão translúcida, que parecia vidro. Levemente prateado, com estrelas costuradas nas bordas, cristalinas e brilhantes.

Isla teve que se segurar para não sorrir para a amiga, para não prestar atenção nela.

O rei também estava lá, cercado por nobres, conselheiros e ilhéus ricos que usavam pulseiras e colares dourados, tão enfeitados que pareciam estátuas de ouro feitas pelo seu rei.

Cleo entrou, acompanhada por sua comitiva, que a seguia como guardas.

Azul ria com um grupo, interagindo com eles mais como um amigo do que como um líder falando com seus súditos.

Isla estava sozinha, sem ninguém para rodeá-la. Até Ella a deixou, esperando nos cantos com os outros serviçais.

Grim também estava só. Ele apareceu do outro lado da sala, fazendo os nobres mais próximos correrem como baratas.

Seus olhos escuros encontraram os dela, e ela viu certa compreensão neles.

Ambos estavam sozinhos.

Foi por isso que ele a ajudou?

Porque ele sabia como era?

Não. Ele era um inimigo, ela precisava se lembrar disso.

— Bem-vindos — disse Celeste.

Ela estava de pé ao lado de um objeto alto e encoberto. Parecia uma estátua escondida por um lençol.

Não era.

— Minha demonstração é uma prova de medo. Quem vencer seu maior medo primeiro será o vencedor.

Uma ampulheta prateada estava do outro lado da sala, contando os segundos.

As demonstrações eram planejadas com cuidado. Algumas eram escolhidas para mostrar a superioridade do governante anfitrião, outras para demonstrar a fraqueza de um oponente em particular… e havia aquelas que eram como a de Celeste, com um propósito mais misterioso.

Com a mão coberta por uma luva prateada, Celeste puxou o lençol que brilhava, revelando um imponente espelho.

Era uma antiga relíquia Estelar que a governante havia trazido de seu reino. Isla havia observado o objeto por mais de um ano, como um espectro no canto do quarto de Celeste. Só podia ser usado por alguém uma única vez, então Isla não teve como praticar. Mas tinha quase certeza de qual seria seu maior medo.

— Quem gostaria de começar? — perguntou Celeste.

O medo talvez fosse a maior fraqueza de um governante. O que mais se temia poderia condenar um reino inteiro. Era um bom teste.

Mas não foi por isso que Celeste escolheu esse desafio.

O rei deu um passo à frente. No momento em que encostou a palma da mão no espelho, o vidro se ondulou como água agitada em uma taça.

De repente, parou. Assim como o rei.

Durante alguns minutos, Oro partiu em uma jornada que nenhum deles podia ver. Ele apenas olhava fixamente para o espelho, a mão ainda na superfície, sobrancelhas se franzindo algumas vezes, formando uma expressão séria.

Todos tinham um medo. Isla se perguntou o que o rei temia. Segundo Celeste, o espelho prendia a pessoa até ela conseguir superar seu maior medo. Alguém poderia ficar preso ali dentro para sempre. Muitos morreram usando a relíquia.

Oro se endireitou, o feitiço foi quebrado. A mão do rei foi libertada.

Ele havia vencido.

Em apenas três minutos.

Isla engoliu em seco. O rei esteve vivo por mais de quinhentos anos.

E se ela mantivesse a multidão esperando ali por horas? O que isso diria sobre ela e suas habilidades? Sobre o quanto merecia sobreviver ao Centenário?

E se ela *nunca* vencesse seu medo, e o espelho a mantivesse presa ali?

Isla sabia o quanto o uso daquela relíquia era importante para o plano delas. Mas, de repente, desejou que sua amiga tivesse escolhido uma prova diferente.

Azul era o próximo. Ele levou cinco minutos. Mais do que o rei, mas por pouco.

Quando ele se afastou do espelho, Isla notou que seu sorriso estava um pouco mais desanimado do que o normal. Algo em sua expressão parecia assombrado.

O que ele tinha visto?

Qual medo tinha sido forçado a enfrentar?

As palmas das mãos de Isla começaram a suar. Ela as enxugou na capa e respirou fundo. *Recomponha-se.*

No momento em que Cleo colocou a mão pálida no espelho, Isla soube que as coisas seriam diferentes. O vidro não ondulou tanto. Seus olhos se fecharam e ela congelou completamente, transformada em gelo.

Não levou dois minutos para seus olhos reabrirem.

Arquejos ressoaram entre a multidão. Cleo havia derrotado rei, e por por uma diferença de mais de um minuto.

Isla sentiu os dentes trincarem. A Lunar devia ser cruel ou completamente destemida. Ambas qualidades perigosas em um inimigo.

Grim terminou seu teste em pouco menos de três minutos.

Celeste completou o dela em cinco.

Depois foi a vez de Isla.

O salão ficou em silêncio enquanto ela se dirigia para o imponente objeto. O barulho de seus saltos ecoou pelo piso. Seus joelhos tremeram embaixo do vestido, e ela estava grata por seu comprimento.

Mais cedo do que gostaria, Isla se viu levantando a mão. Seus dedos tremeram ligeiramente antes de tocarem o espelho.

Ele se mexeu, mudou.

Então algo a puxou através do vidro.



CAPÍTULO DOZE

DESPEDAÇADA

Isla foi absorvida pelo espelho para um mundo de cristal.

Nos muitos meses que ela havia passado pensando nesta demonstração, tinha decretado seu maior medo: não conseguir salvar seu reino.

Ela havia se preparado para ver um campo de Selvagens mortos. Florestas queimadas. Poppy e Terra mortas a seus pés.

Agora que ela estava no teste, não havia corpos, chamas nem animais selvagens moribundos.

Apenas um quarto. O quarto *dela*, no reino Selvagem.

Estava exatamente como ela o deixou. Limpo. Arrumado. A parede com as espadas brilhava de um lado, como se a saudassem.

Ela esperava sentir uma onda de alívio por estar de volta. Por estar em um lugar tão familiar depois de duas semanas cercada por estranhos e em uma terra governada por segredos.

Mas tudo o que sentia era pavor.

Se ela falhasse, era para lá que voltaria. Viveria o resto de sua curta vida, amaldiçoada, impotente, mortal e escondida de novo. O reino precisaria de um herdeiro melhor para o próximo Centenário, então seria obrigada a ter um filho.

Ela continuaria sendo protegida.

Um livro da biblioteca de cada vez.

Seu povo visto a distância, se é que isso seria permitido.

Escolhas feitas para ela por Selvagens que sabiam mais, que conheciam mais do que apenas aquelas paredes de vidro.

Viagens secretas com sua varinha estelar.

Ela nem treinaria mais, porque não haveria nada para o que treinar.

Florestas e pessoas continuariam a morrer, flores seriam extintas, Selvagens seriam forçados a matar para sobreviver, impedidos de se apaixonar, se transformando cada vez mais nas feras que os demais reinos acreditavam que eram.

Não.

Ela não suportaria uma vida assim.

Lightlark era perigosa, mas cheia de maravilhas. Agora que Isla tinha provado o gosto da liberdade, não seria trancada em sua gaiola de vidro novamente e se contentaria com isso.

Ela desejava mais do que já havia desejado antes.

Isla viu seu reflexo nas janelas de vidro adiante. Como se instigada por seus pensamentos, seu reflexo começou a se mover por vontade própria.

Ela observou enquanto o reflexo andava ao redor do quarto. Deitava-se na cama. Lia um único livro. De novo. De novo. De novo. O reflexo acelerou, seus movimentos um borrão, e os dias passaram rápido demais, como se o tempo tivesse tropeçado em si mesmo, de novo, de novo, de novo. Agora, em vez de ler o livro, o reflexo rasgou suas páginas. Bateu nas janelas em vez de olhar por elas. Puxou os cabelos em vez de trançá-los. Arrancou as tábuas do assoalho, uma a uma, procurando por algo, os dedos sangrando. A varinha estelar? *Suas tutoras a encontraram e se livraram dela?* Anos pareciam passar em segundos, e, por fim, o reflexo parou no meio do quarto enquanto o tempo continuava a passar por ela, seu corpo enfraquecendo, o cabelo caindo, sua alma arrancada do peito. Os olhos tornando-se apáticos.

Ela não conseguia se ver assim. Vazia. Todas as melhores partes de si mesma arrancadas. Isla estendeu a mão para tocar seu reflexo, para confortá-lo.

E, de repente, estava olhando de volta para si mesma.

Seu coração batia rápido demais.

Seria esse o seu destino se falhasse? Era isso que estava destinada a se tornar? Uma casca de si mesma?

Uma prisioneira?

Algo balançou, fazendo um guincho.

A sala ficou menor.

Isla se assustou, aproximando-se do centro do quarto. De alguma forma, as paredes tinham se movido, o chão tinha sido engolido.

Menor.

O vidro chacoalhou quando encolheu. Perfumes caíram da penteadeira e se despedaçaram nos azulejos, a maquiagem que restava logo se juntando a eles, borrões de cor escorrendo, pós brilhantes formando nuvens de poeira.

Menor.

Os batimentos cardíacos de Isla ressoaram em seus ouvidos em advertência; seus dedos tremiam, e o suor escorria pela testa. O quarto estava prestes a engoli-la inteira, a pressionar o vidro contra sua pele, a tornar ela e seu reflexo uma coisa só.

Menor.

O teto se abaulou, quase prendendo-a no lugar. As paredes se dobraram, ficando menores, menores, menores.

Sua cama havia sumido, suas coisas estavam destroçadas no caos, o quarto estava encolhendo ao redor dela.

Este era o seu destino. O reflexo tinha declarado isso.

Trancada para sempre em um quarto.

Um segredo vergonhoso demais para ser compartilhado.

Uma maldição dolorosa demais para suportar.

O quarto rangeu, e os ossos de Isla vibraram com o movimento de tudo ao redor dela sendo comido, escondido, encoberto.

Não.

Ela se recusava.

Isla não tinha trabalhado tanto, por anos a fio, só para que seus esforços fossem em vão, para ser uma vítima deste quarto e de suas

circunstâncias.

Ela nem tinha noção do quanto estava perdendo. Agora que tinha visto o que o mundo tinha a oferecer, queria tudo.

Queria *tudo*.

Isla não voltaria para aquele lugar. Ela ia quebrar a maldição, ou ia morrer tentando.

Antes que pudesse fazer um único movimento para impedir seu destino, no entanto, já parecia ser tarde demais. Não havia nada que ela pudesse fazer; o restante das paredes caíam em cima dela.

Os cortes de um milhão de cacos de vidro eram uma constelação atravessando seu corpo enquanto o quarto se despedaçava. Antes que ela pudesse sair do caminho, um painel sólido maciço esmagou-a sem quebrar. Sua respiração foi rasgada do peito. O mundo estava escuro e silencioso. Seu rosto pressionado contra o vidro, tão perto que ela não conseguia respirar.

Ela ficaria no espelho para sempre?

Havia se juntado à garota no reflexo?

Ela tentou mover um pé, uma perna, *qualquer coisa*, e finalmente conseguiu sentir ao redor com os dedos. Apenas uma das mãos não havia sido esmagada pela parede.

Me dê uma chance, ela disse a seus ossos quebrados. *Uma chance, e pode ter certeza de que nunca nos tornaremos ela.*

Seus dedos procuraram cega e desesperadamente até uma lâmina cortar sua pele como manteiga. Ela sorriu sob os escombros. Era uma de suas espadas. Ela agarrou o cabo.

E quebrou o vidro que a havia sufocado.

Isla ofegou.

Estava de volta ao salão.

O espelho estava parado novamente. Seu reflexo agitado a encarou de volta. Desta vez, não se moveu sozinho.

Com um tranco, Isla afastou a mão, a palma fria como gelo.

Não houve aplausos. Nenhum som quando ela recuou, e a demonstração terminou. Cleo foi coroada a vencedora.

Isla permaneceu no salão até ficarem apenas ela, o espelho e Celeste.

— Quanto tempo? — Isla finalmente perguntou.

Tinha certeza de que seu tempo fora muito maior do que o dos outros. Que havia sido *por isso* que as pessoas tinham partido tão de repente. E *por isso* que ninguém havia prestado atenção nela, ou que Celeste não havia acenado ou coçado o nariz ou feito qualquer um de seus truques sutis para se comunicar em segredo com ela.

Celeste franziu a testa.

— Seis minutos — disse, simplesmente. — Por que você não olha a ampulheta?

Seis minutos. Não foi tão ruim assim.

Isla não se incomodou em responder à pergunta de Celeste, porque não queria admitir que estava com medo de olhar. Que se sentiu no limite.

Ela podia ter enfrentado seu medo no espelho... mas nunca tinha ficado tão assustada.

Agora tinha visto seu pior medo encarnado, vivo.

Ela faria qualquer coisa para evitar que aquilo se tornasse realidade.

E isso, talvez, fosse mais assustador ainda.

A governante Estelar estava andando em volta do espelho, observando o objeto com cuidado.

Isla viu de longe Celeste juntar os dedos e sorrir.

— Funcionou.

Isla se endireitou.

— Como você sabe?

Celeste estalou os dedos e faíscas iluminaram o salão. Marcas de mãos brilharam em prata no vidro do espelho. A impressão e a essência de cada governante tinham sido armazenadas pela relíquia.

A Estelar tirou um par de luvas do bolso. Eram tão finas que pareciam translúcidas. Isla quase vomitou. Ela havia conseguido. Tinha completado sua parte do plano.

Isla abriu a boca, pronta para perguntar se Celeste tinha realmente conseguido encontrar um par de luvas em um mercado clandestino em algum lugar em Lightlark. A alternativa...

Celeste lhe lançou um olhar que a fez hesitar.

Franzindo a testa, Celeste vestiu lentamente as novas luvas. O som delas

era como de papel e couro, enrugando enquanto deslizavam pela pele. Isla estremeceu. Depois de vestir as peças, a Estelar encostou com cuidado em cada marca de mão, deixando as marcas penetrarem nas luvas. Elas absorviam a energia que o espelho encantado Estelar havia tirado de todos os governantes, para ser usada mais tarde. Era uma quantia irrelevante. Não o suficiente para ser usada em batalha ou fazer qualquer exibição significativa.

Mas toda biblioteca em Lightlark tinha uma seção restrita, um lar para as relíquias mais valiosas de cada reino. Cada uma delas era protegida por encantamentos que só permitiam a entrada de um governante e sua essência.

Usando essas luvas, Isla teria acesso a elas.

Agora, tinha tudo o que precisava para começar a procurar pelo desvinculador.



CAPÍTULO TREZE

TORRE

Na noite seguinte, Celeste olhou para os materiais ao redor e franziu a testa.

— Isso é mesmo tudo?

— Sim.

Ou, pelo menos, era o que Isla *achava* que precisava para fazer o elixir.

Era o décimo quinto dia do Centenário. Estava ansiosa e queria procurar pelo desvinculador na próxima biblioteca o mais rápido possível. Não estava na Ilha da Estrela, mas talvez elas tivessem sorte e o encontrariam na coleção da Ilha do Céu. Se não, teriam que esperar até a lua cheia para uma visita à Ilha da Lua. E Isla ainda não tinha um plano para entrar despercebida na Ilha do Sol.

Ela tentou permanecer otimista. Poderia muito bem encontrar o desvinculador naquela noite. E então poderiam usá-lo, e ambas as suas linhagens ficariam livres de todas as maldições. Isla receberia os poderes que lhe foram negados, os Selvagens não teriam mais que matar as pessoas que amavam ou consumir corações. Celeste e todos os Estelares viveriam além do vigésimo quinto aniversário.

O desvinculador era a chave para a liberdade das duas. Agora estavam contando com algumas poucas instruções de tintura de cabelo para

conseguir obtê-lo.

Isla segurou o pedaço de pergaminho rasgado entre elas. Ela não podia ter pedido a ajuda de Poppy com aquele plano alternativo, então rasgou uma página de um dos livros da tutora, roubou alguns ingredientes e torceu para aquilo funcionar.

Ela leu a lista uma última vez.

— Água de rosas.

Certo. Ela havia roubado um frasco da penteadeira de Poppy.

— Extrato de folha de freixo.

Ela só tinha conseguido encontrar uma folha de freixo durante uma expedição de última hora na floresta e esperava que fosse suficiente.

— Solo de tulipa transmutável.

Certo. Tinha roubado um pouco da coleção de Poppy. A flor encantada só crescia na costa da nova terra Selvagem, onde sua tataravó havia plantado, direto do solo da ilha. Muitas das flores de Lightlark tinham sido transplantadas para lá depois dos acontecimentos causados pelas maldições, em uma tentativa de criar algum tipo de ecossistema como o da ilha.

E, desde que Isla nasceu, muitas delas já tinham morrido.

Ela virou uma parte da terra da bolsinha na panela de água que pediu para Ella, supostamente para o chá.

Por fim, precisava de um pouco da cor que queria que seu cabelo ficasse. Embora o cabelo de Azul fosse escuro, muitos Etéreos tinham cabelo da cor de seu reino. Talvez fosse moda, ou uma forma de homenagear sua fonte de poder, ou talvez fosse natural, como a cor prata do cabelo de Celeste. Ela não sabia.

Tudo o que sabia era que precisava passar despercebida, e aquela cor seria a mais discreta.

A receita pedia uma pétala de flor com o tom escolhido, mas não havia nenhuma assim no reino Selvagem. Como substituto, ela rasgara cuidadosamente a parte inferior da bainha de seu vestido roubado e jogara o tecido na poção.

Ela borbulhou um pouco e engrossou. Isla e Celeste assistiram enquanto o líquido se transformava em uma pasta.

A Estelar espiou o pote com cuidado.

— Era para ficar assim?

— Não sei — Isla murmurou.

Os nervos se agitaram em seu estômago. Ela não estava apenas entrando escondida na ilha de outro governante; estava *imitando* alguém de outro reino. Nenhuma das regras do Centenário proibia isso, mas ainda assim era perigoso.

Ninguém poderia reconhecê-la. Isso colocaria ela e seus planos em perigo imediatamente.

A tinta encantada tinha que funcionar.

— Esfriou — disse Celeste, mergulhando um dedo enluvado na mistura.

Elas levaram a tigela para o banheiro, e Isla se sentou na beirada da banheira enquanto a amiga cobria seus longos cabelos castanhos com a pasta azul-clara.

Celeste trabalhou em silêncio, com dedos cuidadosos, esfregando o couro cabeludo e, em seguida, espalhando a pasta até as pontas.

— Como ficou? — Isla finalmente perguntou depois que a maior parte de seu cabelo parecia estar coberta.

Celeste não disse nada.

Ela se virou para olhar a expressão da amiga.

E encontrou um sorriso se formando nos cantos de seus lábios.

— O quê?

Ela enfim soltou uma risada.

— É... é que você está diferente — ela disse. — Mas está bom. A cor ficou quase igual.

— *Quase?*

Celeste ignorou a preocupação na voz de Isla.

— Ninguém vai notar sob o luar — garantiu. — E ninguém vai estar na biblioteca tão tarde...

Isla gemeu. Tantas desculpas, tantas coisas fora de seu controle que precisavam dar certo…

A mistura era encantada, graças ao solo da tulipa transmutável. Sem ela, a cor não teria pegado tão rápido ou de forma eficaz nos fios escuros. Ainda assim, o azul duraria apenas algumas horas.

Sua amiga tirou as luvas manchadas e segurou a mão dela com força.

— Vai funcionar. Você faz isso o tempo todo.

Isla lhe lançou um olhar incrédulo.

— Eu entro escondida na ilha de outro reino o *tempo todo*?

— Não. Mas você se infiltra nas *terras novas* de outros reinos o tempo todo. Vestindo roupas roubadas. Imitando o povo de outro governante. Com sua varinha estelar.

Isso lá era verdade. Mas dessa vez era diferente.

Ela estava no Centenário.

— Você se move como uma sombra — Celeste continuou. — Cria estratégias como um general. Consegue passar despercebida em qualquer lugar, eu *já vi*.

Sua amiga estava certa. Isla havia passado anos ganhando, de forma involuntária, as habilidades de que agora precisava para encontrar o desvinculador.

Isla lavou e penteou o cabelo, torcendo para que secasse antes de chegar ao seu destino.

— Certo — disse Isla, olhando para o reflexo, sentindo-se estranha em uma cor que nunca havia tido permissão para usar. — Até agora, já fui uma ladra e uma mentirosa. — Ela suspirou. — Hora de me tornar uma impostora.

Isla levou quarenta e cinco minutos para chegar à ponte da Ilha do Céu. No passado, Lightlark era uma só. Então, milhares de anos atrás, foi separada em pedaços, para que cada reino pudesse ter a sua ilha. Todas estavam ligadas ao Continente por cordas e madeiras que não pareciam nada estáveis. O vento assobiava através dos grandes vãos entre cada placa de madeira. As cordas que as uniam estavam finas e gastas. A coisa toda balançava para a frente e para trás como um pêndulo. Isla olhou para baixo, vendo, a uns sessenta metros sob seus pés, a água se agitando como uma sopa pronta para fervê-la.

— Não — ela disse apenas, a palavra escapando de seus lábios para a noite vazia.

Ela já tinha lido sobre essas pontes encantadas. Embora

tradicionalmente fosse permitido a todos visitarem todas as ilhas, alguns reinos eram famosos por restringirem o acesso durante conflitos políticos. Se Azul ou o governo Etéreo com base em Lightlark decidissem que pessoas de fora do reino não tinham autorização para passar, a ponte desabaria, derrubando Isla centenas de metros abaixo.

Era improvável, mas não impossível. Se ela caísse, ninguém ouviria seus gritos. Pior, mesmo se alguém escutasse, não sobraria nada dela para salvar.

Seu reino inteiro morreria em um instante, só porque ela era tola o suficiente para cair de uma ponte.

Era um risco muito grande.

Isla deu um passo para trás.

Esbarrando direto em alguém.

Ela se acalmou, forçando-se a não gritar, então se virou, as mãos estendidas em um pedido de desculpas.

Um homem Etéreo alto e sardento estava ali, olhos semicerrados, um grande copo de bebida na mão.

— Atravessando? — ele perguntou alegremente, olhando para ela como se nada estivesse errado.

Ele não questionou o cabelo dela.

Não olhou para suas roupas ou rosto com suspeita.

De repente seu olhar se estreitou, e Isla congelou, se perguntando se ele estava prestes a gritar para toda a Lightlark que Isla Crown, governante dos Selvagens, estava tentando entrar na Ilha do Céu.

Aí ela se lembrou de que ele estava olhando de forma esquisita para ela não por estar tentando decifrar sua identidade, mas porque Isla estava encarando-o boquiaberta por vários segundos sem responder.

— Sim, claro — ela conseguiu dizer, forçando um sorriso.

Ele sorriu de volta. Seus olhos se voltaram para a ponte atrás dela, como se dissesse: *E aí, vai atravessar ou não?*

Agora ela não tinha escolha. Isla deu um passo, sentindo pelo menos um vislumbre de conforto já que, caso ela despencasse centenas de metros, alguém saberia seu destino imediatamente.

O pé encontrou uma placa firme.

Alívio tomou conta de suas pernas.

O restante do caminho foi instável e preenchido por pelo menos mais meia dúzia de sensações de embrulhar o estômago, mas ela chegou ao outro lado inteira.

E, quando chegou, foi pega de surpresa pelo mundo em que havia entrado.

A Ilha do Céu era uma cidade flutuante. Pedaços gigantes de rocha pairavam no ar, conectados por pontes como contas em uma pulseira. Cachoeiras derramavam água de cadeias de montanhas levitantes, suas bases triangulares e raízes muito abaixo delas, quase alcançando o chão. No maior pedaço flutuante ficava um palácio com pináculos que se erguiam tão alto nas nuvens que deviam arranhar o próprio céu.

A área abaixo da cidade flutuante era muito inferior. Isla sentiu-se como se caminhasse pelo fundo do mar, olhando maravilhada para a superfície. Poppy tinha ensinado a ela que os Etéreos já tinham sido capazes de voar… até que a maldição os prendeu para sempre ao chão.

A única pessoa que ainda conseguia voar era Oro. Por ser um Original, ele tinha todos os poderes dos reinos Lightlark, mas não suas maldições. Apenas as dos Solares o afetavam, uma vez que sua família havia reivindicado o reino como deles muito tempo antes.

A segunda cidade, construída abaixo da primeira, cobria cada centímetro de uma montanha. No seu cume erguia-se uma torre alta o suficiente para alcançar a base da rocha flutuante mais próxima. Isla perguntou-se se era assim que se entrava na cidade voadora, e quem tinha permissão de fazer isso. Na base da montanha ficava um mercado que cheirava a hortelã e cerveja.

Principalmente cerveja.

Alguém saiu tropeçando do bar mais adiante na rua, o rosto corado, por pouco não caindo em uma poça de vômito.

Os Etéreos eram conhecidos pela sua natureza expansiva. Isla queria em parte correr para o bar mais próximo e tomar sua primeira bebida, já que sabia que o álcool dava coragem às pessoas.

Mas não podia arriscar a distração ou um efeito adverso. Não naquela noite.

Celeste tinha descoberto a localização da biblioteca através do seu criado, um menino Etéreo de pele clara e voz tão suave que era até difícil ouvi-lo. Aparentemente, o prédio costumava ficar no alto, mas tinha sido realocado em uma torre no mais novo castelo da Ilha do Céu, aos pés da grande montanha.

Isla havia considerado qual seria a melhor forma de entrar despercebida no palácio, mas aparentemente os Etéreos não eram tão pretensiosos ou paranoicos quanto os outros reinos. As portas do castelo estavam abertas, acolhendo todo o povo, dos nobres aos ilhéus. Não havia guardas.

Tão tarde da noite, havia apenas alguns visitantes circulando pelos salões. Um casal, caminhando de mãos dadas, compartilhava uma bebida espumante. Um grupo de adolescentes jogava bola usando apenas os poderes para conduzir o vento. As pessoas do reino não eram diferentes de seu líder. Alegres. Felizes.

Era um pouco angustiante, mais de duas semanas do início do Centenário. Eles não estavam ansiosos? Sabiam de algo que ela não sabia? Será que Azul tinha um plano para o Centenário que compartilhou com seu povo?

Isla virou-se para o lado leste do palácio e observou com atenção. Estava surpreendentemente bem conservado, considerando que era a casa de um governante que só aparecia durante alguns meses a cada século. Tinha apenas uma fração do tamanho do castelo no Continente e era pintado de azul-claro, como um ovo de pássaro gigante. Seus tetos foram projetados para lembrar o céu enorme e infinito, e eram extraordinariamente altos. Vento assobiava pelos corredores e por várias janelas abertas.

Livre. Arejado. Leve.

Não foi difícil encontrar a torre. Era uma entre poucas, com portas de vidro destrancadas, que revelavam seu interior.

Livros. Andares em círculo repletos deles, dando voltas e voltas, em uma espiral que conduzia a uma claraboia arredondada. O lugar estava completamente vazio. Celeste estava certa, ninguém parecia interessado em ler a uma hora daquelas.

Agora Isla só precisava encontrar a seção restrita.

Ela analisou o espaço e franziu a testa. Não havia salas escondidas nos fundos. Tudo na biblioteca estava em plena exibição, em prateleiras embutidas nas paredes. Isla começou a subir a escada em espiral, forçando-se a não prestar muita atenção nos livros. Se ela lesse algum dos títulos, não tinha certeza de que seria capaz de resistir à tentação de parar e lê-los.

Você terá muito tempo para ler quando as maldições forem quebradas, ela disse a si mesma. Depois de usar o desvinculador, ficaria livre para saquear a biblioteca do reino dos Selvagens e devorar todos os livros que quisesse.

Ela só precisava encontrá-lo.

A torre era mais alta do que parecia lá de baixo. Levou vários minutos para chegar ao topo.

Quando chegou, franziu a testa. Nenhuma seção restrita.

Sem relíquias. Apenas livros. Milhares deles.

Isla agarrou o corrimão, olhando para o chão a trinta metros de distância lá embaixo. A biblioteca estava vazia. Oca. Ela quase não resistiu ao desejo de preenchê-la com gritos de frustração.

Mas ela não tinha pintado o cabelo, roubado roupas e entrado no território de outro reino de Lightlark para desistir tão fácil.

A biblioteca de todas as ilhas tinha uma área restrita.

Aqui, ela devia estar escondida.

Isla voltou-se para a parede e apalpou-a com cuidado, batendo devagarinho. Era sólida, livros cobrindo cada centímetro do interior da torre. Seu centro era apenas ar.

Sem espaço para segredo algum.

A não ser...

Ela olhou para a claraboia. Se ficasse na ponta dos pés, conseguiria alcançá-la.

Seu estômago revirou quando ela delicadamente tirou as luvas do bolso. Eram tão ásperas e finas que poderiam rasgar se não tomasse cuidado. Isla tentou não pensar do que elas eram feitas, de *quem* eram...

Não. Ela precisava manter a cabeça na missão ou ia acabar vomitando o jantar.

Torcendo para que Celeste estivesse certa e a essência de Azul estivesse

de fato guardada no tecido, ela vestiu as luvas, então encostou a palma da mão no vidro.

Uma abertura surgiu, junto com uma elegante escada de metal que se desdobrou diante de seus olhos.

O sorriso de Isla era pura satisfação, quase primitivo. Ela havia descoberto o segredo de um governante. Tinha feito isso sozinha. Uma jovem governante sem poderes.

Não há tempo para comemorar. A bronca de Terra estava em seu cérebro. Sempre que Isla sorria depois de dominar uma habilidade ou conseguir desarmar sua tutora, era castigada.

O tempo pode parar por apenas um instante, Isla disse uma vez.

Não para você. A partir do momento em que nasceu, o relógio começou a contagem regressiva, Terra respondeu. Qualquer tempo não usado para se preparar para o Centenário era tempo desperdiçado. Querer algo além de defender e proteger seu reino era egoísta. A vida de Isla nunca tinha sido dela.

Com o desvinculador, poderia ser.

Então Isla subiu o primeiro degrau da escada.

A claraboia era uma porta que levava a uma pequena sala de vidro inundada pelo luar. Havia um embrulho cheio de pergaminhos antigos. Um cetro adornado com uma pedra leitosa, de uma cor que mais parecia uma mistura das nuvens com o céu. Uma espada com a lâmina trançada, as duas camadas de metal entrelaçadas como dois amantes.

Mas não havia uma grande agulha de vidro.

Não havia um desvinculador.

A decepção fez com que Isla agisse de forma imprudente. Entrou no castelo do Continente sem tomar as devidas precauções, sem esperar nas sombras para garantir que ninguém estivesse por perto. Não escondeu seus passos, o que significava andar mais devagar. Não pegou o caminho mais longo, por corredores que estavam sempre vazios porque eram antigos, e portanto deixavam passar feixes de luar e correntes de ar frias por buracos nas pedras, e não tinham as enormes lareiras que aqueciam o restante do palácio.

Tudo o que ela queria era retornar ao seu quarto o mais rápido possível, lavar a tintura do cabelo, rasgar as roupas azul-claras e dormir o pouco de sono que a noite permitiria.

No momento em que ela fez a curva para o salão principal, era tarde demais.

Cleo já a vira.

Isla desapareceu em um instante. Continuou andando em linha reta, sem saber para onde ia, o coração trovejando, imaginando se a Lunar tinha conseguido dar uma boa olhada em seu rosto.

Estava escuro e Cleo estava do outro lado do corredor.

Não, não perto o suficiente para conseguir ver quem era.

Mas certamente o suficiente para deixá-la desconfiada.

Segundos depois, Isla ouviu o som inconfundível de passos atrás dela.

Seguindo-a.

Em apenas algumas passadas Lunar a alcançaria e confirmaria que a garota de cabelo azul-claro e roupa dos Etéreos era outra governante.

Uma impostora.

A descoberta geraria tantas perguntas e revelaria tantos de seus segredos que Isla começou a suar e ofegar.

Cleo não desistiria até encurralar Isla em um canto. Estava a poucos segundos de alcançá-la.

E Isla fez outra curva e usou os poucos segundos em que a governante Lunar não poderia vê-la para correr a toda a velocidade.

Isla correu, correu, correu, até virar outra esquina.

E colidiu com algo sólido.

Sua cabeça girou. Ela teria caído para trás se mãos fortes não a tivessem segurado pela cintura.

Grim.

Passos ressoaram, ecoando pelo último corredor. Mais uma curva e a governante Lunar a encontraria. Encontraria os *dois*.

O governante Umbra olhou para ela, confuso e franzindo o cenho. Seus olhos pousaram em seus cabelos coloridos e em suas roupas, e uma pergunta se formou na expressão dele.

Não havia tempo para explicar.

— *Por favor* — ela disse, agarrando seus braços, odiando a forma como sua voz falhou ao dizer aquelas palavras.

Grim pareceu entender o que ela queria, porque, antes que Cleo fizesse a curva, ele puxou Isla para si e ambos desapareceram.

A governante Lunar congelou ao virar o corredor e encontrá-lo vazio. Isla poderia ter se deleitado com a expressão chocada de Cleo se não estivesse com tanto medo.

Estava tremendo. Cleo estava a poucos metros de distância. Se a Lunar a descobrisse, os planos e a ajuda de Celeste teriam sido em vão. E tudo porque Isla tinha sido tola e imprudente. Só porque estava chateada por não ter encontrado o desvinculador de primeira.

Cleo deu um passo à frente, na direção deles. Silencioso como uma sombra, Grim levantou Isla como se ela não pesasse nada e a levou para o canto da sala. O áspero muro de pedra arranhou as costas dela. Grim estava protegendo-a. Ela podia sentir a respiração dele na sua testa.

Isla tentou não se concentrar no que *mais* podia sentir. As mãos fortes em sua cintura, o gelo que emanava dele ultrapassando o fino tecido de sua roupa furtada. O frio que percorreu sua coluna como a noite florescendo em seus ossos.

Era o medo, ela disse a si mesma, medo de ser descoberta. Nada mais.

A Lunar andou por todo o comprimento da sala antes de voltar pelo mesmo caminho de que tinha vindo.

Somente depois de seus passos estarem longe demais para serem ouvidos, Grim tornou-os visíveis.

E Isla ficou chocada com a proximidade entre eles.

Ela estava pressionada contra a parede, e ele se assomava sobre ela, a cabeça tão curvada que seu nariz quase roçou o dela.

Grim a encarou.

— Decidiu mudar de reino, Devoradora de Corações? — ele perguntou, estendendo a mão e segurando uma mecha do cabelo tingido. — Se é esse o caso, devia considerar Umbra. Nós não podemos competir com os Etéreos quando se trata de doces ou bebidas criativas, mas se libertinagem é o que você procura... — Seu olhar sombrio brilhou, se divertindo com a situação. — Somos mais famosos por explorarmos o prazer minuciosamente.

O que ele estava insinuando? Suas mãos ainda estavam na cintura dela, seus dedos longos percorrendo as costelas de Isla. Ela inspirou, trêmula.

Então o empurrou, de cara fechada.

— Não estou interessada.

Mas Grim apenas sorriu enquanto dava um passo para trás.

É claro. O demônio podia sentir suas emoções, o calor se acumulando em seu ventre enquanto ela pensava em seu toque surpreendentemente gentil, na forma como seus lábios se curvavam enquanto ele falava a palavra *prazer*...

Não. O que havia de errado com ela? Isla sempre julgou os Selvagens imprudentes quando começavam a ter sentimentos por alguém. Arriscava o relacionamento terminar em morte.

As ações de Isla colocavam todo o seu *reino* em risco.

Ela queria liberdade. Queria quebrar as maldições dela e de seu povo. Era isso.

Isso era tudo.

— Obrigada — completou simplesmente.

Então saiu correndo do salão o mais rápido que pôde.



CAPÍTULO CATORZE

AZUL

O convite de Isla chegou na manhã seguinte. Sua demonstração era a próxima.

Durante toda a noite, o Umbra tinha assombrado seus sonhos. O breve encontro dos dois a tinha afetado mais do que queria admitir.

Grim tinha tornado Isla invisível apenas porque ela pediu. Ele não tinha motivo para ajudá-la. Se não fosse por ele, Cleo teria descoberto sua artimanha, e todos os planos teriam sido arruinados em uma noite desastrosa.

Ela sabia que iria se arrepender disso. Se Celeste descobrisse, repensaria seriamente sua amizade.

Era tolice, um *perigo*, mas Isla partiu em busca de Grim.

Ela já conhecia os hábitos de todos os governantes por ter bisbilhotado com regularidade durante os últimos dezesseis dias. Azul estava sempre com seu povo e passava uma quantidade surpreendente de tempo caminhando ao longo do litoral. Cléo estava sempre cercada por nobres que parecia manter ao alcance da mão e visitava sua ilha muito mais do que os outros governantes. Oro saía do castelo quase todos as noites, mas Isla ainda não havia reunido coragem para segui-lo.

Os movimentos de Grim eram uma incógnita, já que ele ficava invisível

com frequência, viajando de um lugar para outro sem ser notado. Algumas vezes, porém, ela o pegou entrando em um bar no mercado no meio da tarde. Foi para lá que ela se dirigiu.

Ela estava quase na praça quando escutou seu nome.

Isla se virou e encontrou outro governante ali.

Azul.

Isla se assustou. Será que ele sabia que ela havia visitado sua ilha na noite anterior? Alguém tinha percebido sua presença?

Grim teria dito a ele? Eles não pareciam ser amigos, mas alianças eram fáceis de esconder durante o Centenário. Isla e Celeste eram a prova disso.

Se não estivesse distraída, o teria ouvido se aproximar. Não teria se assustado com a voz dele.

Isla abriu um sorriso bem ensaiado.

— Que surpresa agradável — disse, soando de tal forma genuína que se perguntou quando tinha se tornado uma mentirosa tão boa.

— Digo o mesmo — ele falou, copiando a expressão dela. — O que te traz a esta parte do Continente, governante?

Isla fez o possível para não deixar sua voz tremer tanto quanto suas mãos. Ela torceu os dedos atrás das costas.

— O castelo estava ficando um pouco entediante. Pensei em dar um passeio por aí.

O sorriso de Azul cresceu, mas não alcançou seus olhos. Eles permaneceram frios como as pedras preciosas que acumulava. Era possível que Isla não tivesse sido tão discreta na Ilha do Céu como pensava?

Ou talvez ele estivesse apenas sendo cauteloso. E por que não seria? Ela também desconfiava dele.

— Se é o Continente que você gostaria de ver... permita-me levá-la para uma de suas maiores maravilhas.

Ela não queria ir a lugar nenhum com um governante que podia ou não saber que ela havia se disfarçado como alguém de seu povo na noite anterior. Aquele encontro fortuito era coincidência demais.

Ele devia saber.

Mas recusar sua oferta o deixaria ainda mais desconfiado.

— Que generoso de sua parte.

Os dois partiram em direção à serra que contornava o Continente. A rocha era marrom e vermelha em alguns lugares, marmorizada em outros.

— Está gostando da ilha? — ele perguntou gentilmente, como se o Centenário fosse uma espécie de férias, e não a única chance que Isla tinha de sobreviver.

Claro, ele não poderia saber disso. Um governante Selvagem deveria ser quase imortal.

— Ela tem seus encantos... embora eu ainda tenha muito a explorar.

Ela havia aprendido que era melhor deixar os outros falarem quando ela mesma tinha muito a esconder. A maioria das pessoas gostava de falar sobre si mesma, de qualquer maneira.

— E como está sendo seu quinto Centenário?

Ele riu sem humor. Algo naquela risada era estranho, pensou Isla. Um amargor, talvez.

— Está sendo... interessante. — Ele contraiu os lábios. — O primeiro Centenário, tenho certeza de que você já ouviu falar, foi um pesadelo. Quase pior do que a guerra... Com o segundo vieram as regras e alguma ordem. Tínhamos planos. Estratégias. Mas nada de alianças. Ninguém confiava em ninguém, entende, depois do que aconteceu no primeiro. E era por um bom motivo.

Sua voz falhou, e Isla viu algo brilhar em seus olhos.

Seria dor?

— O terceiro foi melhor. Foi a primeira vez que nos dividimos em equipes. Acreditávamos que estávamos muito perto de quebrar as maldições, de descobrir todas as partes da profecia. Erramos, é claro. Na quarta, parecia que a maioria havia perdido a esperança. Cleo nem compareceu... Você sabia disso?

Isla assentiu, embora definitivamente não soubesse.

Qualquer governante que não comparecesse não era elegível para o grande prêmio e sua maldição não seria quebrada com a do restante, caso alguém encontrasse uma solução. Por que Cleo faria algo assim?

Mas, mais importante, por que ela voltou?

O medo dançou em seus ossos, e Isla teve a sensação de que havia algo que todos os outros sabiam e ela, não.

— Mesmo sem ela, nós realmente achamos que poderíamos conseguir. — Ele balançou a cabeça. — As maldições destruíram tanta coisa. Mas uma das piores consequências foi separar ainda mais nossos reinos. Antes estávamos muito próximos de uma unificação.

Isla sabia disso por causa das aulas de história de Poppy. Ela estava contente em conversar sobre qualquer coisa que não envolvesse ela entrando furtivamente na biblioteca da Ilha do Céu.

— Era por isso que o rei Egan estava se casando com outra governante, não era? Para tentar reunir os reinos?

Isla costumava se perguntar se o rei havia decidido, de forma atípica, casar-se com alguém de fora do seu reino por amor. Era assim que Poppy contava a história do rei Egan e Aurora. Um Solar e uma Estelar encontrando o amor, apesar de suas diferenças. Foi a única vez que sua tutora não falou sobre o amor como uma advertência.

— Precisamente. — Azul suspirou. — Agora, aqui estamos, no quinto. — Ele olhou para ela brevemente por cima do ombro, com pena nos olhos. — E não sei se terei coragem de comparecer a um sexto.

Isla engoliu em seco ao escutar aquele tom sombrio. Tinha sido um aviso?

Ele estava lhe dizendo que, apesar de sua disposição normalmente jovial, ele seria capaz de matá-la se isso significasse que este Centenário seria o último?

Isla estava desesperada para mudar de assunto.

— Você é próximo de seus nobres?

A Ilha do Céu estava surpreendentemente bem conservada. Os nobres pareciam estar fazendo um bom trabalho na ausência de seu governante.

Azul franziu a testa.

— Não há nobres Etéreos. — Ela deve ter parecido confusa, porque ele continuou: — Estabelecemos uma democracia desde que cheguei ao poder. Os Etéreos que são convidados para os eventos menores são oficiais eleitos, e todas as decisões importantes são tomadas com base nos votos do meu povo.

Isla piscou para ele.

— Então, se eles decidirem que não querem você como governante...

Ele deu de ombros.

— Eu renunciaria. Ainda que isso certamente fosse complicar as coisas, considerando o Centenário e a forma como os nossos poderes são transmitidos — disse. — Tenho sorte de eles ficarem felizes com meu reinado.

Ela nunca tinha ouvido falar de um reino sendo conduzido daquela maneira.

Enquanto pensava sobre as palavras de Azul, Isla o pegou olhando para ela.

Analisando-a.

O que estava procurando?

Eles pararam aos pés de uma montanha de aparência peculiar, mas não especial o suficiente para valer a caminhada. Azul havia lhe contado muitas coisas, coisas sobre as quais ela não esperava que outro governante falasse diretamente durante o Centenário.

Era porque ele sabia que Isla não estaria viva para usar o conhecimento que havia compartilhado?

Faltava pouco mais de um mês para o quinquagésimo dia. Isla ficou tensa, imaginando se o Etéreo estava contando as horas para que pudesse matá-la sem quebrar as regras. Talvez seu povo já tivesse lançado seus votos, querendo que ela morresse quando chegasse a hora de cumprir a profecia.

Azul apenas olhou para cima, Isla seguiu seu olhar com cautela e viu túneis cavados acima deles, indo até bem alto. Se apertasse os olhos, conseguia ver o azul brilhante do céu do outro lado, em meio à montanha. Ela contou sete, todos alinhados um ao lado do outro, perfeitamente esculpidos na pedra.

— Eu costumava vir aqui com meus amigos quando criança — disse ele, sorrindo. Dessa vez, o sorriso alcançou seus olhos. — Voávamos pelos túneis o mais rápido quanto conseguíamos, cronometrando nosso tempo. Fizemos disso uma brincadeira.

Fazia quinhentos anos desde que ele havia voado pela última vez. Parecia sentir tanta falta disso quanto Grim sentia da noite e Oro, do dia. Ele virou-se para ela.

— Hoje, os túneis têm um uso diferente.

Ele afastou as pernas e disparou uma rajada de vento para cima com o punho.

Isla recuou instintivamente, então percebeu que o ar estava atravessando um dos túneis. Logo depois, o movimento fez um lindo som.

— É um instrumento — ela disse em voz alta, dessa vez com animação verdadeira.

Em resposta, ele lançou ar por todos os túneis, um após o outro, rápido como o vento.

Uma melodia atravessou a tarde.

Isla cantarolou junto, radiante. A montanha era um instrumento... Ela não podia acreditar. Azul a deixou contente tocando música após música, sem deixar a força do ar diminuir. Pouco a pouco a cautela nos olhos dele desapareceu.

Ela se viu feliz por ter encontrado com Azul, mesmo que para um rápido momento de distração.

Quando Azul escoltou Isla de volta ao castelo do Continente, estava quase anoitecendo. Grim já teria deixado a praça; em vez de encontrá-lo no bar, teria que ir ao quarto dele.

Ela descobrira a localização de todos os quartos dos governantes já fazia muitos dias. Isla poderia ter perguntado a Ella, para poupar horas de investigação, mas se sentia mais segura espaçando seus pedidos, sem deixar ninguém saber muito sobre suas necessidades ou juntar as partes de seus planos. Era mais difícil seguir os governantes pelo castelo sem ser notada, portanto ela havia seguido os criados.

Foi assim que ela descobriu que os aposentos de Grim ficavam do outro lado do castelo, mais distante do que todos os outros governantes. Isla já havia se decidido a encontrá-lo, mesmo com todas as possíveis consequências, mesmo sabendo o que estava colocando em risco. Tinha ido até ali apesar disso.

Mas, de pé na frente da porta, com a mão a centímetros da pedra, ela hesitou.

Antes de perder a coragem, a porta se abriu.

Grim estava ali, olhando para ela com uma sobrancelha levantada.

— Desculpe por ter fugido — ela disse. Tinha sido mesmo muito rude, depois de toda a ajuda dele. — Vim agradecer, mais uma vez. E oferecer algo em agradecimento pelo... pelo que você fez.

Um sorriso começou a tomar conta do rosto dele com a menção de um agradecimento.

— Ah, é mesmo? — respondeu, a voz ficando ainda mais profunda, de alguma forma.

Isla olhou para ele como se dissesse *não esse tipo de agradecimento*. Grim era um descarado. Será que era assim com todas? Ela era apenas a mais recente vítima de seus flertes?

Aquilo tinha que ser parte do plano. O que só tornou o que ela estava prestes a fazer uma tolice maior ainda.

Seus olhos brilharam de forma dissimulada.

— A minha demonstração é a próxima — disse Isla, as palavras saindo de sua boca antes que ela pudesse mudar de ideia. — Amanhã. Exige preparação.

O rosto de Grim ficou surpreendentemente sério.

— Devoradora de Corações, você não precisa...

Não. Ela precisava. Grim agora sabia um de seus segredos, depois de encontrá-la com a cor dos Etéreos. Ele a *ajudou*, tornando-a invisível para Cleo. Isla estava em dívida com Grim e não gostava disso. Então ela lhe daria a informação para acabar logo com isso.

— É para demonstrar o valor do seu reino. Mostrar algo de importante criado por ele, para o futuro de Lightlark.

O Umbra não desviou o olhar. Não sorriu. Não agradeceu. Simplesmente assentiu.

E ela assentiu de volta.

Só mais tarde naquela noite, encarando o teto em vez de dormir, foi que ela se perguntou se havia cometido um grave erro.



CAPÍTULO QUINZE

ELIXIR

Isla lhes deu uma hora.

Em vez de um teste centrado no poder do governante — por razões óbvias —, Isla desejava testar a capacidade dos reinos. Seu povo podia não estar na ilha, mas essa era uma chance de mostrar a Lightlark tudo o que eles eram, além de sua maldição sanguinária.

Suas tutoras queriam que a demonstração fosse algo diferente, em uma oportunidade para promover sua própria estratégia.

Isla as convenceu de que demonstrar que seu povo podia *curar* tanto quanto podia *matar* poderia fazer os outros governantes perceberem o valor dos Selvagens, especialmente em comparação aos Umbra, que apenas destruíam.

O aviso que tinha dado a Grim sobre a demonstração anulava parte dessa estratégia. Complicava tudo.

Eles estavam de volta à arena. Queria o maior número possível de ilhéus presentes para ver o que trouxera de sua terra.

Isla já havia anunciado seu teste para um público desconfiado. Sua voz tinha soado surpreendentemente suave, sem nenhum sinal de ansiedade.

As regras também tinham sido estabelecidas. O público votaria em qual demonstração de habilidades de um reino seria mais útil para garantir o

futuro da ilha. Ninguém podia votar em seu próprio governante, embora Isla não tivesse a ilusão de que isso daria aos Selvagens uma chance de ganhar. Ela não venceria, mas também não precisava. O que a multidão precisava saber era que os Selvagens eram mais do que apenas sedutores perversos.

Os governantes ficaram no centro da arena. Ela se perguntou se uma hora seria tempo suficiente para se preparar, considerando aqueles que ainda não sabiam sobre a demonstração.

Suas expressões não revelavam nada, esperando que ela chamasse seus nomes.

— Azul.

O governante atravessou o centro da arena, seguido por uma fila de outros Etéreos que ajudavam na demonstração.

— Nosso reino vem trabalhando em uma forma de comunicação que usa o vento. Uma comunicação mais fácil significa mais eficiência, processos simplificados... convites mais rápidos para festas.

A multidão riu. Azul certamente sabia como se apresentar. Isla pensou em suas palavras sobre o governo dos Etéreos no dia anterior. Seu povo parecia adorá-lo. Era por isso que Azul deu essa escolha a eles? Ela, mais do que ninguém, entendia a importância da liberdade...

Ele pegou um pedaço de pergaminho de um bolso interno da capa e escreveu uma mensagem. Em seguida, dobrou-o cuidadosamente em um quadrado e usou seu poder para fazê-lo voar pela arena, direto para a mão de Isla.

Todos os olhos estavam nela. Isla abriu a página e leu as palavras que o governante havia rabiscado: *Claro, também temos nossa música...*

Isla não conseguiu segurar um sorriso.

— Isso pode ser replicado em grande escala — acrescentou Azul.

Ele fez um gesto para o resto dos Etéreos que se juntaram a ele. Eles carregavam pilhas de folhas de pergaminho. Sem aviso, jogaram tudo para o ar.

Diante de seus olhos, cada um dos papéis foi dobrado cuidadosamente, então eles voaram, um após o outro, em dúzias de trajetos que os Etéreos haviam criado no céu, correntes de vento para que as mensagens seguissem

trilhas no ar até seus destinatários. Uma verdadeira infraestrutura de comunicação em massa.

Foi uma grande exibição. Uma inovação que com certeza causaria impacto em Lightlark. A multidão parecia pensar assim também.

Isla se perguntou o que diziam as páginas que Azul havia distribuído. Talvez um convite para uma festa que os Etéreos fariam na praça depois da demonstração.

— Cleo.

Isla esperava que a falta de tempo para se preparar tivesse atrapalhado a governante. Ela imaginou a Lunar lutando para montar uma demonstração e quase sorriu.

Cleo irradiava apenas confiança ao seguir em direção ao centro da arena. Ela não tinha criados. Nenhuma ferramenta... nada para exibir.

Suas palavras foram simples:

— Temos navios — disse ela. — Nos últimos dois séculos, construímos muitos, *muitos* navios.

E só.

A Lunar voltou para seu lugar, e Isla sentiu uma pontada de raiva no peito. Ela se perguntou se a multidão ficaria em silêncio. Confusa. Se os outros governantes iriam rejeitar a falta de exibição.

Mas não. Os Lunares aplaudiram, como se confirmando que tinham passado décadas construindo a frota que Cleo descrevera como se não fosse nada importante.

Ela poderia estar mentindo. Mas Oro aparentemente acreditava nela.

Ele aparentemente não sabia nada sobre os navios.

Interessante. Celeste estava certa. Havia tensão se formando entre alguns dos reinos Lightlark.

Embora uma Marinha não fizesse sentido enquanto os Lunares ainda estavam assombrados pela lua cheia mortal, isso *seria* útil em um mundo pós-maldição. Os navios poderiam ser usados para trazer os milhares de Lunares, Estelares, Selvagens e Etéreos de volta a Lightlark, para unificar os reinos em apenas um lugar novamente. Eles poderiam explorar terras distantes além da ilha e das novas terras dos reinos.

Também poderiam ser usados para uma guerra.

— Celeste — disse Isla, refletindo se a forma como falava o nome da amiga era diferente de como dissera os nomes dos outros. Pensando se dizer o nome de uma pessoa milhares de vezes o fazia soar diferente.

A Estelar estava preparada, é claro. Uma dúzia de seus voluntários juntaram-se a ela.

— Meu reino vem desenvolvendo uma maneira de fabricar ferramentas e armas usando apenas nosso poder — disse ela, gesticulando para seu povo, pedindo para eles começarem.

A multidão assistiu maravilhada enquanto os Estelares demonstravam a maneira como reuniam suas energias, tornando-as tão concentradas que, diante dos olhos de todos, uma espada foi criada em apenas alguns instantes. Eles transformaram energia em metal, quase como Oro transformou a mesa em ouro.

Quase.

Isso exigia uma dúzia de Estelares e muito esforço. Para uma espada.

O rei provavelmente poderia transformar todos eles em ouro num fôlego só.

Celeste pegou a espada pronta nas mãos e a ergueu, para os aplausos intermináveis de todos os Estelares presentes.

Isla queria sorrir, queria dizer algo à amiga. Mas tudo que fez foi chamar o próximo nome.

— Oro.

O rei não encontrou o olhar de Isla enquanto tomava seu lugar. Ele sempre a olhava com desdém. Agora que provavelmente já sabia que Isla o deixara ganhar o duelo e tinha sido usado como adereço para a demonstração dela na prova de Azul, parecia que Isla tinha sido rebaixada, sendo tratada como algo indigno de atenção.

— Encontramos novas maneiras de espalhar luz e calor por toda a ilha.

Com um movimento rápido, Oro acendeu fogo à sua frente. Então mergulhou a mão inteira dentro das chamas antes de tirá-la com os dedos abertos. Faíscas se espalharam como respingos de tinta, voando ao redor. Houve gritos e alguns ilhéus se protegeram usando seus poderes.

Mas as chamas estavam presas em dezenas de esferas, que pousaram de forma inofensiva nas mãos e nos colos das pessoas.

— Não vão se apagar enquanto a chama original estiver acesa.

Com as infinitas lareiras dentro do castelo, as tochas por todo o Continente e aquela demonstração, o rei tinha uma clara obsessão em garantir que o fogo estivesse em toda parte. Era porque ele representava seu governo? Seu reino?

Oro permitiu à multidão mais alguns momentos inspecionando as esferas de fogo, jogando-as no ar, maravilhando-se com seu calor, a luz como uma centena de vaga-lumes iluminando a arena, antes de fechar a mão e abafar as chamas.

A luz das esferas ficou fraca e apagou, exatamente como ele disse que aconteceria.

Aplausos pareciam acompanhar tudo o que Oro fazia, e nessa demonstração não seria diferente.

— Grimshaw — foi o próximo nome que Isla falou.

O Umbra roçou-a ao passar. Uma onda de frio dançou por seu braço ao mais leve toque do governante.

Ela precisava se recompor.

A multidão ficou em silêncio, mas todos estavam evidentemente curiosos sobre o que o Umbra iria mostrar. Seu reino tinha sido um mistério desde que criaram sua própria fortaleza. Eles eram o inimigo durante a guerra. Mesmo com o tratado de paz, a desconfiança reinava. Muitos, Isla imaginou, ainda acreditavam que o povo de Grim era responsável pelas maldições.

E talvez fosse.

Grim parou no centro da arena. Ele olhou de volta para os rostos curiosos, virando-se para eles para que tivessem uma visão clara.

— Meu reino não tem nada produtivo para oferecer a vocês.

E foi embora.

Silêncio. Sussurros.

Isla sentiu seu rosto esquentar. De raiva? Surpresa?

Ela dera a ele tempo mais do que suficiente para se preparar para a demonstração. Contrariando seu bom senso, pelas costas da amiga… E ele tinha feito chacota disso.

Havia chegado de mãos vazias de propósito.

Por quê?

O Umbra teve a coragem de caminhar diretamente até ela em seu caminho de volta aos bastidores e dizer:

— Você é a próxima, Devoradora de Corações.

E sumiu nas sombras.

Demônio. Monstro.

Ela se endireitou. Não se deixaria aborrecer. Decerto era o que ele queria.

Isla não se preocupou em anunciar seu nome enquanto se preparava. Precisava de uma coisa.

Do rei.

— Poderia fazer fogo? — ela lhe pediu.

Por um momento, Oro apenas franziu a testa. Isla se perguntou se ele iria ignorá-la, ou se recusar, e ela teria que pedir ajuda a algum outro Solar. Como se fossem ajudá-la...

Então, com um movimento mínimo do punho, uma coluna de fogo apareceu no centro da arena.

— Obrigada — disse firmemente.

Ele não acenou com a cabeça nem sequer a olhou. Isla seguiu em direção às chamas.

Todos os olhos estavam nela. Isla já deveria estar acostumada com isso, mas o escrutínio era como mil facas viradas em sua direção.

Ela tirou um frasco do bolso, o vidro em forma de coração. Ele continha um líquido espesso e vermelho como sangue.

— Os Selvagens desenvolveram remédios avançados de cura — disse ela, segurando o recipiente para todos verem.

Agora, ela só precisava demonstrar sua potência.

Antes que perdesse a coragem, assim como tinha feito meia dúzia de vezes antes na preparação, Isla respirou fundo.

E enfiou o braço inteiro nas chamas.

Gritos. Gritos de horror. A multidão arfou, horrorizada, enquanto a pele de Isla carbonizava. Derretia.

Ela não vacilou. Mesmo que a dor ameaçasse engoli-la inteira. Seu braço tremeu no fogo. Sua outra mão estava fechada com tanta força que

as unhas arrancaram sangue da palma.

Só mais um pouco.

Lágrimas brotaram nos cantos dos olhos, e Isla levantou a cabeça, querendo que não caíssem. Ela deveria parecer triunfante para o público.

Indolor.

Mas não era a verdade.

Sem ser capaz de aguentar mais tempo sem cair de joelhos e se desesperar na frente de todos, ela tirou o braço.

A pele havia se soltado em espirais, deixando apenas um vermelho raivoso.

A aparência, o cheiro, era tudo repugnante. Seu estômago revirou; mais um pouco e Isla vomitaria.

Ela tirou a tampa do frasco com os dentes, os lábios tremendo incontrolavelmente. Então derramou até a última gota do líquido sobre as queimaduras.

Diante de seus olhos, e dos de toda a plateia, a pele acalmou. Consertou-se novamente. Cresceu de volta até que seu braço ficou exatamente como era alguns momentos antes.

Não havia nenhuma marca do fogo.

A dor não tinha desaparecido, nem de longe, mas Isla manteve qualquer sinal dela longe do rosto quando abaixou a cabeça, sinalizando o fim de sua demonstração.

Ninguém aplaudiu. Mas não era necessário. Isla podia ver o deslumbramento no rosto de cada um.

Lunares eram os únicos em Lightlark que deveriam ser capazes de curar, usando água. Se as informações que Celeste recebeu dos nobres e o que Isla ouvira de Ella fossem verdade, eles tinham começado a controlar o uso de suas habilidades pela ilha. Cobrando demais, curando cada vez menos.

Como se *quisessem* que o resto da ilha ficasse mais fraca.

Isla tinha acabado de provar que outra pessoa poderia fazer o que eles faziam. Talvez melhor ainda. O que, ela sabia, só faria Cleo odiá-la ainda mais.

No final, Azul venceu.

Alguns diriam que a decisão não foi justa, mas o jogo também não era.



CAPÍTULO DEZESSEIS

SOMBRAS

A pele de Isla ainda estava dolorida naquela noite. Ela se encolheu enquanto baixava lentamente a alça fina do vestido pelo braço, reclamando por não ter usado um vestido diferente.

Depois havia o zíper. Normalmente precisava das duas mãos para alcançá-lo, por conta de sua posição.

— Se você precisar de ajuda para se despir, permita-me oferecer meus serviços, Devoradora de Corações.

Ela pulou ao som da voz profunda, então se virou.

Grim estava sentado em uma cadeira coberta pelas sombras, quase totalmente escondido. Ele inclinou-se para a frente, com os cotovelos nos joelhos, os olhos trilhando seu ombro agora nu, a alça abaixada. A parte superior do vestido escorregava ligeiramente para baixo...

Ela endireitou o tecido com o braço machucado e então gemeu, a onda de dor estalando como relâmpagos atrás dos olhos.

O elixir Selvagem podia tê-la curado, mas não era avançado o suficiente para aliviar completamente a dor. Era acabar com a dor ou curar — uma coisa ou a outra. Claro, os governantes e ilhéus não precisavam saber disso.

Por isso que era tão importante Isla nunca vacilar, nunca deixar

ninguém perceber sua dor.

Foi por isso que Terra e Poppy a fizeram praticar, de novo e de novo, até ficar perfeito.

— Como chegou aqui? — ela exigiu, a voz mais aguda do que gostaria. Ele era tão grosseiro. Tão insinuante. Ela poderia afirmar que odiava aquilo.

Mas não odiava.

Ela *se* odiava por não considerar as palavras dele repulsivas.

Grim deu de ombros.

— Pelas paredes.

É claro.

Isla lembrou-se de sua demonstração. A raiva substituiu a dor.

— Ótimo. Suponho que possa *sair* por elas também, então — disse, apontando para uma parede.

Grim se levantou. Ela engoliu em seco. A altura dele era sempre surpreendente. O poder que emanava em ondas invisíveis.

— Vou admitir — disse ele, um sorriso perverso puxando o canto da boca, dando um passo na direção de Isla. — Não foi assim que imaginei que você gostaria de passar nosso tempo juntos em seus aposentos.

Ela fez uma careta e o encarou. Nenhum dos dois queria discutir. Ambos confrontados pelas emoções em ebulição que, ela sabia, ele também sentia.

Grim estava tentando distraí-la.

— Você fez chacota da minha demonstração, demônio — ela retrucou, para não esquecer o motivo de sua raiva. — Eu te falei sobre o teste. Te dei tempo para se preparar.

A dor inexplicável deve ter aparecido em sua expressão, porque os olhos de Grim ficaram mais suaves.

— Devoradora de Corações — disse ele, a voz surpreendentemente gentil. — Pensei que você já tinha entendido, mas vou deixar claro. Não tenho interesse em ganhar o Centenário. Ou em formar alianças. Ou em entrar nesse jogo.

Houve silêncio enquanto as palavras dele invadiam sua mente.

Grim poderia estar mentindo.

Mas Isla sempre se importou mais com ações do que com palavras. Elas refletiam motivações com muito mais precisão. E as palavras de Grim combinavam com seus atos. Ele não havia tentado se aliar a outros governantes. Não tinha levado nenhuma das demonstrações a sério.

Ela sentiu seu rosto se contorcer em confusão.

— Então por que está aqui? — questionou, finalmente expressando a única dúvida que tinha sobre ele. Aquela que martelava repetidamente em sua cabeça toda vez que ele se aproximava. Toda vez que ela desejava uma aproximação. O Umbra não respondeu, então Isla deu um passo na sua direção, preenchendo o espaço entre os dois. Todo mundo queria alguma coisa. Todos tinham interesses. Ela estava tentando e falhando em descobrir os dele desde o início do Centenário. Seu olhar fixou-se no de Grim, exigindo uma resposta. — O que você quer?

Ele a encarou, e ela poderia jurar que uma expressão triste surgiu. Mas, um momento depois, o sorriso perverso estava de volta.

— Acho que deixei claro o que quero — disse ele, passando um dedo pelo braço que havia sido queimado.

Isla se preparou para a dor, mas ela nunca veio. Era como se, de alguma forma, ele a estivesse mascarando. A pele de Grim estava fria ao toque. Suave. Gelo contra o ardor.

Ainda assim, ela se afastou.

— Você não veio ao Centenário por minha causa — ela disse, recusando-se a permitir que Grim se safasse com a falta de resposta.

— Não — ele disse, apenas. — Não vim.

— Então por quê?

Ele franziu a testa.

— Você sabe como Lightlark foi criada, Devoradora de Corações?

As mãos de Isla se fecharam em punhos. Ela só podia imaginar que ele estava evitando sua pergunta, mas preferia que Grim continuasse falando em vez de simplesmente desaparecer, então deixou. Talvez conseguisse informações úteis mesmo assim.

— Foi criada pelo ancestral de Oro, o primeiro Original, Horus Rey.

— Isso é mentira. A ilha foi criada por *duas* pessoas. Não apenas Horus, mas também Cronan Malvere.

Isla franziu a testa.

— Meu ancestral — completou ele.

Isla só tinha aprendido que Horus Rey formara Lightlark sozinho, milhares de anos antes. Os Umbras nem eram bem-vindos na ilha, nem mesmo tinham uma *ilha* para si.

— Lightlark ficou mais poderosa do que qualquer um dos fundadores poderia ter antecipado. Isso tornou os dois homens gananciosos. Virou amigo contra amigo. Terminou em um duelo, e quando Cronan perdeu, toda Umbra fugiu para formar sua própria terra, uma não tão forte quanto Lightlark.

Seus olhos escuros encontraram os de Isla. E, mesmo que quisesse, ela não conseguia desviar o olhar.

— O poder de Umbra construiu este lugar tanto quanto o dos Solares. Meu pai acreditava que era hora de recuperarmos o controle de uma terra que também era nossa.

Tinha sido essa a razão para a guerra entre Umbra e Lightlark.

Não era surpresa, então, que Grim não tivesse sido convidado para nenhum dos Centenários anteriores. Isla se perguntou como Oro poderia hospedar a pessoa que havia invadido sua casa e matado seus parentes. O rei devia estar realmente desesperado para acabar com as maldições.

Por quê? O que ele estava escondendo?

— E o que você acha? — Isla perguntou, a voz pouco mais que um sussurro e ainda assim parecendo muito alta.

Grim trincou os dentes.

— Eu disse ao meu pai para assinar o tratado. Tínhamos perdido muita gente. Estávamos prestes a perder tudo se não concordássemos com a paz. Como parte do acordo, fui enviado para viver em Lightlark. Um lembrete de que, se os Umbras saíssem da linha, poderiam matar o único herdeiro do reino. Passei vinte anos aqui, até...

Até. Ele não completou, mas Isla conhecia bem a próxima parte.

Até que as maldições foram lançadas, e todos os governantes do reino morreram em sacrifício durante uma noite terrível. Até que o poder foi transferido para os herdeiros pela última vez. Até que os novos governantes e a maioria de seus súditos fugiram da ilha e da tempestade

que se aproximava, prestes a engoli-la.

Isla temia sua próxima pergunta. Mas tinha que ser feita.

— Grim, você lançou as maldições?

Ele olhou para ela, realmente olhou para ela.

— Se eu tivesse feito isso, você falaria comigo novamente?

Ela recuou, tensa. Suas narinas se dilataram. A resposta dela foi imediata:

— Não. As maldições mataram incontáveis pessoas do meu povo. Nos transformaram em monstros. — Sua voz engrossou. — É por causa delas que meus pais estão mortos.

Algo parecido com tristeza surgiu nos olhos de Grim.

— As maldições mataram minha família também. — Ele baixou a cabeça, mas não parou de olhar para ela. — Não, Isla, eu não lancei essas maldições.

Ela sabia que era tolice acreditar em qualquer um dos outros governantes. Mas a dor de Grim era real, como a dela.

— Então por que está aqui? — ela exigiu saber. — Para se vingar? Para tentar invadir Lightlark novamente? — Outro pensamento se formou em sua mente, e ela empalideceu. — Para garantir que as maldições *não* sejam quebradas?

Grim ergueu uma sobrancelha.

— Por que *você* está aqui, Devoradora de Corações? O que está procurando?

Seu corpo ficou imóvel. Mentiras encheram sua boca, prontas para serem ditas, mas Grim sorriu. Ele tinha sentido seu nervosismo. Sua hesitação. Ele saberia que ela não dizia a verdade.

Isla não desviou o olhar, mas permaneceu calada.

Umbra apenas balançou a cabeça.

— Sabe — disse ele, percorrendo o caminho em direção à parede pela qual tinha chegado —, você faz perguntas demais, Devoradora de Corações. — Ele a analisou da cabeça aos pés antes de franzir a testa para o braço machucado de Isla, como se pudesse sentir a dor que ainda causava. — Para alguém com tantos segredos.



CAPÍTULO DEZESSETE

CONGELADOS

Isla passou o dia seguinte com o braço envolto em gelo. Ella tinha buscado um balde na cozinha e o enchia com frequência, sem fazer perguntas. As queimaduras ainda doíam, mas não tanto. Ela alternava a aplicação do gelo com seus elixires Selvagens. Quanto mais rápido a pele cicatrizasse completamente, menos ela sentiria como se uma camada de si mesma tivesse sido arrancada.

Mais tarde, as dores persistentes — e talvez os pensamentos igualmente irritantes sobre o Umbra — a deixaram inquieta. Em vez de tentar encontrar o sono que não viria, ela vagou pelos corredores, em sua típica bisbilhotice.

Foi aí que ela notou a comoção em torno da ala do castelo que abrigava a arena. Eles estavam se preparando para uma demonstração. Dezenas de ilhéus ao redor, gritando ordens. Isla tentou chegar o mais perto possível para obter uma dica do que seria a prova. Mas tinha gente demais. E em pouco tempo seu braço voltou a queimar de dor, pedindo por gelo.

Seus esforços não foram infrutíferos, no entanto. A grande maioria daqueles vagando pelos corredores usava branco. Lunares.

Ela não deveria ter ficado surpresa quando Ella bateu à porta do quarto vinte e quatro horas depois, na calada da noite.

Sua pele ainda queimava, mas não como antes. Isla tinha se esforçado ao máximo para acelerar o processo de cicatrização depois de ver os sinais de um teste sendo organizado, dobrando a aplicação das pomadas e tomando outros elixires via oral. Ainda assim, pensou que teria mais tempo. Apenas alguém tão cruel quanto Cleo planejaria sua demonstração para a meia-noite.

— Um teste de desejo — declarou a governante Lunar, as mãos pressionadas em oração.

Ela estava no centro da arena, que havia sido transformada em um labirinto de vias navegáveis. Cada um dos governantes estava em um dos pontos do perímetro. Quando mergulhassem nas pistas, não poderiam mais ver uns aos outros, graças às paredes de gelo que compunham os limites do labirinto.

Não houve aviso. Nem tempo para trocar de roupa. Foi assim que Isla acabou no globo de neve congelante em que o estádio havia se transformado vestindo nada além de uma regata e shorts minúsculos. Com certeza ia acabar congelando na água. Os demais governantes não estavam em suas capas típicas e vestidos elaborados, mas também não estavam em roupas de dormir. De alguma forma, tinham conseguido vestir roupas que funcionariam bem na água. Algo em seus poderes permitia que fizessem isso? Ou haviam insistido no tempo para se trocarem, enquanto Isla seguia Ella às cegas pelo castelo?

— Um verdadeiro governante deve negar os desejos egoístas de seu coração, pelo bem de seu reino. Você será guiado pelo labirinto pelo seu próprio coração. Isso te levará ao que mais deseja. O vencedor, porém, será decidido *não* por seu desejo, mas por quem for capaz de alcançá-lo primeiro. Pois, pior do que desejar algo acima do bem de seu reino, é não ter certeza do que se quer.

O rei estava a poucos metros de distância de Isla, olhando para a água como se ela o tivesse ofendido. *Ele* não estava vestindo pijamas delicados. Usava calças douradas e uma camisa, com mangas que havia cuidadosamente dobrado até os pulsos.

Uma parte da pele da sua mão estava levemente inchada, uma urticária se formando.

— Raiz de gisel, é bem desagradável — ela disse baixinho, quase para si mesma.

Ele ficou tenso. Olhou para ela como se notasse pela primeira vez que Isla estava ao lado dele.

— Você sabe o que é isso?

Ela deu de ombros.

— É claro. Folha com cinco pontas? Manchas verdes? Botões amarelos?

Oro assentiu lentamente.

— Raiz de gisel. Venenoso. Causa urticária e pesadelos.

Ele piscou para ela, confuso.

— Tudo bem, os pesadelos podem ter sido apenas uma tática das minhas tutoras para me manter longe. — Raiz de gisel crescia na floresta do lado de fora das vidraças soltas de sua janela. Depois que Poppy e Terra as selaram, avisaram Isla sobre a planta, caso ela encontrasse outro jeito de sair do quarto. — É melhor tratar isso com um elixir de leite, extrato de tomate, mel, casca de salgueiro, cinzas em pasta e amoras esmagadas.

Os lábios de Oro se apertaram antes que ele dissesse:

— Obrigado.

Como se fosse muito difícil.

Ela estreitou os olhos.

— Raiz de gisel só cresce nas profundezas da floresta, onde as árvores ficam bem perto umas das outras. Pelos reinos, o que você estava fazendo em um lugar como esse?

Seu tom dizia: *Você não sabe como isso é perigoso?*

Oro a encarou com um olhar estranho. Isla retribuiu.

Sem aviso, um sino soou.

E Isla foi forçada a pular em sua raia.

A água era como mil agulhas perfurando sua pele. A princípio, o frio foi quase bem-vindo em seu braço machucado. Mas rapidamente se aguçou, tornando-se demais, fazendo doer. Ela ficou imediatamente ofegante, o peito um bloco de gelo, as pontas dos dedos das mãos e dos pés já dormentes.

Centenas de ilhéus a cumprimentaram acima, gritando, saboreando sua fraqueza, zombando dela, torcendo por seus governantes.

Continue, uma voz em sua cabeça disse, embora seu corpo gritasse para que saísse da água. Ela com certeza estava em desvantagem, vindo de um lugar como o reino Selvagem, que nunca viu um inverno.

Mas tinha sido testada nos elementos antes.

Terra sabia que alguns dos testes poderiam envolver condições climáticas adversas. Quando Isla tinha dezessete anos, foi deixada com os olhos vendados no meio da floresta, durante um furacão.

No momento em que ela rasgou o tecido dos olhos, suas tutoras estavam muito longe. As árvores eram dobradas em formas grotescas pelo vento, sujeira e folhas grudavam em sua pele, e insetos já tinham começado a picar seus tornozelos.

As florestas eram mortais para aqueles que não podiam controlá-las. Por isso a escolha do rei de se aventurar nelas era tão surpreendente.

Isla levou três dias para chegar em casa. Naquela época, bebeu água suja e sentou-se tremendo sob um dossel feito às pressas com folhas de palmeira, a febre como um sino em sua cabeça, tocando sem parar. Sabendo que ia morrer se ficasse, se obrigou a andar, lembrando-se de suas aulas de sobrevivência. Caçava comida com arcos e flechas feitos à mão, usando a adaga que sempre mantinha amarrada à coxa.

Em meio à neblina, cortou os dedos, e o sangue manchou suas armas, atraindo ainda mais insetos, que se deleitavam em sua carne como se ela já estivesse morta.

Quando desmaiou do lado de fora do castelo dos Selvagens, Isla estava tão doente que os melhores curandeiros levaram semanas para deixá-la saudável novamente.

Eu poderia ter morrido foram as primeiras palavras que saíram de sua boca quando conseguiu voltar a falar.

Terra apenas sorriu. *A única maneira de não temer a morte é conhecendo-a.*

Isla sabia como era morrer. E não era isso. Então continuou, avançando apesar das agulhas que a atravessavam até os ossos, o corpo inteiro tomado pelo frio.

À frente, havia uma bifurcação no labirinto. Isla se perguntou qual caminho tomar quando sentiu um leve puxão em uma direção.

Depois, um puxão em outra.

Ela parou, inclinando a cabeça para respirar fundo.

Uma direção era como voltar para casa. Poppy e Terra. Seu povo.

A outra parecia mais.

Ela não conseguia entender o que isso significava, mas os sentimentos eram poderosos. Intoxicantes. Espantosos.

As palavras de Cleo ressoaram em sua mente. Seu coração deveria guiá-la. Por que estava tão indeciso?

O tempo congelou enquanto ela nadava.

Passaram-se alguns segundos?

Ou minutos?

Ou mais?

Pare com isso, uma voz ressoou em sua mente.

Ela queria liberdade, isso era certo.

Mas isso era realmente tudo o que queria?

Um apito soou em algum lugar, tirando-a de seus pensamentos. O primeiro governante havia chegado ao fim do labirinto.

Isla estava muito atrás. Era hora de fazer uma escolha.

De seguir seu coração.

Ela escolheu uma direção e nadou, revigorada, o peito cheio de gelo, nuvens brancas saindo da boca cada vez que ela engolia ar.

Seu cabelo havia se repartido em mechas grossas e congeladas; as roupas não ajudavam a mantê-la aquecida. A pele estava muito dura, os músculos lutando para flexionar na temperatura implacável da água.

Só mais um pouco, ela implorou ao corpo, sabendo que já tinha passado por coisas piores. Havia treinado para isso.

Seus pulmões começaram a se fechar primeiro, engasgando com a água que de alguma forma havia entrado em sua boca.

Outra curva.

O labirinto parecia estar se fechando ao redor dela; cada vez que ela subia para respirar, a multidão ficava mais indistinta. Seus aplausos, mais distantes.

Ela ainda estava se movendo? Não conseguia mais sentir os braços.

Tudo ficou mais frio. Seus pulmões vacilaram.

Os olhos lutavam para se abrirem de novo, e tudo o que ela via era luz, cada vez mais distante.

Ela estava afundando.

Se uma demonstração a matasse, ela se perguntava se parte da profecia seria cumprida. Talvez a governante Lunar tivesse escolhido esta prova sabendo que talvez um dos governantes mais fracos morresse sem que ela tivesse que quebrar regra alguma. Se fosse o caso, pelo menos Celeste viveria.

Mas seu povo não.

Terra e Poppy não.

Isso não era a morte. Essa morte era muito tranquila. Muito parecida com pegar no sono.

Ela queria tudo o que a vida tinha para oferecer. A longa vida de um governante com poderes, explorando toda a ilha de Lightlark, uma vida inteira de amizade com Celeste, talvez até... amor. Algo pelo qual ela havia julgado os outros. Incluindo a própria mãe. Algo que ela sempre tinha visto como imprudente. Ela *queria*, queria tanto as coisas egoístas, além de apenas salvar seu reino e quebrar as maldições...

Lentamente, seus dedos abriram dos punhos. Um gemido escapou do fundo da garganta, e Isla lutou contra a vontade de manter os olhos fechados, forçando seus membros a voltar à vida.

Ela cortou a água congelante como se fosse a única coisa que a impedia de alcançar tudo que guardava no coração.

Sua visão ia e vinha, mas ela sentiu o fim do labirinto. Agarrou a placa de gelo brilhante e se arrastou para fora da água com toda a força que ainda lhe restava.

Isla não viu o que estava escrito na placa, não ouviu a multidão. Tudo o que sentiu foi algo quente cobrindo seu corpo. Ella. A Estelar colocou uma toalha em suas costas.

Estava tremendo, sua visão indo e vindo.

— Por favor, leve-me ao meu quarto — ela conseguiu pedir.

Isla devia a Ella muito mais do que creme para dor, pensou enquanto sua criada a conduzia rapidamente para fora da arena, usando os aplausos da multidão e a coroação de Cleo como vencedora como cobertura. A

Lunar obviamente tinha escolhido aquele teste para mostrar sua superioridade.

Ela estaria mais preocupada com o fato de que Cleo agora estava empatada com o rei — talvez próxima de escolher as duplas —, se não se sentisse tão fraca.

A criada era pequena, mas tinha mais força do que aparentava, segurando Isla enquanto elas seguiam lentamente pelo castelo vazio. A água fazia poças sem fim por onde elas passavam. O resto estava congelado. Seus pulmões doíam, dois baldes de gelo no peito.

— Vou preparar um banho — disse Ella quando finalmente chegaram ao quarto. — E buscar chá.

Ela saiu correndo do quarto.

Isla perdeu a consciência algumas vezes. Seu corpo tinha ficado dormente.

Sua cabeça estava cansada da prova.

Ela precisava encontrar o desvinculador.

Por muito tempo, seus desejos haviam sido negados. Reprimidos. Os avisos das tutoras estavam sempre em sua mente, dizendo que sua vida não pertencia só a ela, ensinando que querer qualquer coisa além de salvar seu reino era egoísmo.

Agora, Isla não podia mais mentir para si mesma.

Ela queria muitas, muitas coisas.

E estava disposta a fazer coisas terríveis para consegui-las.

Não só para si. Seus desejos a fizeram entender seu povo mais que nunca. Eles mereciam ter o que queriam. Assim como o povo de Celeste, incluindo Ella.

Eu prometo, talvez tenha dito em voz alta, ou talvez as palavras nunca tenham alcançado os lábios. Ella a ajudou a tomar banho, e a água quente escaldou sua pele congelada, fazendo-a gritar, atordoada demais para esconder a dor. *Eu vou encontrar o desvinculador. Vou quebrar as maldições.*

Mesmo que isso signifique me quebrar.



CAPÍTULO DEZOITO

CASTELO

Isla acordou sentindo-se à beira da morte. Havia um frio implacável no centro de seu peito. O dia todo, ficou na cama, bebendo caldos. Ella cuidou que o fogo não se apagasse. Continuava trazendo chá. Preparando banhos quentes. À noite, Isla se sentia apenas ligeiramente melhor.

Celeste arriscou uma visita, trazendo uma receita especial de sopa típica que ela conseguiu na Ilha da Estrela.

— Eu vou no seu lugar — disse Celeste assim que a viu.

E Isla soube que também devia estar parecendo à beira da morte. Um gemido escapou quando fez força para sair da cama. Balançou a cabeça.

Era o vigésimo dia do Centenário. Hoje era a lua cheia. Sua única chance de entrar escondida na Ilha da Lua.

— Sem ofensas, Cel — ela disse —, mas você não sabe se mover como eu.

A amiga suspirou.

— É verdade. Mas...

Isla balançou a cabeça novamente, interrompendo a Estelar.

— Se você for pega, acabou. Não podemos arriscar.

Celeste franziu a testa.

— Podemos arriscar *você*? — ela perguntou incisivamente.

Isla fez um gesto despreocupado, dispensando as dúvidas da amiga. Alongou o corpo enquanto preparava a tintura de cabelo novamente.

— Estou bem — mentiu. Celeste sabia que era mentira.

Mas ela também sabia tão bem quanto Isla que não tinham outra escolha.

Tudo o que ela queria estava em sua mente enquanto ela tentava ignorar a dor no braço, o frio a cada respiração, a necessidade de descanso.

Nada disso tinha importância comparado à necessidade de encontrar o desvinculador.

Juniper podia ser o dono de bar mais ou menos confiável da ilha, Isla ainda não tinha certeza. Mas sua informação estava correta.

Não havia guardas na ponte naquela noite.

A maldição Lunar significava que, a cada lua cheia, o mar procurava sangue Lunar. Navios eram quebrados ao meio por ondas de trinta metros; garotas eram jogadas de penhascos por marés monstruosas. O mar os engolia, depois se aquietava.

Naquela noite, estava voraz.

A ilha inteira estava vazia. Tão quieta que Isla podia ouvir o mar batendo contra o penhasco do castelo, repetidamente, batidas em uma porta, a morte exigindo o que lhe era devido.

A Ilha da Lua era como um ornamento envolto em gelo, água e vidro. A partir do primeiro passo para fora da ponte, Isla sentiu a geada, esfriando seu peito como arrependimento. Dura como a governante que a comandava.

E tão bonita quanto.

Fontes e fiordes serpenteavam pela Ilha da Lua, dando aos Lunares acesso constante ao seu poder. O palácio de gelo ficava no alto, observando-a tão de perto quanto a lua. Os caminhos eram esculpidos em madrepérola, forrados por estátuas de mármore que representavam criaturas marinhas com tentáculos sinuosos, mulheres com cauda de peixe e navios flutuando sobre o nada. Sem guardas em lugar nenhum.

Infelizmente, ela estava indo exatamente para onde todos estavam se

escondendo.

Celeste descobriu que a biblioteca Lunar ficava nos fundos do castelo. Era para lá que Isla estava indo.

Seu cabelo tinha sido pintado de branco com o elixir Selvagem, e ela estava usando o vestido certo, mas algo lhe dizia que ser um Lunar era muito mais do que isso. Se algum dos guardas desse uma boa olhada nela, imediatamente saberia que ela era uma impostora. Estar do lado de fora durante a lua cheia era o maior indício desse fato. Nenhum Lunar sobreviveria fora do palácio naquela noite, então Isla precisava andar como um fantasma, entrar sem ser notada. Ela se manteve nas sombras, para o caso de alguém estar assistindo de cima.

O castelo ficava no alto de uma colina de rocha branca. Uma trilha fina e exposta ia dos jardins até a entrada do castelo. Fácil de monitorar. Impossível usá-la sem ser detectada.

Ela circulou o perímetro da montanha, esperando encontrar outra entrada. A rocha era impenetrável, exceto por uma janela, quinze metros acima, no nível mais baixo do palácio.

Não havia barras na vidraça.

Aquela seria sua entrada.

Isla se preparou. Suas palmas estavam úmidas devido ao nervosismo, então ela as esfregou na rocha calcária, cobrindo as mãos com o pó.

O penhasco era quase plano, mas havia espaços. Ela havia sido treinada para enxergar o menor dos buracos, os recantos quase invisíveis.

Suas mãos encontraram as primeiras posições, com apenas alguns centímetros de apoio.

Então, com um grunhido, ela começou a subir.

Os primeiros momentos de escalada nunca eram muito ruins. O chão não ficava tão longe. Se fizesse um movimento errado, ela poderia simplesmente começar de novo.

As coisas ficavam mais perigosas a dez metros de altura.

Ela se moveu com rapidez, para não perder o ímpeto e não abrir brecha para o medo, como engolir remédio rápido o bastante para que não fosse possível sentir o gosto.

Uma das lições de Terra. Sua tutora a fez vigiar os macacos que

atravessavam a floresta sem esforço, subindo em árvores com facilidade.

Eles não planejavam todos os movimentos. Só balançavam, sabendo que sempre encontrariam algo para seus braços ou cauda se agarrarem.

Suba até que seus músculos aprendam os movimentos; deixe sua mente fora disso, Terra ordenou. E Isla subiu na árvore, no penhasco, na parede, de novo. De novo e de novo.

Suas mãos estavam acostumadas a isso. Elas se moviam por conta própria, procurando sulcos na pedra. Encontrando. Subindo. Para cima. Para cima.

Outro movimento. A mão prendeu-se a uma pequena saliência. Os outros dedos tatearam ao redor.

Mas, daquela vez, a rocha era lisa.

Não havia nada em que se segurar.

Mais alto. Ela precisaria olhar mais alto. Com o braço tremendo pelo esforço, ela se esticou para encontrar outro ponto de apoio. Ela quase não conseguiu engolir um grito enquanto a pele ainda sensível gritava de dor devido ao movimento.

Nada.

Esse era o problema de escalar uma rocha desconhecida. Lá não havia garantias. Ainda assim, sempre havia *algo*. Alguma maneira de subir.

Seus dedos estavam começando a suar. O aperto no ponto de rocha ficava mais fraco. Ela se sentia ao mesmo tempo gelada e quente demais. Estava com febre? Estava doente?

Não. Só fraca. A pele do braço ainda estava em carne viva. O frio no peito se intensificou.

Ela precisava encontrar logo um lugar onde apoiar a outra mão.

Mais alto.

Apesar de seus esforços para ficar em silêncio, Isla resmungou com a tensão enquanto forçava o braço a puxá-la *ainda mais*.

Só então ela encontrou um pequeno buraco na rocha. Não perdeu tempo antes de enfiar os dedos dolorosamente no espaço, redistribuindo seu peso.

Essa foi por pouco.

A janela estava poucos metros acima. Seria o suficiente para ela passar,

e tinha até mesmo uma saliência para apoio.

Isla se moveu novamente. E, assim que sua mão estava prestes a segurar em outro lugar, a saliência em que apoiava todo o seu peso cedeu.

Ela caiu.

Àquela altura, ela talvez quebrasse as pernas. Ou, dependendo de como caísse, as costelas. Ou a coluna.

De qualquer forma, seria descoberta. Encontrada, cheia de fraturas, bem ao lado das muralhas do castelo.

Sem o desvinculador.

Sem o futuro que ela desejava mais do que tudo, um futuro que mudava a cada dia, quanto mais ela via e experimentava.

Não.

Tão rápido que era memória muscular, Isla soltou a parte de trás de seu colar — uma adaga disfarçada como gargantilha, a ponta afiada fazendo as vezes de fecho — e cravou a lâmina na rocha com toda a força.

Ela parou de cair.

Por muito pouco.

Um segundo depois, a lâmina cedeu.

Mas ela já tinha se segurado em outro lugar.

Estava a seis metros da janela agora, mas estava viva. Inteira.

Seu estômago parecia ter virado do avesso, o coração retumbava contra o penhasco.

Não é hora de comemorar. Com o suor escorrendo pela nuca, apesar do frio, Isla continuou escalando até a janela. O rugido ainda dominava seus ouvidos — se era do mar, da adrenalina, ou de seu corpo avisando que ela não estava pronta para fazer tanto esforço, ela não tinha certeza.

Minutos depois, ela se ergueu até a borda, levantou a janela destrancada e se arrastou para dentro.

O castelo da Ilha da Lua estava quieto.

Cada centímetro era esculpido em mármore branco, com veios azul-escuros atravessando a pedra como rios. Lembrava Cleo.

Impecável. Perene.

Algo nele era desconcertante.

Estava tarde. Os Lunares deviam ter se retirado para seus quartos dentro do castelo. Desde as maldições, Celeste dissera, a maioria havia se mudado para o palácio, o único edifício na ilha alto o suficiente para escapar do que acontecia na lua cheia.

Mesmo lá dentro, Isla podia ouvir o rugido do mar, se erguendo em ondas desesperadas na direção de seus habitantes.

A maioria das pessoas devia estar dormindo. Ou talvez houvesse regras. Cleo parecia ter prazer em exercer seu poder. Talvez houvesse um toque de recolher. Ou áreas restritas do castelo.

Era um labirinto.

Isla não sabia para onde estava indo, só que a biblioteca ficava nos fundos, com vista para o mar.

Então, ela seguiu para lá.

Alguns passos soavam pelo corredor, seguidos por ordens. Guardas, patrulhando certos corredores.

Havia tantos. Muito, muito mais do que ela vira em outras partes da ilha. Agora que pensava sobre isso, não havia guardas na Ilha do Céu. Também não havia muitos no Continente, exceto os que acendiam as tochas na praça.

O que Cleo estava fazendo?

Isla esperava que a biblioteca não fosse tão monitorada. Afinal, para entrar na seção restrita ela precisava do toque de Cleo. Mas quanto mais ela se aprofundava no palácio, mais ela escutava. Sussurros através das paredes. O gorgolejo de água sendo manipulada. O agudo crepitante da água sendo transformada em gelo.

Ela estava perto das masmorras? Ou os guardas estavam simplesmente treinando?

Para quê?

Um vulto de algo branco surgiu ao seu lado, e ela disparou para o cômodo mais próximo que conseguiu encontrar.

Vazio. Apenas quatro paredes de pedra que congelavam até os ossos enquanto Isla se encolhia, esperando que o transeunte não a tivesse visto.

Por alguns momentos, houve apenas silêncio.

Então, ela ouviu vozes.

— Você estava patrulhando este corredor? — Um homem.

— Não. — Uma mulher.

— Lazlo?

A mulher grunhiu que não.

— Por quê?

Um segundo.

— Eu vi alguém.

— Aqui?

Isla congelou. *Tinha* sido vista.

O homem e a mulher estavam andando pelo corredor agora; ela podia ouvir claramente as botas no mármore, estalando como o tilintar de porcelana.

Cada passo deixava os guardas mais perto dela.

— Como alguém passaria pela legião? — disse a mulher.

Legião?

Cleo estava construindo um exército.

Por quê?

O que ela estava planejando?

Isla não teve muito tempo para pensar.

Porque, um momento depois, a porta do quarto em que ela estava escondida se abriu.



CAPÍTULO DEZENOVE

DEBAIXO D'ÁGUA

Os guardas não tiveram tempo para pegar suas lâminas de gelo ou manipular a água que carregavam nos frascos presos aos cintos.

Antes que pudessem gritar por socorro, Isla os atingiu em seis lugares diferentes, pontos especiais que Terra a ensinou a atacar.

Seus músculos bambearam.

Um bom golpe na parte de trás da cabeça de cada um, e eles caíram no chão, desmaiados. Nem uma gota de sangue.

Terra ficaria orgulhosa.

Quando parou, estava ofegante. A escalada, a luta; tinham exigido muita energia. Isla realmente não deveria estar fora da cama, muito menos no território de outro governante.

Tarde demais. Ela já estava aqui, e as coisas já estavam começando a sair do controle.

O mais silenciosamente que pôde, com toda a força que conseguiu reunir, Isla os arrastou para dentro do quarto, fechou a porta atrás deles e disparou pelo corredor.

Ou eles acordariam e pediriam ajuda, ou alguém perceberia que tinham sumido e pediria ajuda, ou alguém estava prestes a detê-la e então pediria ajuda.

Estava claro que o tempo de ser uma sombra havia acabado.

Agora ela só precisava entrar na biblioteca. Com toda a velocidade que suas pernas enfraquecidas eram capazes de alcançar.

O próximo corredor estava vazio, mas o seguinte tinha quatro guardas, encostados na parede, queixo erguido, espada de gelo no peito como os quebra-nozes que ela vira uma vez no mercado. Ao som de seus passos, eles vieram à vida, virando-se na sua direção.

Hora de ir, pensou, fazendo outra curva e torcendo para que estivesse seguindo na direção certa.

O som de botas ecoava alto atrás dela, os ruídos crescendo à medida que mais guardas se juntavam à perseguição. Isla correu o mais rápido que pôde, vestido branco girando atrás dela como uma nuvem de vapor. Seu peito produzia sons preocupantes com cada inspiração. Seus ossos e músculos doíam.

Os corredores eram intermináveis. Isla pensou ter feito uma curva errada. Logo seria pega.

Talvez ela estivesse se afastando. Talvez tivesse ficado desorientada em sua tentativa de fugir dos guardas. Talvez...

Então ela ouviu.

O mar, mais alto do que antes, ecoando como um trovão. Uma besta fazendo as paredes do castelo tremerem com seu cerco firme.

A biblioteca tinha que estar por ali.

Ela partiu na direção do som do mar, seguindo sua força, estremecendo com a dor pulsante no braço, no peito e na cabeça, como se os três estivessem tendo uma conversa. Quanto mais ela se aprofundava no castelo, mais os candelabros do teto balançavam, cristais pálidos tinindo. Mais obras de arte estremeciam em seus ganchos. A maldição Lunar era implacável.

Quantos outros ciclos seriam necessários para o castelo simplesmente ser derrubado do penhasco, na boca do oceano à espera? Quando o mar seria recompensado por seus esforços e conseguiria reaver todo o palácio e seus habitantes de uma só vez?

Não naquela noite, ela esperava, enquanto corria e corria e corria, mais rápido que os guardas, o mais rápido que conseguia sem desmaiar.

Até que ela quase bateu em uma parede.

Um beco sem saída.

Não havia mais corredores. Não havia mais curvas. Nem portas.

Apenas uma parede.

Ela se curvou, com as mãos nos joelhos, e começou a tossir, o frio no peito subindo pela garganta. Suas pernas vacilaram.

Os passos atrás dela se transformaram em uma debandada, e estavam se aproximando. Mais alguns segundos e estaria cercada.

O oceano fez outro ataque contra o palácio, furioso. Ela esperava, tão perto do exterior, sentir o golpe nos ossos, o mar atingindo diretamente a pedra na frente dela.

Mas, enquanto se preparava para o impacto, a onda bateu, e a parede não tremeu tanto quanto deveria.

O que significava que havia mais alguma coisa atrás dela.

Enquanto os guardas faziam a curva, Isla vestiu as luvas de Celeste depressa e encostou nos tijolos.

As pedras começaram a girar, um quebra-cabeça se desmontando, mostrando uma porta.

Ela abriu. E Isla passou por ela, depois a bateu, esperando que ela desaparecesse novamente.

Os guardas eram uma enxurrada de sons do outro lado, alertando outros de sua equipe. A *legião*, talvez.

— Intrusa! — ela ouviu. — Na biblioteca!

Ela estava presa lá dentro. Encurralada.

Mas pelo menos agora sabia que tinha encontrado.

Isla se virou e viu uma biblioteca-geleira. Perfeito. Como se ela já não estivesse com frio o suficiente. Todos os livros estavam presos em paredes de gelo. Placas infinitas formavam fileiras, uma sala inteira de pergaminhos congelados.

Ela deveria ter suspeitado que Cleo teria restringido o acesso à biblioteca *inteira*, em vez de a uma seção específica.

Um estrondo soou do lado de fora enquanto os guardas tentavam derrubar a parede.

Não há tempo a perder. Ela disparou, correndo pelas fileiras gélidas,

quase escorregando no piso de mármore coberto de gelo. Seus pés patinavam enquanto fazia a curva.

E ficou cara a cara com uma onda monstruosa. Ela atingiu o conjunto de portas de vidro com tal força que pareceu sacudir o castelo até seus alicerces. Se Isla não tivesse agarrado uma prateleira coberta de gelo, teria caído no chão.

As portas levavam a uma varanda branca curva, agora inundada com espuma do mar tal qual uma boca raivosa, resquícios da onda que recuava, reunindo forças para atacar mais uma vez. Era impressionante que as portas de vidro não tivessem se quebrado. Elas deviam ser reforçadas com algum encantamento.

Encantamento.

Onde estavam as relíquias? Tudo o que ela via eram livros.

— Ela está lá dentro!

— Tragam a governante!

Governante? Isla engoliu em seco. Cleo deveria estar dormindo no Castelo do Continente. Era tradição passar a maior parte do tempo lá, especialmente durante os primeiros vinte e cinco dias.

Ela precisava se apressar. Seus olhos se esforçaram para absorver cada centímetro da biblioteca. Havia apenas um andar.

Nada. Apenas livros dentro do gelo, até onde podia ver.

Ela devia ter deixado algo passar.

Isla se virou, pronta para dar uma olhada nas prateleiras da frente, quando outra onda esmagadora a fez cair para a frente.

Desta vez, ela caiu no chão.

Houve um terrível som estalado quando sua cabeça bateu no piso.

Por um momento, viu apenas um branco ofuscante. Ela piscou, forçando sua visão a se acertar, dizendo ao corpo que não havia tempo a perder ou ceder à dor.

Sua bochecha estava quase grudada no chão. A cabeça girou enquanto ela levantava o rosto, e o mundo oscilou antes de se endireitar.

Seus braços tremeram quando Isla tentou se levantar.

Foi aí que ela viu.

O chão estava coberto de gelo. O calor do corpo dela aqueceu a

superfície o suficiente para degelar a cobertura fosca, revelando uma segunda biblioteca abaixo.

Água. Dezenas de relíquias estavam mergulhadas em água, acorrentadas, flutuando abaixo do piso.

Uma capa, o tecido movendo-se de forma antinatural, girando de um lado para o outro.

Uma flecha com uma ponta de floco de neve.

Adagas de cristal.

Livros com fechaduras.

Chaves tão compridas quanto os braços de Isla.

Nada de desvinculador.

Nada que se assemelhasse a uma grande agulha de vidro.

A decepção rapidamente se transformou em raiva enquanto ela se levantava com as pernas trêmulas, tropeçando para o lado, tentando se firmar em um bloco de gelo.

Algo quente escorria por sua bochecha.

Lágrimas?

Ela estava chorando e nem se deu conta disso?

Ergueu a mão trêmula, que voltou carmim.

Não. Sangue.

Isla deu um passo à frente e quase desmaiou.

Seu outro pé fez menção de se mover, mas o joelho cedeu.

Primeiro, seu braço dolorido e queimado. Depois, as consequências da demonstração de Cleo. Agora, o ferimento na cabeça.

Era demais.

Isla jurou que quebraria a maldição, mesmo que isso significasse se quebrar.

Talvez ela devesse ter formulado sua promessa de forma um pouco diferente.

Batidas ecoaram pela sala, mas não estavam vindo da varanda ou do mar. Não, elas vinham da parede pela qual Isla havia entrado.

— Toda a legião está aqui — gritou uma voz do outro lado. — A governante está a caminho. Você está encurralada. Não tem para onde correr. Está sem saída.

Isla sorriu.

Ele estava certo. Não havia para onde correr.

Mas *sem saída*?

Nisso, ele estava errado.

— Ainda bem que nunca planejei sair do jeito que entrei — ela disse para si mesma. Cada parte de seu corpo doeu quando ela esticou o braço bom e puxou a varinha estelar de seu esconderijo nas costas.

Isla não sabia como usá-la com precisão para pequenas distâncias ou lugares em que nunca tinha estado antes. Mas seu quarto no castelo do Continente não era nenhuma dessas coisas.

A parede foi derrubada assim que ela partiu.



CAPÍTULO VINTE

CHÁ

Por dois dias inteiros, Isla dormiu. Ela só acordou para comer e tomar sopas, então pegou no sono novamente. Teve sonhos estranhos. Grim estava em alguns deles. Flashes dele. Dela. *Deles*.

No vigésimo terceiro dia, quando Ella chegou com as novidades no chá da tarde, Isla soube que era hora de se levantar. De se libertar da dor e da fraqueza como a cobra em sua coroa trocando de pele.

O desvinculador não estava nas bibliotecas da Ilha da Estrela, da Ilha do Céu nem da Ilha da Lua. Sobrava apenas um lugar.

A Ilha do Sol.

A terra do próprio rei. Fazia sentido que uma relíquia tão poderosa quanto o desvinculador estivesse guardada lá.

Mas Isla não tinha como conseguir roupas douradas. Quase não tinha mais nenhuma tinta de cabelo.

E havia mais problemas do que nunca.

Cleo sabia que alguém tinha atacado seus guardas, entrado na biblioteca e saído sem deixar rastros.

Ela devia ter suspeitado de Isla imediatamente. Desde aquele primeiro jantar, Cleo esteve de olho nela. A descrição física que os guardas atacados iriam fornecer apenas confirmaria suas suspeitas.

Cleo não tinha provas de que era ela. Mas *sabia*.

Tinha que saber.

A ferida na cabeça de Isla havia se curado graças ao seu elixir Selvagem. O cabelo não estava mais branco e ela havia queimado sua roupa Lunar na lareira.

Ainda assim, Isla sentiu que a verdade sobre seu paradeiro três noites atrás estava escrita em seu corpo inteiro quando entrou no salão de chá.

Devia ter sido lindo no passado. Agora as inúmeras janelas em arcos gigantes estavam cobertas com tecidos grossos, como espelhos em uma casa velha. Como o quarto dela em casa. O teto, abobadado e feito de vidro, tinha sido pintado, impedindo a luz do sol de entrar.

A única luz vinha de centenas de esferas de fogo que flutuavam no alto, do mesmo tipo que as que o rei havia exibido em sua demonstração. Colunas de mármore se alinhavam na sala como os guardas fariam, se Oro os permitisse entrar. No entanto, o rei não precisava de guardas. Nem mesmo contra os governantes dos reinos. Ele era mais poderoso do que todos eles juntos.

Isla sentiu esse poder ecoando pela sala quando Oro entrou.

Cleo entrou em seguida, os olhos imediatamente fixos nos de Isla. Sua expressão não revelou nada.

Mas as palmas das mãos de Isla começaram a suar. Ela se obrigou a sustentar o olhar da Lunar até que um serviçal a guiou para seu assento.

A governante Lunar sabia. Isla sentiu em seu âmago.

Cleo era uma inimiga perigosa. Uma que estava montando um exército. Para quê? Algum dos outros governantes sabia que, com a legião e os supostos navios, os Lunares pareciam prontos para uma guerra?

Uma vez que todos os governantes estavam sentados, serviçais do castelo começaram a sair de um grande conjunto de portas, carregando bandejas reluzentes de porcelana. Eles circundaram a mesa uma vez, depois pararam de repente, os movimentos perfeitamente coreografados. Atrás de cada cadeira havia um Etéreo, um Lunar e um Estelar.

Oro assentiu.

Os Estelares ergueram as mãos e os pires minúsculos saíram voando, pousando cuidadosamente sobre a mesa, seguidos por xícaras de chá, que

repousaram nos pratinhos com um tinido. Três recipientes surgiram na frente de Isla. Bules adornados pairavam no alto, bem acima da mesa, cheios. Lunares levantaram as mãos e o chá fumegante, sem dúvida aquecido pelos Solares, escoou dos bules como pequenas cachoeiras, através de coadores que os Estelares seguravam com firmeza, um rico líquido vermelho que encheu a primeira xícara. Os bules se endireitaram e se moveram em círculo antes que o segundo recipiente se enchesse de um líquido dourado como mel. O terceiro chá era azul-escuro como safiras.

Os Estelares ergueram os braços novamente e cubos de açúcar caíram em cada xícara, seguidos de gotas de mel e um pouco de creme. Cada sabor de chá tinha finalizações específicas, o chá azul recebendo uma fatia de limão, o vermelho uma folha de menta, o dourado presenteado com uma casca de laranja cristalizada.

Enfim, os Etéreos balançaram os punhos, enviando uma brisa suave sobre as bebidas, esfriando-as.

Grim suspirou.

— Suponho que este não seja o melhor momento para mencionar que detesto chá?

Oro o ignorou.

— Por favor, aproveitem — disse ele.

Isla adorava chá. Ela teria sorrido em circunstâncias mais felizes.

Selvagens eram especialistas em coletar as ervas, folhas e especiarias mais saborosas que, quando em infusão, faziam as mais deliciosas bebidas. Isla pegou o vermelho primeiro. A gota de creme o transformou no rosa das dálias. Ela levou a xícara aos lábios timidamente, se preparando para o líquido ardente. Mas os Etéreos deixaram o chá na temperatura perfeita. Ela tomou um bom gole e quase gemeu. Tinha gosto de frutas sem ser azedo, de mel sem ser pesado.

Seus olhos se fecharam, e ela só os abriu quando o chá de sua xícara tinha acabado. Ela abaixou a xícara e encontrou Oro a encarando.

— Chega aos pés dos chás Selvagens? — ele perguntou.

— Dá para beber — respondeu ela categoricamente. Então pegou a segunda xícara.

Cleo a observou. Com muita atenção.

— Como os Selvagens tomam chá? — ela perguntou, olhos afiados brilhando. — Com um toque de sangue?

Isla bebeu o segundo chá lentamente. Este, o dourado, tinha gosto de caramelo.

— E nos crânios de nossos inimigos — retrucou com firmeza e um sorriso bem-humorado, como se as palavras da Lunar fossem uma piada amigável e não uma farpa de um inimigo.

Houve alguns momentos de barulho e silêncio enquanto bebiam o chá. Isla terminou a primeira xícara e olhou dentro dela, notando um estranho padrão nas folhas grudadas no fundo.

O chá seguinte formou um desenho semelhante.

Quando terminou o terceiro chá, seu sangue tinha esfriado.

Oro se levantou.

— Bem-vindos à minha demonstração — disse ele. Tensão varreu a sala. A energia aumentou.

Demonstração? Mas não havia sequer ilhéus presentes. Embora, ela supôs, isso não fosse realmente uma regra, apenas um costume. Algo de que a maioria dos governantes também gostava, mostrar sua excelência em seus próprios testes.

O dedo indicador do rei circulou a borda de uma de suas xícaras.

— Estes não são chás comuns — ele continuou, seu tom firme. — É o chá da verdade.

Isla ficou imóvel. O medo escorria por sua coluna.

— Seu maior segredo está escrito nas folhas.

Ela arriscou um olhar para as xícaras.

E viu sua maior verdade escrita nas três, em um roteiro cuidadoso.

Eu não tenho poderes.

Foi necessária cada gota do treinamento de Isla para não deixar o pavor tomar seu rosto. Ela permaneceu calma, embora por dentro fosse uma tempestade, desesperada para fugir.

Isla observou os outros governantes tentando se distrair do pânico que transformava sua pele em espinhos. Cleo estava mais pálida do que o normal. Azul simplesmente franziu a testa. Grim parecia pronto para revestir a sala inteira com as cinzas de Oro. Celeste lançou um olhar

estranho e arriscado em sua direção, os olhos arregalados transmitindo uma mensagem.

É você, ela parecia estar dizendo. É claro. O maior segredo da Estelar era um que ela guardava para Isla.

A urgência de seu olhar dizia *corra*.

Antes que Isla pudesse pensar em fazer qualquer movimento, o rei pegou sua primeira xícara e disse:

— Quem compartilhar seu segredo vence o meu teste.

O estilhaçar de vidro soou quando Celeste deixou cair suas xícaras no chão, retirando-se do desafio. Ela olhou para Isla de forma expressiva, por apenas um instante, e seu coração se apertou. Celeste era uma amiga melhor do que ela merecia.

Azul quebrou as dele em seguida.

Sem perder tempo, Isla empurrou suas xícaras para o chão e observou elas se quebrarem em mil pedaços, seu segredo perdido nos cacos.

Grim jogou as dele uma a uma, olhos fixos no rei. Isla nunca o tinha visto com uma expressão tão assassina. Ele tinha se transformado no famoso assassino Umbra, o governante implacável sobre quem ela havia sido advertida. A expressão dele continha promessas de tortura e escuridão.

A força de seu poder invisível atacou, ondas de um frio abrasador preenchendo a sala. Por um momento, os ossos de Isla pareceram ocos, mortos.

Uma coisa era certa. Grim *tinha* um segredo. E se mesmo a ideia de ele ser revelado produzia tanta raiva, Isla tinha medo de saber o que era.

Restavam apenas Oro e Cleo.

Este era o último teste.

O rei havia vencido o duelo e a demonstração de poder. Cleo havia vencido seu próprio teste e o de Celeste.

Eles estavam empatados.

Quem ganhasse aquela demonstração decidiria as duplas que os governantes formariam. A decisão era importante. Por causa da primeira regra, um governante não podia matar sua dupla. A escolha forçaria alianças, orientaria a busca pelo significado da profecia, moldaria o

restante do Centenário. Talvez até decidiria quem seria um alvo.

O olhar de Oro era implacável enquanto encarava a Lunar, desafiando-a a revelar seu segredo. E, por um momento, Isla pensou que ela o faria.

Mas, pensando melhor, Cleo jogou as xícaras no chão.

O rei havia vencido oficialmente.

Seus olhos estavam sem vida quando ele olhou para sua primeira xícara e disse:

— Eu.

Ele a deixou cair no chão.

A segunda.

— Estou.

Antes de ler a terceira, ele ergueu os olhos e encontrou os de Isla. Franziu a testa um pouco, como se estivesse perturbado por seu olhar ter vagado em sua direção. Mas ele não desviou os olhos enquanto enunciava a terceira e última palavra de seu maior segredo:

— Morrendo.



CAPÍTULO VINTE E UM

EM PARES

O rei estava morrendo. O que isso significava? Caos eclodiu após a confissão, mas ele não disse mais nada antes de deixar a sala, reivindicando sua vitória.

Era um segredo que afetava a todos.

A força vital de Oro estava diretamente relacionada à da ilha. Isso significava que Lightlark estava em risco?

Ele era o mais forte deles. Um Original, que era Estelar, Etéreo, Lunar e Solar ao mesmo tempo. Se *ele* estava morrendo...

Que chance os outros tinham?

Isla ouviu uma batida suave à porta, muito depois da meia-noite. *Celeste.*

A Estelar entrou correndo, parecendo ter visto um fantasma.

— Essa foi por pouco — foi tudo o que disse.

O estômago de Isla se retorceu, lembrando as palavras em sua xícara. Ela imaginou que as de Celeste eram quase iguais.

— Eu sei. — Ela franziu a testa. — Obrigada. Você não deveria ter que me proteger assim, mas... obrigada.

Celeste dispensou o agradecimento como se não fosse nada. Mas não era nada. A única maneira que Isla poderia recompensar a amiga pelo risco

que estava correndo em seu nome era encontrando o desvinculador.

— O que acha que isso significa? — Isla perguntou.

A Estelar pareceu saber imediatamente que ela se referia à confissão do rei. Ela deu de ombros.

— Não tenho certeza. Mas é motivo suficiente para nos apressar e encontrar o desvinculador, para que possamos sair desta ilha.

Ela estava certa. Uma vez que estivessem livres das maldições, poderiam estar livres de Lightlark. A morte do rei não as afetaria ou seus reinos.

Mas ainda havia outros fatores que apressavam o já limitado cronograma. E complicava o plano delas.

Isla contou a Celeste sobre o desastre no castelo da Ilha da Lua e o fato de estar quase certa de que Cleo sabia da sua invasão à biblioteca.

Celeste caminhou pelo quarto de Isla, as mãos cobertas de faíscas. Suas emoções muitas vezes desencadeavam aquelas explosões, o que era parte da razão pela qual ela sempre usava luvas. Para manter sua energia sob controle.

— Farei o que puder para conseguir informações sobre a biblioteca da Ilha do Sol — foi tudo que Celeste disse depois de um bom tempo.

Isla assentiu, embora isso não resolvesse os maiores problemas. Como ela iria se esgueirar pela terra dos Solares sem roupas douradas? Celeste finalmente parou de andar de um lado para o outro e juntou as mãos, fazendo as faíscas caírem como fitas, desaparecendo antes de chegarem ao chão.

— As equipes serão formadas em dois dias. Tenho esperança de que Oro nos coloque juntas. Aí não vamos precisar trabalhar nisso em segredo. Vamos encontrar uma maneira de você entrar na Ilha do Sol sem ser notada.

Isla não queria questionar a amiga, especialmente quando tinha complicado tudo fazendo Cleo suspeitar dela, mas não conseguiu evitar proferir uma dúvida.

— E se Oro não nos colocar juntas?

Celeste franziu a testa. Apoiou a mão suave, ainda zumbindo com energia, na bochecha de Isla.

— *Eu* sei o quão incrível você é, minha amiga brilhante — ela disse. —

Mas eles não. O rei não vai escolher você ou eu para ser dupla dele.

Isla teve que admitir que ela estava certa.

— Agora — continuou Celeste. — Nem tudo são más notícias, não é? Sabemos com certeza que o desvinculador está na biblioteca da Ilha do Sol. Vamos dar um jeito de você entrar. Vai encontrar o desvinculador. Nós vamos usá-lo. Quebrar nossas maldições. Você terá seus poderes. Nossos reinos serão libertados. Podemos estar fora da ilha daqui a uma semana. Duas, no máximo.

Dito assim, parecia fácil.

Mas Isla sabia que nada em Lightlark era fácil.

No vigésimo quinto dia do Centenário, eles voltaram à sala do trono para a cerimônia de formação das duplas.

— Rei. — O tom de Azul era firme, embora seus olhos brilhassem com urgência. — Você vai explicar a... *verdade*?

Desta vez, o rei sentou-se em seu trono, como se para lembrar os demais de sua posição.

Mesmo que ele estivesse, supostamente, morrendo.

A coroa de Oro brilhou sob a luz das chamas acima. Ele franziu a testa.

O resto dos governantes ficou em silêncio, claramente se perguntando a mesma coisa que Azul havia verbalizado de forma tão prestativa.

Finalmente, o rei falou:

— Desde o último Centenário, a ilha vem enfraquecendo em ritmo constante. Anciãos morreram. Construções que estavam de pé há milhares de anos estão agora em ruínas. Nossas criaturas mais antigas desapareceram. — Ele agarrou as laterais do trono com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. — As maldições. Séculos de governantes vivendo longe da ilha. Nosso povo indo embora aos milhares. Tudo isso cobrou seu preço de Lightlark. De *mim*.

Isla pensou em seu próprio reino. As mesmas coisas tinham acontecido por lá. Eram sinais de que pouca energia estava sendo injetada na terra e habilidades não estavam sendo utilizadas de forma suficiente.

Oro se levantou do trono. Encarou cada um deles, olhos vazios como sempre.

— Temo que este Centenário não seja simplesmente *uma* chance de quebrar nossas maldições. Temo que seja nossa *última* chance.

A sala estava em silêncio.

Um poder crescente — se vindo da raiva ou medo ou cautela, Isla não sabia — preencheu a sala.

Azul falou novamente:

— Como você sabe que está morrendo?

Com isso, o rei puxou uma manga. Acima do cotovelo, sua pele dourada tinha começado a ficar cinza. Quase azul.

— Está se espalhando — ele disse. — Mais rápido do que eu esperava. — Sua mandíbula travou. — Parte do meu poder e do meu papel tem sido manter a ilha quente e cheia de luz por séculos, mesmo durante a tempestade sem fim. — Ele franziu a testa. — Esse poder enfraqueceu. A última década foi a mais fria da história. Está matando plantas e animais. Tenho tentado diminuir esse impacto... mas logo não serei capaz de impedir a mudança.

Era por *isso* que ele tinha ordenado que todas as lareiras permanecessem acesas. Por isso havia tantas tochas por todo o Continente e fogo em quase cada quarto do castelo. Estavam mascarando a fraqueza do rei.

Ele desceu as escadas, colocando-se no mesmo nível que eles.

— Espero que agora vocês percebam por que é mais importante que nunca desvendar e cumprir a profecia.

O rei apontou para a parede. Palavras começaram a ser esculpidas ao longo da pedra com grandes letras de fogo. O enigma do oráculo, aquele que Isla tinha estudado anos antes. A chave para quebrar as maldições.

Somente unidos as maldições podem desfazer
Somente depois que um dos seis vencer,
Quando o crime original
For cometido novamente
E uma linha de poder ao fim chegar
Somente então poderão a história alterar.

— "Somente unidos as maldições podem desfazer" — leu Oro. — Por

isso nos dividimos em equipes, para cumprir a profecia. E tentar decifrá-la. Um lembrete da primeira regra. Um governante é proibido de assassinar seu parceiro.

Isla não estava realmente preocupada com a profecia. O plano dela e de Celeste não exigia isso.

Ainda assim, ela fingiu ler as palavras na parede enquanto repassava ideias na cabeça. Talvez pudesse ajustar sua poção de elixir para tingir roupas... Talvez conseguisse tingir de dourado um de seus próprios vestidos.

Não, nunca daria certo. Além disso, ela mal tinha elixir suficiente para mais uma tentativa de pintar o cabelo, muito menos uma peça inteira de tecido.

Ela poderia roubar um Solar no mercado e pegar suas roupas?

Isla estremeceu com essa ideia.

Horrível. Além disso, o Solar denunciaria o crime imediatamente, e Oro saberia que alguém pretendia entrar às escondidas em sua ilha.

Isla estava tão concentrada em fingir interesse na profecia e tramar sua tentativa de se infiltrar na biblioteca da Ilha do Sol que não percebeu que seu nome tinha sido chamado até ser repetido tão alto que ela se assustou.

— *Isla* — o rei disse.

Sua expressão deve ter revelado que ela não tinha ideia do que ele dissera antes ou se fizera uma pergunta, porque o rei lhe lançou um olhar sério.

— Minha escolha de parceira — o rei repetiu por entre os dentes, de forma bem evidente odiando cada palavra que saía de sua boca.

A sala dissolveu-se. Ela esqueceu de neutralizar sua expressão ou controlar as emoções perto de Grim. Sua boca poderia estar aberta. Ela talvez tenha lançado sem querer um olhar horrorizado para Celeste.

— É a Isla.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

ACORDO

Isso era péssimo. Perigoso.

Ela deveria ter sido colocada com Celeste. Elas tinham um plano.

Esse era mais um fator que só complicava tudo.

Por que em mil reinos o rei ia querer formar uma dupla com ela?

A última coisa que Isla queria era ser forçada a passar o tempo com o líder de Lightlark. Não só porque ele era insuportável, mas também porque fazer isso significaria ter que utilizar seus poderes para usar a profecia e encontrar uma forma de quebrar as maldições.

Poderes que ela não possuía.

Será que ele seria capaz de sentir sua falta de poder se passassem mais tempo juntos? Grim não tinha conseguido. Mas Oro era o rei de Lightlark, suas habilidades eram infinitas.

Isla tinha que encontrar uma saída para isso... Uma desculpa. Ela esperou Celeste bater a sua porta, para pensarem em alternativas.

Celeste. Sua amiga tinha formado dupla com a pior governante possível. Cleo. Ela sentiu uma pontada de pavor.

Tudo tinha dado tão errado.

Tudo por causa do rei.

Horas depois, uma batida à porta. Isla tinha feito tudo o que podia para

se distrair, esperando que a Estelar finalmente chegasse. Tinha tomado banho, como se pudesse afastar da pele o dia vivido com água. Tinha colocado suas roupas mais confortáveis, as peças guardadas às escondidas na bagagem antes de deixar o reino dos Selvagens: uma camisa larga de manga comprida que Poppy tinha deixado que ela usasse à noite. Calças justas que eram tão macias quanto a camisa.

Celeste, até que enfim, ela pensou enquanto abria a porta.

Mas não era Celeste.

As sobrancelhas de Oro se ergueram de leve enquanto ele a observava. Isla parecia uma pessoa completamente diferente, sem maquiagem, o cabelo em um coque alto, uma camisa cinco números maior. Ela teria se preocupado pelo fato de encontrar o rei assim, sem a máscara da sedutora Selvagem, se não estivesse tão irritada.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Você normalmente visita outros governantes no meio da noite?

Oro copiou a expressão fria de Isla antes de olhar por cima do ombro dela para o quarto.

— Posso entrar?

Isla sentiu um aperto no peito. Havia muitas coisas em seu quarto que entregariam seus segredos. A varinha estelar. Sua dependência de elixires. Mas ela não podia recusar. Isso só o deixaria mais desconfiado.

— Pode, né.

Ela deveria ter previsto que ele iria procurá-la. Ele *tinha*, afinal, decidido juntar-se a ela por algum motivo. Isla havia se retirado com uma desculpa o mais rápido possível, fugindo para o quarto com medo de que todos na sala fossem capazes de ouvir a batida instável de seu coração ansioso se ficasse mais tempo lá.

Ele passou por ela e franziu a testa diante do estado de seu quarto.

Nem estava tão bagunçado. Havia alguns vestidos que ela não tinha conseguido guardar pendurados na mobília e xícaras de chá empilhadas na mesa de cabeceira, mas e daí? O quarto do rei era perfeito?

Ela fechou a porta e continuou onde estava.

— Sim? — perguntou sem rodeios.

Oro pegou cuidadosamente um de seus vestidos, colocou-o na cama e

sentou-se na cadeira que o traje ocupava, recostando-se como se estivesse em seu próprio quarto. E Isla supôs que estava.

Seus dedos percorreram as laterais curvas do assento enquanto dizia:

— Gostaria de fazer uma proposta.

Por um momento, Isla considerou pegar a varinha estelar de seu esconderijo no guarda-roupa e ir para algum lugar distante. Seria tão fácil...

De alguma forma, ela se forçou a permanecer firme.

— Hã? O que você propõe?

Eles já eram uma dupla. Isla não entendia por que o rei queria fazer algum outro acordo além disso, mas decidiu que seria melhor deixar que ele falasse. Talvez assim, finalmente, conseguisse algumas respostas.

Oro entrelaçou os dedos longos.

— Tenho uma teoria sobre as maldições, uma em que tenho trabalhado ao longo de meio século. E acredito que você seja capaz de me ajudar.

Ela queria rir e dizer que, se era de poder que ele precisava, deveria pedir a outra pessoa. Queria dar qualquer desculpa em que conseguisse pensar.

— A questão é que preciso de certos conhecimentos naturais. Algo que você evidentemente possui.

Então tinha sido por isso que ele a salvara naquele primeiro dia. Por que tinha colocado os dois juntos. Ele *precisava* de algo...

— Qual é a proposta?

— Você está, é claro, ciente da penúltima linha do enigma. Um de nossos reinos deve cair para que as maldições sejam quebradas. — Isla assentiu. — Como somos uma dupla, não posso machucá-la. E, se você me ajudar a encontrar o que procuro, farei o meu melhor para protegê-la dos outros governantes também.

Protegê-la.

Ela odiava essa palavra, embora precisasse realmente ser protegida.

Queria que não fosse assim.

Além disso, "*o seu melhor*"?

Ela lhe lançou um olhar fulminante. Seus pensamentos vieram à tona sem filtro. Para que fingir, como fazia com todos os outros, representando

um papel, dizendo apenas o que queriam ouvir? Cada vez que olhava para Oro, tudo o que Isla ouvia na cabeça era o primeiro passo do plano de suas tutoras. Seduzi-lo. Roubar seus poderes.

Elas a menosprezavam tanto assim?

Será que o *rei* a menosprezava tanto que acreditava que Isla precisava de sua proteção?

— *Você* quer me proteger? Pensei que estivesse morrendo.

Os olhos de Oro arderam como fogo. Ela imaginou que, se ele não precisasse dela ou não fosse forçado a seguir as regras, teria sido incendiada bem ali, com um único olhar.

— Temos um acordo ou não, Selvagem? — Ele cuspiu a última palavra como se tivesse queimado a língua.

Isla sorriu.

— Você me acha repugnante, não é? — Isla deu um passo na direção dele. — É porque como corações? — perguntou, prazer florescendo enquanto a expressão fechada dele ficava mais carregada. — Ou são os vestidos? — Ela fingiu compaixão. — Que pena que a única pessoa capaz de te ajudar com sua suposta teoria te cause tanta repulsa.

Oro se levantou.

Não respondeu à pergunta, mas Isla via a resposta com clareza em seu rosto. Ele s*entia* repulsa por ela e seu povo.

— Está me fazendo perder tempo — disse ele por entre os dentes. — Temos um acordo ou não?

Por um momento, ela pensou.

Não tinha ideia de qual era a teoria do rei e não se importava. O que *importava* era que a aliança proposta oferecia algo de que ela precisava.

Sua melhor oportunidade de entrar na biblioteca da Ilha do Sol.

Isla não precisava concordar com o plano dele. Só precisava fazê-lo acreditar que ela concordaria.

Ainda assim...

Caso a estratégia de Oro acabasse dando certo, poderia ser um bom Plano B. Então, ela precisava garantir a segurança de Celeste também. Mas, se ela perguntasse diretamente, Oro suspeitaria de sua aliança...

— Temos um acordo se eu puder escolher um segundo reino para você

proteger.

A expressão de Oro ficou ainda mais fechada.

— Você tem algum em mente? — ele perguntou.

Ela deu de ombros de forma evasiva.

— Se vou ajudá-lo a quebrar as maldições, eu deveria pelo menos determinar mais um reino que merece ser salvo. — Seu sorriso era felino. — E, já que você *precisa* de mim, parece que temos espaço para negociação.

A mandíbula de Oro ficou tensa. Parecia que ele não esperava nenhuma oposição. Os sinos soaram, marcando a hora, quase fazendo Isla pular. Oficialmente meia-noite. Quando o som parou, Oro respondeu:

— Tudo bem. Temos um acordo?

Era bom decidir por conta própria. Pensar em um plano reserva. Durante toda a sua vida, Isla tinha obedecido aos outros. Suas tutoras. Celeste. Embora elas só tivessem boas intenções em mente, era libertador fazer essa escolha.

— Combinado — ela disse com firmeza, imaginando em que diabos ela estava se metendo.

— Ótimo.

Ela caminhou em direção à porta, ansiosa para que a conversa terminasse.

— Quando começamos?

O rei não a seguiu do jeito que ela planejou.

— Agora.

— Agora?

Sua voz soou desesperada. Mas ela precisava de tempo para pensar em uma desculpa para a ausência de seus poderes... para se preparar...

— Algum problema? — ele perguntou, estreitando os olhos.

Ela o encarou.

— Bem, eu tinha planejado *dormir*. — Falando em dormir... assim tão perto, ela podia ver que o rei tinha grandes olheiras roxas abaixo dos olhos. Ele nem sequer estava dormindo? Oro não se mexeu ou reagiu às palavras de Isla, então ela disse: — Tudo bem. Só deixe eu me vestir. — Ela alcançou um de seus novos vestidos. — Se puder esperar lá fora...

Oro franziu a testa para o vestido que ela escolheu, tão brilhante e revelador como os demais.

— Você não pode usar isso.

Quando ainda estava se preparando para o Centenário, Isla estava apreensiva diante da ideia de conhecer o rei. Ela havia se perguntado se ficaria com medo na presença dele, ou se ele iria sentir a ausência de poderes e a mataria o mais rápido possível. Agora, olhando para Oro e sua cara fechada em reprovação, Isla percebeu que sua maior dificuldade era controlar a vontade de estrangulá-lo.

— Agora vai me dizer o que vestir? — ela perguntou.

Oro piscou devagar, irritado.

— Durante nossas excursões juntos, ninguém pode saber que você é a governante dos Selvagens.

Isla ficou tensa.

— Por quê?

— Lightlark não gosta de você.

Não me diga. Ainda assim, Isla fez uma careta.

— Como é?

— Algumas criaturas antigas da ilha, as que ainda vivem nos recônditos mais profundos de Lightlark, acreditam que os Selvagens os abandonaram cinco séculos atrás. Se sentirem você ou ouvirem rumores de que está perto de suas terras, vão atacar. O que terminaria em sangue derramado e muita atenção voltada aos nossos esforços.

Ela sabia que os Selvagens não eram queridos, mas nunca tinha ouvido falar desse motivo. *Abandonados?* Os Selvagens sanguinários praticamente fugiram da ilha. Ou, pelo menos, era isso que sempre lhe ensinaram.

— Então... você quer que eu me vista de forma diferente?

— Não só isso. — Ele deu um passo em direção a ela e baixou a voz. — Não consigo sentir suas habilidades, Selvagem.

Seu estômago embrulhou. Ela fez menção de recuar.

— Sei que está mascarando elas — continuou, sem perder tempo. — Só peço que continue fazendo isso enquanto estivermos nas ilhas.

Isla piscou. De novo.

— Então... você não quer que eu use meus poderes.

Ela quase caiu para trás. Isso era *bom*. Era ótimo.

Sorte. Ela teve sorte. Isla estava agradecida e ansiosa. A sorte era perigosa.

Porque, como qualquer elixir raro, estava fadada a acabar.

Ele assentiu.

— Se usá-los, essas criaturas antigas serão imediatamente atraídas para você.

Isla se perguntou sobre essas misteriosas criaturas antigas. E por que até o rei de Lightlark queria evitá-las. Fingiu estar magoada, incomodada. Até mesmo com raiva.

— Está bem.

— Ótimo. — Ele olhou para as roupas dela e disse: — Isso vai servir.

— São pijamas.

Ele apenas a encarou.

Isla queria que o tempo deles juntos terminasse o mais rápido possível, então deu de ombros, rapidamente trançou o cabelo e saiu sem sua coroa.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

TEMPESTADE

Oro caminhou pela mata escura com facilidade, o rei do dia que agora caminhava apenas pela noite. Isla se perguntou se lhe doía estar fora do castelo, lembrando como eram as coisas à luz do sol. Ou talvez já estivesse acostumado com isso.

Quinhentos anos era muito tempo.

Ela não lhe perguntou nada enquanto tentava, sem muito sucesso, acompanhar seu ritmo.

Isla presumiu que estavam indo para a praça ou para uma das ilhas, mas, antes que pudessem chegar ao vale, Oro fez uma curva brusca para a esquerda.

— Aonde estamos indo? — perguntou.

Oro deu vários passos sem dizer uma palavra. Continuaram pelas colinas verdes do Continente, longe dos ilhéus que desfrutavam a noite. Longe de qualquer trilha.

— Vai me ignorar?

Parte dela queria ficar em silêncio. Realmente não importava para onde ele a levasse, contanto que conseguisse o que queria dessa dupla, certo? Mas seu desdém havia se tornado desrespeitoso.

Ele continuou andando, e ela deu uma boa olhada em sua capa

dourada, flutuando suavemente com a brisa noturna.

Ela parou, braços cruzados.

E, nesse momento, ele também. Suas costas ficaram tensas antes de ele se virar lentamente. Oro abriu a boca, mas ela foi mais rápida.

— Só porque você me *pediu* para usar *isso*... — disse ela, gesticulando na direção de sua camisa enorme e calças de montaria — … e me pediu para não usar *isso*... — e bateu de leve com a unha na coroa dele, o metal tilintando em resposta. Sua unha também fez um estalo dolorido, mas ela não se atreveu a sequer estremecer — … não significa que eu *também* não seja uma governante de reino. Você vai me tratar com respeito, *rei*. — Ela cuspiu a última palavra como se fosse veneno.

Poppy teria caído morta ouvindo o jeito que ela se atreveu a falar com o rei de Lightlark. Especialmente pelo que sua tutora a havia ordenado fazer.

Mas ela estava cansada de medir suas palavras, de ignorar suas emoções, de dizer a todos o que eles queriam ouvir. O que ganhara com isso?

Isla tinha quase certeza de que Cleo queria matá-la. Elas ainda não tinham encontrado o desvinculador. Os testes acabaram sendo um desastre.

Ele a olhou. Não, não tinha gostado nada de seu tom ou do peteleco na coroa.

— Estamos indo para a tempestade — disse ele bruscamente antes de se virar e continuar andando.

Tempestade?

Ela não tinha ideia do que ele queria dizer. Mas o seguiu novamente, contente por ao menos ter uma resposta.

Eles estavam caminhando em direção à costa. Aquela que Azul gostava de visitar com frequência. O ar começou a ter gosto de sal. Seu cabelo voava para trás, a trança chicoteando sem controle.

Nas terras dos Selvagens, o vento sussurrava. Cantava músicas, repassava fofocas e assobiava melodias tão fortes quanto as badaladas de um relógio. Antes de Terra e Poppy terem trancado seu quarto, Isla às vezes mantinha o painel aberto durante o dia, na esperança de ouvir algumas partes do que o vento dizia.

O vento falava de angústia, dos Selvagens que cometeram o erro de se apaixonar. De corações, comidos e dilacerados por unhas afiadas como facas. Contava histórias que pareciam tão antigas quanto as próprias árvores, nascidas de sementes que diziam vir diretamente de Lightlark.

A nova terra selvagem havia sido formada apenas quinhentos anos antes, mas sua fundação era antiga. Foi dito que, depois que eles fugiram da ilha e de sua tempestade amaldiçoada, uma centena de Selvagens se sacrificaram para criar a nova terra, entregando seu poder à terra seca e infértil. Flores brotaram de seu sangue, florestas cresceram em questão de semanas, e a nova terra nasceu de seus ossos.

Bem, foi isso que o vento disse. Isla achou bastante dramático.

Às vezes, ela respondia. Desabafava. Presa em sua esfera de vidro fosco, contava seus pensamentos para o vento.

Ele nunca respondeu. Nem uma vez.

Mas Isla tinha esperanças de que escutasse.

Chegaram a mais um declive íngreme. Suas panturrilhas começaram a doer.

Ela não tinha certeza de por que o rei a levaria para aquela parte do Continente. O que havia mesmo para ver? O oceano?

Então, ela avistou. Algo havia engolido a costa.

Uma tempestade parada.

Nuvens escuras como manchas de tinta borravam o céu acima da praia. Relâmpagos prateados grossos como lâminas disparavam delas até a areia, faiscando em uma energia tremulante. Um anel de fogo pairou por perto, suas chamas presas no tempo. Cascatas enormes e mortais vazavam de buracos nas nuvens, longos lençóis de água como raios de luar tingidos de roxo.

O mar tinha sido puxado para trás como um cobertor e erguido — no topo, uma onda alta como uma torre que nunca caiu. Estava congelada, embora não em gelo. Mesmo de sua altura, Isla podia ver a água correndo lá dentro, borbulhando. Esperando. Tinha deixado um longo trecho do fundo do mar descoberto. Pedras brilhantes e berloques antigos há muito perdidos cobriam a areia, ao lado de conchas variadas.

Era a maldição na ilha, temporariamente subjugada. A tempestade

encantada.

Era isso que Azul sempre visitava?

Ouviu sussurros, chamando-a à frente. A tempestade pulsava com potência. Ela queria ver aquilo de perto.

O penhasco mais próximo da tempestade estava quebrado em muitas partes. Pedaços dele tinham caído, deixando lacunas de sessenta metros entre meia dúzia de ilhotas rochosas. Algumas eram ligadas por pontes feitas às pressas, com tábuas tão distantes que parecia mais fácil cair no vão entre elas do que realmente dar o próximo passo. Elas faziam as pontes para as ilhas dos reinos parecerem seguras.

O rei deu um passo na direção de uma.

— Não.

Oro virou-se para olhar para Isla.

— Não? — ele perguntou, como se tivesse entendido mal.

Ela não encontrou seus olhos, mas poderia ter adivinhado que ele a observava com uma expressão de desagrado.

O rei suspirou. Ela viu um movimento rápido, como se ele tivesse pressionado os dedos na têmpora em frustração.

— É segura. Mas, se por alguma razão você cair, é óbvio que eu te salvaria.

Isla se virou e o encarou.

— Me *salvar*? Como você fez no primeiro dia?

Oro ficou tenso. Então devolveu o olhar e respondeu:

— *Sim, como eu fiz no primeiro dia*.

Ela soltou uma risada.

— Eu caí na água! E você me deixou em uma poça na varanda, como lixo, sem nem se preocupar em ver se acordei!

Ele zombou.

— Você pode ter caído na água antes que eu pudesse te alcançar, mas também teve uma lesão na cabeça da qual *não* teria acordado se eu não tivesse te curado.

Isla se lembrou da cabeça latejando e de como não havia nenhum ferimento. Ela se endireitou.

— Você acabou de admitir que me alcançou tarde demais, então a única

maneira que vou atravessar esta ponte é se você ficar bem do meu lado. Porque se eu cair, *você cai*.

Oro a olhou como se pudesse ele mesmo jogá-la lá de cima.

— Está bem — ele disse por entre os dentes, e pegou o braço de Isla de forma rude.

Antes que ela pudesse hesitar, o rei arrastou os dois para a ponte. Isla prendeu a respiração. O vento soprava pelas rachaduras, causando calafrios em suas pernas. De repente, elas tinham ficado tão rígidas quanto as finas tábuas de madeira balançando sem controle sob seus pés.

— Rápido — ela sussurrou, fechando os olhos.

Deu um passo na frente do outro, tentando não pensar na sensação de cair infinitamente da varanda até mergulhar no mar. Em como sua respiração tinha sido arrancada do peito. Como tinha...

— Pode abrir os olhos agora — ele disse, soltando o braço de Isla como se causasse queimaduras. Isla nunca esteve tão grata por sentir a terra firme.

Ela obedeceu e olhou ao redor. Tinham chegado a uma parte da montanha que era estreita no topo, mas juntava-se ao resto da colina perto da base. Se ela escorregasse, despencaria apenas cerca de trinta metros antes de chegar a alguma fenda do penhasco. Ela estremeceu. Não que isso fosse muito melhor do que simplesmente cair pela lateral da ilha.

A tempestade parecia próxima o suficiente para ser tocada, curvando-se na direção deles em sua dança paralisada. Os sussurros que Isla conseguira ouvir no penhasco estavam mais altos agora. Quase insistentes.

Oro havia parado a poucos metros de distância, em um buraco perfeitamente redondo, como um poço. Na penumbra, Isla não conseguia ver o fundo. Pelo que sabia, ia até o fundo da montanha.

— Eu vou primeiro — Oro disse do lado dela. — Depois você.

Ele começou a dar um passo à frente, para dentro do buraco negro, e ela agarrou seu cotovelo. *Ir primeiro?* Eles iam pular lá *dentro*?

— Alguma coisa vai... aparar a minha queda?

— É óbvio que sim.

Ela olhou para o buraco e estreitou os olhos. Estava tão escuro quanto se estivesse de olhos fechados. Se não conseguia ver nada, significava que a

queda era longa. Poderia ser mortal.

— Você... tem certeza?

Oro suspirou.

— Medo de altura. Medo de cair. Medo de pontes. Devemos fazer uma lista dos seus medos, Selvagem?

Isla o encarou. Em vez de apontar que todos aqueles, provavelmente, seriam classificados como um único medo, não *três*, ela gesticulou para o buraco.

— Vá na frente, rei.

Ele sustentou o olhar de Isla quando deu um passo à frente e caiu.

Isla ficou tensa. Era sua vez agora.

Ela não se moveu um centímetro.

Oro podia *voar*, nenhuma queda seria mortal. Ele tinha um milhão de formas de sobreviver a algo assim. Isla não tinha nenhuma.

Tudo o que tinha eram suas palavras prometendo que ela ficaria bem. Sua vida dependia da honestidade do rei. Algo de que ele parecia se orgulhar, levando-se em conta sua demonstração.

Ainda assim... Se ela morresse desse jeito, teoricamente ele não estaria quebrando as regras...

Seria essa uma maneira fácil de se livrar de Isla?

Todos os outros governantes, exceto Celeste e Grim, estavam com ele nisso?

Segundos se passaram. Os sussurros da tempestade ficaram mais altos. Mais insistentes.

Ela estava com medo. Embora Terra tivesse treinado Isla para não temer a morte, ela temia.

Mas não era isso o que mais temia.

Seu maior medo era o que ela havia enfrentado no teste de Celeste: não viver. Ficar presa por toda a eternidade em um quarto sem ter feito tudo o que sonhou.

Estavam tão perto de encontrar o desvinculador. Ela gostando ou não, Oro havia se tornado parte essencial de seu plano. Ele era a chave para entrar na biblioteca da Ilha do Sol.

Antes de perder a coragem, Isla respirou fundo.

E pulou.

Era como rolar entre mundos, pior, muito pior do que cair do penhasco ou usar um portal. O buraco era grande o suficiente para uma pessoa, e quase não havia ar, nada além das paredes almiscaradas, e o cheiro de mofo, e os gritos dela, sua voz arranhando dolorosamente no fundo da garganta, os olhos fechados com tanta força que a cabeça latejava, doía.

Isla foi engolida.

Antes que pudesse compreender o frio, a água gelada mordendo-a como mil dentes, dois braços fortes a puxaram para fora, para a pedra fria. Ela o empurrou com toda a força que conseguiu reunir e agarrou o chão, o cabelo um leque molhado ao redor da cabeça enquanto ela alternava entre ofegar e tossir água.

Quando sua respiração desacelerou, Isla olhou para cima através da cortina que haviam se tornado seus cabelos e viu Oro ali parado, completamente seco. Ele estava franzindo a testa.

— Demorou bastante.

Ela ficou de pé na frente dele imediatamente, em menos de um segundo. Suas mãos se fecharam em punhos, se afastaram e golpearam.

Mas ela estava encharcada, a cabeça estava girando, e ele era muito rápido.

Oro agarrou seus pulsos com força.

— Isso tudo foi um teste, não foi? — ela gritou, batendo o queixo de frio. — Queria ver se eu conseguiria confiar em você.

O rei desconfiado, o governante paranoico que achava que todos estavam sempre atrás de seu poder. Hipócrita. Ele queria que Isla confiasse nele quando ele não confiava em ninguém.

Oro parou de se mexer, e isso foi resposta suficiente.

— Eu sabia.

Ela lutou contra o rei, mas suas mãos enormes mais pareciam correntes, completamente enroladas em torno de seus pulsos. Se ao menos tivesse trazido uma espada, uma adaga, *qualquer coisa* além de seus brincos com ponta de faca, que não fariam tanto estrago quanto ela gostaria.

Isla cuspiu em seus pés e esperou que isso lhe informasse o que pensava.

A cara fechada de Oro ficou ainda mais séria.

— Ouça com atenção, Selvagem. Não me importo se tem problemas comigo. Mas, se vamos trabalhar juntos, você precisa confiar em mim.

Ela mostrou os dentes.

— Como vou confiar em você se nem me diz o que está procurando?

Ele ponderou por um momento. Soltou as mãos dela.

Depois disse algo que a fez recuar de surpresa.

— Você vai revelar a Grim o que eu te contar?

O quê? Por que ele perguntaria isso? Ele achava que ela e o Umbra estavam trabalhando juntos?

O Umbra *ficava* o tempo todo atrás dela. Era uma conclusão fácil, tinha que admitir.

Isla se perguntou se talvez fosse por isso que Grim demonstrava tanto querer estar perto dela. Era para os outros pensarem que tinham se aliado?

— Não.

Ele pareceu acreditar nela, porque a próxima coisa que disse foi:

— Estou procurando o coração de Lightlark.

Isla levantou uma sobrancelha.

— O quê?

— Sua fonte de poder. Sua força vital.

Ela inclinou a cabeça para ele.

— Não seria... *você*?

Oro deu a ela um olhar estranho.

— Não. Eu sou algo como o canal da ilha. Meu vínculo com Lightlark, pelo sangue, me liga a ela. Por meio desse vínculo, posso canalizar o poder.

— Mas, se você morrer, Lightlark morre.

— Se seu poder não puder ser canalizado ou estiver desequilibrado, a ilha vai desmoronar. Não porque sou o coração, mas porque tudo o que temos construído, tudo o que somos, depende do poder que canalizo.

— Ah. Então... a ilha tem um coração de verdade?

— Sim — disse ele. — Mas não parece com os corações que você come.

Interessante.

— Então como é?

O rei balançou a cabeça. Já irritado. Parecia que ele só tinha uma determinada quantidade de paciência e um determinado número de

palavras para ela, e Isla já tinha acabado com todas.

— Não sei. Toda vez que floresce, é diferente.

Floresce? Ela queria fazer tantas outras perguntas. Por que ele estava procurando pelo coração? Como isso se encaixava na profecia? Como ele pensava que ela poderia ajudá-lo a encontrar?

Mas, antes que ela pudesse dizer outra palavra, Oro voltou a falar:

— Sim, Selvagem. Este foi um teste de confiança. Mas nós viemos aqui por um motivo.

Pela primeira vez, Isla olhou em volta de onde havia caído.

Um oásis no centro da montanha. Impossível. Além da torrente em que ela tinha caído, havia centenas de plantas crescendo do chão da caverna, como se a rocha fosse fértil.

A caverna estava congelante. Ela ainda tremia com o frio da água escorrendo por seu rosto, as roupas encharcadas grudadas na pele. Era extraordinário que *alguma* coisa crescesse aqui sem luz do sol ou terra, quanto mais centenas de espécies diferentes. Não fazia sentido. Esta caverna tinha que ser infundida com o encantamento dos Selvagens.

— O que é este lugar?

Ele franziu a testa para sua roupa pingando. Agradou-lhe saber que ela provavelmente estava com uma aparência horrível, a roupa enorme a engolindo, o cabelo em mechas bagunçadas grudadas às bochechas. Ele fez um movimento como se estivesse prestes a secá-la usando seus poderes, mas desistiu. Bom. Ela não precisava de seu calor.

— Selvagens construíram um jardim no centro de uma montanha para proteger toda a flora da ilha. Esta caverna abriga plantas de todas as ilhas de Lightlark.

Algo apertou em seu peito. Tantas plantas Selvagens tinham morrido desde que ela nasceu, graças à ausência de seus poderes. Ela achava até então que tinham perdido todas elas, para sempre. Mas talvez ainda existissem aqui.

— O coração de Lightlark floresce a cada cem anos, ligado a uma coisa viva. Uma planta. Se você conseguisse identificar a quais tipos de plantas algo como o coração pode ser atraído, elas poderiam guiar nossa busca. Poderíamos ir para onde elas se originam na ilha.

Então era por isso que ele precisava de sua ajuda.

Isso ela poderia fazer. Isla nunca tinha visto a maioria dessas espécies de Lightlark, mas crescer sendo criada por Selvagens significava saber como elas funcionavam. O que procurar.

Ela se abaixou, estudando as plantas mais próximas.

— Para o coração florescer regularmente, precisa se alimentar da vida na ilha. Ele precisa de um anfitrião disposto e carinhoso.

Isla caminhou pelo jardim e, depois de um tempo, o rei a seguiu, mais a fundo no centro da montanha. A flora era fascinante. Ela viu uma árvore com folhas de todos os tons de fogo. Um pequeno cacto que dava uma única flor, maravilhosa, e sem dúvida venenosa. Um arbusto com trepadeiras que se enrolavam e se desenrolavam como dedos gesticulando.

Uma parede estava completamente coberta por uma profusão de rosas vermelho-escuras. Isla podia jurar que estavam cantarolando.

— Elas estão...

— Elas só crescem sobre cadáveres — disse ele, impaciente. — Ou onde sangue é derramado. Dizem que capturam as últimas palavras dos mortos que lhes deram vida.

Ah.

— Como os fios de salgueiro — ela disse baixinho.

Nas terras Selvagens, havia uma campina com árvores antigas e sagradas onde as memórias e vozes dos mortos eram mantidas. Enrolar alguns dos galhos ao redor do pulso podia fazê-los falar.

Isso significava que havia corpos enterrados na montanha? Ou os Selvagens simplesmente os replantaram aqui?

Só quando chegou ao muro dos fundos do jardim, uma hora depois, ela falou novamente.

— Aquelas — ela disse, apontando para as plantas que se desenrolavam e se enrolavam. — Algo pode estar escondido no meio delas. Já vi até pássaros vivendo em plantas como elas. Nós chamamos de plantas-bolsa. Elas... carregam coisas. Sem matá-las.

Ela olhou incisivamente para uma muda do outro lado, uma carnívora que era quase igual às plantas-bolsa, exceto pela fileira de dentes que cobria seu centro. Depois se virou novamente.

— E aquelas — continuou, apontando para duas árvores com troncos grossos. — Temos algo semelhante chamado árvores-de-caixão. São conhecidas por crescer em torno de seres vivos... quase como um escudo. Ou, em alguns casos, uma prisão.

Poppy lhe contara certa vez sobre uma conhecida que se perdera em uma floresta por semanas. Uma árvore cresceu ao redor dela em segundos, prendendo a garota em seu tronco. Deu-lhe água e comida, mas tentou mantê-la ali. Foram necessários três Selvagens para libertá-la. Isla deu de ombros.

— Seria um lugar perfeito para o coração se esconder enquanto também suga a energia de uma coisa viva.

Finalmente, ela apontou para o lago em que havia caído.

— Esses lírios-d'água têm raízes — completou. — Poderia estar preso a uma raiz assim, no fundo do lago.

O rei assentiu. Pareceu prestes a se virar.

— E agora? — ela perguntou.

Oro mexeu a mandíbula, irritado, como se cada informação que ela compartilhou cortasse fundo em sua alma.

— Vou decidir por onde começar. Um lugar que tenha as plantas que você indicou.

Parecia bom. Ela sufocou um bocejo, exausta. Seus olhos procuraram uma saída da caverna. Mas não havia. Apenas o buraco, a trinta metros de altura, visível até mesmo deste lado da caverna. Ela franziu a testa.

— Como...

Ele se virou para olhá-la. Havia algo perverso em seus olhos, algo que sentiu enorme prazer no horror que tomou conta do rosto dela.

— De jeito *nenhum*. Você deve ter passado muito tempo sob a lua, seu lunático, se pensa que eu...

— É a única maneira de voltarmos ao castelo antes do nascer do sol — ele interrompeu.

Ela abriu a boca, pronta para refutar essa afirmação, mas ele a interrompeu:

— Confie em mim. Se existisse outra maneira, se existisse uma maneira de fazer isso *sem* você, não estaríamos aqui.

Isla esperou para sentir a pontada de dor por suas palavras, mas nenhuma veio. O desagrado entre os dois era recíproco. E ela estava bem com isso.

Rapidamente, antes que Isla pudesse alertá-lo sobre o que faria se ele a deixasse cair, um braço segurou suas pernas e o outro, suas costas. Oro a encarou e suspirou quando a viu piscando de volta para ele, olhos arregalados de medo.

Em seguida, disparou para o ar. Ele deve ter se inclinado de forma a passar pelo buraco que não ficava diretamente acima, mas não parou nem diminuiu a velocidade; voou rápido como uma estrela cadente, um relâmpago ao contrário.

Isla gritou tão alto em seus ouvidos que o fato de ele não ter simplesmente largado-a lá do alto era impressionante. Especialmente quando suas unhas cravaram tão forte na parte de trás do pescoço dele que Isla tinha certeza de que haviam arrancado sangue. Fingir coragem parecia impossível. Eles voaram mais rápido que o vento por apenas alguns instantes antes que tudo ficasse sem peso.

Ele estava simplesmente... andando. Já tinham chegado ao chão? Isla se mexeu para sair de seu aperto, mas Oro resmungou e seus braços a seguraram com mais força, quase doendo. Só quando abriu os olhos ela viu que ainda estavam no ar, centenas de metros acima. Oro estava andando no nada, uma ponte invisível em vez da real, frágil, bem na direção do penhasco. A praia exposta ficava lá embaixo, rochas afiadas como cacos de vidro. Ela ficou boquiaberta e prontamente colocou o rosto com força no espaço entre o pescoço e o ombro dele.

Oro riu com maldade, divertindo-se com seu medo. Ela sussurrou palavras em sua orelha que o fizeram franzir a testa.

— É como se você *quisesse* que eu te soltasse.

Antes que ela dissesse algo de que pudesse se arrepender, e isso não teria muito efeito, de qualquer maneira, dada a força com que ela estava agarrada a ele de tanto pavor, Oro deu um passo que parecia muito mais sólido.

Finalmente, estavam de volta ao Continente.

Ela se soltou de seus braços no segundo em que era seguro fazê-lo,

aliviada por estar longe do rei, então o encarou.

— Isso foi horrível — ela disse, para que ele não tivesse qualquer dúvida quanto a seus sentimentos sobre voar e estar tão perto dele.

Ele retribuiu o olhar frio.

— Vejo você amanhã — disse, mostrando os dentes, fazendo soar como uma ameaça.

Então ele voltou para o ar, em direção ao castelo, deixando que Isla retornasse sozinha.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

INVESTIGAÇÃO

Isla podia ter prometido não contar a Grim sobre o coração, mas não disse nada sobre contar a Celeste.

O quarto da amiga foi o primeiro lugar para onde se dirigiu quando chegou ao castelo.

Ela bateu e a porta se abriu imediatamente, embora estivesse quase amanhecendo. A Estelar deve ter esperado a noite toda para falar com ela.

As duplas tinham complicado seu plano.

Ela contou tudo para a amiga. Ao final, Celeste perguntou:

— Tem certeza de que ele disse *coração*?

Isla assentiu.

— Ele deve acreditar que isso cumpre a profecia. Um crime original cometido novamente, de alguma forma. Talvez encontrar esse coração seja o crime original?

Celeste balançou a cabeça.

— Não sei, mas não gosto disso. Nem um pouco.

— Nem eu. Dessa vez, o rei está claramente desesperado para quebrar as maldições — disse ela. — Mas acho que isso pode ser bom.

Sua amiga a encarou como se tivesse brotado uma flor na testa de Isla.

— É *assim* que vamos entrar na biblioteca da Ilha do Sol.

Celeste ponderou sobre isso.

— Você acha que pode convencê-lo a deixar você entrar?

Isla estremeceu. O rei a odiava. Ainda assim, encontraria uma maneira. Ela assentiu.

— Tudo bem — disse Celeste. — Então faça com que ele te mostre a biblioteca o quanto antes. Faltam apenas algumas semanas para o baile.

Algumas semanas até que os governantes sejam autorizados a matar eram as palavras que não precisavam ser ditas.

No caminho de Isla até a porta, sua amiga a chamou mais uma vez.

— Ah, Isla, mais uma coisa… Tome cuidado. — Celeste mordeu o lábio, preocupada. — Os governantes... Tenho medo do que eles farão para vencer, agora que sabemos que Lightlark está em apuros. Não confio em nenhum deles. — Ela a olhou bem nos olhos. — Principalmente no rei.

Oro foi ao quarto dela na noite seguinte, como prometido. Ele mal olhou para ela antes de levá-la ao próximo destino.

Desta vez, Isla não perguntou para onde estavam indo. Ela já tinha visitado algumas das ilhas agora, sabia onde ficavam quase todas. Poderia descobrir sozinha.

Vinte minutos de caminhada e Isla tinha certeza de que estavam indo para a Ilha do Céu.

Ao atravessar a ponte, Isla confirmou isso.

Oro pensava que aquela era a primeira vez que ela estava vendo a ilha. Não chegou a fingir que estava maravilhada com a cidade flutuante, mas ficou quieta.

Deixaram a base inferior do vilarejo e entraram em um bosque. Isla engoliu em seco. Ela se perguntou se as florestas em Lightlark eram como as das terras dos Selvagens. Perigosas. Mortais. Até os tolos temiam a floresta. Ninguém entrava sem proteção. Foi por isso que a urticária de Oro tinha sido tão surpreendente. As plantas podiam ser tão selvagens quanto os animais. Elas podiam atacar, mutilar, matar. Terra disse que era por isso que os Selvagens poderosos eram tão importantes. Só eles podiam domar a natureza. Proteger os outros.

Mas Isla não era uma verdadeira governante Selvagem. As plantas não

lhe obedeciam. E tinha como prova muitas cicatrizes que havia levado anos de elixires para apagar.

O que o rei pensaria se fossem atacados?

Culparia isso ao fato de que ela estava supostamente escondendo seus poderes a pedido dele?

Ficaria desconfiado?

Por sorte, quando entraram na floresta, nada aconteceu. As árvores seguiam altas, como tudo na Ilha do Céu, como o próprio povo. Elas estavam carregadas de frutinhas do tamanho de botões e da cor do céu e de dentes-de-leão em seus galhos, como se pedaços de nuvem tivessem se agarrado ali. A temperatura caiu rapidamente, e Isla desejou ter uma capa, uma daquelas grandes o suficiente para cobri-la inteira. Pensou no segredo do rei. Ficava notavelmente mais frio longe das infinitas lareiras e fogueiras do Continente.

Oro não consultou um mapa, mas caminhava com segurança, a ilha parecendo ter uma atração gravitacional só para ele.

— Identifiquei dois lugares em Lightlark que possuem um número incomum das plantas que você mostrou no jardim — ele enfim disse. — Um é aqui. O outro, no Continente.

O terreno da floresta se transformou em um aclive íngreme, e eles o escalaram em silêncio. O rei poderia ter voado, ela sabia, e isso teria economizado muito tempo. Devia haver uma razão para isso. Ele tinha mencionado estar procurando o coração há mais de meio século; talvez tivesse sobrevoado cada polegada da ilha sem sucesso.

Desta vez parecia que ele queria ser mais minucioso.

Finalmente chegaram ao topo da colina, e Isla olhou para um vale cheio de plantas-bolsa. O alívio correu frio pela sua coluna. Essa variedade não era perigosa. Estaria relativamente segura aqui.

Mas havia uma nova preocupação. Havia milhares de plantas, ocupando cada centímetro de vale, de montanha a montanha. Milhares e milhares. Procurar toda a área com o cuidado necessário, a pé, levaria dias.

— Como vamos conseguir encontrá-lo?

— Você saberá. O poder que o coração irradia é inconfundível, mas detectável apenas de uma distância muito próxima.

Então era por *isso* que ele não a havia abandonado para sobrevoar a extensão do vale em minutos.

Isla não confiava em sua capacidade de sentir o coração apenas por meio do seu poder.

Não quando ela não tinha nenhum.

— Ele... vai ter alguma aparência especial? — ela perguntou.

Os cantos dos lábios de Oro viraram para baixo, como de costume.

— Sim, Selvagem — respondeu ele. — Vai ter uma aparência *especial*. — Ele virou-se para a esquerda sem encará-la. — Vou começar por ali.

Bom. Pelo menos não estariam procurando lado a lado.

Isla voltou a erguer os olhos para o vale e engoliu em seco. Realmente era muita terra em que procurar. Além disso, tudo parecia igual. Seria fácil confundir onde ela já tinha olhado ou não, especialmente ao longo dos dias. Ela precisava de uma estratégia.

Isla encontrou um padrão nas plantas; fileiras que, apesar de não serem perfeitamente dispostas, eram fáceis de detectar uma vez que conhecia sua forma. Agora ela só precisava de marcadores para indicar as áreas que já havia pesquisado. Seus olhos observaram a terra, procurando uma cor que se destacasse. Uma flor diferente, talvez. Um tipo especial de videira.

Mas não havia nada, as plantas pareciam todas iguais. Mesmo as da floresta às suas costas eram de um tom muito parecido.

Ela era a única coisa que se destacava em todo o vale.

Isla suspirou e lembrou a si mesma que essa era a melhor maneira de conseguir entrar na biblioteca da Ilha do Sol. Então começou a rasgar a barra de sua camisa favorita.

Isso. Teria que fazer isso.

Ela foi eficiente. Depois de quatro horas, tinha coberto um bom pedaço de sua área e desenvolvido um sistema. As plantas-bolsa abriam quando seus topos eram acariciados. Levava alguns longos momentos para suas folhas e vinhas desenrolarem, e mais alguns segundos para dar uma boa olhada lá dentro antes de fecharem novamente. No seu menor tempo, conseguir verificar cinco por minuto. Quando terminava uma fileira, marcava amarrando uma tira de tecido na última planta.

Quando Oro veio buscá-la, Isla tinha olhado dentro de mais de mil

plantas-bolsa, e sua camisa tinha sido destruída. Antes ia até os joelhos. Agora, terminava bem acima do umbigo.

O rei parecia horrorizado. Isla sorriu, deleitando-se com o fato de que parecia tão selvagem quanto ele acreditava que fosse, coberta de sujeira, o cabelo bagunçado em volta do rosto, as roupas em farrapos.

— O que você fez? — ele quis saber.

Ela cruzou os braços.

— O que eu *fiz* foi verificar toda essa área — respondeu, apontando para um grande campo dividido por retalhos de tecido.

Os olhos do rei dispararam brevemente para o local que ela havia indicado. Ele não parecia impressionado.

Ele não parecia nada.

Isla estreitou o olhar.

— Isso significa que não encontrou?

Ele não se dignou de dar uma resposta. Só se virou e voltou por onde tinha vindo.

Na manhã seguinte, Ella chegou com roupas. Mais camisas de manga comprida quase iguais às que tinha rasgado. Calças parecidas com seu outro par, agora coberto por uma camada de terra, porém mais grossas, com tecido reforçado nos joelhos, melhores para a natureza. Botas muito mais adequadas para a tarefa de caminhar em florestas e vales do que seu par de chinelos sujos de terra.

— O rei enviou isto — disse a criada.

Isla revirou os olhos.

Ela quase quis se rebelar e usar as mesmas roupas de antes, apenas para irritá-lo, mas pensou na missão. Em fazer com que ele abrisse a biblioteca para ela. Ele não iria honrar seu pedido agora, mas talvez se a visse se esforçando para encontrar o coração...

Mas ela decidiu que usaria sua coroa naquela noite, ao menos como o mais leve lembrete de que ela *também* era uma governante de reino, que não seria desprezada. Apesar disso, escondeu a maior parte da joia entre as mechas do cabelo, para que não entregasse sua identidade às misteriosas criaturas antigas sobre as quais o rei havia avisado.

Antes de se separarem para vasculhar suas partes do bosque, Isla perguntou algo em que vinha pensando desde que Oro compartilhara seu plano com ela:

— Como você descobriu o coração?

Ele ficou em silêncio.

Ela casualmente atravessou os poucos metros entre os dois, sorrindo com doçura. Estendeu a mão e deu um peteleco na coroa real, só porque sabia que ele tinha odiado isso na primeira vez.

— Você deveria me contar. Porque se não... Não vou abrir mais nenhuma planta-bolsa.

Os olhos de Oro brilharam com irritação, como lenha crepitando no fogo. Ainda assim, ele ficou em silêncio.

Isla estalou a língua.

— Um rei desconfiado que sempre mantém todas as suas cartas perto do peito... — Suas mãos rodearam a cintura, dedos afundando no tecido solto de sua nova camiseta de manga comprida. Ela olhou incisivamente para o braço dele, onde o cinza-azulado tinha começado a se espalhar. Sinal da morte iminente do rei. — Diga, as coisas estão saindo como você esperava?

Oro olhou para ela. Respirou tão fundo que pareceu tremer os ombros. Poder emanava dele em ondas pesadas, um vento cortante que ela não podia ver, uma correnteza da qual não conseguia se libertar. De repente, o ar frio ficou quente como um Selvagem.

A força dele fez os joelhos de Isla vacilarem. Mas ela não podia lhe permitir a satisfação de ver isso. Então sorriu novamente, piscou seus longos cílios e ficou na ponta dos pés para que estivesse a apenas alguns centímetros de seu rosto quando disse:

— E?

Imediatamente, seu poder desapareceu do espaço entre os dois, engolido. Ele não se afastou.

— Vou correr o risco, Selvagem — ele disse friamente antes de dar um peteleco na coroa de Isla. O movimento a colocou de volta sobre os calcanhares, tropeçando alguns passos. Sua cabeça começou a latejar imediatamente. *Com que força ele fez isso?* Ela estendeu o dedo para traçar uma linha ao longo do metal e encontrou um vergão profundo.

Algo nos olhos de Oro brilharam com um prazer perverso enquanto a raiva distorcia a expressão de Isla.

— Você amassou!

Ele simplesmente se virou e começou a caminhar em direção ao seu lado do vale.

— Conserte! — ela exigiu.

Tudo o que viu foram as costas dele enquanto se afastava cada vez mais, a capa dourada ondulando suavemente ao vento.

— Miserável — ela sussurrou baixinho, com raiva. — Se não fôssemos uma dupla, eu realmente iria te estripar!

Isso fez parar o rei. Ele se virou como se tivesse ouvido cada palavra.

Ela fez um gesto para ele que esperava provar o quanto falava sério.

Oro franziu a testa e se virou.

E, só porque ele era sua melhor chance de entrar na Biblioteca da Ilha do Sol e encontrar o desvinculador, ela fechou as mãos com raiva e caminhou em direção a suas fileiras de plantas.

Eles passaram mais três noites vasculhando as plantas-bolsa. Trabalharam desde o pôr do sol até uma hora antes do amanhecer, tempo suficiente para o rei chegar ao castelo antes que o dia o alcançasse. Assim que seu quarto se enchia de luz, Isla desabava na cama, às vezes até mesmo sem um banho, exausta.

Seus dedos estavam rígidos, os músculos das palmas doloridos. Até os braços doíam depois de terem sido levantados um após o outro, milhares de vezes. O pescoço estava dolorido devido ao esforço para espiar os centros das plantas. A lombar era uma causa perdida.

A cada dia, a distância entre Oro e Isla diminuía a partir das margens do vale e em direção ao centro.

No trigésimo primeiro dia do Centenário, eles se encontraram no meio. Ambos cobertos de terra. Ambos cansados. Ambos frustrados, se o olhar que trocaram era uma indicação.

— Não está aqui — Isla disse, enfim. Sua voz estava rouca. Tinha começado a pagar o preço por dormir poucas horas durante o dia e trabalhar à noite. Especialmente por não ter começado a busca com boa

saúde. O braço estava totalmente curado, mas o frio não havia deixado completamente seu peito.

O rei não tinha a postura ereta de antes. Passou a mão pelo cabelo, parecendo não se importar que estivesse coberto de terra.

— Não — ele repetiu. — Não está.

Isla deve ter gemido, porque Oro a encarou, olhos em chamas, quase desafiando-a a fazer um comentário sarcástico.

Ela poderia ter feito. Se não precisasse dele.

Precisou de tudo de si para respirar fundo e perguntar:

— Onde fica o segundo local?



CAPÍTULO VINTE E CINCO

SEGUNDO LOCAL

Era noite e as luzes do castelo estavam apagadas. A escuridão era tão profunda que parecia se infiltrar em todos os lugares, como tinta derramada.

Isla procurou por luzes, cortinas que pudesse abrir. Encontrou uma vela e a acendeu.

Sua sombra surgiu diante dela, presa à parede.

Outra se juntou. Muito maior que a sua.

Ela se virou e lá estava ele. Grim. Usava sua armadura. Peças brilhantes de metal preto.

Parecia algo oriundo de um pesadelo, um monstro escondido no escuro.

Por um momento, ficou nervosa. Mas não com medo.

Ainda assim, deu um passo para trás, até que ela e sua sombra eram uma só.

Ele se aproximou. Levantou a mão para tirar o capacete. Largou-o no chão com um estrondo. Ergueu Isla do chão pela parte de trás de suas coxas, e as mãos dela puxaram o cabelo dele, e disse...

Isla ofegou. Piscou para a hera que serpenteava pelo teto do quarto, um feixe fraco de luz do sol espreitando através das cortinas. Ela estava no castelo do Continente... não no quarto escuro.

Não estava com Grim.

Idiota.

Ela culpou a exaustão pelos sonhos. Seus padrões de sono tinham mudado, e seu corpo ainda não havia se acostumado a isso. Ainda assim...

Isla não via Grim fazia uma semana. Não desde a cerimônia de pareamento.

Uma semana.

Antes, ele a procurava sempre que podia. Será que ele havia conseguido o que precisava e seguido para o próximo passo de seu plano?

Seu peito ficou muito apertado ao pensar nisso, mas ela se sentou e se esforçou ao máximo para ignorar o sentimento. Seria uma tola se perdesse mais um instante pensando nele.

Isla deveria estar concentrada em *seu* próprio plano. Naquela noite, ela e Oro iriam para o segundo local. Seria melhor tentar dormir mais um pouco... mas a ideia de sonhar com Grim de novo, e, pior, *gostar* do sonho, a fez pular da cama em direção à varanda. Pela posição do sol, adivinhou que ainda era cedo.

Trocou de roupa, decidindo procurar por Ella em um dos primeiros andares do castelo. Ela se lembrou da receita de um elixir Selvagem para o sono. Só precisava de alguns ingredientes.

Sim, ela disse a si mesma enquanto percorria o palácio, era *disso* que ela precisava. Uma xícara de chá, e ela dormiria profundamente o dia todo, sem nenhum Umbra assombrando seus sonhos. Sem acordar a cada poucas horas agarrada ao cobertor, coberta de suor.

Estava prestes a fazer uma curva quando ouviu vozes aos sussurros.

Passar pelos velhos corredores abandonados já havia se tornado um hábito. Isso garantia que ela raramente encontrasse criados e nunca se deparasse com outro governante. Era como tinha visitado Celeste tantas vezes sem ser detectada.

Parecia que ela não era a única que usava esses corredores vazios para ter privacidade.

Sem fazer barulho, ela se encolheu junto à parede, esforçando-se para ouvir.

— Seu plano é loucura.

Isla congelou. A voz ecoou profunda e furiosa, mesmo em um sussurro.

A voz de *Oro*.

Outra voz respondeu, tão baixa que ela não entendeu as palavras.

Mas ela sabia quem as dissera.

Azul.

O que eles estavam fazendo, se encontrando em um lugar tão estranho e escondido?

Isla se aproximou das vozes, caminhando em silêncio exatamente como Terra havia ensinado. Nas pontas dos pés, depois com os pés de lado, sem nunca tocar os calcanhares no chão.

— Estará sentenciando milhares de pessoas à morte — Oro rosnou.

Ela não se atreveu a respirar. Houve uma pausa.

— Um reino tem que morrer, Oro — Azul finalmente respondeu.

Isla deu um passo para trás, chocada. O salto de seu sapato fez um mínimo ruído.

As vozes sumiram.

Um momento depois, uma porta se fechou, bloqueando o resto da conversa.

Naquela noite, eles permaneceram no Continente. Isla e Oro adentraram os vastos bosques de um lado do castelo, que se estendiam por todo o caminho até a costa. Ela sentiu a familiar pontada de medo. Aquela floresta era mais selvagem do que a da Ilha do Céu. Energia vibrava no ar. Os galhos pareciam se curvar em direção a ela, como se estivessem se esforçando para olhar mais de perto. As trepadeiras no chão se esticavam quando ela passava, como se quisessem fazê-la tropeçar.

A natureza aqui parecia intrigada por ela. Suor escorria pelo peito enquanto ela observava. Pelo menos não tinha se machucado. Ainda.

O pânico começou a envenenar seus pensamentos, então ela voltou a atenção ao rei, esperando que quanto menos observasse a floresta, menos a floresta a observaria de volta. Os olhos dele estavam semicerrados e ligeiramente mais enrugados nos cantos. Ele andava de forma mais tensa do que de costume.

— Você não tem dormido nada, não é?

Oro não disse nada que indicasse que ouvira suas palavras.

— Poderia pelo menos tentar dormir durante o dia, se vamos trabalhar à noite.

Ele continuou andando pela floresta, abaixando-se para evitar galhos que Isla mal podia tocar se levantasse o braço.

— A menos que você tenha outro aliado com quem esteja trabalhando durante o dia?

— Não tenho outros aliados — ele disse secamente.

— Sério? — ela disse. — Nem mesmo Azul?

Oro parecia entediado.

— Espionar é algo baixo, mesmo para um Selvagem.

Então ele sabia que ela havia escutado. Que bom.

— Qual é o plano dele? — ela quis saber. Antes que pudesse se conter, acrescentou: — Você prometeu me proteger dos outros governantes. Devo me preocupar?

Oro suspirou, irritado, e se virou para ela.

— Azul é inofensivo. Você, entre todos os outros, é a que tem *menos* com o que se preocupar quando se trata dele.

Isso não fazia sentido. Azul havia falado em acabar com um reino. Se não estava falando sobre os Selvagens, falava de quem?

— Mas...

Seu olhar agressivo a calou.

— Não vou revelar mais nada da nossa conversa privada, então pode economizar seu fôlego e ficar grata por ter ouvido alguma coisa.

A maneira como ele falou...

Oro não contou mais detalhes sobre a conversa, mas talvez conhecer a história de Azul a ajudasse a entender suas motivações.

— Aconteceu alguma coisa com ele? — ela perguntou algum tempo depois.

O Etéreo estava sempre contente, mas ela notara um olhar perturbado em seu rosto algumas vezes. Ela podia apostar que havia tristeza, ou talvez raiva, por trás daquela máscara jovial.

Segundos se passaram em silêncio, e Isla pensou que ele iria ignorá-la novamente. Mas, por fim, ele disse:

— Azul perdeu alguém. Alguém que amava.

Ah. Isla não esperava isso. Ela supôs que todos os governantes haviam perdido alguém próximo a eles na noite em que as maldições foram lançadas. Isso parecia diferente.

— Alguém muito importante? — ela arriscou.

Oro assentiu.

— O marido.

Isla sentiu um aperto no peito. Não conhecia Azul muito bem, mas o pensamento de que ele havia perdido alguém tão próximo provocou nela uma tristeza inexplicável.

— Ele também era um Etéreo? — ela perguntou.

Ele negou com a cabeça.

Isso a fez pensar no irmão de Oro e no casamento que as maldições tinham destruído. Dois governantes foram escolhidos para se casar pela primeira vez em séculos, uma chance de unir a ilha. Ela não queria perguntar diretamente sobre o rei Egan, mas questionou:

— Casamento entre reinos é comum em Lightlark?

— Tornou-se mais comum — foi tudo o que ele disse.

Isla franziu a testa.

— Como isso afeta o poder, então? Crianças... Elas nascem com as habilidades de apenas um reino? — Ela olhou para o rei. — Elas não recebem as dos dois, não é?

Oro balançou a cabeça.

Ela esperou, com expectativa, querendo uma explicação melhor.

O rei suspirou.

— Elas nascem com um poder, Selvagem.

Interessante. Isla abriu a boca, prestes a fazer outra pergunta, quando Oro deu a ela um olhar que a silenciou novamente.

Certo.

Embora tivesse sido ele quem terminou a conversa, dez minutos depois, ele avisou:

— Estamos perto da entrada para a Ilha Selvagem — murmurou, como se, na verdade, não tivesse a intenção de dizer essas palavras.

Isla ficou parada. Ela sabia que os Selvagens tinham sua ilha em

Lightlark, é claro. Até procurou por ela enquanto bisbilhotava por aí. Mas não tinha encontrado a ponte em lugar nenhum.

— Como sabemos que o coração não está na Ilha Selvagem? — ela perguntou, subitamente desesperada para vê-la. Oro continuou andando, e ela correu para alcançá-lo. — Com certeza a maioria das plantas está lá.

O rei a encarou.

— Você mesma disse. O coração precisa de um anfitrião disposto e carinhoso para sobreviver. — Ele deu de ombros. — Toda a natureza na Ilha Selvagem está morta.

Morta. A palavra foi tiro em seu peito.

Ela não devia ter esperado nada diferente, mas ainda assim doeu ouvir.

Um instante se passou.

— O que você achava deles? — ela perguntou, embora soubesse a resposta, dada a forma como zombou dela no primeiro jantar dos governantes. — Dos Selvagens.

Ele franziu a testa, e Isla se preparou para uma série de insultos pelos quais ela poderia dar-lhe um tapa.

— Era o meu reino favorito depois dos Lunares — ele respondeu por fim.

Ela zombou.

— Não está falando sério.

Ele olhou para ela por cima do ombro.

— Eu disse *eram*, Selvagem.

— Por quê?

Eles continuaram andando. As árvores começaram a mudar. Ficando mais esparsas. Até que chegaram a uma clareira.

— Os Selvagens eram conselheiros em nossa corte — ele contou. — Quando eu era criança, me ensinaram a empunhar uma espada, a colher as frutas certas. Eram leais. Eram bons.

Isla apenas olhou para ele.

— E agora?

— E agora... — Eles entraram em outro bosque, composto inteiramente de árvores-de-caixão. Centenas delas. — Selvagens são todas as coisas que as pessoas dizem.

Passaram a noite inteira descascando e olhando dentro de cada árvore. Oro fez isso sem ter que usar uma faca, graças a suas habilidades Estelares. Isla usou as mãos e uma pequena adaga que havia levado escondido para a ilha, disfarçada de pulseira. A cada corte de sua lâmina, ela estremecia, esperando que a árvore retaliasse, mas nenhuma delas tentou machucá-la. Isla trabalhou rápido o suficiente para que Oro não sugerisse utilizar seus poderes para a tarefa. A cada hora que se passava, ela ficava mais preocupada, esperando por essa sugestão.

No final, ele finalmente fez isso.

— Isso seria mais fácil com suas habilidades — disse, franzindo a testa.

Isla congelou, pensando se deveria se preparar para correr, e no que isso a ajudaria.

— Mas as criaturas que isso poderia atrair... não tenho certeza de que vale a pena o risco.

Isla se perguntou sobre essas criaturas, as que ele havia mencionado antes. Quem eram e por que odiavam tanto os Selvagens?

Por que até Oro tinha medo delas?

Isla sempre presumiu que os governantes eram os piores do Centenário. Os mais poderosos. Os mais letais.

A maneira como o rei falou sobre essas criaturas antigas fez com que ela acreditasse que isso não era verdade. Fez com que se perguntasse quão mortais elas poderiam ser.

E também fez com que torcesse para nunca descobrir.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

ESPINHOS

Fazia dez dias desde a última vez em que Grim a tinha procurado. Ela deveria estar aliviada, mas parte dela esmoreceu diante do fato de que Celeste provavelmente estava certa.

Que outra explicação ele poderia ter para evitá-la de repente depois de ter ido atrás dela com tanta persistência? Ela realmente era apenas parte de seu plano, seja lá qual fosse.

Idiota, disse a si mesma, por acreditar em qualquer coisa diferente disso.

Era a terceira noite deles na floresta de árvores-de-caixão. Tinham olhado dentro de centenas de árvores, nenhuma com o coração. Isla estava começando a achar que não tinha prestado atenção suficiente.

Tinha deixado algo passar? Ela identificou as plantas que tinham mais chance de abrigar o tipo de poder que Oro havia descrito... mas poderia estar errada.

No caminho pelo Continente, fez mais perguntas ao rei. Cada dia com ele era um teste para ver quanto lhe contaria.

— Por que Cleo não participou do último Centenário?

Azul havia mencionado isso antes.

A floresta ainda não tinha tentado machucá-la, mas Isla ainda sentia sua energia se desenrolando ao seu redor, como se a natureza estivesse

simplesmente esperando o momento certo de atacar. Até o rei era cuidadoso por onde andava, sem nunca subestimar o poder da floresta.

— Deveria perguntar a ela. Vocês duas se dão tão bem.

Isla poderia ter pensado que era a tentativa de uma piada bem-humorada, e teria ficado surpresa com a possibilidade de o rei fazer uma, se seu tom não tivesse sido tão hostil.

Ela o encarou.

— Não é minha culpa se virei um alvo desde que fiz aquele comentário no jantar.

O rei balançou a cabeça. Parecia incrédulo diante da tolice de Isla.

— Cleo não te mataria só porque não gosta de você.

Isla zombou. Ele com certeza não tinha visto a maneira como a Lunar a encarava, como se estivesse contando as horas até o quinquagésimo dia do Centenário.

— Você parece tê-la em alta conta.

O rei, para sua surpresa, assentiu.

— Tenho. Cleo pensa no bem de seu reino acima de tudo.

Isla se lembrou da demonstração da Lunar. Ela havia testado os desejos deles.

Terra e Poppy tinham pregado o mesmo compromisso implacável com seu povo. Somente em Lightlark Isla entendeu o tamanho do sacrifício que era desistir de tudo o que o mundo tinha a oferecer.

— Sério? — Isla disse, incrédula. — Ela não tem hobbies? Amantes?

Oro não encontrou seu olhar.

— Ela teve alguns relacionamentos, com homens e mulheres, antes de chegar ao poder — disse ele. — Mas desde que se tornou governante concentrou-se inteiramente no futuro do reino. Seu foco é admirável. — Ele coçou o queixo. — No entanto, isso não significa que ela não seja um problema.

Problema. Isla se perguntou se ele sabia sobre a legião de Cleo. Seus guardas. Ele devia saber.

— O compromisso com seu próprio reino não significa que ela mataria qualquer governante que conseguisse para cumprir a profecia? Para garantir que ela e seu povo não morressem?

O rei parou.

— Qualquer governante? — ele repetiu.

Ela deu de ombros.

— O primeiro que ela tivesse a chance de assassinar.

Ele nunca pareceu sentir tanta aversão a ela como neste momento.

— Você não entende, Selvagem? Matar um governante não é a parte difícil. Nós todos tivemos várias oportunidades de cumprir essa parte da profecia. Você sabe por que matar não é permitido até o quinquagésimo dia?

Ele parecia tão chateado que ela não se atreveu a tentar uma resposta.

— É porque escolher o governante e o reino *certos* para morrer é a parte difícil. Não apenas porque estaríamos sentenciando milhares à morte, mas porque o futuro de *todos* nós depende de tomar a decisão certa. — A voz dele ficou mais alta. Ela nunca tinha visto o rei tão exaltado. Ou bravo. — Todos os nossos reinos são conectados. Você não entenderia as consequências de perder um deles. Mesmo se soubéssemos com certeza que esse crime precisa ser cometido novamente, decidir quem precisa morrer seria quase impossível. É por *isso*, mais do que qualquer outra coisa, que as maldições não foram quebradas até agora.

Isla não sabia por que falou as próximas palavras, mas ela precisava de clareza. Respostas.

— Então por que não matar Grim? — ela se perguntou, mesmo que o pensamento fizesse suas entranhas se contorcerem com uma dor surpreendente. Mesmo que ele parecesse ter se esquecido dela. — Ele não faz parte de Lightlark. Não é a escolha óbvia?

O sorriso do rei foi zombeteiro. Cruel.

— Não posso — respondeu. Talvez por estar com tanta raiva, ansioso para jogar na cara dela sua parca compreensão, ele acabou dizendo mais do que Isla esperava. — Grim é a única coisa entre nós e um perigo maior, algo que você nem pode imaginar.

Um perigo maior? O que poderia ser mais perigoso do que o Umbra? Ou as maldições? Ou o Centenário?

Oro a encarou como se ela fosse uma tola, uma governante ingênua. E agora realmente parecia que Isla não sabia de nada. Terra e Poppy sempre

trataram o Centenário como um jogo de sobrevivência, em que o mais fraco seria assassinado se os outros tivessem a chance. Se o rei estava dizendo a verdade, os cem dias tinham mais a ver com fazer a escolha *certa*, e não a mais conveniente. Antes que ela pudesse fazer outra pergunta, ele já tinha seguido em frente.

O rei estava do outro lado da floresta agora. Ela podia ouvi-lo a cada poucos minutos, cortando a casca das árvores com seus poderes, apenas o suficiente para olhar dentro do tronco. Ele não se distraía, não importava quantas horas passassem executando a mesma tarefa.

Isla não podia dizer o mesmo. Não quando tinha tantas perguntas na cabeça.

Ela tinha terminado sua seção por aquela noite. Nada de corações. Apenas um ou outro animal aninhado dentro do tronco que a espiava com um olhar curioso.

Celeste tinha feito uma visita naquela manhã, querendo uma atualização.

Estou tentando, Isla dissera. Simplesmente nunca parecia o momento certo de perguntar ao rei sobre a biblioteca. Se fizesse muito cedo, ou de repente, ele suspeitaria.

Agora, ela se perguntava se tinha desperdiçado todas as chances de convencê-lo a levá-la à biblioteca da Ilha do Sol com a última conversa. O rei parecia furioso.

Era perigoso, idiota, mas ela se embrenhou mais na floresta, a mão tocando as árvores-de-caixão até acabarem. A natureza mudou, tornando-se mais selvagem. Flores desabrocharam, vermelhas como os vestidos que ela usava com mais frequência.

Roseiras. Pétalas bulbosas protegidas por arcos de espinhos.

A última anciã Selvagem, aquela que ela havia encontrado na floresta, a chamou assim uma vez.

Você é uma rosa com espinhos, disse. Uma coisa bonita e capaz de se proteger.

Se ao menos ela conseguisse.

Suas lâminas deviam ter sido suficientes. Ela era uma grande guerreira.

Mas contra o poder o metal era como papel.

As roseiras ficaram mais grossas, transformando-se em outra coisa, uma planta com espinhos longos e grossos como dedos, espalhando-se por toda parte. Parecia uma arma. Isla não sabia o motivo, mas seguiu a floração pela floresta, vendo o arbusto ficar maior, mais alto.

Até chegar a um muro inteiro de pontas e espinhos.

Seu coração acelerou.

Espinhos se formavam nas plantas para protegê-las. Eram mecanismos de defesa, assim como as lâminas e estrelas de arremesso de Isla.

Aquele muro inteiro de espinhos devia estar protegendo alguma coisa.

Talvez o coração de Lightlark.

Isla virou-se para gritar por Oro, triunfante.

E foi atacada.

O emaranhado de espinhos ganhou vida, envolvendo-a em seu abraço.

E puxando-a direto para seu ninho afiado.

O grito foi algo gutural. Dezenas de farpas furaram suas costas ao mesmo tempo, como lâminas. Espinhos se cravaram em seus braços.

Isla tinha uma boa resistência à dor, mas aquilo não tinha sido ensaiado. Tinha sido uma surpresa.

Ela tentou se afastar da parede à força, mas estava presa, os espinhos atravessando em sua pele como ganchos. Segurando-a. Cada impulso fazia com que penetrassem mais sua pele. O sangue corria, quente, pelas costas; lágrimas escorriam pelo rosto. Um som engasgado escapou de seus lábios.

Então, mãos quentes a seguraram.

— Pare de se mexer. Está piorando as coisas! — gritou uma voz.

Ela queria cuspir em seus pés por brigar com ela em um momento assim. Queria avisá-lo para se afastar da planta maligna. Mas mal conseguia enxergar. A dor tinha tomado todos os seus sentidos.

O rei xingou, e ela imaginou que estava inspecionando suas costas.

— Vou ter que quebrar os espinhos para te soltar.

Isla assentiu e, logo depois, gritou a plenos pulmões enquanto Oro, com sua energia Estelar, partia em dois o primeiro espinho. Não importava o quanto seu poder era certeiro e suave, ela sentia o peso nas costas, torcendo-se mais perto de seus ossos. A planta não gostou do manuseio de

Oro. Enfiou outras farpas mais fundo em Isla. No entanto, não atacou o rei. Era como se tivesse apetite apenas por ela.

— São... muitas.

Ela não suportaria outra. A primeira...

Gritou novamente. Viu flashes atrás de seus olhos, a dor tão profunda que ela jurava que tinha cor própria.

De novo.

De novo.

De novo.

Isla não conseguia se controlar. Na próxima vez que ele quebrou um dos espinhos, e a planta retaliou indo mais fundo, ela vomitou nas próprias roupas.

Se o sujou, o rei não disse uma palavra. Apenas a segurou firme enquanto quebrava os espinhos.

De novo. De novo. De novo.

Isla insistiu em retirá-los.

Estava no chão agora, longe do muro, Oro ajoelhado à sua frente. O resto da floresta estava em silêncio. Observando-a.

— Como isso aconteceu? — ele perguntou.

Certo. Claro que ele estava confuso. Plantas não se atreveriam a atacar seus governantes. Mesmo se estivesse mantendo suas habilidades camufladas.

— Eu... tropecei — respondeu, estremecendo. Ele continuou observando-a, e Isla estreitou os olhos para ele. — Vá, procure o que quer que a parede esteja guardando. — Ela cuspiu. — Estou bem. Posso tirá-los sozinha.

Mesmo ferida, mesmo encharcada de sangue, o rei tinha a coragem de encará-la.

— Você está coberta em seu próprio vômito — disse ele categoricamente. Tentou ajudá-la, mas ela recuou, então gemeu.

— Eu disse que vou fazer isso sozinha — rosnou.

Oro mostrou os dentes para ela.

— Você é mesmo tão teimosa assim?

— Você é mesmo tão *arrogante* assim? — ela perguntou. — Eu disse não. Agora vá.

O rei ficou parado por um momento.

Então se levantou e voltou pelo matagal, xingando baixo.

Ótimo.

Quando ele já estava longe o suficiente, Isla se encurvou e agarrou o chão com todas as forças, os braços tremendo por um soluço. A dor...

Era diferente de tudo que tinha experimentado. *Plantas malignas e miseráveis*.

E não havia acabado.

Estremecendo, Isla levou a mão às costas e procurou o primeiro espinho. Agarrou-o com dedos trêmulos.

E puxou com toda a força.

Seu grito ecoou pela floresta; ela podia jurar que retumbou pelas árvores. Suas folhas trêmulas soavam quase como risadas.

Ela nunca se odiou mais por ter nascido sem poderes quanto naquele momento. Se fosse uma verdadeira governante Selvagem, poderia controlar cada centímetro da mata. As plantas nunca a teriam machucado. Teriam *ajudado*.

Sua mão tremia quando ela pegou o espinho ensanguentado e o largou no chão.

Só faltavam mais dez, se sua contagem enquanto Oro a libertava do espinheiro estivesse correta.

O rei estava de volta, agachado ao lado dela.

Seu braço inteiro tremeu quando ela se curvou para trás, procurando o próximo.

— Eu disse para você ir procurar...

— Eu procurei — disse ele. — Nada de coração.

Lágrimas rolaram por suas têmporas, a cabeça inclinada. Tudo isto… por nada.

— Você pode... você pode ir — disse ela, fechando os olhos com força.

Alguns segundos se passaram. Ela não o ouviu se mover e se perguntou se Oro havia simplesmente voado para longe daquele jeito silencioso dele.

Mas, quando abriu os olhos, estava ali, franzindo a testa para suas

costas, que estavam em um estado deplorável.

Oro se aproximou dela, o que fez Isla se encolher. Ele levantou a palma das mãos. Uma oferta de paz.

— Os espinhos são todos seus — disse ele, os olhos claros. Razoável. Ele fez um gesto em direção às dezenas de espinhos cobrindo seus braços, finas linhas vermelhas escorrendo deles como lágrimas de sangue. — Vou tirar esses. — Ela começou a balançar a cabeça. — É mais rápido — adicionou. — Quanto mais cedo isso terminar, mais cedo poderemos retomar nossa busca.

Ele tinha razão. Isla imaginou que poderia deixá-lo ajudar se isso significasse completar a missão e sair daquela floresta perversa.

— Tudo bem — sussurrou.

As mãos dele eram quentes na sua pele, mas também surpreendentemente gentis enquanto arrancava os espinhos, um por um. Cada um seguido por uma pontada de dor.

Mas nada comparado aos espinhos das costas.

Ela encontrou outro com a mão. Retirou. Gritou contra os joelhos.

Outro. Era curvado, a apenas um centímetro da coluna. Ela puxou, e um solavanco estremeceu todo o seu corpo, agulhas perfurando os ossos, veneno nas veias. Com o susto, ela mordeu com força a língua, e um som animalesco escapou da garganta. Imediatamente, o sangue formou uma poça na boca e pingou no chão.

— Aqui. — Subitamente, Oro estava oferecendo a ela algo para morder. — Vai arrancar sua língua — explicou. — Já vi acontecer antes; tem que ter algo na boca para isso...

Isla puxou outro espinho, sabendo que era impossível sentir mais dor do que estava sentindo agora.

Mas estava errada. A dor dobrou, triplicou, e Isla mordeu com força o que ele oferecia.

De novo.

De novo.

Seus olhos estavam fechados com tanta força que a cabeça doía. A consciência dela ia e vinha, mas Isla retirou sozinha cada um dos espinhos.

Só quando terminou e se recostou em uma árvore foi que ela percebeu

que estava mordendo a mão de Oro. A carne estava coberta de marcas de mordida. Ela havia perfurado a pele dele em vários pontos.

Estava cansada demais para sentir vergonha. Tudo o que podia fazer era se concentrar na própria respiração enquanto Oro usava um cantil de água e suas habilidades Lunares para curar as feridas.

Quando ela parou de sangrar, estava na hora de ir embora. O amanhecer estava se aproximando.

— E agora? — ela perguntou, a voz mal soando.

Antes do ataque da parede de espinhos, ela já havia terminado de procurar nas árvores. Presumiu que Oro também tivesse terminado. Estava claro que o coração não estava naquela floresta.

Ele trincou os dentes.

— Há muitos lugares com as plantas que você indicou. Eu pensei que, por causa da quantidade, nós...

Teríamos sorte foram as palavras que ela completou mentalmente.

Isla quase quis rir. Ou chorar.

Se houvesse alguma sorte no mundo, ela e o rei nunca a encontraram.

Oro balançou a cabeça.

— Tenho outro plano. Um que eu esperava não ter que usar. — Ele a encarou. — Sabe aquelas criaturas antigas que eu mencionei?

Ela assentiu.

— Bem — disse ele —, acho que é hora de visitar uma delas.



CAPÍTULO VINTE E SETE

O PORTO

Fazia cinco dias que Oro não batia à porta de Isla. Devia estar tentando encontrar a tal criatura antiga, para fazer um acordo que garantisse sua segurança.

— Será que uma dessas criaturas antigas realmente tentaria ferir o rei de Lightlark? — ela perguntou na ocasião.

— Não tenho como ter certeza — ele disse —, mas certamente não hesitariam em machucar você.

Isla tinha ficado grata pela pausa. Oro havia curado Isla com seus poderes Lunares, mas seu corpo parecia ter desistido de viver por dois dias depois que retornaram ao castelo. Estava destruída. Exausta. Quebrada.

Mas sua mente nunca esteve tão clara.

Seu encontro com os espinhos só a fez desejar ainda mais o fim das maldições. Não apenas pela liberdade… mas pelo poder.

Nunca mais plantas a machucariam. Nunca mais ela se sentiria inútil contra elas.

Depois do terceiro dia, quando estava pronta para a próxima missão e ainda não tinha recebido notícias do rei, começou a se preocupar.

Ele havia decidido que uma Selvagem vulnerável a plantas não seria muito útil? Havia decidido seguir o plano sozinho?

Ela se recusou a ficar sentada no quarto esperando que ele fosse buscá-la. Se o plano dele havia mudado, o delas também mudaria. Precisava falar com Celeste.

Isla colocou um bilhete embaixo da porta da Estelar, pedindo que se encontrasse com ela na praça. Como não eram uma dupla, ela pensou que precisavam começar a formar uma amizade superficial diante dos ilhéus, para que, caso fossem vistas juntas, eles não desconfiassem. A ideia era se encontrarem por acaso na loja de armas Estelares. Isla precisava de uma adaga, uma que não tivesse dupla função estética.

Mas, mais do que isso, precisava conversar com a amiga.

Ela esteve tão concentrada em seu trabalho com Oro que quase tinha se esquecido de que a Estelar havia sido forçada a passar um tempo com Cleo. Como tinha sido? Celeste era do tipo que evitava dividir coisas para não causar preocupação, mas Isla queria que a amiga contasse com ela tanto quanto podia contar com Celeste.

A praça estava mais movimentada do que antes, vendedores enchendo as vitrines com seus melhores produtos: chapéus de seda, luvas cobertas de cristais, vestidos tão volumosos quanto os doces e pães expostos ao sol nas vitrines da padaria das proximidades. Tudo em preparação para o baile.

Faltavam apenas dez dias.

Dez dias até que a matança fosse permitida.

Dez dias para descobrir onde ficava a biblioteca da Ilha do Sol.

Dez dias para encontrar e usar o desvinculador.

Dez dias para quebrar as maldições e sair da ilha.

Isla parou em frente à loja Estelar. Quando estava prestes a entrar, alguém lhe deu um esbarrão.

Estranho. Normalmente os ilhéus passavam bem longe dela, como se sua pele fosse venenosa.

Então sentiu o bilhete que havia sido colocado na palma da sua mão.

Era um pedacinho de papel. As palavras a fizeram congelar.

Você está em perigo, dizia.

O quê? Isla se virou, procurando quem lhe dera o aviso. Viu um homem de capa branca atravessando o mercado de cabeça baixa. Só podia ter sido ele.

Um Lunar?

Ela não ia parar para resolver o enigma de quem poderia querer prejudicá-la. Havia muitas pessoas nessa lista.

Em vez disso, resolveu seguir quem havia lhe passado a mensagem.

Tinha música tocando nas ruas, um quarteto que, sem dúvida, havia sido contratado para deixar todos animados para o baile. As lojas mantinham as portas abertas, e os meninos e meninas gritavam promoções: *Oferta especial! Dois pares de luvas pelo preço de um! Chapéus de primeira para ilhéus de primeira!*

Isla correu pela multidão, empurrando pessoas fazendo compras, segurando pilhas de embrulhos com fitas, crianças com sorvetes de casquinha. Ela sussurrava desculpas que eram recebidas com arfares assustados, e quase colidiu com uma carroça de frutas maduras e castanhas recém-torradas, mas lá, muito à frente, ela viu. Um brilho de tecido branco, desaparecendo em uma esquina.

Celeste apareceu subitamente no caminho, seguindo para a loja Estelar. Os olhos de sua amiga se estreitaram em confusão quando Isla passou correndo, sussurrando:

— Já volto.

E foi embora sem esperar resposta.

Com os braços bem perto do corpo para escapar pela estrada movimentada, Isla se moveu como uma fita ao vento, os pés encontrando espaços livres na calçada, o corpo preenchendo vazios entre o mar de gente. Instantes depois ela virou naquela mesma esquina, para uma rua quase vazia. Tanto que ela conseguiu ver o Lunar correndo para longe, o rastro da capa ondulando na brisa.

A ruela sinuosa do mercado descia pelas montanhas em vez de subir. O ar estava pesado com salmoura, peixe e maresia. Os paralelepípedos pedregosos estavam molhados sob seus sapatos, e ela quase escorregou na pressa de alcançar o Lunar.

Ela virou outra esquina… E ele tinha sumido.

Lenta demais. Ela o perdera de vista. O mar estava próximo. Estava nas ruínas do que devia ter sido um porto centenas de anos antes, quando a ilha não estava presa em sua maldição.

Isla se obrigou a ficar quieta, recusando-se a desistir. Ela olhou em volta, apertando os olhos, procurando um som ou uma ondulação de tecido.

Ela se virou na outra direção e encontrou. A ondulação da capa branca, desaparecendo atrás de um navio que, de alguma forma, havia chegado à terra firme. Parecia uma baleia encalhada, virada de lado.

Isla deu um passo e ofegou.

Correntes vindas do nada prenderam seus punhos e tornozelos.

A lâmina fria de uma espada foi pressionada firmemente contra sua garganta.

— Isso foi um pouco fácil demais — disse uma voz grave em seu ouvido. Isla puxou contra as correntes e descobriu que não eram correntes. Eram água trançada, firme como uma onda turbulenta, forte como a maré.

Mais cinco homens saíram de onde estavam escondidos, atrás de antigas casas de barcos e navios sem acesso à água. Usavam ternos extremamente brancos, com diamantes no lugar do botão superior das camisas.

Nobres Lunares. Ela os reconheceu das demonstrações.

Um grunhido escapou de sua garganta. Ela se tornou um pouco mais da fera que acreditavam que fosse.

E aí a pessoa de capa branca apareceu, e Isla arreganhou os dentes para ela, seu olhar prometendo violência. A figura nem lhe lançou um olhar antes de receber um punhado de moedas e escapar.

Uma armadilha. Ela havia sido enganada.

Idiota.

Não. *Eles* eram os tolos.

Ela levantou o queixo e disse, com todo o veneno que conseguia reunir:

— Soltem-me, e terei um pouco de compaixão. Do contrário, todos verão o que acontece quando alguém tenta prender um Selvagem.

Os homens apenas sorriram.

— Selvagem, mesmo presa — disse um. Seu cabelo branco estava penteado para trás, e ele segurava cuidadosamente uma bengala com uma ponta de cristal, embora fosse óbvio que não precisava dela. Ele apontou a bengala na direção de Isla, e as correntes de água a apertaram mais forte, forçando-a a ficar de joelhos. Ela fervia de raiva enquanto a dor atingia os

ossos e sua pele era rasgada pelo chão de pedra úmido. — Mas mesmo coisas selvagens podem ser domadas… e enjauladas. Conte-me, Selvagem. Vai implorar por sua vida?

Agora, era sua vez de rir.

— Então, sua governante enviou vocês para fazerem o trabalho sujo?

Ainda não era o quinquagésimo dia. Ou Cleo tinha contornado as regras, não exatamente *ordenando* o assassinato de Isla… ou a governante Lunar não se importava em quebrar as regras. Talvez não estivesse atrás do poder prometido, afinal.

Lá se vai a teoria de Oro de que Cleo não a mataria só porque não gostava dela. Embora, para ser justo, o fato de Isla ter se infiltrado na biblioteca da Ilha da Lua provavelmente tivesse mais a ver com isso.

O Lunar com a bengala ficou tenso, insultado. Os outros se encararam, e isso disse a Isla o suficiente. Cleo podia não os ter enviado para assassiná-la, o que seria uma violação direta às regras, mas seus esforços foram autorizados.

— Sinto muito — disse um dos homens, surpreendendo Isla e, aparentemente, o resto de seu grupo. — Mas o Centenário não é apenas um jogo para os governantes. Um dos reinos deve cair. E temos famílias… — Ele balançou a cabeça. — Não queremos que seja a gente.

Ela *entendia*. O Centenário era um jogo mortal com muitos jogadores e graves consequências.

De toda forma, ela cuspiu nos pés do homem.

— Já chega. — Isla foi puxada pelo homem atrás dela, a espada ainda contra sua garganta. — Diga adeus, Selvagem — ele murmurou em seu ouvido, puxando a lâmina para trás para um corte limpo e claro.

Isla puxou as correntes aquosas com toda a sua força, para escapar, mas seus esforços não significavam nada contra o poder Lunar.

Na floresta do Continente, Isla pensou que nunca havia desejado tanto os poderes dos Selvagens. Ela estava errada. Agora, ela não só queria os poderes, ela *precisava* deles.

Palavras passaram por sua mente, as últimas que ela pensaria:

Tarde demais. Fracasso. Impotente. Se ao menos…

Antes de terminar, ela ouviu outra palavra.

— Adeus — disse uma voz, parando a lâmina a apenas um centímetro de distância da garganta de Isla.

E o homem foi arremessado pelo ar.

Celeste fechou o punho e as correntes de água se soltaram, desaparecendo em uma confusão de faíscas prateadas. Ela devia tê-la seguido. Um dos nobres arremessou uma onda de mar na direção dela, e a Estelar deu meia-volta para enfrentá-lo com um fluxo de energia.

Sem as correntes, Isla estava livre. Estendeu as mãos para alcançar seus punhos e soltou as pulseiras, que se transformaram em facas de arremesso. Ela as lançou com facilidade, encontrando seus alvos.

Dois corações Lunares.

Os homens caíram no chão e Isla se virou, sendo atingida por uma onda de poder.

Sua mão conseguiu agarrar um caco de vidro do chão, então o mundo virou de lado quando ela foi lançada contra um velho navio.

Isla sentiu gosto de sangue na língua; a cabeça pulsava. A mão do homem apertava seu pescoço, levantando-a. Ela ouviu um rugido que não era o mar e fez um som terrível quando tentou respirar.

Ainda assim, sorriu.

Talvez não fosse grande coisa acorrentada.

Mas as correntes haviam desaparecido agora.

Isla apertou o longo caco de vidro entre os dedos e o enfiou na garganta do homem.

Ele a soltou imediatamente, tocando o próprio pescoço, tentando falar. Nenhuma palavra saiu de sua boca.

Os outros nobres Lunares não se saíram melhor. Ela correu de volta para Celeste, apenas para encontrá-la parada no meio de uma confusão de mortos caídos nas pedras molhadas do porto.

— Ela tentou te matar — disse Celeste, a voz surpreendentemente firme. — Você precisa deixar uma mensagem. Uma que mostre sua força. Uma que a faça pensar duas vezes antes de tentar de novo.

Juntas, elas rabiscaram uma resposta com sangue.

Quando terminaram, Isla olhou para baixo e sorriu. Antes aquilo talvez tivesse lhe dado vontade de vomitar, mas estava na ilha havia quarenta

dias. Nesse tempo, havia duelado com governantes famosos, sobrevivido a inúmeras provações, suportado dores indescritíveis, arrancado espinhos das costas com as próprias mãos. Sua postura era ereta e firme, lembrando-se dos homens que a ameaçaram. Lembrando-se de como se sentiu fraca acorrentada. Impotente contra o poder. Nunca mais, ela prometeu a si mesma.

Vai precisar se esforçar mais, dizia a mensagem.



CAPÍTULO VINTE E OITO

PALÁCIO DE ESPELHOS

Nunca antes Isla quis tanto ter poderes. Primeiro, os espinhos. Depois, a tentativa de assassinato no porto, a prova de que suas lâminas significavam pouco em Lightlark.

Contudo, elas serviram bem como uma válvula de escape para a raiva que se agitava em seu interior como uma tempestade.

Depois da tentativa de assassinato, Isla havia marchado direto para a loja Estelar e comprado uma adaga. A arma tinha uma cobra enrolada ao redor do punho, digna de um Selvagem. Ela a segurava com força, cortando o ar como se o metal não tivesse peso. Isla girou a lâmina entre os dedos, a jogou no ar e apanhou de volta sem ter que olhar. Imitou o ato de esfaquear alguém bem no estômago.

Os nobres Lunares vieram em sua mente, e ela enfiou a lâmina através do ar, através *deles*.

Seus lábios se curvaram. Ela esfaqueou todos eles, um por um, os homens e as memórias.

— O vento fez algo para ofendê-la?

Isla girou em um instante e a adaga voou, perfurando a pedra do palácio logo acima do cabelo escuro de Grim.

Ele sorriu. Com um movimento fluido, arrancou a adaga e atirou de

volta para ela.

Isla a pegou sem que seu olhar deixasse o dele.

Grim.

Sentiu um frio no estômago ao vê-lo. Depois, a raiva aumentou. Ela o encarou.

— Nunca pensei que o governante de Umbra seria tão indeciso.

— Indeciso?

Isla deu um longo passo na direção dele.

— *Indeciso*. Você parece não conseguir se decidir. Um dia, você age como se fôssemos amigos, e no outro, estranhos. Desaparece por semanas.

Grim não se esquivou de seu olhar.

— Qual você prefere? — ele perguntou, como se realmente quisesse uma resposta. — Amigos ou estranhos?

Ela engoliu em seco, implorando para que suas emoções ficassem sob controle.

— Nenhuma das opções — ela mentiu. — Só quero que você fique longe de mim.

Ele deu um passo em direção a Isla e sorriu. Só um pouco.

— É *realmente* isso que você quer, Devoradora de Corações?

Ela perdeu o fôlego. Grim sentiu tudo.

Isla se virou antes que ele pudesse perceber mais.

O sorriso de Grim desapareceu. De repente, ele ficou muito sério.

— Nós realmente devemos ficar longe um do outro — disse ele. — É por isso que não me viu mais.

Então ele estava mesmo evitando Isla.

— Por quê? — ela perguntou, embora pudesse supor mil motivos.

Ele deu de ombros.

— Eu sou o famoso guerreiro Umbra, milhares de mortes na minha lâmina. Todos me odeiam. Ninguém confia em mim e por uma boa razão, não deveriam. — Ele olhou para Isla. — Você não deveria confiar em mim.

Ela queria perguntar o que ele queria dizer, mas, antes que pudesse, Grim deu mais um passo. O cabelo de Isla estava bagunçado em torno do rosto, e a camisa parecia apertada demais contra a pele; ela estava usando uma calça e uma camisa para treinar. Mesmo que seus vestidos fossem

todos feitos para uma sedutora fatal, naquele momento as roupas de treinamento pareciam muito mais reveladoras.

— Você sabe como é ser odiado, não sabe, Devoradora de Corações? Ser visto como um monstro? Um bárbaro?

Era verdade. Ainda assim, doeu ouvir a verdade.

— Está ficando irritada, Devoradora. Vai negar o que você é?

Ela estava com a respiração ofegante e nem mesmo sabia o motivo.

— Não. E você?

Grim balançou a cabeça. Ele deu um passo na direção dela.

— Nunca. Eu sou o monstro.

Isla sabia que deveria fugir ou fazer algo além de dar um passo para mais perto. Ele inclinou a cabeça. Algo sobre o jeito que ele a olhava, o jeito que ficava tão perto. Mais do que alguém jamais ousou chegar.

— Não sou seu inimigo — disse ele, a voz mais suave do que já tinha ouvido.

Então por que ela não podia confiar nele? Por que ele a afastava?

E por que ela se importava?

— Prove — ela se atreveu. — Conte-me algo.

— O que você quiser.

Ela se lembrou das palavras do rei na floresta. O motivo pelo qual o resto dos governantes não tinha simplesmente decidido matar Grim para cumprir a profecia.

— Oro disse que você é a única coisa entre nós e um perigo maior. Do que ele estava falando?

Grim não pareceu nada surpreso com a pergunta. Mesmo assim, demorou para responder.

— Há coisas piores neste mundo do que as maldições. Ou até mesmo eu.

— Como o quê?

Ele balançou a cabeça.

— Eu poderia te contar, mas isso só iria te distrair. Pode acreditar. Agora, as maldições são o perigo mais premente.

Isla fez uma careta. Quem era ele para decidir o que iria e o que não iria distraí-la? O que era demais saber? Ainda assim, ela percebia, por seu tom

de voz, que ele não iria ceder.

— Está bem. Mostre-me algo, então.

— O que você quiser — ele repetiu, embora as palavras significassem menos, agora que sabia que havia limites.

— Mostre-me onde os Selvagens viviam quando estavam em Lightlark.

O pedido surpreendeu até ela mesma. Isla ainda não tinha encontrado a entrada para a Ilha Selvagem. Os comentários de Oro na floresta só aumentaram sua curiosidade. Havia tanto sobre seu reino que não sabia.

E agora ela estava mais curiosa do que nunca. Isla queria o poder infinito que seus ancestrais Selvagens outrora possuíam. Talvez tivessem deixado algo para trás, algo que poderia ajudá-la agora.

Grim a olhou, e ela prendeu a respiração. Se perguntava se ele sabia o quanto havia pensado nele nas últimas semanas, se sabia que, por mais forte que seu coração batesse, por mais vezes que suas palavras tivessem ecoado na mente dela, Grim tinha razão: ela não podia confiar nele.

Assim como ele não podia confiar nela.

— Claro, Devoradora de Corações.

Isla não disse uma palavra enquanto Grim a conduzia para a floresta do Continente, sob a sombra do castelo. Não era longe das árvores-de-caixão, mas na direção oposta. O caminho era tomado pela mata. A trilha de pedras havia muito fora coberta por ervas daninhas, plantas indomáveis que a cobriram completamente. Isla estremeceu enquanto observava a floresta, preparando-se para outro ataque. Suas costas formigaram, como se lembrassem, mas a floresta não se atreveu a atacá-la na presença de Grim. Eles pisaram em trepadeiras grossas como galhos e passaram sob teias de aranha do tamanho de guarda-chuvas. Logo, as árvores perderam suas folhas e os galhos nus afiados mais pareciam espadas. Pedras que antes talvez margeassem o leito de um rio, mas agora marcavam grama. Ela não conseguia enxergar o final da floresta até estar fora dela.

A luz do sol a cegou por um momento, e ela parou.

Havia uma ponte. Estava quebrada em muitos lugares. As laterais eram feitas de videiras trançadas.

A ilha do outro lado não dava nenhuma indicação de vida, mas algo a atraiu. Isla pisou na ponte primeiro, sem hesitação, e, quando se deu conta,

já estava do outro lado.

O rei estava certo. Não havia mais vida ali.

A Ilha Selvagem havia sido reduzida a uma floresta oca. As árvores estavam nuas e retorcidas, como esqueletos balançando ao vento. As videiras e raízes ao longo do chão estavam secas e quebradiças sob seus pés. O solo era um emaranhado de galhos quebrados, que lembravam cobras prestes a atacar. Nada de animais. Nada verde. Nada.

No centro da morte havia uma estrutura.

Grim estava ao seu lado.

— Eles chamam de Palácio de Espelhos.

Cada centímetro do palácio estava coberto de vidros que refletiam a floresta, espelhando seus arredores. Suas bordas piscaram sob a luz do sol.

O Palácio de Espelhos parecia frágil, como se um vento forte pudesse quebrá-lo, mas ele tinha sobrevivido quando todo o resto na Ilha Selvagem não tinha. Possuía a mesma forma das tendas de festivais que ela havia visto nos arredores das novas terras Etéreas com sua varinha estelar: bulboso, como se tivesse sido enchido de ar, e com três pontas.

De alguma forma, embora o exterior fosse espelhado, o interior era claro. Ela entrou e viu a floresta arrasada através de infinitas janelas, cortadas em um milhão de formas. O teto era curvo.

Estava quase vazio. Restaram apenas algumas estátuas, juntamente com folhas que tinham sido varridas para dentro. Isla entrou mais fundo no Palácio de Espelhos para descobrir que o resto do grande palácio não era feito de vidro. As paredes tornaram-se pedra e abriram-se para o que deve ter sido os jardins internos, onde o teto acabava. Videiras mortas cresceram em colunas. Uma pequena fonte agora continha água escura. Ela continuou andando, para dentro de quartos e corredores abandonados e invadidos pela floresta morta, até que alcançou a parede dos fundos, que era mais resistente que o resto, esculpida na base de uma montanha.

Estava coberta de marcas, a mais proeminente era um grande redemoinho. O resto retratava a batalha: homens e mulheres vestidos com armaduras, segurando espadas e escudos. Alguns montavam bestas gigantes que ela não reconhecia. Ela traçou os desenhos com os dedos.

— É tudo o que você esperava que fosse? — Grim perguntou.

Ela se virou.

— É muito mais.

— Mesmo que esteja quase vazio?

Isla não tinha conseguido explorar todo o palácio, mas imaginou que tudo estaria vazio, da mesma forma que os outros cômodos estavam.

— O fato de ainda estar aqui… — Ela pressionou a palma da mão contra o muro. — Me dá esperança. Que os Selvagens podem sobreviver a tudo isso.

Grim estava em outro lugar, ela podia ver em seus olhos. Ela imaginou no que ele estava pensando. Cada movimento que ele fazia era confuso.

— Como são as terras Umbras? — ela perguntou, sem realmente saber por quê.

Mesmo com sua varinha estelar, ela não se atreveu a viajar para o território deles. Os avisos de Terra a mantiveram longe.

Grim a olhou por um longo tempo.

— Um dia — ele disse —, eu vou te mostrar.

Isla esperou pelo manto da escuridão antes de sair do castelo. Oro ainda não tinha voltado à sua porta. A noite era dela, e ela faria bom uso.

Ela desejou o poder de Grim de ver facilmente no escuro enquanto percorria o Continente, a lua seu único guia. No caminho deles de volta, ela fez questão de observar a rota para a Ilha Selvagem atentamente, mas tocada pela noite tudo parecia diferente.

O caminho continuava muito além quando deveria ter desaparecido, encoberto pela natureza. Ela deve ter feito uma curva errada ou então não a viu. Logo, estava de volta ao castelo do Continente.

Isla xingou e tentou novamente. Esforçou-se para se lembrar da curva de árvores, ou o número de passos que havia contado horas antes enquanto dava seu melhor para esconder seus sentimentos perto de Grim. Ele não podia saber que o tempo todo em que respondia suas perguntas, ela estava pensando sobre o que tinha visto no Palácio de Espelhos, e quando ela conseguiria retornar. Sozinha.

Ela apertou os olhos na escuridão, então se inclinou para que seus dedos pudessem trilhar o caminho, esperando as flores silvestres começarem a

cobrir a pedra, marcando o lugar que ela precisava seguir. Se tivesse os poderes de um Selvagem, ela poderia simplesmente chamar a floresta e ouvir sua resposta. Seguir sua música até o palácio.

Mas ela não tinha. Então, continuou tropeçando cegamente pela noite.

Finalmente, a grama roçou seus dedos, uma segunda trilha continuando desde a primeira. Ela a seguiu até a floresta e hesitou. A lua estava trancada fora da floresta, bloqueada quase completamente pelas árvores. Ela teria que tatear o caminho até lá. E torcer que a floresta estivesse satisfeita com a quantidade de sangue que ela já havia derramado.

Isla abaixou a cabeça, imaginando se deveria voltar pela manhã. Se perguntava mesmo enquanto continuava pela floresta, espinhos arranhando seus tornozelos. Mesmo quando tropeçou em uma videira e caiu de quatro.

Não, ninguém poderia saber sobre sua jornada da meia-noite para o palácio Selvagem.

Nem mesmo Grim.

No momento em que tropeçou na Ilha Selvagem, seu cabelo estava embaraçado fora da trança, e ela sentiu a dor aguda dos cortes em suas palmas, mas até isso se acalmou quando olhou para o prédio à sua frente.

À noite, o Palácio de Espelhos refletia apenas a escuridão. Suas roupas marrom-claras cortaram-no como uma lâmina. Ela se via surgir das sombras da mata como um espectro.

Lá dentro, o luar caiu sobre ela mais uma vez. Os andares acima gemeram, como se despertassem de um sono. Paredes de madeira rangeram em algum lugar. *Ruídos normais de palácios antigos*, Isla disse a si mesma. Algo estalou contra o vidro acima. *Apenas um galho caído*. Ainda assim, ela rapidamente percorreu seu caminho pelos corredores e quartos, parando apenas na parede dos fundos.

Ela havia visto, no início do dia, com Grim. E sabia que tinha que voltar.

Isla reconheceu a espiral na parede como uma porta. Era do mesmo formato daquela oculta em seus aposentos, sob um painel quebrado no armário. O mesmo lugar em que ela havia encontrado a varinha estelar, escondida entre as coisas de sua mãe.

Se os Selvagens tinham uma porta secreta, o que quer que estivesse dentro devia ser importante o suficiente para ser escondido. E ainda devia estar intacto, ao contrário do resto do palácio.

Ela sentia que o que estivesse ali dentro poderia ajudá-la, que aquele lugar guardava algo de que ela precisava.

Isla tinha que entrar.

Ela empurrou a porta espiral com todas as forças, esperando que se abrisse com o esforço necessário, assim como a de seu quarto.

Mas ela não cedeu.

Isla estudou a parede e localizou uma lacuna. Um espaço para uma chave. Não… era muito longo para uma chave. A menos que fosse uma bem grande.

Ela procurou algo que combinasse com o design intrincado, um padrão estranho como uma cordilheira em miniatura. Um castiçal pequeno parecia ter mais ou menos o tamanho certo. Ela tentou encaixá-lo no buraco, mas não entrou. Não passou nem perto. Tentou obter algumas vinhas e moldar algo similar, mas quando girou como se fosse uma chave as vinhas quebraram.

Ela trincou os dentes. Se havia uma maneira de abrir a porta, tinha que estar em algum lugar ali dentro.

Isla subiu uma escada em caracol coberta de folhas mortas que estalaram como uma sinfonia sob seus pés. Vagou por corredor após corredor, sala após sala, feixes de luar como seu único guia. Minutos mais tarde, tinha nos braços uma porção de objetos que poderiam caber no buraco. Um velho pente abandonado. Uma taça de champanhe fina. Um vaso solitário, para uma única flor. Uma harpa em miniatura.

Ela colocou objeto após objeto lá dentro, tentando usá-los como chaves, até a aurora espreitar através do palácio, banhando a entrada de vidro de violeta, mas nenhum deles funcionou.

A porta permaneceu fechada.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

O MOSTEIRO

Isla estava mais convencida do que nunca de que o cofre dos Selvagens guardava algo que ela poderia usar para encontrar o desvinculador. Ou ajudá-la de alguma outra maneira decisiva.

E se havia alguém na ilha que saberia o segredo para abrir aquela porta, era Juniper.

Ela entrou no bar no dia seguinte. Estava vazio, exceto por um homem sentado no canto de trás, chapéu sobre o rosto, como se estivesse cochilando, esperando a turma mais animada da noite.

— Minha Selvagem favorita — Juniper disse atrás do balcão. Ele torceu as mãos. — A que devo o prazer?

Isla precisava fazer isso rápido. Com sorte, ninguém a tinha visto entrar no pub, e ela queria que permanecesse assim.

— Nobres Lunares tentaram me assassinar.

Pronto. Esse era o segredo dela.

A cabeça de Juniper pulou para trás, como se essa notícia surpreendesse até ele.

— Que informação você procura?

Ela se inclinou para mais perto.

— O antigo palácio na Ilha Selvagem. O que você sabe sobre ele?

Ele apertou os lábios.

— Na verdade, não muito. Algo específico que você queira saber?

— Há algo escondido lá dentro? Se sim, você saberia como encontrá-lo?

Juniper franziu a testa. Parecia que ele não estava acostumado a não ter informações sobre as coisas. Isla teve que admitir que era um tiro no escuro. Os Selvagens não viviam em Lightlark havia centenas de anos, e ela duvidava de que a maioria dos ilhéus nem sequer sabia que o palácio ainda estava de pé, considerando seu estado de abandono.

— Peço desculpas, Governante, nunca ouvi falar de algo escondido no palácio Selvagem. A meu ver, qualquer coisa de valor deve ter sido saqueada há muito tempo.

Isla assentiu bruscamente. Ela sabia que as chances de alguém saber sobre o cofre eram poucas. Seu segredo teria que ser usado outra vez, para outro tipo de informação. Ela estava prestes a sair, mas Juniper continuou:

— Contudo, sei *algo* sobre o Palácio de Espelhos.

Ela se sentou novamente. Juniper usara o nome do castelo, o mesmo que Grim tinha lhe contado.

— O que é?

— O Palácio de Espelhos é o único lugar na ilha onde todos os poderes, exceto os dos Selvagens, são reprimidos. Apenas as suas habilidades funcionam lá dentro.

O quê?

Apenas um encantamento poderoso poderia fazer algo assim. Ela nem mesmo sabia que uma habilidade como essa existia. O que estava no cofre devia ser o responsável.

Não era a informação que procurava, mas foi o suficiente para deixar Isla desesperada para saber o que havia atrás da porta.

E fazê-la ter certeza de que, o que quer que fosse, poderia ajudá-la agora.

Isla voltou para a praça com mais perguntas do que respostas. Uma tempestade estava no horizonte. O céu acima estava cheio de nuvens escuras como uma matilha de lobos circulando, pelo cinza e tudo. Eles pareciam imitar sua mente perturbada.

— Como acha que esse vestido ficaria na chuva?

Grim. Ele estava encostado do lado de fora do bar, esperando por ela.

Ela piscou.

— Está me seguindo?

Indo de evitá-la completamente a segui-la… não fazia sentido. O que havia mudado?

O que ele estava procurando?

Grim levantou a sobrancelha.

— Não. Eu estava aqui por motivos pessoais, e senti você.

— Me sentiu?

Motivos pessoais?

Ele assentiu.

— Suas emoções, elas têm um tom… uma cor, quase. Eu sabia que você estava por perto.

Ela não sabia como se sentia em relação a isso. Queria saber que cor tinha, mas não perguntou. Em vez disso, levantou o queixo e disse:

— Seu esquisito.

Isla virou-se para sair do mercado, e Grim caminhou com ela.

— Sabe, se você está pedindo informações a Juniper, recomendo tomar precauções. Eu posso fazê-lo esquecer sua conversa, se quiser. Ou simplesmente ameaçá-lo para que não diga nada.

Ela o encarou ao mesmo tempo que considerava aceitar a oferta. Juniper a ajudou, mas era impossível confiar em um dono de bar que negociava segredos.

Ela realmente esperava que Juniper soubesse como abrir o cofre no Palácio de Espelhos. Era evidente que exigia uma chave, uma que ela não tinha tempo de procurar.

Encontrar o desvinculador precisava ser seu foco.

No entanto, Isla tinha aquela certeza de que o conteúdo do cofre poderia ajudá-la a localizá-lo.

Não conseguia explicar… mas a porta a atraía, falava com ela. Dizia em sua linguagem silenciosa que Isla precisava abri-la.

Se ao menos ela tivesse tempo e recursos para fazer isso acontecer…

— Você está decepcionada, Isla.

Ela piscou, e lá estava Grim, parado em seu caminho, observando-a. O castelo aparecia muito à frente, alto em seu penhasco como um gigante agachado.

Ela rangeu os dentes e parou.

— Eu te disse para não me analisar.

— E eu disse que não consigo evitar.

Ela cruzou os braços, a boca já aberta em resposta…

Quando o céu se abriu como um ovo.

A chuva a encharcou completamente em um instante. Uma tempestade tão forte que ela mal conseguia enxergar. Grim era apenas uma figura escura diante dela, mas Isla o escutou, sua risada profunda como o estrondo de um trovão.

O vento soprou seu cabelo e vestido para trás, sibilou em seus ouvidos. As árvores abaularam, suas folhas dançando descontroladamente.

Grim estendeu a mão e ela a segurou.

O castelo estava muito longe, e Isla não tinha certeza de que algum dos poderes do Umbra poderia protegê-los da chuva. Ele a conduziu até a construção mais próxima, o mosteiro que ela vira muitas vezes antes, com o olho de vitral na fachada.

Grim abriu a porta da frente com uma explosão de poder sombrio e os colocou para dentro.

Ela estava ofegante, congelando e encharcada. Seu cabelo grudado no rosto em mechas bagunçadas, e seu vestido… seu vestido colava nela, delineando cada centímetro do corpo. Ela estendeu a mão para tirar a coroa e viu que estava presa ao cabelo.

Grim estava a alguns metros de distância, observando-a.

Ele também estava encharcado. O cabelo escuro espalhado na testa, pingando nas laterais de seu rosto. O tecido preto que ele sempre usava agora parecia muito fino, quase transparente, os músculos perfeitamente definidos. Sua capa pingava suavemente no chão de madeira do convento enquanto ele caminhava lentamente. E, quando ela olhou em seus olhos, não encontrou nenhum humor ali, nenhuma diversão.

Grim parou a poucos centímetros de distância, e Isla prendeu a respiração. Ele foi em sua direção, ela ficou imóvel, e as mãos dele

simplesmente foram para sua coroa. Seus dedos a puxaram gentilmente, com cuidado, os fios de cabelo enrolados no metal, soltando-os.

Ele puxou um pedaço um pouco forte demais, e ela produziu um som que fez Grim encontrar seu olhar imediatamente. Algo perverso dançou em seus olhos, algo que fez a parte de baixo da coluna de Isla se curvar.

Não havia luzes na abadia, nenhuma chama. Apenas um único vitral arredondado na janela oferecia a silenciosa luz do dia enquanto a tempestade se alastrava, chuva batendo violentamente contra o vidro. Isla poderia ter jurado que os cantos escuros da sala escureceram ainda mais, como tinta se espalhando, sombras alongando em direção às fileiras de bancos.

Ela respirou fundo, trêmula, e se convenceu de que era o frio. Grim observou sua boca e disse:

— Você está se sentindo… aflita, Devoradora de Corações.

Grim estava tão perto que ela podia sentir a respiração dele em sua bochecha, fria como a chuva lá fora, fria como os dedos que ainda estavam parcialmente atados ao seu cabelo.

— E você? — ela disse, sua voz apenas um sussurro. — O que está sentindo?

Grim sorriu.

— Ah — ele disse, olhos presos nos dela, como se quisesse ter certeza de que ela ouviria cada palavra —, o que estou sentindo não pode ser dito em um lugar assim.

Sua respiração não deveria estar travando; seu pulso não deveria ter acelerado pela proximidade ou por suas palavras. Ela ainda não sabia por que ele tinha vindo para o Centenário ou o que ele estava procurando. Isla havia julgado seu povo pela imprudência em relação ao amor. Agora, ela os entendia um pouco melhor.

E a si mesma, um pouco menos.

O que estava fazendo? Ela sempre se considerou acima de tais desejos. Mais forte que sua mãe. Mais focada. Grim tinha dito que ela não podia confiar nele. Havia provado isso várias vezes.

Por que isso a fazia querer ficar ainda mais perto dele?

Com um último puxão, ele libertou sua coroa. Grim franziu a testa, e

Isla observou enquanto seu polegar percorria o amassado que Oro havia feito dias antes. Ele o consertou instantaneamente e a entregou a ela, no pouco espaço entre os dois.

Ela a pegou com dedos trêmulos e traiçoeiros.

Então ele se virou, deixando-a ali parada, as palavras presas na garganta. Ela agarrou a coroa com tanta força que as bordas ásperas perfuraram dolorosamente sua mão. *Recomponha-se*.

O aviso de Celeste surgiu em sua mente. Ele era uma distração. Estava jogando com ela.

Ela sabia jogar também.

— Onde *você* estava naquela noite? — ela perguntou, a voz ainda um pouco sem fôlego. — Na noite das maldições.

Ele olhou por cima do ombro para ela. Sombras dançavam a seus pés, seus contornos nítidos desvanecendo, distorcendo. Como se a própria noite estivesse vazando dele.

— Você realmente quer saber?

— Sim.

— Eu estava na cama.

As sobrancelhas de Isla se juntaram.

— Estava *dormindo*?

Ele a encarou.

— Não.

Ah.

De repente a janela de vitral parecia muito interessante. Isla observou suas quatro ilustrações atentamente, esperando que o calor que sentia em seu rosto não fosse visível na escuridão.

Grim estava sentado em um dos bancos do mosteiro, cotovelos nos joelhos. Ele observava. Podia sentir seu olhar nela, mas não conseguia olhar de volta.

Em um instante, ele estava atrás dela. Isla sentiu sua respiração em seu ombro nu e ficou tensa.

— Quando saí dos meus aposentos, tudo estava queimando e todos os governantes, mortos. — Ela se virou e encontrou seu rosto sério, como nunca tinha visto. — E eu era o governante de um reino. Quando tudo que

havia treinado para ser era um guerreiro.

A escuridão saiu dele em ondas, extinguindo até mesmo a pouca luz que entrava pela janela. Um relâmpago caiu do lado de fora, mas sua luz não os alcançou.

Isla engoliu em seco. Virou-se para encará-lo.

— Sei como é ter responsabilidades que você nunca quis… e nunca achou que merecia.

As mãos de Grim estavam fechadas com força ao lado do corpo. Ela alcançou e abriu uma delas. Passou um dedo pela palma da sua mão e o sentiu ficar tenso na frente dela.

— Pode me mostrar? — perguntou, sabendo que não deveria.

Ele parecia saber que ela se referia a seus poderes. Sua extensão, além da simples demonstração que ele havia dado semanas antes. E ela parecia saber que ele precisava de uma válvula de escape.

Grim a olhou atentamente nos olhos.

— Tem certeza de que quer ver? — ele perguntou.

Ela quase disse sim imediatamente, mas se lembrou da decepção que sentiu com a resposta na última vez que ele a respondeu. Era um aviso, ela se deu conta.

Um aviso de que ela poderia ver algo que não gostaria.

Ainda assim, Isla assentiu. Ela queria ver. Poder bruto. A coisa que ela queria mais do que nunca.

Ele estava tão perto que seu nariz quase tocou o dela.

— Aqui não. — Ele olhou pela janela. Isla ouviu a chuva, ainda furiosa, mas não tão violenta quanto antes. — Você se importa de ir lá fora novamente?

Ela balançou a cabeça e o seguiu para a parte externa do mosteiro.

Isla sentiu tudo mais uma vez, água a cântaros, mas já estava molhada e com frio. Seus olhos ficaram colados em Grim enquanto ele caminhava até a borda do precipício. Suas costas estavam tensas, a capa colada nos ombros, os músculos se retraíram.

Rápido como um relâmpago, ele se virou, a mão a sua frente, e a escuridão irrompeu em uma linha violenta, uma parede de tinta que ondulava como água, pontiagudas como chamas. Passou direto por ela, a

centímetros de seu rosto. Ela tropeçou para trás, a força daquilo quase a fazendo cair.

Tão rapidamente quanto havia atingido, a escuridão se dissolveu. Isla tomou um fôlego instável. Nos lugares que a noite tocou, a vida foi levada embora. A grama estava carbonizada e emaranhada; árvores foram reduzidas a cascas que se transformaram em cinzas bem diante de seus olhos.

Se esse poder tivesse sido liberado em um humano, ela imaginava que a pele derreteria de seus ossos. E os ossos lascariam e rachariam até virarem poeira ao vento.

Isso era pior do que fogo.

A escuridão de Grim não deixou nada para trás.

Ele tinha voltado para o penhasco, a mão fechada em um punho ao seu lado. A mão que exercia um terrível, terrível poder.

Grim ficou imóvel enquanto ela passava dois dedos sobre a parte de trás daquela mão. Indo contra seus próprios princípios, ela disse:

— Mostre-me mais.

E ele sorriu.

E a agarrou pela cintura.

Eles dispararam do penhasco, para a areia abaixo, e, desta vez, Isla não gritou. Porque, de alguma forma, eles tinham perdido a metade do salto.

O mar espumava e rugia como um animal enlouquecido na tempestade, nuvens borbulhando e se agitando acima, fundindo-se ao formar um degradê cinza. Ela não conseguia ver onde o oceano terminava e o céu começava. Os dois rodando, girando como um redemoinho, desesperados para se tocar.

Isla estava perto o suficiente de Grim para ouvi-lo na chuva, sobre o vento que soprava do mar, açoitando cada centímetro de pele exposta e deixando-a dormente. Ela ainda tinha sua coroa na mão e, por um momento, considerou simplesmente jogá-la no oceano furioso, perguntando se isso resolveria seus problemas.

— Devoradora de Corações — disse ele.

Ela olhou para ele, apenas para ver algo peculiar em sua expressão.

Parecia *preocupado*. Devastado.

Preocupado que ela se encolhesse diante da terrível demonstração de sua habilidade? Que ela o odiasse pelo que ele era?

Ela se lembrou de suas palavras.

Eu sou o monstro.

Parte dela tinha medo disso.

Mas não tinha medo *dele*. Mesmo que parte dela gritasse que devesse ter.

— Diga-me como estou me sentindo — ela sussurrou. Ela podia tentar ao máximo controlar seus pensamentos, suas ações, mas se o Umbra tinha ensinado alguma coisa era que suas emoções eram muito mais difíceis de controlar.

Chuva escorria de seu cabelo e em suas bochechas.

Ele engoliu em seco, analisando-a.

— Você está… curiosa.

Ela apontou para os arredores e deu de ombros. Tinha pedido que ele mostrasse mais.

— E então?

Em vez de sorrir novamente, a expressão de Grim ficou séria. O oceano se curvou com uma onda gigante que atingiu a crista diante deles e desmoronou em penhascos a poucos metros de distância. De repente, a boca dele estava em seu ouvido.

— Eu poderia abrir um buraco negro que engoliria a praia inteira. Poderia tornar o mar escuro como tinta e matar tudo que há nele. Poderia demolir o castelo, tijolo por tijolo, de onde estamos. Eu poderia te levar de volta para as terras Umbras comigo agora mesmo. — Sua voz era profunda como um sonho, escura como um pesadelo. — Eu poderia fazer todas essas coisas. — Seus lábios pressionados contra o ouvido dela, só por um instante. — E eu o faria, se não achasse que você me odiaria por isso.

Os ombros e os dedos de Isla tremeram; por causa do frio, da chuva, da proximidade dele, ou das proclamações de Grim, ela não tinha certeza. Ela olhou para baixo, para seus corpos pressionados um no outro. Apenas o tecido frágil e encharcado entre eles. Vestido vermelho contra preto, uma rosa mergulhada na meia-noite. Como chá na água em ebulição, a escuridão ainda vazava dele, ao redor dele, em fitas que a alçavam antes de

recuar.

— Por que se importa com o que eu penso? Você mal me conhece.

As sombras de Grim brilharam, embora sua expressão não tivesse mudado.

— Conheço o suficiente — disse ele.

— E a história de ficar longe de mim?

Seus lábios estavam bem acima dos dela agora, suas palavras praticamente no canto de sua boca.

— Honestamente… eu tentei — disse ele. — Mas… acontece que não sou tão honesto assim.

Isla pulou para longe dele, com medo do que ela poderia fazer se ficasse tão perto, perto o suficiente para sentir o poder que emanava dele, perto o suficiente para que ele encostasse nela, tão forte quanto o vento. Era esplêndido.

Mas ela era uma tola. Ele tinha sido inconstante por uma razão. Tinha seu próprio plano.

Eu acho que, na verdade, ele vai usar você. *Nós.*

Grim deu um passo para trás. Outro. As sombras ao seu lado se encolheram, sibilando sobre a chuva.

— Você está com medo — ele disse.

Ela não sabia mais o que fazer, então assentiu. Porque ela estava aterrorizada. Apavorada com a forma como seu coração estava batendo descontroladamente, de como sua cabeça estava tão enevoada e nublada quanto o céu acima.

Seu povo merecia mais do que ela, uma líder inventada que estava naquele exato momento jogando fora a salvação de todos.

O que ela estava fazendo?

O que *ele* estava fazendo?

Ele deve ter sentido todas as suas emoções, o medo combinado com a confusão e desejo e vergonha. Porque ele disse:

— Vamos voltar para o castelo.

E toda a escuridão e sombras caíram aos seus pés antes de serem lavados pela chuva.



CAPÍTULO TRINTA

ESPECTRO

Na quadragésima terceira noite do Centenário, o rei enfim bateu a sua porta novamente.

Ela abriu e o olhou de cima a baixo.

— Faz oito dias — disse ela.

Ele estava inexpressivo.

— Demorou cinco para encontrá-la. Dois para persuadi-la para fora do esconderijo. Um para fazer um acordo.

Isla o encarou, pensando se podia confiar nele. Pensando se ao menos tinha escolha. Ela havia passado os últimos dias tentando encontrar outra maneira de entrar na biblioteca da Ilha do Sol, sem sucesso.

Parte dela considerou simplesmente entrar, sem um convite, sem disfarce, deixando que o rei tirasse suas próprias conclusões. Ela havia proposto esse plano para Celeste, que havia respondido um dia depois, com más notícias.

A biblioteca da Ilha do Sol é fortemente vigiada e monitorada, ela disse depois de perguntar por aí. *Também está sempre cheia. Seria impossível procurar pelo desvinculador sem ser notada.*

Ela precisava que o rei concedesse um convite não monitorado. O que significava ganhar sua confiança.

Então ela aceitou a explicação e o seguiu até o próximo local de busca.

A Ilha da Estrela era prateada. O chão brilhava com poeira cósmica. As árvores eram magras e tortas, transformando-se em espirais, minúsculas folhas brilhantes crescendo até mesmo dos troncos. O castelo era uma monstruosidade com arcos intermináveis, joias brilhantes enfiadas na própria pedra, como se estrelas tivessem sido roubadas e usadas para fortificar o palácio, presas na pedra até que pudessem voar para casa. Celeste uma vez disse que, para os Estelares, as estrelas pareciam mais brilhantes do que para todos os outros, como milhões de luas, ou frutos brilhantes prontos para a colheita. Só eles podiam ver quão forte elas realmente brilhavam.

Os Estelares manipulavam a energia das estrelas, concentravam um poder tão luminoso e brilhante que outrora eram capazes de fazer edifícios tombarem, empurrar corpos sem tocá-los e estilhaçar todas as janelas de um palácio. Agora, com a maldição, os mestres Estelares já nem existiam.

A ilha estava brilhando, linda, mas em ruínas. Ao contrário da Ilha do Céu, administrada por seu povo e seus representantes, ou a Ilha da Lua, administrada pela rígida Cleo e seus nobres severos, essas terras estavam descuidadas. Cobertas de vegetação. Era uma surpresa o castelo ainda estar de pé. Todas as outras estruturas pareciam instáveis ou já estavam parcialmente destruídas.

Ela supôs que era isso o que acontecia quando um reino inteiro morria antes dos vinte e cinco anos. Seu governo era quase inexistente, dirigido por nobres que eram praticamente crianças quando morriam.

Uma pena, pensou Isla, enquanto caminhava pela Ilha da Estrela. Algo sobre o reino a deslumbrava, cada coisa viva revestida por uma luz brilhante, como se alguém tivesse mergulhado a mão dentro de uma estrela e manchado toda a terra com seu brilho prateado.

Um pássaro que parecia feito de metal brilhante estava sentado em uma árvore próxima, sob um cacho de nozes prateadas. Uma cobra metálica rastejou ao longo de um galho, suas escamas como cota de malha. Eles caminharam por minutos pela floresta estranhamente colorida antes de encontrar um riacho, a água prateada sob o luar.

A pele de Isla ficou arrepiada, não apenas por causa do frio, mas pelo

nervosismo. Eles estavam prestes a conhecer uma das criaturas antigas. Aquelas sobre as quais Oro a tinha lhe alertado.

— Faça o que eu digo — ele havia falado. — Eles são trapaceiros. Alguns mais violentos do que outros. Alguns vão comê-la no jantar e palitar os dentes com seus ossos. Outros são mais intrigantes do que assassinos. Eles são tão antigos quanto a própria ilha.

O rei havia prometido que aquela noite não tentaria matá-la. Ele tinha se certificado disso durante seu último encontro com ela, na noite anterior, mas Isla ainda estava apreensiva. Tinha que haver uma razão para esse não ter sido o primeiro plano de Oro.

As árvores acabaram de repente, revelando uma construção antiga, cheia de arcos e colunas. As janelas haviam sido arrancadas fazia muito tempo; partes das escadas tinham caído. Raízes e vinhas prateadas adentravam a construção, enrolando-se ao redor dos pilares, dentro e fora da entrada, em torno da base, depois de volta para a floresta, como se estivessem tentando desesperadamente impedir que tudo fosse embora.

Oro subiu as escadas de dois em dois degraus, tomando cuidado para evitar os que havia muito tinham virado pó. Isla o seguiu e, uma vez lá dentro, viu o quanto a floresta tinha tomado conta. O teto era alto e abobadado, quebrado em cacos e coberto de folhas. Árvores cresceram nas laterais das colunas interiores e espinheiros cobriam as paredes. Plantas menores brotavam entre as pedras do chão, algumas ostentando flores, outras brotando frutos prateados que pareciam sinos, espinhos grossos entre eles. Eram muito menores do que os que a perfuraram, mas até mesmo olhar para eles fez seu estômago revirar.

Oro pegou um daqueles espinhos e espetou a palma da mão com ele. A gota de sangue que se formou pingou no chão.

E uma mulher saiu da parede. Ela usava um vestido simples que flutuava ao seu redor, assim como seu cabelo, ambos suspensos como se ela estivesse embaixo d'água. Seu corpo era prateado e levemente transparente.

Um espectro.

Esta era a criatura antiga? Um fantasma?

— Meu rei… Você voltou para mim — ela disse, sua voz como um sino

dos ventos.

A temperatura caiu de repente. Quando Isla expirou pela boca, espantada, uma nuvem soprou de seus lábios.

O espectro virou-se bruscamente para encará-la. Seu sorriso aumentou.

— E você me trouxe um presente.

— Não é um presente — Oro disse. — Mas, sim, o que você pediu.

Isla deu um passo para trás.

— Pediu? — ela disse, tropeçando em uma videira. Ela mal conseguiu se segurar antes de cair.

Era esse o novo plano dele? Iria trocá-la pelo coração?

O espectro se aproximou rapidamente, o cabelo movendo-se como um chicote atrás da cabeça.

— Ah, sim… exatamente como solicitei. Como você foi capaz de encontrá-la em tão pouco tempo? Nunca vi um rosto assim. — Ela franziu a testa. — As roupas não a fazem jus, mas vejo a sugestão de uma boa aparência…

Isla puxou sua nova adaga da cintura e a empunhou.

— Não dê mais um… — ela disse, olhando para baixo e sem ver pés.

A cabeça do espectro caiu para trás em um ângulo horrível enquanto ela ria.

— Esse metal nem me tocaria, garota. — Ela estreitou os olhos leitosos para Isla e disse: — Agora dê um nó nessa camisa. Quero examinar o corpo que vou vestir.

— Vestir? — Isla virou-se para Oro, que parecia contente em assistir.

Ele suspirou.

— É só por alguns segundos.

O espectro fez beicinho.

— Eu esperava que tivesse mudado de ideia sobre isso.

Isla estava prestes a enfiar a lâmina em Oro.

— Você tem um segundo para explicar antes que eu saia correndo deste lugar gritando e nunca mais fale com você — ela disse por entre os dentes. Ele, de forma conveniente, não tinha mencionado nada *disso* no caminho.

Sua expressão estava entediada.

— O preço do espectro por nos ajudar é possuir um corpo por alguns

momentos.

Sua mão apertou o cabo da faca.

— Por que não o seu?

— Eu ofereci, mas ela pediu… algo específico.

O espectro estava subitamente ao seu lado.

— A garota mais bonita da ilha, foi o que eu pedi. — Ela estendeu um dedo prateado, querendo tocar a bochecha de Isla. — E você é *perfeita*.

— Sem chance — disse Isla, dando um passo para trás. — Como vou saber que ela não vai querer ficar? Que você não está apaixonado por ela e só quer um corpo para ela habitar por toda a eternidade?

Oro a encarou na mesma hora em que o espectro se virou para olhá-lo de uma maneira que dizia a Isla que era exatamente o que ela estava esperando.

— E então? — Isla perguntou.

— Você confia em mim?

— Não! Você nem me contou sobre isso até invocá-la!

Mas isso não era totalmente verdade. Ela confiava nele, pelo menos um pouco, depois de tudo que já haviam passado.

A raiva queimou em seu peito. Era *este* o acordo que ele tinha feito com a criatura antiga?

Oro suspirou.

— O que você quer em troca?

Nada! Ela queria gritar na cara dele, mas seu coração começou a bater mais rápido, fazendo uma pequena dança em seu peito. Esta era sua chance.

Este era o momento que ela estava esperando.

Ela estava tão animada, tão nervosa, que não se incomodou em disfarçar seu pedido.

— Leve-me à biblioteca da Ilha do Sol — foi tudo o que ela disse. — Deixe que eu veja o que há lá dentro. Sozinha.

Oro franziu a testa.

— Por quê?

Isla se endireitou.

— Eu gosto de livros. Eu quero ver o que sua ilha tem a oferecer — ela

disse casualmente. Então, para desviar a atenção do pedido aleatório, acrescentou: — Solares *leem*, não leem? Ou preferem passar o tempo franzindo a testa, de mau humor e queimando coisas como seu governante?

Isso deu resultado. Ele olhou para ela como se quisesse jogá-la do penhasco mais próximo, mas finalmente concordou:

— Tudo bem.

Algo frio mergulhou em seu peito.

Ele a tinha esfaqueado. Esse foi seu primeiro pensamento enquanto sua mente se escurecia e ela se foi para muito, muito longe.

Ela estava suspensa, sem peso, um sussurro na noite. Livre e amarrada, solta e presa. Dançando. Caindo.

— *Já está bom* — disse o rei.

Ela engasgou.

Isla piscou. Oro piscou de volta, a um centímetro de distância. Seu corpo estava pressionado firmemente junto ao dele, seus dedos entrelaçados em seus cabelos dourados, e os lábios dela quase nos dele. Ele não a estava segurando, mas ela estava agarrada a ele.

Ela se assustou e provavelmente teria caído para trás e quebrado a cabeça na pedra se ele não a tivesse segurado.

Um verdadeiro Selvagem não ficaria tão perturbado com a proximidade do rei, mas Isla não tinha uma longa lista de conquistas como as orgulhosas sedutoras de seu reino.

Isla virou-se para encarar o espectro, que flutuava nas proximidades, radiante.

— Você tem sorte de já estar morta — ela cuspiu.

Suas bochechas queimaram e ela se recusou a olhar para Oro novamente, que disse com quase tanto veneno:

— Você teve o que queria. Agora conte o que você sabe.

O espectro suspirou. Ela se sentou em uma cadeira invisível.

— O que você procura não está na Ilha da Estrela. Não desta vez.

Desta vez? Antes que Oro pudesse ir embora, ela disse:

— Um aviso, rei. O submundo da ilha está subindo. A escuridão está em ação… Nós estamos sentindo.

— Sentindo o quê? — perguntou Isla.

— O terror.

Com um último sorriso para o rei, o espectro desapareceu pela parede. Isla queria se virar para Oro, gritar algo para ele, mas ela sabia que isso o deixaria ainda mais desconfiado.

Além disso, ela finalmente conseguiu o que queria.

Embora… parecesse bom demais para ser verdade. Ela precisava fazer Oro cumprir sua palavra esta noite, para que ele não voltasse atrás com o acordo. Ainda era cedo. Eles poderiam ir agora mesmo.

— Ótimo. Isso foi traumatizante — disse ela. Seus ombros estremeceram com um calafrio quando pensou naquele ser antigo vestindo sua pele. Mesmo que fosse apenas por um momento. Ficar perto o suficiente para sentir a respiração do rei miserável contra sua boca. — Agora você sabe que o coração não está na Ilha da Estrela. Graças a mim. Admito, é uma informação valiosa. Vai nos economizar uma boa quantidade de lugares. — Ela o olhou bem nos olhos. — Agora, leve-me para a biblioteca.

Oro se virou e caminhou de volta pela floresta Estelar em silêncio.

Ele realmente iria levá-la. Ela não acreditava.

A Ilha do Sol tinha a única biblioteca que elas ainda não haviam pesquisado. O desvinculador tinha que estar lá dentro. Ela poderia encontrá-lo e quebrar as maldições naquela mesma noite.

Celeste ficaria emocionada. Ela mal podia esperar para dizer a ela…

Na ponte, o rei fez uma curva estranha.

Ela parou.

— Sua ilha não é para lá?

Ele apenas continuou como se não tivesse ouvido.

— Você fez uma promessa, rei — ela gritou às suas costas.

— Vou levá-la para a biblioteca da Ilha do Sol — disse ele por cima do ombro. — Mas não me lembro de ter especificado *quando*. — Seu olhar se estreitou. — Talvez quando me ajudar a encontrar o coração, como prometido no nosso acordo inicial.

Seus dedos se contraíram, coçando, implorando para sufocá-lo. Ela sacudiu a cabeça, tão zangada que sentiu o formigamento de lágrimas nos cantos dos olhos. Ela estava tão perto. Ele havia *prometido*. Ela não tinha

feito o suficiente?

— Volte — disse ela. Ele não voltou. Oro a ignorou, uma especialidade dele.

Seu corpo estava quebrado e cansado, e aquilo tinha sido tudo que ela pedira em troca.

Desta vez, a voz de Isla tremeu de raiva.

— Você… você é um egocêntrico, miserável sem coração.

Isso fez Oro se virar. Ele deu alguns passos para trás em direção a ela e sorriu maldosamente.

— É esse o seu plano, Selvagem? Tentar ganhar meu coração me atormentando? — Seus olhos arregalados procuraram os dela, esperando.

Ele estava falando sério.

Isla sentiu a pontada das lágrimas, mas riu. Sem fôlego, enfurecida, ela riu e riu. Ela deu um passo à frente e disse lentamente, para que ele pudesse ouvir cada sílaba:

— Eu não tenho absolutamente nenhum interesse em você, *rei*.

Ela esperou que ele a chamasse de mentirosa. Falasse que ela era igual às incontáveis Selvagens que, sem dúvida, também foram instruídas para seduzir o rei como parte de sua estratégia.

Em vez disso, Oro pareceu surpreso. Chocado. Era realmente tão surpreendente que uma Selvagem não estivesse tentando fazê-lo se apaixonar para que pudesse roubar suas habilidades e trazer o poder de volta ao seu reino?

Ele conseguia sentir, por conta da raiva, que ela estava dizendo a verdade?

— Então, no *que* você está interessada, Selvagem? — ele perguntou. — Por que quer ter acesso à minha biblioteca? O que está procurando?

Ela ficou muito quieta. Não disse nada.

Ele deu um passo mais perto.

— Eu tenho observado você. É uma camaleoa, tornando-se tudo o que todos querem que seja, o tempo todo. Exceto ao meu redor. Você parece não dar a mínima para o que penso de você. — Seu olhar era fogo. — As terras que me foram confiadas estão morrendo. *Eu* estou morrendo. Farei tudo o que for preciso para quebrar essas maldições. Você, ou o que quer

que esteja planejando, não vai me impedir. — Ele olhou para baixo, para ela tão perto, e era como se estivesse tentando ver através dela. — Então vou perguntar de novo. O que você quer, Selvagem?

O rei estava desconfiado. E era sagaz. Ele sabia que ela estava procurando alguma coisa.

Ela estragara tudo.

Mágoa e um milhão de outras emoções se acumularam em seu estômago. Sua voz nunca tinha sido tão fria.

— Você vai me levar para a biblioteca. Agora.

A expressão de Oro não mudou.

— Vou levá-la assim que encontrarmos o coração — ele repetiu.

Seu tom foi definitivo. Isla sabia que ele não mudaria de ideia, e estavam longe de encontrar o coração. Ela não podia esperar. Não a uma semana do baile. Não quando os nobres Lunares quase conseguiram assassiná-la antes do evento. O recado na praça podia ter sido um truque, mas era verdade. Ela *estava* em perigo.

— Não — ela disse, rindo sem humor. Sentiu sua sanidade se esvaindo ao redor. — Sabe de uma coisa? Estou *farta*. De você, desse plano. — Sua voz ficava mais alta e mais selvagem quanto mais ela falava, mas ela não se importou. — Eu sangrei. Não tenho dormido. Fui possuída. Tive o profundo desprazer de ficar junto de você por muito tempo. Estou *farta*. Nosso acordo está cancelado. E adivinha? Não preciso de você para entrar na sua ilha, rei — ela zombou. — A menos que você queira me impedir?

Ela manteve os olhos fixos nele. Desafiando-o a negar seu acesso.

Ele não o fez.

— Bom. Talvez eu vá durante o dia, então — ela disse, mãos em punhos ao lado do corpo. Ela falou as últimas palavras bem na cara dele antes de passar na sua frente. — Dessa forma, terei suas terras só para mim.



CAPÍTULO TRINTA E UM

FOGO

Terra sempre repreendeu Isla e suas emoções. Ela estava certa.

Seus sentimentos serão sua ruína, disse inúmeras vezes.

Eles a deixavam fraca e vulnerável.

E, agora, tinham arruinado seu plano de ter acesso à biblioteca da Ilha do Sol.

Ela não devia ter ficado tão brava com o rei. Não devia ter esperado que ele fosse qualquer coisa além de insuportável.

Claro que ele iria usar suas palavras contra ela. Claro que deixaria um espectro usar seu corpo para seus propósitos e ainda, sim, negar-lhe um simples pedido.

Isla tinha feito tudo errado. Agora sabia disso, mas se recusava a dizer para Celeste que havia falhado. De novo. Não quando a amiga tinha se esforçado tanto para conseguir as luvas.

Ela não desistiria. Ainda não.

A Ilha do Sol estava vazia durante o dia, como esperado. Não havia ninguém para encarar boquiaberto seu vestido vermelho vivo. Ela não se preocupou em usar uma tonalidade mais neutra. Qualquer tom que não fosse ouro se destacaria imediatamente.

A ilha era dourada, assim como seu rei. Ouro em todos os lugares. Isla

não perdeu tempo olhando e demorando-se em suas maravilhas, e marchou com determinação direto para o castelo.

Não se importava se todos os guardas do palácio tentassem detê-la; ela entraria naquela biblioteca de qualquer jeito.

Assim que adentrou o castelo, a luz do sol do lado de fora desapareceu. A única claridade vinha das esferas de fogo e dos candelabros. As chamas enchiam cada centímetro do teto, fazendo o que o rei não podia.

— Isla, governante dos Selvagens?

Ela se virou para o guarda que a havia cumprimentado, pronta para dizer que ele não iria impedi-la de entrar. Que ela tinha *permissão* para estar aqui, mas, antes que ela pudesse fazer isso, ele continuou:

— Estávamos esperando por você. Por favor, siga-me.

A armadura dourada do guarda tilintou quando ele se virou e desceu pelo corredor.

Esperando por você? Ela foi atrás dele.

— Estavam? — ela perguntou, olhando ao redor com cuidado, esperando ver mais guardas em breve. Possivelmente para ser levada para algum tipo de masmorra.

Ele assentiu.

— Recebi ordens para levá-la à biblioteca.

Isla ficou em silêncio. Isso não poderia estar certo… Tinha levado três dias para reunir coragem para se aventurar na terra Solar. O guarda a esperava bem na porta. Não havia como ele ou qualquer outro estar esperando por ela.

Em pouco tempo, ele parou em frente a uma entrada.

— O rei ordenou que a biblioteca ficasse fechada esta semana. Você estará sozinha e terá acesso total a todos os andares.

Ela piscou. Oro tinha se recusado a trazê-la aqui ele mesmo, mas tinha lhe dado privilégios exclusivos?

Tinha que ser um truque.

Se bem que, desde que pudesse procurar na biblioteca… ela não se importava. Isla abaixou a cabeça em agradecimento, forçando um sorriso no rosto como se tudo fosse normal e esperado.

— Obrigada — ela disse.

— Estarei aqui se precisar de alguma coisa.

As portas da biblioteca se fecharam atrás dela com um baque.

O guarda estava certo. Isla tinha o espaço todo só para ela. Dez andares de livros. Galerias tão longas que ela não conseguia ver o fim.

Se não tivesse uma tarefa específica, adoraria passar os dias ali, explorando.

Mas não foi por isso que ela havia batalhado tanto para entrar nesta sala.

Isla foi em frente, sem saber se mais guardas viriam prendê-la, ou se o próprio rei iria aparecer a qualquer momento para exigir que ela dissesse o que estava procurando.

Ela tirou as luvas Estelares de um bolso escondido em sua capa e as vestiu com um toque de aversão. Com tão pouco tempo, ela precisava tocar em tudo e torcer para ter sorte.

Os livros eram lindos. Suas capas eram douradas, com pedras preciosas nas lombadas. O conhecimento parecia ser valorizado na Ilha do Sol.

Dezenas de mesas preenchiam o espaço, diferente de qualquer outra biblioteca que ela havia visitado na ilha. Isso significava que os Solares tinham acesso total ao seu interior?

Não havia tempo para ponderações. Ela procurou por qualquer coisa fora do lugar, qualquer coisa que parecesse especial.

No fim do corredor havia uma lareira, grande o suficiente para engoli-la inteira. As chamas dentro crepitavam, quase como um aceno.

Ela parou na frente dela.

A seção restrita dos Etéreos ficava no topo da torre, bem alto no céu. A dos Lunares ficava coberta de água.

Talvez a seção restrita dos Solares estivesse escondida nas chamas.

Antes que ela pudesse pensar melhor, Isla estendeu uma luva para o fogo, sabendo que ela poderia muito bem derreter. Preparou-se para a dor e o cheiro de camadas de carne queimando.

Isso não aconteceu. O fogo desapareceu imediatamente e ela entrou na boca da lareira. Pressionou a outra mão na parede de pedra. E observou o tijolo cair.

Seu peito estava muito apertado. A garganta muito seca.

Era isso. A última biblioteca. O último lugar para procurar.

E entrou.

Os Solares tinham mais relíquias do que qualquer um dos outros reinos juntos. Havia prateleiras delas, guardadas na quase escuridão.

Isla não perdeu tempo.

Foi minuciosa. Pegou todos os encantamentos no cômodo. Segurou por alguns segundos. Separou alguns, certificando-se de que nada estava escondido dentro. Havia dezenas.

Nenhum deles parecia uma agulha gigante.

Nenhum, além de algumas espadas, tinha pelo menos uma ponta.

Não. De jeito nenhum. Elas vasculharam *todas* as bibliotecas de Lightlark. O texto dizia…

Dizia que o desvinculador estava em uma biblioteca séculos atrás.

Tempo mais do que suficiente para ter desaparecido.

Ou ter sido destruído.

Ou talvez… nunca tivesse existido.

Seu peito se encheu de fúria, depois preocupação e depois tristeza. Celeste e Isla haviam planejado isso por anos. *Esta* era a maneira de quebrar as maldições. *Esta* era a chave para a liberdade.

Este era o plano que garantiria que ela estaria fora da ilha antes do quinquagésimo dia.

Agora, faltavam apenas três dias para o baile.

E não havia um desvinculador.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

EM SEGUIDA

Celeste recebeu a notícia surpreendentemente bem.

A Estelar andou de um lado para o outro por alguns minutos antes de dizer:

— Deve ser outra biblioteca, então.

Isla amava a amiga, mas, naquele momento, sentiu vontade de sacudi-la pelos ombros.

Não havia outra biblioteca. Não havia um desvinculador.

— Precisamos pensar em outro plano — disse Isla. — Este falhou. Procuramos em todas as bibliotecas, em cada ilha. O quinquagésimo dia está chegando.

A Estelar balançou a cabeça.

— Exatamente. O Centenário está só na metade. Temos tempo para encontrar a biblioteca. Nós…

— Eu não tenho tempo — Isla gritou, interrompendo-a.

Celeste ficou tensa. Isla nunca tinha levantado a voz para ela, mas as palavras a inundaram. Isla engoliu em seco, e deixou seu tom mais gentil.

— Não tenho tempo — ela repetiu. — Cleo quer me matar. E, depois do baile, ela vai fazer isso.

Celeste franziu a testa, agarrou suas mãos.

— Eu sei, eu sei — disse ela. — Mas eu não te protegi da última vez? Com os nobres?

Isla suspirou.

— É claro, mas você mesma disse isso. Não pode me proteger de todos. E não sei se Cleo é a única que quer me matar.

A amiga insistiu em continuar a busca pelo desvinculador, mas Isla estava decidida.

Elas precisavam de outro plano.

E ela sabia exatamente onde encontrá-lo.

Isla o encontrou na frente de uma janela no castelo do Continente. Estava olhando para a lua, como se olhar para ela com bastante vontade pudesse transformá-la em sol.

A postura do rei ficou tensa quando ela entrou, mas ele permaneceu imóvel. Mesmo quando ela atravessou a sala e parou ao seu lado, os olhos permaneceram fixos na janela.

Era evidente que ela seria a primeira a falar.

— Obrigada — começou. — Por permitir meu acesso.

Ele olhou para a frente.

— Você mesma disse. Não precisava da minha permissão.

Ambos sabiam que não era verdade. Se o rei não a quisesse em sua ilha ou em sua biblioteca, poderia tê-la impedido. O silêncio se estendeu, segundos tropeçando em si mesmos.

— Encontrou o que procurava? — ele finalmente perguntou. Só então a olhou.

— Não — respondeu bruscamente, e ele se voltou para a janela.

Mais momentos se passaram como cambalhotas.

— E você? — ela sussurrou.

Fazia cinco dias desde que tinham se visto. Tempo mais que suficiente para ter procurado outra criatura antiga para obter ajuda. Se de alguma forma ele tivesse encontrado o coração sem ela, Isla não teria outro plano. Sua única esperança era que Oro a aceitasse de volta. Que honrasse os termos de seu acordo novamente. Ela teria sua proteção depois do baile, e uma chance de salvar a si mesma e a Celeste.

— Não — disse ele. O alívio tinha um gosto doce em sua língua.

— Bom. — Ela virou-se para encará-lo. Oro se virou também. — O que faremos agora?



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

O BAILE

Na metade do Centenário, no exato quinquagésimo dia, o Baile Betwixt acontecia. Era o evento do século em Lightlark, uma bela desculpa para uma festa que pretendia confundir a ansiedade e a angústia do Centenário com bebidas borbulhantes, vestidos feitos de seda de aranha e um banquete que celebrava cada uma das ilhas.

Também marcava um ponto de virada nos jogos. À meia-noite, matar passava a ser permitido.

Suas tutoras tinham criado um traje específico para o baile. Folhas delicadas espalhadas pelo peito e pela barriga, deixando a pele exposta na região das costelas. As folhas verdes continuavam até os quadris, logo após o início das coxas. Abaixo havia pouca coisa, uma ou outra folha costurada no caimento do tecido. A capa era verde-escura e oferecia pelo menos algum tipo de modéstia.

Também escondia suas armas. Estrelas de arremesso disfarçadas como broches. Lâminas escondidas nas dobras do tecido. Cota de malha costurada no tecido, fazendo com que a capa também fosse um escudo.

Ela sabia o quão inútil tudo isso seria contra um governante determinado a assassiná-la naquela noite, mas ela se recusava a morrer sem lutar. Mesmo que isso a incomodasse, teria que confiar que Oro honraria

sua promessa. Eles estavam prontos para procurar a próxima criatura antiga, uma que o rei havia prometido que *definitivamente* tentaria matá-la, na noite seguinte.

Uma batida soou a sua porta. Ella.

— Está tudo pronto — disse ela. Isla sabia exatamente o que esperar. No entanto, seus dedos tremiam enquanto caminhava pelos corredores, seguida por serviçais que carregavam cestas de pétalas de rosas vermelhas, folhas esmagadas e flores silvestres recém-colhidas.

Logo ela chegou diante das portas duplas, e Ella a deixou. Coluna ereta, queixo erguido.

As portas se abriram e Isla perdeu o fôlego.

O salão de baile tinha seis grandes escadarias, uma para cada governante. Ela encontrou o olhar de Celeste do outro lado do salão. Sua amiga parecia determinada, olhando através da brilhante máscara de baile para dentro do lado sombrio e sangrento daquele baile. Na manhã seguinte, um deles poderia estar morto.

Tinham se passado vinte e cinco dias desde que as duplas de governantes foram escolhidas, com a tarefa de desvendar todos os aspectos da profecia. Quem sabia se alguém *havia* descoberto o crime que precisava ser cometido novamente, e agora só precisava de um governante para morrer?

Ela pensou nas palavras do rei na floresta. Ele alegou que o motivo de as maldições não terem sido quebradas não era a dificuldade de matar outro governante, mas sim *escolher o governante e o reino certos para morrer*.

A tentativa de assassinato de Cleo negou tudo o que ele havia dito sobre ela e os jogos. Isla avistou a Lunar, no topo de sua própria escadaria. A raiva se aninhou em seu estômago. Era a primeira vez que ela via Cleo desde a tentativa de assassinato.

A raiva foi rapidamente substituída por uma satisfação sombria. *Não aconteceu da maneira que você planejou, não é?*, seu sorriso disse enquanto encarava a Lunar do outro lado da sala. A governante encontrou seu olhar, mas não havia triunfo nele. Ou *qualquer coisa*, na verdade. Seu rosto era um mistério, não revelava nada.

A neve caía como lençóis das nuvens que enchiam o teto de vidro, sombras dançavam ao longo das paredes, árvores cresciam do chão de mármore, poeira estelar prateada manchava como tinta as escadas e dezenas de anéis de fogo pairavam sobre suas cabeças.

Isla sabia exatamente o que esperar.

Mas ainda era magnífico.

Os governantes começaram sua descida coordenada.

Nobres de Lightlark e, no caso dos Etéreos, representantes aguardavam abaixo. Muitos encararam seu vestido. Alguns sussurravam e sorriam uns para os outros atrás de hélices ornamentadas, como se fofocando sobre seu assassinato iminente. Moedas tilintavam enquanto eram trocadas entre as mãos. Eram apostas sobre a morte dos governantes?

Alguns Lunares a olhavam com evidente malícia. Quem sabe os nobres que ela e Celeste mataram eram seus amigos. Ou família.

Isla os encarou e torceu para que a temessem.

Assim que seu calcanhar atingiu o piso de mármore, um único homem corajoso separou-se da multidão. Um Estelar de terno prateado. Outros nobres ficaram boquiabertos com sua tolice. Ele abaixou a cabeça e ofereceu a mão.

— Posso ter a honra? — ele perguntou.

Normalmente, Isla recusaria. Já se sentia no limite e fora dos eixos, a neve e a luz das estrelas que se espalhava, e chamas brilhantes em cada canto de sua visão.

Mas era importante que ela não parecesse afetada pela perspectiva de a primeira regra expirar à meia-noite. O medo só faria dela um alvo mais fácil.

Isla pegou a mão do Estelar, e ele a levou imediatamente para o centro do salão de baile. Poppy havia ensinado a ela todas as danças tradicionais. Ela seguia os passos sem esforço, tão facilmente quanto girava suas facas nas mãos, e o Estelar continuou, girando-a perfeitamente, mantendo a mão firme na parte inferior de suas costas e os pés longe dos dela.

A música mudou, e ela se viu com outro parceiro de dança. Depois outro. Outro. Celeste estava perto, dançando com tantas pessoas quanto ela, tendo mais sucesso em fingir que estava se divertindo.

Cleo estava sentada em um dos cantos da sala, cercada por nobres Lunares.

Observando-a.

Esperando?

Azul estava ao lado de uma longa mesa de comida com uma taça na mão. Usava uma capa feita inteiramente de joias Etéreas, cada dedo brilhando com pedras preciosas. Do outro lado da sala, ele balançou a cabeça demonstrando ter gostado dos grandes brincos de diamante em forma de lágrima que ela usava, caindo dos dois lados do pescoço.

Ela sorriu de volta, educadamente.

Alguns nobres observaram a troca de olhares, talvez suspeitando de uma aliança.

Ótimo. *Que eles suspeitem de qualquer coisa, menos da verdade.*

Ela se lembrou da conversa que ouvira entre ele e Oro. Será que ele realmente não estava falando de seu reino?

Se era verdade, ele estava falando sobre acabar com qual reino?

Ninguém estava mais ocupado do que Oro, que permaneceu em seu trono. Sua roupa era dourada, como sempre, as mangas cobrindo cada centímetro do cinza-azulado que, ela agora sabia, aumentava cada vez mais em seu braço. Dezenas de nobres o cercavam, fazendo perguntas que ele respondia preguiçosamente entre os goles de bebida, mas seus olhos estavam alertas. Um grupo de mulheres parecia determinado a chegar um pouco mais perto dele, sem medo de empurrarem discretamente umas às outras para fora do círculo. Isla revirou os olhos. Justo quando ela estava prestes a desviar o olhar, ele encontrou seus olhos. E balançou a cabeça em sua direção antes de tomar outro gole de vinho.

Ela olhou em volta procurando pelo último líder… mas não o viu em lugar nenhum. Depois de mais uma dança, ela pediu licença, sua cabeça girava e a garganta estava seca de tanta conversa-fiada. Ela cambaleou para o corredor, para o cômodo mais próximo, e fechou as portas com firmeza atrás dela.

Não era um cômodo comum. Pelo menos, não um com quatro paredes. Seus passos ecoaram contra o chão de pedra até chegar a uma varanda interna. Havia mais dela em outros andares, acima e abaixo, como

camadas de um bolo feito de mármore. Ela fechou os olhos e seus dedos agarraram o corrimão tão forte quanto ela segurava sua varinha estelar para transportá-la a outro lugar.

Isla odiava o sorriso falso que havia estampado seu rosto durante toda a noite. Ela odiava os nobres que observavam cada movimento seu. Odiava o quanto olhava o relógio, cada badalada anunciando as horas fazia seu estômago afundar de pavor. Ela…

— Procurando por mim, Devoradora de Corações?

Isla se virou rapidamente, e Grim estava lá, assomando-se sobre ela. Usava uma versão muito mais bonita de sua roupa usual, um terno preto com capa brilhante.

Ele observou cada centímetro dela e sorriu.

— Agora você está satisfatoriamente aterrorizante, não é?

Faíscas giraram dentro dela, e o sorriso dele se alargou ao perceber… como ele a fazia se sentir.

Isla nem se deu ao trabalho de tentar esconder. Não essa noite. Não com tudo que estava em sua mente. Grim era a menor de suas preocupações.

— Não tinha te visto — disse ela.

Ele encolheu os ombros.

— Às vezes, a única maneira de evitar que as pessoas te incomodem é não se permitir ser visto.

Isla desejou ter esse poder uma hora atrás.

— Então por que se incomodar em ficar visível novamente? — ela perguntou, sua voz quase um sussurro.

Grim deu um passo na direção dela. Segurou a mão de Isla com uma decisão tão descarada que ela quase a puxou de volta.

— Para dançar com você, é claro.

Antes que pudesse dizer uma palavra, ela estava girando, a barra do vestido tocando o chão de mármore, folhas farfalhando. A mão dele, fria como a noite, estava em sua lombar, a outra completamente envolta na dela.

Seu sorriso era diabólico, e ela engoliu em seco, sabendo exatamente o que ele estava percebendo quando a mão dela agarrou um de seus ombros

largos, enquanto ela olhava nos olhos que poderiam muito bem ser duas poças de tinta, o espaço entre estrelas.

Isso o assustou? Todos nos seis reinos viviam com medo de um Selvagem se apaixonar por eles. Era uma sentença de morte.

E ela não estava apaixonada por ele… ela mal o conhecia.

Mas ele não deveria ter medo do que ela estava sentindo agora?

Ela se aproximou ainda mais, ficando totalmente contra ele, observando sua reação, surpreendendo-se com a própria ousadia. E Grim apenas riu de um jeito sombrio. A mão dele percorreu um caminho lento por sua coluna, depois subiu mais uma vez.

— Devoradora de Corações — ele disse em seu ouvido. — Você está me matando.

Isla perdeu o fôlego. A respiração dele estava contra sua bochecha. Ele cheirava a pedra, tempestades e algo condimentado, como canela.

Ela mordeu o lábio, e ele observou o movimento, engolindo em seco.

Então ele se foi.

Não, não se foi. Ficou invisível.

E ela também.

Um grupo de nobres entrou um momento depois. Suas vozes eram agudas, se divertindo ao espalhar fofocas, embora Isla não prestasse atenção às palavras. A sombra de Grim estava ao lado dela, visível… mas não exatamente lá. Seu próprio corpo também estava assim.

A visão dos nobres lhe causou repulsa. Apostando em vidas. Olhando para Isla como se ela merecesse morrer, simplesmente por ter nascido.

De repente, ela ansiava por uma distração. O baile logo ficaria sangrento. Ou ela iria ficar e lutar, ou fugiria para um local mais seguro. Ainda não tinha certeza. O que *tinha* certeza era que esses poderiam ser os últimos minutos em que ela não precisaria estar atenta, a última hora que poderia aproveitar.

— Vamos — ela sussurrou. Ambos estavam encostados na varanda, de frente para o grupo.

Grim ergueu uma sobrancelha para ela.

— Deixar o baile?

— Só um pouco. Neste momento, quero estar em qualquer outro lugar.

Grim sorriu de forma maliciosa. Ele envolveu sua cintura com o braço.

— Então me permita levá-la embora, Devoradora de Corações.

Ele caiu para trás e a levou com ele. Despencaram da varanda, de costas, para o andar de baixo.

A mão de Grim tapou sua boca antes que ela pudesse gritar. Logo depois, ela estava em seus braços. Tudo era um borrão, o mármore e o teto, luzes e as camadas de seu vestido se misturando para criar sua própria galáxia, e então ela estava no chão.

Isla olhou para ele como se quisesse estripá-lo, e ele apenas riu. Os nobres estavam amontoados como lobos lá em cima, alheios a eles. Ela deixou de ser uma sombra, e Grim ficou sólido diante dela. Ele pegou a mão dela mais uma vez e disse:

— A noite é uma hora perigosa, Devoradora de Corações… Você pode arranjar todo tipo de problema.

Problema. Era exatamente o que ele era, conduzindo-a por cômodo após cômodo até virar em um corredor. Ele conhecia bem o caminho, e Isla quase se esqueceu de que ali tinha sido sua casa séculos atrás.

Grim desceu um lance de escadas, e Isla acompanhou seu ritmo. Andaram e andaram por aí. Descendo, descendo e descendo. Ela estava sorrindo. *Por que estava sorrindo?*, mesmo sem mal conseguir enxergar os degraus à sua frente. Nenhuma luz brilhava ali, o brilho do baile estava muito longe.

— Para onde estamos indo? — ela perguntou, e só recebeu um sorriso no escuro como resposta. Ela quase tropeçou na barra do vestido, mas ele a segurou com firmeza até o final da escada.

Deviam estar na base do castelo. No subsolo, talvez. Esferas de luz branca ocupavam os cantos da sala, flutuando como balões. As paredes eram arqueadas, sustentadas por colunas, e além delas havia uma água escura como um pedaço do céu noturno preso ali embaixo.

Aquilo brilhou, assustando-a, e Isla deu um passo para trás.

Direto para o peito dele. Ela se acalmou.

Grim colocou a mão em sua cintura. Ela ajeitou os ombros, e o corpo dele, embora gelado, fazia calor emergir sob sua pele. Seus dedos trilharam um caminho até o quadril. O polegar circulou a pele delicada logo abaixo.

Cada vez mais perto de lugares ainda mais sensíveis. Isla apertou os lábios.

De salto, era alta o suficiente para que, ao se inclinar para trás, sua cabeça descansasse no ombro dele. Desse ângulo, ela imaginou que ele poderia ver seu vestido de cima, apenas algumas folhas impedindo-a de estar completamente exposta. Ainda assim, sob aquele olhar penetrante, ela se sentiu nua. Era difícil respirar. Ele agarrou seu quadril com mais força, prendendo-a a seu corpo, enquanto a outra mão percorria sua barriga. Seus dedos subiram pelas costelas, parando apenas quando alcançaram a parte inferior de seu seio. Suas mãos roçaram ali, e, subitamente, ela ansiava por mais, a pele formigando, o calor aumentando. Ela encontrou os olhos dele, que estavam sombreados com…

Ela não sabia o que era.

Desejo?

Tristeza?

— No que está pensando? — ela perguntou, virando-se para encará-lo.

Grim olhou para ela como se a conhecesse, como se a visse pelo que realmente era, e não o que fingia ser. Ela se sentiu nua diante dele, não apenas porque ele a tocara onde ninguém mais tocou, mas também por saber que ele sentia cada mudança em suas emoções. Sentia o desejo pulsante de que ele a tocasse *mais*, que ele tirasse seu vestido e a tocasse em todos os lugares sem qualquer tecido no caminho.

— Estou pensando… — ele disse de um jeito sombrio. *Pensando o quê?* Ele estendeu a mão para ela.

E piscou. Sua expressão mudou completamente.

A mão que ele havia estendido para ela agora buscou algo em seu bolso.

— … que tenho algo para você. — Ele tirou um colar. Tinha uma corrente escura, segurando um diamante negro do tamanho de uma ameixa.

Isla franziu as sobrancelhas. Ele lhe estava dando uma joia? Ela não sabia o que dizer. Seu rosto ainda estava quente. O diamante era lindo, mas ela não queria uma joia, ela queria ele, seu corpo contra o dela. Imediatamente.

Grim sorriu, sentindo tudo. Parecia pronto para tomá-la em seus braços mais uma vez, mas pareceu pensar melhor, porque virou sua atenção para

o presente.

— Posso?

Ela assentiu, esperando que ele não confundisse sua decepção com não ter gostado do presente. Isla levantou o cabelo, e ele prendeu o colar apertado em volta do pescoço dela, seus dedos se demorando apenas um momento.

— Sei que você é mais do que capaz de se proteger — disse ele, a cabeça baixa, a respiração contra o ombro quase nu de Isla. — Mas se precisar de mim, toque nisso. E irei até você.

Ela olhou para ele novamente, dessa vez com maior apreço.

Irei até você. Ele disse aquilo como uma promessa.

Ela precisava de toda proteção possível. Algo assim seria útil, especialmente depois de ver a demonstração de poder de Grim. Especialmente agora que estavam a minutos da temporada de mortes.

Mas ainda assim…

— Grim. Não posso… Eu não posso usar isso.

Seria uma declaração. Oro já suspeitava de que ela e Grim estavam trabalhando juntos. O colar apenas confirmaria isso. Ela não podia fazer nada que comprometesse sua aliança com Oro, não quando essa parecia ser a única chance de quebrar as maldições dela e de Celeste.

— Eu sei.

Dois de seus dedos pressionaram a corrente, o pescoço de Isa, e o colar ficou invisível.

Ela olhou para ele. Não sabia o que dizer, queria agradecer… mas as palavras se formaram e se desfizeram em sua garganta.

Grim estendeu a mão para ela novamente, e todo seu controle foi embora. Ele passou os dedos por sua bochecha, pelo colar, as clavículas. Até o centro do peito de Isla.

— Devoradora de Corações — disse gentilmente. — Você não quer saber o que estou pensando.

O corpo dela ficou tenso em expectativa, como uma flecha prestes a cortar o ar. Ela queria a mão dele mais para baixo, mais para o alto, em todos os lugares…

Mas, em vez disso, ele se afastou.

Ele não a tocou novamente durante a caminhada silenciosa de volta ao salão de baile. Ela queria dizer alguma coisa, fazer alguma coisa, dizer a ele…

Quando ela abriu a boca, ele já estava falando.

— Eu preciso ir — ele disse, olhando por cima do ombro dela. Estava olhando para alguém? Quase parecia nervoso. Cauteloso.

Por quê?

— Vai embora? — ela perguntou, franzindo a testa.

— Não se preocupe, Devoradora de Corações — ele disse. — Estarei de volta antes da meia-noite.

Seu olhar foi até o canto da sala onde os Solares se reuniram, Oro no centro, como um sol ao redor do qual todos giravam.

— Enquanto isso… talvez você devesse dançar com o rei — ele disse.

Oro? Isla franziu a testa. Grim tinha acabado de passar as mãos pelo corpo dela. Ele a presenteou com um colar. Por que sugeriria que ela dançasse com alguém? Especialmente seu inimigo.

Não fazia sentido, mas, antes que ela pudesse perguntar qualquer coisa, ele partiu.

Isla se virou, de volta à festa, um pouco atordoada. Passou um dedo pela corrente de seu colar, invisível para todos os outros. Era como mais um segredo.

Um que ela realmente gostava de manter.

— Aí está você. — Celeste parou casualmente para o lado dela, fingindo observar a mesa de sobremesas nas proximidades. — Meia hora até a meia-noite. O que vai ser? Lutar ou se esconder?

As regras exigiam que participassem de todos os eventos de Lightlark, mas em nenhum lugar estava especificado que tinham que ficar o tempo todo. Ela e Celeste poderiam sair, se esconder em algum lugar seguro. Sua amiga sugeriu usar o portal até a Ilha da Estrela e ficar lá por algum tempo.

Mas sua aliança seria comprometida. E, embora o plano tivesse falhado, os segredos ainda eram sagrados durante o Centenário. Deixar que descobrissem sobre a amizade delas poderia colocá-las em perigo.

— Lutar — disse Isla, surpresa com a convicção em sua voz.

No início do Centenário, ela teria dito "esconder" sem qualquer hesitação, mas, embora não tivesse poderes, Isla se recusava a ser covarde. Ela enfrentaria a raiva de Cleo de frente. Era *assim* que iria sobreviver. Não se escondendo.

— Tem…

Antes que Celeste dissesse outra palavra, o chão balançou. E Isla subitamente voou pelo ar.

Caiu de lado, a testa batendo no mármore.

Estalos estridentes das correntes de metal do lustre com fogo cortaram o ar quando caíram, levando a maior parte do teto com eles. O chão se dividiu em rachaduras, relâmpagos brilharam contra a pedra. Rachaduras na rocha e fogo sibilante preencheram o mundo. Tudo que era sólido parecia delicado, desmanchando-se como um bolo, quebrando tão facilmente quanto vidro.

Enquanto o castelo desmoronava, nada nem ninguém estavam seguros.

Isla só teve tempo de colocar um braço na frente dos olhos enquanto um anel de fogo caía bem em seu rosto, mas, antes que ele quebrasse seu crânio, Celeste apareceu. A Estelar ergueu os braços e o parou no ar.

Gritos ecoaram nas paredes de pedra, o cheiro metálico de poder e sangue enchendo a sala. Houve um rugido, um tinido, enquanto o mundo cambaleava, depois se aquietava, apenas para cair novamente.

A mulher à sua esquerda, uma Etérea de vestido azul-centáurea, foi engolida pelo chão. Um homem Lunar ficou parado em estado de choque. Ele deu um passo, mas era tarde demais. Um pedaço do teto o esmagou, sem nada feito de água ao redor para protegê-lo.

Isla se virou para onde Celeste estivera, mas a garota não estava mais ali. Ela sentiu um aperto no coração. Ficou de pé. Nuvens de poeira surgiram, e ela tentou ver através delas, procurando desesperadamente o vislumbre do vestido prateado e temendo o pior.

Mas Celeste estava por perto, levantando destroços de cima de um grupo de Estelares.

Isla recuou para a parede, a boca se abrindo e fechando, pulmões congelados, as mãos estendidas, mas sem fazer nada.

Ainda não era meia-noite. O que era isso?

Azul estava do outro lado da sala, os braços trabalhando em golpes frenéticos, criando um escudo de ar sob o qual dezenas de convidados se escondiam. Cleo estava curando um grupo de nobres lunares que tinham sido gravemente queimados pelas chamas.

Oro.

Ela o encontrou de joelhos no fundo do salão. Seu rosto estava torcido de dor, e os dedos haviam atravessado o piso de mármore.

Foi quando ela percebeu o que estava acontecendo.

Lightlark estava caindo, exatamente como o rei havia descrito. Pessoas morrendo, estruturas em colapso. Por centenas de anos, os governantes falharam em quebrar as maldições. Aquilo estava finalmente cobrando seu preço.

Mas por que agora? Por que no baile?

Ela estendeu a mão para um grupo que estava agarrado ao que restava do chão, uma ponte sangrenta serpenteando pela sala. Ela conseguiu puxar de volta uma das pessoas. A outra caiu pelas rachaduras.

Suas lâminas não podiam fazer nada. Sua capa podia protegê-la de alguns detritos, mas era inútil contra as grossas lajes de mármore chovendo ao redor deles.

Se ela tivesse poderes, poderia salvá-los. Poderia controlar as vinhas decorando a sala, usá-las para trazer as pessoas de volta à segurança.

Ela não tinha habilidades, mas Oro, sim. Ele precisava se levantar, podia impedir tudo isso.

Isla gritou seu nome, mas ele permaneceu curvado, a testa agora quase encostada no chão. O rugido abafou sua voz. Móveis caíram do teto. Ele estava do outro lado do salão de baile. Parte do espaço entre eles já tinha caído, o resto se desfazendo sem aviso.

Isla xingou enquanto tirava os sapatos e corria em direção ao rei. Ela saltou sobre o maior buraco, pedaços pontiagudos de escombros se encaixando em seus calcanhares ao aterrissar. A dor era um sussurro em comparação com os espinhos que havia arrancado de suas costas. Se tinha sobrevivido a isso, poderia sobreviver a qualquer coisa. Ela se esquivou de uma cadeira que quase a esmagou, empurrando também um jovem Lunar para longe de seu caminho e ganhando um olhar de repulsa por ter ousado

tocá-lo.

Da próxima vez vou deixar que te esmague, ela pensou enquanto se agachava debaixo de um pedaço do teto até finalmente alcançar o rei.

— Oro.

Ela se ajoelhou diante dele, da mesma forma que ele havia feito no chão da floresta, cheio de farpas e espinhos.

Ele não notou sua presença.

Nada de novo, mas isso não tinha a ver apenas com ela.

Ela o agarrou pelos ombros e disse:

— Levante-se! As pessoas estão morrendo. Elas precisam de você!

Oro levantou a cabeça o suficiente para encontrar seu olhar. Seus olhos estavam vazios, como se cada grama de energia tivesse sido drenado. Outro tremor sacudiu no chão, e ele rosnou, seus dedos afundando mais no mármore. A dor deve ter sido insuportável para deixar o rei de joelhos.

— *Por favor* — ela implorou.

A poucos metros de distância, rochas rolaram em uma pilha que esmagou metade do grupo que Azul estava tentando proteger. Ele correu para arremessar os escombros com seu vento, mas sangue cobriu a pedra. Era tarde demais.

Oro não moveu um centímetro, mas Isla o ouviu dizer "Vá embora" por entre os dentes.

Não. Quando Isla se machucou e exigiu que Oro fosse embora, ele ficou. Ela não iria. Não até que ele fizesse tudo isso acabar.

Isla segurou sua camisa e o empurrou contra a parede com todas as suas forças, tirando os dedos do chão. Então começou a gritar bem na cara dele.

— Você pode estar morrendo, mas ainda não está morto, seu desgraçado miserável. Agora levante-se e faça alguma coisa antes de deixar que o sacrifício do seu irmão, e tudo o que todos nós perdemos, seja por nada!

Oro não encontrou seu olhar ou se levantou.

Mas, com um gemido que sacudiu seus ombros, ele se inclinou para a frente, passando por ela, e suas mãos perfuraram totalmente o mármore. Energia emergiu de seu toque, enchendo a sala.

Forçando-a a parar.

Então ele caiu no chão.

Gritos e pedidos de ajuda e últimos suspiros se tornaram uma sinfonia que ultrapassou os violinos e harpas que jaziam em lascas no canto da sala, junto com a maior parte da orquestra.

Quando Celeste a encontrou e elas saíram correndo do salão, Isla pensou nas palavras do rei, que este Centenário não era simplesmente *outra* chance de quebrar as maldições…

Mas que talvez fosse a última chance.

Dezenas de pessoas estavam mortas. Aquela ala do castelo foi reduzida a pouco mais do que escombros. E ficaria pior, Isla sabia, se eles não quebrassem as maldições em breve.

Ela havia feito uma aliança com o rei. Os dois tinham um plano para encontrar o coração. Grim, Celeste e Oro haviam prometido protegê-la.

Mesmo sem o desvinculador, parecia quase possível sobreviver ao Centenário e quebrar as maldições antes que ele terminasse.

Mas, quando as portas quebradas do salão de baile se fecharam e o gritos foram engolidos, Isla se perguntou se a ilha ao menos duraria o resto dos cem dias.



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

ORO

As consequências do ocorrido no baile deixaram a ilha fraturada de várias formas. Parte do castelo estava em ruínas. As ruas da praça estavam tão vazias que o vento assobiava por elas. As vitrines das lojas estavam fechadas, e suas paredes não se abriram à noite. Os ilhéus estavam com medo de deixar suas casas, mais ainda suas ilhas. Houve sussurros de que a tragédia no baile fora obra de Grim, após sua demonstração semanas antes ter mostrado a mesma coisa acontecendo. Só que a tragédia não tinha sido uma ilusão.

O Continente tornou-se um lugar apenas para espectros e governantes.

Eles pararam de fingir. Cleo abandonou todas as pretensões de trabalhar com Celeste e se mudou para sua ilha, quebrando a tradição. Oro, de forma atípica, adiou em alguns dias a excursão que fariam, precisando lidar com os destroços e impedir os nobres de se rebelarem. A tensão estava cada vez pior.

Eles sempre souberam que o Centenário tinha uma linha do tempo. Um relógio de cem dias.

Mas parecia que aquele relógio havia mudado.

— Conte-me mais sobre o coração — disse Isla no quinquagésimo terceiro dia.

Um guincho ecoou pela noite, tão alto que a madeira abaixo de suas mãos tremeu. Isla respirou fundo, mantendo-se firme, rejeitando o canto da sereia em sua cabeça que a desafiava a olhar para os trinta metros abaixo de seus pés.

Oro parou por um momento, esperando por algo. Seu olhar passou para o céu. Então seu braço estendeu-se para o próximo galho. Eles estavam subindo uma treliça de madeira, troncos grossos trançados. Oro não podia voar para onde quer que estivessem indo, Isla presumiu, mas não perguntou o motivo.

Isla tinha muitas perguntas. O que significava que tinha que ser estratégica.

Outro segundo passou sem resposta, e ela estava prestes a puxá-lo para fora da grade pelo pé, mas ele disse:

— Foi feito durante a criação da ilha e contém a energia pura e concentrada de seu criador.

— Quem o criou?

— Horus Rey.

— E Cronan Malvere?

Oro parou antes que seus dedos pudessem alcançar o próximo galho. Ela observou os músculos de suas costas ficarem rígidos. Devagar, muito devagar, ele olhou para baixo, para ela.

Ela olhou de volta, as sobrancelhas ligeiramente levantadas. Parecia que ele não tinha energia para encará-la por mais tempo. Mais de duas dúzias de nobres tinham morrido no baile, e cada vida perdida pesava sobre ele. Ela via na linha firme de sua boca, na tensão de seus ombros.

— Grim te disse isso? — ele perguntou, enfim.

— Sim. Ele é muito mais acessível que outros governantes — ela disse incisivamente. Parte dela queria que ele a encarasse. Queria que ele fizesse qualquer coisa, menos parecer tão vazio.

Oro ainda não tinha alcançado o próximo anel. Ela subiu ao nível dele para ficarem da mesma altura.

— Isso foi tudo o que ele disse? — ele perguntou.

Ela assentiu.

Ele franziu a testa.

— Não tão acessível quanto você pensa, então — disse ele. E subiu para o próximo nível.

— O que isso quer dizer? — ela perguntou.

Oro não disse nada.

— Ei!

Ele se virou para olhar para ela e disse:

— Pergunte a Grim. Ele é o governante mais *acessível*.

A boca de Isla já estava aberta para responder, quando uma mão a alcançou através da treliça e a puxou.

Ela foi arrastada para a frente, em um interminável labirinto de madeira. Não conseguia ver seu agressor; o luar estava muito longe de suas costas. Isla buscou pela adaga que havia enfiado na cintura, mas a outra mão amarrou as dela. Sentiu a inconfundível queimadura da corda em seus punhos.

Segundos depois, ela estava de joelhos na escuridão total.

Isla estava presa novamente, mas desta vez era de propósito. Tinha sugerido usar a si mesma como isca e Oro concordou, parecendo disposto a aceitar mais riscos após o desastre no baile.

E funcionara.

A luz irrompeu, iluminando tudo. As paredes eram faveoladas. Ela e Oro estavam escalando o lado de fora delas.

Oro.

Ela viu o contorno inconfundível de sua capa quando ele se aproximou. Não estava preso, estava simplesmente parado ali, olhando para ela.

— Solte-a — ele disse, severo.

Isla olhou em volta para ver com quem ele estava falando. Foi quando ela os viu, de pé nos buracos da colmeia. Dezenas deles.

Eles tinham asas longas e transparentes que pendiam. A pele era azul-clara, como se alguém tivesse enfiado um pincel no céu. Seus olhos eram grandes demais, os membros muito compridos.

Nenhum deles se moveu.

Oro mostrou os dentes.

— Não me ouviram?

Passos soaram diante dela, no centro da colmeia. Das sombras surgiu

um homem tão alto quanto Oro. Ele tinha a mesma pele azul-clara dos outros, mas suas asas eram maiores e estavam abertas, as pontas aparecendo por cima dos ombros musculosos. Seu cabelo era escuro como o de Grim.

— Ah, eles te ouviram sim, *rei* — ele disse. — Mas, no entanto, hesitam em seguir as ordens de um governante que os abandonou. — O homem inclinou a cabeça para ele. — Você compreende, tenho certeza.

Oro deu um passo à frente, mas uma espada apareceu do nada, e pressionou firmemente sua garganta. O homem estava com a mão levantada, mantendo a lâmina no lugar.

Oro moveu um dedo e a lâmina se aproximou, fazendo uma gota de sangue escorrer por seu pescoço.

O homem alado estalou a língua.

— Um movimento, *rei*, e veremos que você pode morrer tão facilmente quanto o resto de nós.

Ela precisava pensar, fazer alguma coisa. Alguma distração, até que conseguisse bolar um plano melhor.

— Destruiria a ilha só para matar o rei?

Lentamente, o homem se virou para ela, como se a tivesse notado pela primeira vez. Ela esperava uma espada contra sua garganta em seguida. Oro dissera que ele tentaria matá-la. Que ele, como as outras criaturas antigas, odiava seu povo.

Mas o homem apenas sorriu, satisfeito.

— A ilha já está a caminho da destruição — disparou. — Seria um presente… Já sofremos o suficiente, *Selvagem*.

Ele se virou para Oro, divertindo-se.

— Achou que poderia disfarçá-la? — Ele sorriu, e Isla viu muitos dentes em sua boca, um colado no outro. — Isso pode funcionar com outros, mas… comigo? — Ele riu. — Ou achou que ela seria suficiente para me convencer a trabalhar com você? Está tão sem saída, rei, a ponto de me pedir ajuda? Você é um tolo.

O homem alado virou-se para encarar os outros. O cabelo deles era azul, mas não escuro como o dele. Pareciam muito pálidos. Doentes. A maneira como suas asas estavam caídas fez Isla pensar que não

funcionavam mais. Seria por causa da maldição dos Etéreos? Também os havia afetado?

— O que me dizem? — ele perguntou em voz alta, um líder reunindo seu povo. — Estamos prontos para nos livrarmos desta ilha? Para ver como nos saímos do outro lado?

Sua mão fechou-se em punho.

E a espada cortou a garganta de Oro.

Isla ofegou. A lâmina não tinha cortado profundamente, mas o sangue escorria pelo pescoço, manchando a camisa. Ela precisava levá-lo até a água, para que Oro pudesse fechar a ferida antes que perdesse sangue demais.

Mesmo com o corte, o rosto do rei não mudou. Ele nem estremeceu.

Precisavam abandonar o plano. Ele estava certo.

Levou apenas alguns segundos enquanto o homem alado falava com seu povo para Isla recuperar a adaga. Mais alguns para cortar a corda. Ela sentiu metal frio em seus dedos.

Então seu braço se ergueu no ar.

A lâmina voou certeira, com uma mira perfeita, direto para o coração do homem alado. Ele zuniu rápido como uma flecha, a lâmina brilhando na luz.

Um centímetro antes de atingir o alvo, a adaga congelou.

Isla ficou parada, preparando-se para o homem alado enviá-la de volta para seu peito.

Mas ele não havia congelado a lâmina. Seus olhos estavam arregalados; parecia completamente chocado por ver a ponta mirando seu coração.

A adaga não estava sozinha. A espada que estivera na garganta de Oro agora estava no pescoço do homem.

Oro havia parado a lâmina de Isla.

Todo mundo congelou. Não pela vontade deles, mas pela de Oro. Suas narinas dilataram.

— Talvez seja *você* o tolo por acreditar que poderia imobilizar um Selvagem com uma corda. — Ele deu um passo à frente, sangue ainda fluindo do corte. Não estendeu a mão para limpar, com um sorriso maldoso no rosto. — Sim, ela sabia que despertaria sua curiosidade o

suficiente para nos colocar em sua colmeia. E eu sabia que você seria orgulhoso o suficiente para acreditar que tinha conseguido nos capturar com tanta facilidade. — Ele alcançou a plataforma onde estava o homem alado. Sua voz se tornou quase um rosnado. — Agora, diga-nos onde podemos encontrar o coração da ilha.

O homem alado ficou em silêncio por um momento. Depois sorriu.

— Como eu adoro uma surpresa… e *ela* — ele olhou com curiosidade para Isla —, *ela* certamente é uma surpresa. Mais do que você sabe… — Isla congelou. Ela podia ouvir na sua voz, ele sabia. De alguma forma, ele sabia que ela era uma governante Selvagem nascida sem poderes. Ela se preparou, esperando que ele dissesse as palavras. Esperando para ver o que Oro faria com essa informação, mas o homem alado só riu. — Curioso, tão curioso, *Selvagem*. Nascida de forma tão estranha.

Ele se virou para Oro, ainda sorrindo alegremente. Como se não tivesse acabado de cortar a garganta do rei de Lightlark.

— O que vai me oferecer, *rei*?

A lâmina se aproximou de seu coração.

— Vou oferecer uma chance de manter sua colmeia e seu povo em segurança.

A expressão do homem não vacilou.

— Eu quero a Selvagem.

Antes que Isla pudesse se mover, a mão de Oro estava no pescoço do homem. E coberta de chamas.

Elas dançaram nos olhos do homem enquanto ele continuava calmamente:

— Quero que a Selvagem venha *me visitar*. Assim que tudo isso acabar. — Ele olhou para ela. — Ela virá de bom grado, posso assegurar.

Isla deu um passo à frente antes que Oro pudesse fazer outro movimento.

— Feito — disse. A pele dele estava muito pálida. Precisava ser curado imediatamente. Ela suspirou, fingindo tédio. — Agora nos diga onde encontrar o coração. Quero conseguir dormir pelo menos *um pouco* esta noite.

O sorriso do homem alado se alargou.

— Muito bem. O coração floresce em um lugar novo a cada vez. Eu já vi. Não sei onde está agora… mas parece sempre escolher um lugar onde a escuridão encontra a luz.

Isla não tinha ideia do que isso significava, mas Oro tirou a adaga de Isla do ar e a segurou com firmeza enquanto virava as costas para o homem e o resto do povo alado. Ele grunhiu enquanto passava por ela, um sinal para que ela o seguisse.

Eles caminharam pelo labirinto da colmeia até chegarem a seu exterior. Ele devolveu a arma. Isla começou a descer, mas Oro tropeçou por uma das aberturas e se segurou nela antes de cair. Ele voou por um tempo, respirando um pouco rápido demais. O sangue manchava sua bochecha, seu cabelo.

— Um plano — disse ele, a voz rouca. — Temos um plano.

— Oro — ela disse enquanto eles meio voavam, meio caíam, as árvores apenas alguns centímetros abaixo.

Ela tentou manter o pânico fora de sua voz.

— *Oro*.

Ele olhou para ela e seus olhos estavam vermelhos. Ele estava dormindo? Seus olhos se fecharam por um momento.

E eles começaram a cair.

Bateram nas árvores e Isla gritou. As mãos dele apertaram a dela, e o ar se agitou, se despedaçou quando algo como um escudo apareceu ao redor deles. Galhos estalaram, o vento rugiu em seus ouvidos enquanto eles despencavam.

Ela atingiu o chão com um baque. Mesmo com o escudo barrando a queda, sua respiração foi arrancada dos pulmões. Ela engasgou, segurando a terra, esmagando folhas entre os dedos. Estrelas pontilhavam em sua visão, se misturando às estrelas reais, e a escuridão ameaçava engolir o resto.

Isla lutou para se levantar, seus ossos gritando em protesto. Oro estava a poucos metros de distância, esparramado no chão. Sangue se acumulava ao lado de seu pescoço. O corte não parecia profundo, mas ele devia ter perdido muito sangue para ter ficado tão fraco.

Água. Ele precisava de água. Dessa forma conseguiria se curar com as

habilidades Lunares. Ela se forçou a ficar quieta. A ouvir.

Sua respiração estava ofegante, então ela segurou o fôlego. Seus pulmões pulsavam de dor, a cabeça girava, mas, finalmente, ela ouviu. O barulho de um riacho.

Não ali perto. Ela agarrou a mão de Oro.

— Levanta.

Ele não se mexeu, mas o sangue ainda corria em suas veias. Isso era bom.

— *Levanta.*

Nada.

Ela deu um tapa no rosto dele o mais forte que pôde.

Seus olhos se abriram com isso, mas logo começaram a se fechar.

— Não consigo te carregar — ela disse. — Você precisa me ajudar.

Devagar, com a ajuda de Isla, ele se levantou.

— Você pode chamar a água até você? — ela perguntou, mas era como se ele não conseguisse ouvi-la. Então, ela meio que o arrastou em direção ao som, seu peso sobre ela como uma pedra.

Ele era muito pesado. Ela queria parar. Queria desmoronar no chão.

Mas se Oro morresse…

Toda Lightlark morreria.

Ela precisava do coração agora, tanto quanto ele.

Ele precisava viver.

Ela caminhou até suas pernas queimarem, até sua respiração ficar quente contra os lábios. Até que a pele de Oro começou a esfriar, o inconfundível calor Solar morrendo.

Assim que seus joelhos ameaçaram ceder, a terra amoleceu sob suas botas. E o rugido do riacho surgiu à sua frente.

Suas pernas quase desmoronaram de alívio. Ela o empurrou para a água com toda a força que restava. Ele se mexeu por um segundo antes de ficar imóvel.

Ela se preocupou que fosse tarde demais, mas a água parecia conhecê-lo. Ela brilhou fracamente e começou a trabalhar. Ele começou a afundar, mas Isla manteve sua cabeça fora da água. Segurou firme pelos ombros, a cabeça em seu colo, o resto dele na água.

As mangas de sua camisa estavam dobradas. O azul-acinzentado que ele havia mostrado antes tinha se espalhado ainda mais, muito mais. Agora cobria todo o braço esquerdo, até a mão. Tinha sido por isso que o corte o havia enfraquecido tão rapidamente? Que o salão havia se partido ao meio durante o baile?

Isla continuou segurando-o, as pernas na corrente fria, por um longo tempo. Esperando. Esperando a ilha começar a desmoronar em volta dela, como no baile. As árvores caírem. Oro parar de respirar.

A água trabalhou intensamente, durante toda a noite. Devagar, bem devagar, o corte em seu pescoço foi costurado, pele nova substituindo o corte. O sangue nela secou. Ela podia sentir em sua bochecha, cheirá-lo em seu cabelo, mas não se atreveu a limpá-lo. Apenas continuou segurando Oro.

E esperando.

Ela deve ter adormecido, porque sua cabeça bateu no ombro. Sua coluna se endireitou, e o medo apertou seu peito. *Ela havia largado Oro?*

Não. Ele estava lá. Ela não o largou. A ferida estava quase curada.

Ainda assim, seus olhos permaneciam fechados.

Um raio de luz começou a espreitar por entre as árvores. Os primeiros traços do dia, orvalhados, melosos. O primeiro pensamento de Isla foi que isso era bom. Talvez o calor fosse bom para ele, talvez ele pudesse pegar um pouco de força.

Mas o pavor apunhalou seu estômago.

A maldição.

Isla tinha que o levar para dentro. Se a espada não o tivesse matado, o sol o faria. E a água não seria capaz de curá-lo.

— Oro — ela disse, sacudindo-o.

Ele não se moveu.

— Oro — ela gritou em seu ouvido. — O sol está nascendo. Temos que ir.

Seus olhos não se abriram.

A luz estava prestes a encontrá-los. Fazia linhas preguiçosas pela floresta, aparecendo por entre as árvores. O dia tinha quase nascido

completamente.

Ele ia morrer. Ela ia vê-lo explodir em chamas, da mesma forma que tinha visto uma criança queimar até as cinzas no reino Solar anos atrás, indefesa, em uma de suas viagens com a varinha estrelar.

Não.

Não indefesa.

Ela viu uma abertura em uma montanha a seis metros de distância. Uma caverna.

Isla não sabia se conseguiriam chegar lá antes que o rei virasse fogo. Ela não tinha ideia de como iria levá-lo.

Mas agarrou os ombros dele e o arrastou.



CAPÍTULO TRINTA E CINCO

A CAVERNA

Era meio-dia quando o rei finalmente abriu os olhos. Isla estava curvada contra um canto da caverna, observando-o. Ainda coberta com seu sangue.

— Você me salvou — ele disse, franzindo a testa.

Ouvi-lo dizer as palavras a fez perceber o quão absurdo isso era. Oro era a pessoa mais poderosa em todos os reinos… e *ela*, uma governante sem poderes, o salvara.

Talvez ela realmente não fosse tão impotente quanto pensava.

Ela deu-lhe um olhar.

— Não sou tão fraca quanto você pensa.

Ele não devolveu o olhar.

— Nunca achei que você fosse fraca.

Ela piscou. Ele não podia estar falando sério.

— Bem, acho que agora estamos quites.

Aquele dia na sacada parecia muito distante.

— Acho que sim.

Oro observou a caverna. Eles estavam na entrada, a luz amanteigada do sol derramando lá dentro, a apenas alguns metros de distância. Essas listras de ouro quase o queimaram. Ela o havia arrastado para a sombra

no último segundo.

Oro voltou a sua atenção para o outro lado da caverna, os túneis que seguiam através do subsolo. Luzes azuis fortes iluminavam o teto como uma constelação.

— Estamos debaixo de um cemitério Etéreo — disse ele rispidamente, e balançou a cabeça na direção do brilho azul. — Larva luminosa. Elas comem os ossos.

Isla fez uma careta, o misticismo arrancado do lugar, mas ela se lembrou das palavras do homem alado.

— É um lugar onde a escuridão encontra a luz?

Ele assentiu e estremeceu.

— Um dos poucos na Ilha do Céu. Quando o sol se puser, vou procurá-lo. — Ele pareceu perceber a confusão de Isla sobre as informações do homem alado, porque falou: — Os Umbras de fato construíram a ilha, junto com Solares. Quando eles foram banidos de Lightlark, construímos em cima de suas terras, mas algumas partes, e algumas criaturas, ainda vivem no meio.

— Então, este é o nosso plano — disse ela, precisando de confirmação. — Vamos verificar todos os lugares da ilha onde Umbra e Lightlark se encontram? É lá que está o coração?

Ele inclinou a cabeça dourada. A coroa estava coberta de lama. Os dois estavam imundos de terra e sangue.

— Não são muitos. Especialmente com a Ilha da Estrela fora da lista, graças às informações do espectro. — Ele espreguiçou. — Além do cemitério, há apenas mais um lugar na Ilha do Céu que qualifica.

— E a Ilha do Sol?

— Eu mesmo vou procurar nesses locais.

Isla o encarou.

— Você mesmo?

Oro suspirou.

— Você realmente ainda não confia em mim?

Ela franziu a testa.

— Você confia em mim?

Oro não respondeu à pergunta. Em vez disso, ele disse:

— Nunca quebro promessas. Não quebro acordos por capricho. — Ele olhou para ela incisivamente.

Isla revirou os olhos.

— E a Ilha da Lua?

— Existem alguns, mas será o último lugar que verificaremos.

— Por quê?

— Porque Cleo mantém sua ilha fortemente monitorada, e se ela achar que estamos procurando algo por lá, vai tentar encontrá-lo sozinha.

Oro estava comunicativo de uma forma fora do comum. Ela precisava obter todos os detalhes que conseguisse.

— Então quantos lugares ainda restam, onde a escuridão encontra a luz?

— Oito.

Oito. Não era muita coisa. Esperança floresceu no peito de Isla.

— Não fique muito animada — disse ele, franzindo a testa. — Há riscos.

Isla não se importava. Eles tinham uma boa estratégia e um número razoável de lugares onde procurar. Ainda assim, algo a deixou desconfortável.

— O plano é todo baseado no que os outros disseram. O espectro. O homem alado. — Ela engoliu em seco. — Já lhe ocorreu que eles possam estar mentindo?

— Eles não podem mentir para mim — disse Oro simplesmente.

Isla não sabia o que isso significava. Porque era rei de Lightlark e seus súditos não podiam mentir para ele? Ela com certeza podia. E tinha mentido.

Ela fez outra pergunta, já que parecia que ele estava disposto responder.

— A profecia do oráculo diz que o crime original deve ser cometido novamente para quebrar as maldições. Você acredita que o crime original foi usar o coração de Lightlark, não é? Usar o poder dele?

Oro a olhou e assentiu.

Então era por isso que ele precisava do coração. Para cumprir parte da profecia.

— Você disse que, quando o Solar e o Umbra criaram Lightlark, eles

prenderam um pouco de seu poder no coração. — Os olhos dela se arregalaram, se dando conta. — Foi por isso que você convidou Grim para o Centenário pela primeira vez — completou, as palavras saindo da boca em borbotões. — Você não acha que tenha sido ele ou outra pessoa de Umbra que lançou as maldições. Acha que alguém usou o poder Umbra preso no coração para lançá-las.

Oro assentiu novamente. Algo em seus olhos, um brilho, parecia quase impressionado.

Ela ergueu o queixo.

— Isso significa que você não sabia que o coração existia até depois do último Centenário. Ou então você teria convidado ele para os anteriores.

O silêncio de Oro confirmou isso, mas sua expressão ficou cautelosa.

— Você deve ir — ele disse, sem encontrar seus olhos. Ele estava preso lá até o anoitecer… mas ela poderia sair em qualquer momento.

Isla apertou os lábios secos. Parte dela queria correr para a superfície. Tomar um banho e lavar o cabelo grudado com sangue no rosto, a lama que cobria suas roupas, a camada de terra na pele.

Outra parte queria mais informações. O rei nunca tinha sido tão aberto assim antes, e Isla tinha mais uma pergunta que precisava de resposta.

— Vou esperar com você — ela disse.

Oro piscou, surpreso. Então franziu a testa com irritação. Ela cerrou os dentes… *miserável*. O rei ficou tenso enquanto passava um dedo pelo pescoço, fazendo uma linha pelo sangue seco.

Ela lançou um olhar para a luz na entrada da caverna, um tapete dourado no chão.

— Parece que vamos ficar aqui por mais um bom tempo — ela disse. — Vamos fazer uma brincadeira.

— Uma brincadeira — ele repetiu sem emoção.

Isla assentiu, implacável.

— Um jogo de perguntas, eu e você. Eu respondo uma. Depois você. Com sinceridade.

Ela esperava que Oro fosse dizer que a brincadeira era idiota, ou talvez até mesmo decidisse enfrentar a escaldante luz do sol em vez de passar outro segundo preso com ela, mas ele encostou a cabeça na parede e olhou

para ela, o queixo erguido.

— Tudo bem, Selvagem. Você começa.

Ela corrigiu a postura. A pergunta mais importante atravessou sua mente, mas ela não podia perguntar. Ainda não. Tinha que começar pequeno.

— Seja sincero. Nunca se cansa de usar dourado?

Oro deu a ela um olhar que dizia: *É isso que quer me perguntar?*

Ele suspirou.

— Sim, Selvagem. Embora eu possa usar azul, branco ou prata se eu quiser.

Certo. Ele era um Original, podia usar cores de todos os reinos de que possuía poderes. Ela se perguntou se usava outros tons fora do Centenário.

— Sua vez.

Ele a analisou por alguns momentos.

— Como é a sua vida na nova terra Selvagem?

Não era a pergunta que ela esperava, mas era uma pergunta fácil, e Isla ficou grata por isso.

— Era…

Ela abriu a boca. Tinha uma resposta pronta, sobre como era maravilhosa e emocionante.

Mas havia prometido ser sincera.

Isla queria que ele confiasse nela, para que pudessem encontrar o coração e quebrar as maldições dela e de Celeste.

O que, por sua vez, significava confiar nele também.

— Era horrível. — Isla olhou para o chão, correndo os dedos pelas manchas ásperas. — Eu amo minhas tutoras, elas são minha única família. — Ela respirou fundo. — Mas… — Apertou os olhos, sem saber como dizer isso. Encontrou o olhar dele e deparou com ele observando-a atentamente. — Já se sentiu como um pássaro em uma gaiola?

Ela esperava que ele zombasse dela.

Mas Oro acenou com a cabeça, apenas um leve movimento de seu queixo erguido.

— Todos os dias pelos últimos quinhentos anos.

É claro. Sua existência limitada trancada no castelo Selvagem não era

nada comparado aos séculos que Oro havia suportado.

— Quem te prendeu? — ele perguntou, embora não fosse a vez dele.

Isla estremeceu, então xingou a si mesma por sugerir este jogo. Por que alguém com tantos segredos faria uma coisa dessas? Ele não tinha ideia quão perto sua pergunta estava da verdade… tão perto de desvendar todas as mentiras que havia construído como uma fortaleza ao redor dela e de seu reino.

— Não estou *presa*… só… protegida.

Oro não insistiu no assunto, para seu alívio. Ela se apressou em fazer sua próxima pergunta.

— Você já se apaixonou?

Sua resposta foi imediata.

— Não.

— Por que não?

— Reis de Lightlark não se apaixonam. Isso nos torna vulneráveis. Nosso poder fica desprotegido. — Ele olhou para ela. — Suponho que sejamos parecidos nesse sentido… em nossa incapacidade de ter essa experiência.

Por causa da maldição dos Selvagens.

— Acho que sim. — Ela pensou em Grim. As mãos dele em seu vestido. Agarrando-a para si. Não era a vez dela, mas tinha que saber. — Você acha que é possível um governante amar outro governante? De verdade, sem qualquer objetivo escuso?

— Não. — Ele balançou sua cabeça. — Não de verdade.

Parte dela murchou por dentro, mas ele tinha que estar errado. Só porque ele nunca tinha experimentado o amor não significava que não era possível.

— Então seu irmão não estava realmente apaixonado pela noiva?

Oro deu de ombros.

— Egan amava Aurora, mas não dessa forma.

— Como você sabe?

Oro encontrou seu olhar.

— Eles não compartilhavam habilidades. — Apaixonar-se significava compartilhar o acesso ao poder com seu amado. Era o que tornava tão

perigosa a paixão entre governantes.

— Sua vez — ela disse baixinho. Ela havia feito várias perguntas de uma vez e ficou surpresa por ele ter respondido.

— Você conhecia Grim antes do Centenário?

Isla congelou com a menção dele, como se Oro o tivesse arrancado de seus pensamentos. Ela disse a verdade:

— Não.

Ele a olhou estranho.

Ela revirou os olhos.

— Não estou trabalhando com ele contra você, não se preocupe. — Era verdade.

A expressão de Oro tornou-se algo que ela não esperava… alívio misturado com surpresa. Isla mudou de assunto imediatamente.

— Qual é a sua parte favorita de Lightlark?

Ele coçou um lado da cabeça, logo abaixo da coroa.

— Existe um trecho isolado de praia na Ilha do Sol, ao longo de um penhasco… Com rochas gigantes na água que chiam quando o mar as atinge. — Ele ergueu o olhar, encarando o teto. — O mar tem uma sombra estranha lá… verde-escura. A cor dos seus olhos.

Isla pensou na palavra *estranha* usada para descrever seus olhos, mas murmurou:

— Parece bonito.

Seus braços esticaram sobre a cabeça.

— Seu canto — ele disse, apenas.

Isla piscou. Parte dela tinha esquecido que ele a tinha ouvido cantar, tantas semanas atrás.

— O quê?

Ele encolheu os ombros.

— Conte-me sobre isso.

Isla olhou para a entrada da caverna. A luz do sol ainda brilhava forte.

— Me acalma. Algo em que sou boa desde que nasci, sem nem tentar.

— Como lutar com uma espada?

— Não. Isso foi difícil. Não era naturalmente boa nisso, não como cantar. Costumava me frustrar o tempo todo… Terra, minha instrutora de

luta, sempre repreendia minha falta de paciência. — Ela suspirou. — Então, eu treinei. Muito. Todos os dias, o dia todo, o tempo todo. Até a espada sequer pesar na minha mão. Até se tornar parte de mim, tanto quanto a minha voz. Eu a *forcei* a ser.

Oro a observou, mas não disse nada. Era a vez dela.

Finalmente. Era hora de fazer a pergunta, pelo bem de sua própria sanidade. Só para ter certeza de que ela havia tomado a decisão certa em cancelar sua busca. Era uma coisa arriscada de dizer em voz alta, mas agora, no quinquagésimo quarto dia do Centenário, toda ação parecia um risco.

— Existe uma relíquia na ilha capaz de quebrar qualquer vínculo? Que pode quebrar as maldições daqueles que a usam?

Ela estudou o rosto dele desesperadamente, procurando qualquer sinal de reconhecimento, qualquer sinal de surpresa. O rei franziu as sobrancelhas, mas, mais do que qualquer coisa, Oro parecia confuso.

— Não — ele respondeu com firmeza. — Se existisse, eu teria encontrado uma maneira de usá-la.

Isla acreditou nele. Era uma coisa tola de se fazer, mas foi o que fez.

O que significava que o desvinculador nunca existiu… ou que tinha sido destruído antes que o rei soubesse de sua existência.

— Era isso que você estava procurando? — ele perguntou. Ele sabia que Isla tinha procurado por algo na biblioteca da Ilha do Sol e que não tinha encontrado.

Não adiantava mentir agora. Ela assentiu.

Era a vez dela novamente.

— Desde quando você consegue transformar coisas em ouro?

Oro pareceu surpreso com a pergunta. Ele piscou. Isla se perguntou se essa seria a que ele se recusaria a responder. Alguns momentos se passaram em silêncio antes de ele dizer:

— Desde criança. — Seus olhos estavam no chão. Perdido em pensamentos. — Disseram-me para guardar segredo — disse ele, franzindo a testa, como se não esperasse contar isso a ela. — Egan era o mais velho. O herdeiro. Ele deveria ser o mais forte.

— Mas ele não conseguia fazer isso — Isla adivinhou.

Ele encontrou os olhos dela. Assentiu.

— Então por que agora? Por que mostrar a todos?

Oro suspirou. Encolheu um ombro.

— Pensei que, como estou morrendo, poderia muito bem compartilhar todos os meus segredos. — Ele disse isso casualmente, mas seus olhos estavam duros. Sérios. Ela pensou na mancha cinza-azulada que tinha visto horas antes. O quanto ela havia se espalhado desde que ele a mostrara pela primeira vez na sala do trono. Momentos se passaram, e o silêncio se estendeu entre os dois. Ela pensou se ele não iria fazer outra pergunta, até que Oro finalmente encontrou seu olhar e disse: — Qual era o seu segredo, Isla?

Isla. Era tão raro que a chamasse pelo nome em vez de se referir a ela como *Selvagem*. Como se quisesse lembrar a ambos o que ela era. Ou, ela supôs, do que deveria ser.

Ela sentiu a garganta ficar apertada.

— O quê?

O olhar dele era implacável.

— Seu segredo na minha demonstração. O que era?

Ela engoliu em seco. Balançou a cabeça, negando.

O rei riu sem humor.

— Sabia que não me diria. — Ele coçou um lado do pescoço. — Que tal essa: por que você me deixou vencer nosso duelo?

Então, ele sabia. O duelo parecia tão distante. Tanta coisa tinha mudado.

— Não queria me tornar um alvo.

— Ah.

Sua vez de ser ousada. Para provar que, mesmo tendo proclamado que queria compartilhar todos os seus segredos, ainda havia alguns que ele não estava disposto a revelar.

— Qual é o seu dom? — ela perguntou. Ela havia debatido por um tempo se o rei tinha um dos raros poderes que não se relacionavam com seus reinos, aqueles que os governantes muitas vezes possuíam.

A forma como Oro fez uma pausa a fez ter certeza de que sim. O Solar inclinou a cabeça para ela. Ponderando.

— Conte o seu segredo e eu te direi.

Miserável. Ela não disse nada.

O rei sorriu. Isso a irritou. Ela nunca o tinha visto sorrir, não de verdade e de forma genuína.

— Que tal isso? — Ele se sentou mais ereto. Seus olhos não estavam mais vazios, estavam cheios de algo que ela não conseguiu decifrar. — Conte-me o seu segredo, e *você* pode vencer.

Silêncio. Seu coração estava batendo tão alto, era impressionante que não estivesse ecoando pela caverna.

— O quê?

Oro nem sequer piscou.

— Quando encontrarmos o coração, você pode brandi-lo, cumprindo a profecia. *Você* pode ganhar o grande poder prometido. — Ele encolheu os ombros. — Mas só se me contar seu segredo.

Ganhar?

Isla nunca tinha pensado em ganhar. Estava dedicada demais a sobreviver. A quebrar as maldições dela e de Celeste. E, por último, a finalmente receber suas habilidades de Selvagem.

Ele não podia estar falando sério.

— Por que você faria isso? — ela exigiu. — Não quer o poder para si?

Oro balançou a cabeça.

— Não desejo me tornar um deus — disse ele. — Poder demais é perigoso. Eu nunca quis ganhar, só quero salvar Lightlark.

Isla zombou.

— Você daria o poder para *mim*?

— Para quem mais? Você acha que Cleo deveria ficar com ele? — Isla mostrou os dentes, e Oro parecia pronto para sorrir com a reação dela. — Exatamente.

— Que tal Azul?

Oro balançou a cabeça, mas não deu uma explicação.

Poder. Isla queria isso cada vez mais. O poder prometido, segundo a profecia, era infinito. As coisas que ela seria capaz de fazer…

Não.

Isla nunca tivera uma gota de poder. O que ela faria com um mar

inteiro?

Particularmente porque o preço era revelar seu segredo.

Isla balançou a cabeça.

O rei pareceu surpreso, então franziu a testa.

— Ou você é a única governante que também não está interessada no prêmio do Centenário — disse ele — ou seu segredo é pior do que eu pensava.

— Isso não é uma pergunta — foi sua única resposta.

Pelo resto do tempo, eles mal se falaram. O jogo tinha acabado.

Isla observou a claridade batendo na entrada da caverna até ficar fraca e desaparecer.



CAPÍTULO TRINTA E SEIS

ORÁCULO

Cada um dos dias após o baile trouxe destruição. Uma construção antiga caiu no mar. Mais um ancião morreu. Outra rachadura se formou durante a noite, dividindo o Continente. A tempestade amaldiçoada aumentou ao longo da costa. Ainda presa, ela enfureceu. Relâmpagos fortes irrompiam o tempo todo, todas as noites, alto o suficiente para Isla ouvi-los de onde quer que estivesse. Contando os dias.

O coração não estava em nenhum dos lugares da Ilha do Céu nem da Ilha do Sol, onde Oro procurou sozinho.

Mas, no quinquagésimo nono dia do Centenário, chegou a hora de procurar na Ilha da Lua, onde a escuridão encontrava a luz. Era o último lugar que Oro disse que queria procurar.

Isla se perguntou sobre os guardas. Oro havia insinuado que não gostaria que Cleo soubesse que eles estavam procurando algo em sua ilha.

Mas o rei tinha uma solução. Uma que Isla não gostou.

— Eu vou devagar — ele disse, surpreendendo-a.

Isla o encarou.

— Mais devagar — ele acrescentou.

Ela não queria experimentar voar novamente, mas também não conseguia pensar em outra maneira de passar pelos guardas sem contar a

ele sobre sua varinha estelar.

— Se você me deixar cair…

— Você vai me estripar, estou ciente.

E então ela estava no ar. Enterrou o rosto no peito dele, protegendo os olhos contra o vento. A mão de Oro estava espalmada em suas costas, seu abraço um pouco solto demais para o gosto dela, então Isla agarrou o pescoço dele com força.

— Sabe — ele disse em seu ouvido —, eu me perguntava como os Selvagens arrancavam corações usando apenas as unhas. — Uma das mãos que deveria estar segurando-a com força se soltou e puxou os dedos de Isla, um por um, até não estarem mais cravados em sua pele. — Agora eu sei que elas são afiadas como adagas.

Isla ergueu a cabeça para lançar a ele um olhar fulminante.

— Eu não teria que me agarrar tanto se você me segurasse direito.

— Direito?

Ela assentiu.

— Firme. Com mais segurança.

Oro moveu as mãos. De repente, em vez de estar presa frouxamente em sua frente, ela estava embalada contra seu peito. O corpo de Isla foi aquecido com seu calor. Estava quase confortável.

— Melhor? — ele perguntou. Ela esperava que o tom fosse de zombaria, mas não era.

— Melhor.

Antes que ela percebesse, Oro pousou, seus braços apertando-a enquanto fizeram contato.

No segundo que se afastou dele, gelo encheu seu peito. A Ilha da Lua havia ficado significativamente mais fria desde a última vez que estivera ali. Seus olhos dispararam para Oro. *Ele* era o motivo. Já que Lightlark e seu controle sobre ela estavam enfraquecendo, ele não conseguia mais mantê-la aquecida nem iluminada. Os dias eram mais escuros. O sol se punha mais cedo. Todas as partes da ilha estavam visivelmente frias. Dezenas de lareiras e tochas tinham sido adicionadas por todo o continente e dentro do castelo, mas eram apenas uma solução temporária.

Eles haviam pousado nas margens de uma floresta, com árvores que

mais pareciam raízes nodosas e retorcidas, delicadamente trançadas no topo. Água navegava entre elas, transportando lírios-d'água e flores brancas gordas, tão grandes quanto as palmas de suas mãos. Estava tão silencioso que ela podia ouvir a neve caindo. Ela estremeceu, o ar frio saindo de seus lábios. Seus dedos já pareciam congelados; os dedos dos pés eram pequenos blocos dentro das botas. O vento batia nas bochechas e no nariz, seus olhos lacrimejavam e ardiam.

De repente, Isla gritou.

No meio do silêncio, um pássaro azul-escuro como o oceano pousou em seu ombro e guinchou direto em seu ouvido.

Oro virou-se e atacou imediatamente, sem esperar para ver o que a ameaça era. Seu fogo ondulou através da noite, bem onde o pássaro estava, mas ele era rápido e saiu voando, de volta pelo bosque.

Seu braço abaixou enquanto o observava. Quando ele se virou para Isla, suas sobrancelhas estavam ligeiramente levantadas.

— Você não devia ser boa com animais?

— Não quando eles explodem meus ouvidos — ela disse, batendo com cuidado na orelha. — *Você* não deveria cuidar melhor do seu fogo?

A mandíbula de Oro ficou tensa; parecia que as palavras de Isla o tinham feito pensar.

— Sim — ele disse de forma sucinta.

Eles caminharam em silêncio até que o chão virou gelo. Ela podia ver as raízes das árvores abaixo das veias como cristal, escuras como a noite. Eles chegaram a um penhasco onde a neve começou a endurecer o chão, congelando-o. Suas botas rapidamente ficaram presas nele, então ela seguiu atrás de Oro, cujos passos derretiam uma trilha. Flocos de neve se perderam em seu cabelo e se acumularam em seu nariz, e ela se sentiu tão fria quanto uma das estátuas de gelo que estavam na frente do palácio da Ilha da Lua.

Depois de uma hora, sua respiração ficou ofegante, e ela deve ter diminuído o passo, porque Oro finalmente se virou. Um olhar para ela, e ele ofereceu sua mão.

— Eu posso te aquecer.

Ela queria dizer não, mas estava cansada de ser orgulhosa. Ela segurou

sua mão, e ele franziu a testa.

— Você está congelando. — Ele disse isso como uma acusação.

Isla queria encará-lo, mas seus olhos ardiam demais para realizar o movimento.

Em um rápido movimento, ele removeu a capa dourada e a colocou ao redor de Isla. Era tão grande que a envolvia como um cobertor. Ela queria rejeitar, mas no momento em que tocou sua pele seu corpo foi inundado com um calor que parecia derreter através de seus ossos. Ela enterrou o rosto no tecido, ombros tremendo enquanto ela o amarrava mais perto de si. Ele cheirava como mel e folhas de hortelã, deliciosamente macio contra sua pele.

Quando ela finalmente tirou a cabeça da capa e a abotoou em volta do pescoço, Oro a observava com cuidado.

— Você está… bem? — ele perguntou, como se a ideia de hipotermia e morrer de frio nunca tivesse passado pela sua cabeça.

— Estou bem — ela disse rapidamente, levantando o queixo como se isso a fizesse parecer menos ridícula. Ela passou por ele, na neve que inundava seus tornozelos com o frio. — Obrigada.

Oro seguiu atrás, e ela devia estar andando na direção correta, porque ele não disse uma palavra. Ela não parou até chegar a uma placa de gelo tão grande que era como uma geleira que ficara presa na terra.

Isla olhou para ela. Havia algo ali dentro. Ela se aproximou e limpou com a capa de Oro. Um pouco da geada clareou, e ela se assustou, tropeçando para trás, direto em Oro, que a segurou antes que ela caísse na neve.

Três mulheres estavam presas no gelo.

— Os oráculos — ele disse, as mãos soltando os ombros de Isla.

Ela piscou muitas vezes.

— Achei que havia só *um*.

— Apenas um descongelou nos últimos mil anos.

— Por que estão aqui?

Oro deu um passo para o lado dela.

— Um rei muito antes de mim as prendeu no gelo, para que elas nunca saíssem nem morressem. Três mulheres nascidas com o dom da profecia.

Enfurecidas por serem presas, duas delas uniram forças com Umbra, chamando pela parte escura da ilha. Quando a Ilha da Noite foi destruída, elas congelaram para sempre.

— Então, este é um lugar onde a escuridão encontra a luz.

Oro assentiu enquanto colocava a mão contra o gelo, que começou a descongelar imediatamente.

Os olhos da mulher do meio se abriram. Ela flutuou na água, seus cabelos brancos como uma auréola ao redor de sua cabeça. Seu olhar foi para Isla, depois Oro, depois Isla novamente.

Sua voz ecoou, soando como um milhão de vozes presas em uma só garganta.

— Faz muito tempo desde que eu vi um Solar e um Selvagem lado a lado. — Ela inclinou o corpo para eles, seu rosto a poucos centímetros do deles. — Fui avisada para não ajudá-los… mas isso é muito curioso…

Essa era a mulher que havia falado da profecia das maldições. A chave para quebrá-las. Suas palavras eram as que eles seguiam como lei. As que conhecia desde quando aprendeu a falar.

— Avisada por quem? — Oro exigiu.

O oráculo balançou a cabeça.

— *Isso* eu não posso dizer, mas vou contar mais do que prometi não fazer.

Cleo. Tinha que ser Cleo.

— Tantos segredos. Presos entre vocês dois — ela continuou. O oráculo arranhou o gelo com um prego comprido, e o som fez Isla estremecer. — Mas, assim como esta parede, eles também vão ceder um dia, e vão se desfazer e cair… deixando para trás caos e loucura.

Isla evitou encontrar o olhar de Oro. O oráculo encontrou seus olhos com a expressão de quem sabia. Sabia de tudo. Ela sorriu.

— Chega de seus enigmas — Oro disse. — Buscamos o coração de Lightlark. Está aqui?

O oráculo sorriu ainda mais.

— Está perto. Mais perto do que imagina.

— Então está na Ilha da Lua? — disse Isla.

O oráculo assentiu. O alívio quase a deixou de joelhos.

— Onde?

A mulher sacudiu a cabeça.

— Isso não posso revelar. Vocês dois devem encontrá-lo por conta própria. Essa é a única maneira de usar o coração com êxito.

Isla olhou para ela.

O oráculo olhou de volta.

— Você… tem muitas perguntas. Há tantas coisas que eu poderia dizer… embora não devesse. — Ela olhou para Isla intencionalmente. — Tudo será revelado em breve.

O estômago de Isla embrulhou. Ela realmente estava dizendo que seu segredo seria revelado? *Não*.

— Saiba — disse o oráculo. — Há mentiras e mentirosos por toda parte, Isla Crown.

Mentiras e mentirosos.

Quem?

— E um dos seis governantes certamente estará morto antes de os cem dias acabarem.

Qual governante? Isso significava que as maldições seriam quebradas?

Isla deu um passo à frente, desejando que as palavras certas se formassem em sua cabeça, a pergunta certa, mas, antes que as palavras pudessem sair de seus lábios, o oráculo sorriu.

E a água endureceu em gelo.

Isla bateu nele com os nós dos dedos, que imediatamente ficaram manchados de sangue. Ainda assim, ela continuou batendo, mais e mais, a mão em carne viva, latejando.

Finalmente, Oro colocou a mão sobre a dela, parando-a.

— Ela se foi — ele disse. — E não vai acordar de novo tão cedo.

A mão de Isla ficou aberta sobre o gelo por um longo momento antes de tirá-la. Ela se virou para Oro. Ele também tinha segredos. O oráculo tinha confirmado.

Muitos para serem compartilhados.

Mentiras e mentirosos… Será que o oráculo se referia a ele? Ou a outra pessoa?

E qual dos seis governantes iria perecer?

Embora ela estivesse desapontada, aterrorizada… as informações do oráculo tinham sido inestimáveis.

— Quantos outros lugares na Ilha da Lua se qualificam? — ela perguntou, a voz quase um sussurro. O oráculo tinha avisado que seu segredo seria revelado. Eles precisavam encontrar o coração logo, antes que isso acontecesse. Antes de a ilha virar apenas rochas e ruínas.

— Três.

Três. Isla expirou e se inclinou contra o gelo, o alívio fazendo seus membros ficarem fracos. A capa a manteve aquecida, e ela embrulhou os dedos machucados no tecido.

— Três — ela repetiu. — Podemos ir hoje à noite?

Oro lançou um olhar para o céu.

— Não — ele disse baixinho. — Nós… *eu* não tenho tempo. Um lugar é de acesso mais fácil que os outros. E, para o nosso bem, espero que o coração esteja lá.

Isla assentiu, embora seus dentes estivessem travados pela decepção. Ela queria encontrar o coração naquela noite, o mais rápido possível, para quebrar as maldições, libertar seu povo e conseguir o poder antes das palavras do oráculo se tornarem realidade. Antes de seu segredo vir à tona e a tornar um alvo para cumprir o resto da profecia.

— Amanhã? — disse, a capa enrolada firmemente ao seu redor.

— Amanhã — Oro concordou.



CAPÍTULO TRINTA E SETE

POÇA

Mais tarde naquela noite, Isla estava em seu quarto, segurando a varinha estelar.

Antes mesmo de o Centenário começar, ela prometeu a si mesma que não usaria a relíquia para ver sua casa. Parte dela temia sentir tanta falta da nova terra Selvagem que tomaria uma decisão precipitada e sairia do jogo, indo embora pelo portal.

Agora, muita coisa havia mudado. Ela não era a mesma que havia chegado à ilha dois meses atrás.

Antes, Isla nunca tinha falado com um homem sem supervisão por mais do que alguns minutos. Agora, um havia tocado seu corpo.

Antes, ela achava que se encolheria diante dos governantes. Agora ela havia derrotado todos eles em testes. Feito ameaças contra eles. Tinha até salvado o rei.

Antes, ela acreditava ser errado querer qualquer coisa além de quebrar as maldições dela e de seu reino.

Agora, ela queria tudo.

Ela desenhou sua poça de estrelas, quase esperando seu antigo eu retornar diante da visão de seu reino e seu povo.

As bordas tremeram, vivas — como tinta e diamantes derramados. As

estrelas piscaram em cores diferentes, os tons estalando e surgindo rapidamente diante de seus olhos. Eles se espalharam até ela ver a terra Selvagem.

O sangue desapareceu de seu rosto. Seu coração era tudo o que conseguia ouvir, batendo instável.

Tudo se foi.

As florestas estavam arrasadas. O palácio Selvagem estava quase destruído. As aldeias estavam vazias.

Aquilo tinha que ser um truque, uma ilusão.

Sua mão tremeu quando ela tocou a varinha, guiando-a para outro lugar. As cores se espalharam até que ela estava olhando para uma mulher, esparramada no que restava do chão da floresta. Sua pele bronzeada havia endurecido, transformada em casca de árvore. Fios de seu cabelo tinham se tornado trepadeiras. Uma das mãos já estava enraizada no chão.

Era Terra.

Isla parou de respirar.

Sua tutora tinha começado a ser levada pela natureza, assim como a anciã. Os primeiros passos da morte de um Selvagem. O estômago de Isla se revirou, sua boca ficou seca, a visão, turva.

Ela estava prestes a pular na poça, a ir até Terra, mas se forçou a parar.

Não havia nada que ela pudesse fazer. Estava impotente. Reverter a morte de um Selvagem, uma que já havia começado, exigia incontáveis habilidades e encantamentos.

E seu reino já não tinha mais nada.

Terra. Sua instrutora de luta, a pessoa mais próxima de Isla nesse mundo. Quem tinha lhe ensinado tudo que sabia.

Poppy estava ajoelhada ao lado dela, aplicando um elixir que atrasaria a transição, mas isso não salvaria Terra. Não salvaria seu reino.

— Coloco minha mão na terra, para falar com as árvores — Terra disse a Poppy, a voz mais fraca do que Isla pensava ser possível. — Mas a terra está morta em minha mão.

Poppy segurou os dedos macios que sobravam de Terra.

— Ainda temos tempo — disse ela. — Nossa passarinha ainda está lutando por nós.

Terra apenas fechou os olhos.

— Quantos outros estão assim? — ela perguntou.

— Quase todos — Poppy respondeu.

Isla pensou que seu povo estaria exatamente do jeito que ela os havia deixado. O reino Selvagem havia enfraquecido durante seu reinado, mas tinha acontecido de forma gradual.

Como isso era possível?

A terra havia ficado sem energia por muito tempo. O solo exigia o que lhe era devido. Levando Selvagens poderosos, um por um.

Quebrar a sua maldição e a deles não os salvaria, era tarde demais para o reino Selvagem. Até os poderes com os quais ela deveria ter nascido não seriam suficientes. Não depois de ficarem mais fracos a cada geração de governante.

Para salvá-los, ela precisava de mais, mais do que um único governante poderia dar.

Lágrimas escorrendo pelo seu rosto, Isla se lembrou do prêmio. A pessoa que quebrasse as maldições estava fadada a receber uma habilidade imensurável; mais poder do que os reinos já viram. O tipo de poder que poderia salvá-los. O tipo que poderia salvar Terra. Por todo o Centenário, Isla esteve concentrada em garantir que não perdesse.

Agora, ela sabia que tinha que vencer.

Isla achou que ia vomitar. Tinha chorado por tanto tempo, parecia impossível que ainda houvesse algum líquido em seu corpo.

— O que aconteceu? — A voz de Oro soou surpreendentemente gentil quando ela o encontrou, andando de um lado para o outro em um cômodo no castelo do Continente. — Eu estava com você há apenas algumas horas — ele disse, confuso, com raiva, murmurando quase para si mesmo.

Seus olhos ainda deviam estar inchados. Ela não respondeu à pergunta.

— Sua oferta ainda está de pé?

Oro parecia saber que ela se referia à conversa na caverna. Para seu alívio, ele assentiu. Uma lágrima escorreu pela bochecha de Isla.

— Posso confiar em você? — ela perguntou.

Oro olhou para ela.

— Sim. Eu nunca menti para você, Isla. Nem uma vez.

Ela torcia para que isso fosse verdade. Seu estômago parecia estar virado do avesso. Se Celeste soubesse que ela havia compartilhado de forma voluntária seu maior segredo com o rei, ficaria furiosa, mas a Estelar entenderia.

Isla não tinha escolha agora.

Oro estava bem na frente dela. Ele colocou a mão na testa de Isla. Ele franzia a própria testa. Achava que ela estava doente? Ele analisou seu corpo rapidamente, clinicamente, procurando por lesões. Achava que ela estava ferida?

Ela desejou que estivesse. A dor física seria menos dolorosa.

Isla não acreditava que iria lhe contar seu segredo. Ela fechou os olhos, incapazes de olhar para ele como ela fazia. Cada osso em seu corpo, veia, músculo e faixa de pele gritavam contra essa ideia.

Seu segredo é sua maior fraqueza. Nunca o revele. A regra era como seu cobertor favorito. Ela aprendera isso antes de qualquer outra coisa. Todas as outras lições nasceram daquela. Isla precisava aprender a lutar porque não tinha poderes. Precisava se esconder em seu quarto porque não tinha poderes. Não podia encontrar ninguém sozinha porque não tinha poderes.

Era uma decepção porque não tinha poderes.

Tinha que seguir as regras porque não tinha poderes.

Terra e Poppy governaram em seu lugar porque ela não tinha poderes.

Isla tinha que sobreviver ao Centenário e mentir, enganar, roubar e matar porque não tinha poderes.

Não. Ela forçou os olhos a abrirem. Obrigou-se a olhar diretamente para o rei quando disse as palavras ao redor das quais toda a sua vida havia sido construída. A base de tudo.

— Eu nasci sem poderes.

Pronto. As palavras saíram como pássaros soltos. A gaiola estava aberta. Nada nem ninguém poderia prendê-las de volta.

Oro ficou imóvel. Ela via em seus olhos que ele esperava qualquer coisa, menos isso.

O rei franziu a testa, confuso, apertou os olhos.

Um milhão de pensamentos passavam por sua cabeça, e Isla imaginou

que nenhum deles era bom.

Era pedir demais para que ela ficasse ali depois de revelar seu segredo. Era forte o suficiente para dizer as palavras, mas não para ficar.

Isla deu meia-volta, mas Oro a deteve com um toque gentil.

Ele parecia estranho. Um pouco horrorizado.

— Você está dizendo que nunca usou poderes? — ele demandou.

Ela piscou. Ela teria que repetir?

— Sim — ela disse, sua voz trêmula. Ela engoliu em seco. — Não se pode usar algo que não se tem.

Pela primeira vez, Oro ficou sem palavras. Ela poderia ter gostado de vê-lo tão perturbado se não estivesse vivendo o pior dia de sua vida.

E ela supôs que o oráculo estava certo, seu segredo foi revelado. Apenas não da maneira que ela havia imaginado.

Novamente, ela se virou para sair.

E, desta vez, o rei não a impediu.



CAPÍTULO TRINTA E OITO

AMANHÃ

Na manhã seguinte, Isla entrou na sala do trono com a cabeça erguida. Ela havia contado seu segredo a Oro, e sobreviveu.

O rei alegava que era um homem de palavra. O que significava que, agora, o poder prometido seria dela. Tudo o que precisavam fazer era encontrar o coração, que agora sabiam que estava na Ilha da Lua. Restavam apenas três lugares, e um deles seria revistado naquela mesma noite.

Estavam tão perto.

A esperança era a única coisa que a impedia de desmoronar.

Estou indo, ela sussurrou para Terra. *Estou indo te salvar, como você me treinou para fazer*.

Matar estava permitido. Ela deveria estar com medo ao entrar em uma reunião com os outros governantes do reino, mas não estava. Isla tinha Oro. Celeste. Grim.

O rei havia convocado os governantes para uma atualização. Isla estava segura ao seu lado. Grim apareceu em seguida. Ela não o via desde o baile, mas todas as noites passava os dedos pelo colar, imaginando quando teria coragem de puxar o diamante e convocá-lo para o seu quarto.

Cleo entrou vestindo uma capa com fecho frontal, com uma fenda que

mostrava a calça por baixo. Ela olhou para Isla com pouco interesse, mas Isla não cometeu o erro de acreditar que isso significava que a Lunar não queria matá-la. Cleo provavelmente sabia que não poderia chegar perto de Isla com Oro como seu parceiro.

Ótimo.

Celeste se juntou a eles. Depois Azul.

Todos ficaram longe. Olhos atentos. Prontos para atacar. Prontos para usar seus poderes, se necessário.

Oro finalmente falou, sua voz preenchendo a sala:

— Já se passaram sessenta dias desde o início do Centenário. Alguém gostaria de compartilhar seu progresso?

Ninguém disse uma palavra. Isla se perguntou o que, ou quanto, ela deveria dizer. Eles não haviam discutido a reunião antes.

Para sua surpresa, Oro disse:

— Isla e eu vasculhamos a ilha atrás de uma relíquia que acreditamos ter sido usada quinhentos anos atrás. Pensamos que usá-la tenha sido o crime original, e que seu poder criou as maldições.

A verdade. Quase completa. Ela piscou, chocada.

Azul franziu a testa.

— Que tipo de relíquia poderia ter lançado maldições?

— Uma infundida com o poder Umbra — Oro disse, sem rodeios.

Novamente, a verdade. Isla olhou para ele, os lábios entreabertos. Ele não tinha dito que não confiava nos outros? Por que não haviam discutido isso antes?

O governante Etéreo virou-se para ficar de frente para Grim.

— Tal relíquia poderia existir?

Grim ficou parado.

— Sim, se tiver sido criada há tanto tempo que um governante Umbra pudesse ter se dado ao luxo de sacrificar parte de seu poder.

Azul parecia incrédulo.

— Então não deveríamos todos procurar esta relíquia? Umbra não deveria procurar por ela? Talvez consiga atraí-la.

Isla lançou um olhar fulminante para Oro. Por que ele entregaria tanto?

— Não — o rei disse, sua voz absoluta. — Não podemos correr o risco

de concentrar nossos esforços em um só caminho, se estivermos errados. Não com a urgência da nossa situação. — Ele levantou a manga, mostrando a eles o quanto o cinza-azulado havia se espalhado. Seu corpo era como um mapa, demonstrando o desmoronamento da ilha. Ela endireitou a postura. Pelo menos teve o bom senso de manter os outros fora do plano. — *No entanto* — completou —, acredito que seja a hora de uma mudança nas duplas.

O sangue sumiu do rosto de Isla.

Oro virou-se para a governante Lunar.

— Cleo, seria conveniente para você se juntar a mim para que possamos procurar juntos por essa relíquia na Ilha da Lua?

Isla não conseguia respirar. Um zumbido tomou conta de seus ouvidos. Ela só podia ter ouvido errado… entendido errado. Isso ao menos era possível?

Ela sabia que deveria ter escondido a indignação em seus olhos, lançando olhares fulminantes de raiva para Oro. Ou o seu queixo caído.

Mas o rei nem se virou para olhá-la.

O sorriso de Cleo era felino.

— Tem certeza, rei? — ela disse. — Parecia que você e a Selvagem estavam se dando tão bem.

Oro juntou Azul e Celeste em seguida, e então Isla e Grim, mas ela mal ouvia sua voz por causa do zumbido. Seu corpo mal resistiu a correr para a mesa e cortar a garganta do rei com a própria coroa.

A compreensão a atingiu como uma pedra em seu peito.

Oro a usou até ela se tornar inútil para ele. Exatamente como Celeste tinha alertado.

Agora que eles sabiam que o coração estava na Ilha da Lua, ele havia mudado alianças para seguir com o plano. Ele havia escolhido Cleo.

Desde o primeiro momento em que o conheceu, todas as escolhas de Oro haviam sido para o bem de seu povo. *Eu farei tudo o que for preciso para quebrar essas maldições*, ele dissera.

Mesmo que isso significasse traí-la.

— Você realmente tem certeza, rei? — Cleo disse, olhando para Isla com lábios franzidos. — Tenho que admitir, estou desconfiada… Isso não é

uma estratégia entre você e a Selvagem, não é?

Uma pontada de esperança cresceu em seu peito. Eles haviam trabalhado juntos por semanas, ela havia salvado a vida dele e ele, a dela. Talvez ele não a estivesse traindo. Talvez isso *fosse* uma estratégia…

O sorriso de Oro era puro divertimento.

— Vou te contar um segredo que pode explicar minha decisão — ele disse em voz alta, para todos ouvirem. Ele se virou para olhar direto para Isla. — Isla Crown não tem poderes.

O mundo congelou.

Depois se despedaçou.

Ela era uma tola. Uma tola por acreditar que o rei a deixaria receber o poder prometido da profecia. Uma tola por acreditar que suas promessas tinham significado. Uma tola por acreditar que manteria seu segredo.

As palavras do oráculo ressoaram em sua cabeça, em um tom desesperado.

Há mentiras e mentirosos por toda parte, Isla Crown. Ela estava falando de Oro. Tentando avisá-la.

A traição queimou em seu estômago, ferro se transformando em uma lâmina. Queria apunhalar o coração de Oro.

Cleo se virou para ela, parecendo entender que Isla estava desprotegida. Sozinha. Impotente.

Ela deu um passo à frente.

Mas, antes que qualquer um dos governantes pudesse fazer um movimento contra ela, Grim segurou sua mão e eles se foram.



CAPÍTULO TRINTA E NOVE

PROMESSA

Eles sabiam. Todos eles sabiam.

O segredo que ela guardara por toda a vida, a razão pela qual esteve presa dentro de um quarto, o que faria dela o alvo número um no Centenário.

Eles sabiam, porque Oro havia *contado* a eles.

A dor era como garras revirando suas entranhas.

Não. Isso não podia ser real.

Ele disse que nunca havia mentido para ela. Disse que podia confiar nele. Tinha ficado mais gentil, mais carinhoso.

Idiota. Mesmo agora, ela ainda o defendia. Mesmo depois de ter arruinado suas chances de quebrar a maldição e salvar seu reino.

Oro havia condenado Isla à morte. Tinha usado ela. *Isso* era real.

Em um momento ela estava na sala do trono, vendo o horror no rosto de Celeste. Vendo Cleo dar um passo em sua direção. Em seguida, estava do outro lado do Continente, descendo o penhasco, em uma praia.

Grim ainda segurava sua mão.

Grim. Ele era a razão pela qual ela não estava morta, mas como ele…

Isla deve ter parecido confusa, porque ele disse:

— Meu dom.

Seu *dom*. Então era *isso*.

Era um poder perigoso. Isla pensou que Grim podia apenas ficar invisível. Ela nunca imaginou que ele fosse capaz de viajar pela ilha num piscar de olhos.

Ela se lembrou de sua proclamação na praia.

Eu poderia levá-la de volta para as terras de Umbra comigo agora mesmo.

Os outros governantes sabiam disso? Ou simplesmente suspeitavam que ele a tornara invisível?

O que *estava* claro era que ele havia arriscado que seu dom fosse descoberto… por ela.

— Obrigada — ela disse, as lágrimas pinicando os cantos dos olhos. — Eu…

Ele a observou com atenção. Seus olhos cheios de preocupação.

É claro. Agora Grim sabia seu segredo.

Será que ele a trataria com desdém?

Ela deu um passo para trás.

Ele se arrependeu de revelar seu dom para salvá-la?

Ela se sentia envergonhada. Fraca. Tola.

— Eu sabia — ele disse gentilmente.

Um segundo. Outro.

— Sabia o quê?

Ele se aproximou. Até ficar bem em sua frente. Ele pressionou dois dedos em seu peito. Ela estremeceu.

— Eu sabia que você não estava ligada às maldições e que você nunca exerceu poderes.

O mundo inteiro de Isla ficou borrado, torto.

Ele *sabia*.

— O quê?

Ela imaginou que suas emoções eram uma onda gigantesca de sentimentos, medo e vergonha e surpresa e angústia duelando entre si.

— Umbras… nossos poderes incluem maldições. Posso sentir todas as outras. Eu soube desde a primeira vez em que te vi que você não estava ligada a elas.

Ela se lembrou de como ele a livrou de comer o resto do coração, exigindo que fosse levado para o seu quarto durante o primeiro jantar. Ele já sabia.

Ele sempre soube.

— Não sou um perigo para você, Isla — ele disse, sua voz firme. Olhos sinceros. — Eu nunca te machucaria ou revelaria seu segredo.

— Por quê? — ela perguntou, sem fôlego. Por que ele não contaria aos outros? Por que não tinha desistido dela no momento em que sentiu que ela não estava presa às maldições?

Grim sorriu. Mesmo naquele momento, era irritante a maneira como ele a fazia derreter por dentro.

— Porque somos monstros, Devoradora de Corações — ele disse. — Ou, pelo menos, é o que eles pensam. — Seu sorriso se alargou. — E monstros se ajudam.

Eu sou o monstro.

O quebra-cabeça começou a se formar. O fascínio imediato de Grim. Sua busca por ela, sem medo de sua maldição.

As partes dela que recuaram de medo agora se acalmaram. Isla se sentia quase nua, destruída, na frente dele. Defeituosa. Impotente.

Mas a outra parte sentiu alívio. Ele sabia seu segredo e não tinha contado a ninguém.

Ela suspeitou que ele a tivesse usado durante o Centenário, mas não. Cada interação tinha sido genuína.

Seus lábios tremeram. Ela desejou que parassem, mas não conseguiu.

Grim deu um passo à frente, sentindo tudo. A tristeza. O desprezo persistente. Ele piscou para ela, confuso, então passou os dedos por sua bochecha. Uma lágrima havia caído e ela nem percebeu.

— Grim… — ela disse, sua voz instável. — O que há de errado comigo?

Uma governante nascida sem poderes era como uma ostra sem sua pérola.

Os olhos de Grim brilharam de raiva.

— Não há nada, absolutamente nada de errado com você, coração.

Então ele a tomou em seus braços. Ela ficou ali, tremendo.

— Acho que eles vão me matar — ela disse baixinho, então levantou os

olhos, para ele.

Ele a surpreendeu sorrindo. Colocou a mão cuidadosamente na bochecha dela.

— Se alguém fizer um movimento para te machucar, acabarei com eles e com todo o seu reino. — Seus dedos percorreram o rosto de Isla, passando por sua garganta e, em seguida, puxando suavemente o pingente na ponta de seu colar. — Puxe isso — ele disse. — E estarei lá.

Isla acreditava nele.

Acreditava *apenas* nele.



CAPÍTULO QUARENTA

JUNTOS

A traição de Oro era uma geleira em seu peito, sangrando e em carne viva.

Ela havia *confiado* nele. Eles enfrentaram uma infinidade de desafios e obstáculos. Juntos.

Isso não significava nada?

As semanas que ela passou ajudando Oro tinham sido desperdiçadas.

A única coisa que amenizou sua dor foi Grim. Ele preenchia seus sonhos, e agora seus dias.

Isla sabia que o tempo deles juntos estava contado, não apenas porque a ilha estava desmoronando ao seu redor, mas porque Cleo e Oro estariam perto de encontrar o coração… talvez até já estivessem com ele. E, quando o encontrassem e o empunharem, faltaria apenas a última parte da profecia: matar um governante e todo o seu reino.

Em breve, Isla estaria morta. Nunca teria seu poder Selvagem. Terra estaria morta.

E não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

Por uma semana, Isla pensou apenas em sobreviver.

Com a ajuda de Grim, se mudou para o Palácio de Espelhos na Ilha

Selvagem. Se o que Juniper disse era verdade, apenas o poder dos Selvagens poderia ser usado lá. Era o único lugar onde ela e Cleo, ou mesmo Oro, teriam as mesmas chances caso atacassem. Suas lâminas não seriam inúteis ali.

Ela havia ocupado um dos quartos abandonados no andar de cima.

Toda manhã, Isla se perguntava se seria a última. Ela trancou a porta e colocou móveis na frente, sabendo que aquilo tudo só serviria para lhe dar um aviso prévio antes de qualquer ataque. Ela tentava ficar acordada à noite, cada ranger do castelo fazendo-a pular, mas depois de um tempo seu corpo parava de funcionar e a forçava a dormir.

A adaga nunca estava longe das suas mãos.

Ella corria grande perigo na floresta mortal, aventurando-se na Ilha Selvagem para trazer o que ela precisava. Comida. Água. Em uma das últimas vezes que passou por ali, Isla deu a Ella a maioria das gemas que havia trazido para Lightlark, um saco cheio de diamantes e pedras preciosas.

— Contrate um curandeiro — dissera.

Isla se perguntou se a Estelar retornaria depois disso, tendo conseguido o que queria, mas ela voltou. Todos os dias ela voltava.

O mesmo aconteceu com Celeste.

Logo após a traição, ela chamou Isla de tola por ter confiado no rei. Então a puxou para os seus braços e as duas choraram juntas.

Isla se perguntou se aquele seria o momento em que Celeste a deixaria. A amiga tinha a própria vida e um reino com que se preocupar. Era estupidez continuar como aliada de Isla.

Mas Celeste ainda estava convencida de que o desvinculador era uma opção.

— Estou procurando — disse ela. — Estou progredindo.

Isla passava a maior parte de seus dias desenhando poças de estrelas e olhando para elas até que observar Terra fizesse seu estômago se revirar de culpa. Todo o lado direito de seu corpo era parte do chão agora. Ela mal conseguia falar.

Certa vez, ela se perguntou se estava sendo egoísta por se esconder. Se Cleo e Oro de fato encontrassem e usassem o coração de Lightlark para

cumprir a maior parte da profecia, não fazia sentido que os Selvagens fossem os únicos a morrer?

Sua terra e seu povo estavam quase destruídos. Ela não tinha poderes. Isla e seu reino não ofereciam nada ao futuro da ilha.

Talvez fizesse mais sentido…

Isla mencionou isso para Celeste, que parecia pronta para esbofeteá-la.

— Precisamos dos Selvagens — sua amiga dissera. — Para reconstruir. Para crescer. Você e seu reino são mais importantes do que imagina.

Naquela noite, ela vagou pelo Palácio de Espelhos, parando em frente às esculturas de seu povo e do cofre que havia tentado e falhado em abrir.

Celeste estava certa. Outrora, os Selvagens eram ótimos. Essenciais para a ilha.

Que pena terem uma líder tão fraca, pensava, olhando para os animais selvagens que antes vagavam livremente por ali, a gloriosa flora que milhares dos Selvagens um dia cultivaram, as armas que tinham empunhado antes de seu foco ter se tornado corações e sangue.

Que tragédia terem terminado assim.



CAPÍTULO QUARENTA E UM

CARTA

Na manhã seguinte, Celeste estava na porta de Isla no Palácio de Espelhos.

— Você já ficou emburrada por tempo suficiente — ela disse.

Isla piscou. *Emburrada?* Ela só estava tentando sobreviver.

— Você é mesmo uma grande tola, sabia? — disse Celeste.

Isla assentiu sem ânimo.

— Bom, mas sabe o que você não é, Isla Crown? Um fracasso. E nem eu. Certo, você foi traída? Nós já esperávamos por isso. A gente *sabia* que não podia confiar em ninguém. Ou você se esqueceu?

Isla trincou os dentes dolorosamente.

— Não planejamos durante anos para deixar isso nos paralisar — disse ela. — E a esperança não está toda perdida, ainda não. — Ela surpreendeu Isla com um sorriso. — Estive conversando com os Estelares que trabalham no castelo, incluindo Ella. Sobre a biblioteca secreta.

Isla resistiu à vontade de gritar. O desvinculador era uma causa perdida. Ela sabia disso. A insistência da amiga em encontrá-lo estava se tornando enfurecedora. Ela precisava de uma solução *real*, não de uma lenda.

De qualquer forma, Celeste podia ter abandonado Isla no momento em que os demais governantes tinham descoberto seu segredo, mas ela não o

fez. Então Isla perguntou, com toda a gentileza que conseguiu:

— Algum deles sabe onde está?

— Ainda não, mas estão procurando. Cada um deles está investigando uma parte específica do castelo e perguntando a todos que…

Isla dirigiu um olhar a amiga.

Celeste ergueu os braços.

— Qual é o seu plano, então? Ficar sentada aqui e se esconder até a ilha desmoronar ao nosso redor? Esperar Cleo e o rei encontrarem o coração, se é que ele existe mesmo, e te matarem? Esperar até o reino dos Selvagens ser oficialmente extinto?

Isla enrijeceu. Mesmo que aquilo fosse exatamente o que ela estava fazendo.

Ela havia contado para a amiga o que vira em sua poça de estrelas, mostrado a ela também.

Eu vou te ajudar, a amiga prometeu, mas Isla sabia que apenas o poder prometido na profecia seria capaz de salvar os Selvagens do estado de deterioração em que estavam.

Seus problemas pareciam insuperáveis.

Como ela poderia encontrar o coração de Lightlark quando agora todos não só desejavam matá-la, mas sabiam que conseguiriam tal feito facilmente? No momento em que saísse do Palácio de Espelhos, Isla seria um alvo.

Como ela poderia vencer agora?

Ela encarou as mãos. Suas palavras trêmulas a surpreenderam. Havia um nó em sua garganta, e os cantos de seus olhos ardiam.

— Eu não quero desistir — respondeu honestamente.

Toda vez que ela fechava os olhos, via sua tutora. Sofrendo. Aos poucos se tornando parte da floresta. Poppy e Terra contavam com ela… e Isla tinha ignorado todos os planos e preparações delas de propósito. Realmente achou que poderia cumprir seu dever e conseguir o que mais queria do seu jeito. Ela fora tão tola.

— Mas como? Não temos plano. Não temos aliados.

Celeste segurou suas mãos. Havia um brilho em seus olhos, uma intensidade como duas estrelas cintilantes.

— Temos exatamente o que tínhamos quando o Centenário começou. Uma a outra.

Se ao menos isso bastasse.

Se ao menos ela tivesse poderes, conseguiria enfrentar Cleo e Oro. Quem sabe até tomar o coração deles, em vez de esperar para ser abatida.

A governante Estelar cruzou o cômodo com passos rápidos, como se revigorada por suas próprias palavras.

— Este jogo ainda não acabou. Estamos na ilha há mais de dois meses. Devemos ter feito algum tipo de progresso, algum contato. Deve ter alguém aqui capaz de nos ajudar.

Contato.

A palavra de Celeste lhe deu uma ideia. Sua respiração parou. Seus pensamentos se dispersaram. Uma pessoa provou ser útil, várias e várias vezes. Alguém que lidava com segredos.

E se Isla tinha aprendido alguma coisa durante o Centenário, foi que segredos significavam tudo.

— Pergaminho — Isla pediu.

A governante Estelar sorriu.

— Eu volto já.

Uma hora depois, Celeste estava de volta com pergaminho, tinta e Ella. A Estelar agora sabia da amizade entre as duas, mas Isla não se perturbou. Não quando Ella era parte do povo de Celeste e tinha se provado leal. Era de interesse dela e do reino manter os segredos da Selvagem.

Isla redigiu a carta rapidamente, mostrando-a para Celeste antes de dobrá-la ao meio e deixá-la com Ella para entrega.

Pronto. Isla tinha feito alguma coisa… Não estava desistindo. Pelo menos não por enquanto.

Quando Ella partiu com a carta, Isla sentiu uma faísca de esperança. Ela poderia ser jovem, impotente e tola, mas se Oro e Cleo *tivessem* encontrado o coração já o teriam usado. Um dos governantes estaria morto, e as maldições teriam desaparecido.

Algo tinha dado errado para os dois.

Celeste estava certa. O jogo não tinha acabado. Pelo menos não por enquanto.

A carta era para Juniper, cujo bar estava fechado desde o baile. Se alguém conheceria a localização de uma suposta biblioteca secreta ou saberia qualquer outra coisa que poderia ajudá-la a vencer, era ele.

A mensagem dizia: *Detalhes do meu maior segredo em troca do seu?*

Isla não conseguia dormir. E, ao que parecia, Grim também não. Ele estava virado de costas para ela no longo quarto, olhando através da janela, um limiar que ele não podia ultrapassar. Ele respirou fundo e relaxou a cabeça para trás enquanto exalava, como se observar a escuridão fosse a única coisa que o revigorasse.

Ela deu um passo, e ele se virou.

Ele pareceu surpreso. Aliviado.

— Coração — disse rapidamente, mais uma vez encurtando seu apelido anterior. Isla não era mais a "Devoradora de Corações" agora que ele não precisava fingir desconhecer o segredo dela? Grim avançou em passos largos em sua direção, sem nunca desviar o olhar, e, antes que ela pudesse dizer uma palavra, a envolveu nos braços.

Ela soltou um som que nunca tinha feito antes, e ele a tocou possessivamente, como se conhecesse cada centímetro de seu corpo e quisesse mais, quisesse tudo. Logo, a armadura dele estava no chão, ao lado do vestido dela e…

Isla engasgou enquanto se sentava, piscando, traços de seu sonho sumindo como os pedaços do vestido que Grim tinha…

Ela engoliu em seco.

Apenas um sonho.

Apenas outro…

Sonho.

No dia seguinte, Isla mal conseguia olhar nos olhos de Grim quando ele a visitou no Palácio de Espelhos. Ele vinha sempre que podia, adentrando o castelo como qualquer outro, incapaz de usar seu dom para isso. Juniper ainda não havia respondido, mas ela não tinha perdido a esperança. O dono do bar não seria capaz de resistir aos seus segredos. Não se ele tivesse ouvido falar sobre a sua falta de poderes.

Grim tinha trazido chocolate do mercado para ela. Isla pensou que

todas as lojas da praça tinham fechado depois do baile, quando a ilha começou a desmoronar, mas ela sabia que Grim podia ser muito convincente quando queria alguma coisa.

Isla quase foi capaz de sentir as mãos dele sobre ela durante o sonho.

Tinha sido tão vívido, o jeito que ele tinha…

— Devoradora de Corações?

Ela piscou.

Ele sorriu. Tão perversamente que Isla bufou, seus olhos o encarando.

— Você… você me *enviou* aquele sonho? — ela perguntou com voz muito firme. Umbras tinham essa habilidade. Ela mesma o vira criar ilusões durante as demonstrações. — Você tem enviado todos eles?

Isla pensava em Grim mais do que deveria, mas o número de vezes que sonhara com ele era absurdo. Ele enchia sua cabeça quase todas as noites.

Ela deveria saber. Todos aqueles sonhos que ela estava tendo ultimamente…

— Que sonho? — foi tudo o que o Umbra disse, mas seu olhar parecia dissimulado.

Ela se levantou da cama improvisada e foi até ele. Algo sobre plantar o sonho em sua mente parecia invasivo, não importava o quanto ela gostara da ilusão, e suas mãos se fecharam em punhos raivosos nas laterais de seu corpo.

— Você sabe muito bem *que sonho*.

Grim teve a coragem de ainda fingir confusão, embora os cantos de seus lábios tenham se contraído, se esforçando para não se esticar em um sorriso.

— Não tenho certeza do que você quer dizer — ele disse. — Mas… pelo que estou ouvindo… e *sentindo*… gostaria de saber mais.

Ela lutou contra a vontade de pisar no pé dele antes de mandá-lo embora dali.

Isla saiu do Palácio de Espelhos na manhã seguinte com certa hesitação.

Ela esperava encontrar a legião de Cleo aguardando por ela, ou os próprios Cleo e Oro, aproveitando a chance para matá-la.

Mas ninguém estava lá.

Ninguém esperava.

Isla não queria ir embora. Era muito cedo e parecia imprudente, mas Juniper enviara uma resposta — e tinha insinuado algo que valia a pena.

Eu sei quem lançou as maldições, ele havia escrito.

Não era a informação que ela esperava, mas parecia crucial. Todo esse tempo, ela estivera concentrada em como quebrar as maldições em vez de quem as tinha lançado.

Isla não sabia como isso a ajudaria a vencer o Centenário, mas era um começo. Era a única pista que tinha.

Quando ela e Celeste entraram na praça, seu pulso acelerou. Mais uma vez, ela antecipou um ataque. Assim como o do porto. Pessoas pulando para fora das sombras.

Mas a praça estava abandonada. Nenhum ilhéu por perto. O único som era do ranger dos letreiros de lojas, cobertos de poeira, balançando-se ao vento.

Celeste torceu o nariz quando entraram no pub. Isla apertou os olhos. Embora não tivesse recebido clientes em semanas, o cheiro de álcool no pub se intensificou, tão forte que queimou seus olhos. E havia algo mais — outro cheiro.

Isla correu para o bar e olhou por cima da bancada, e o que viu a fez soltar um arquejo. Um grito arranhou o fundo de sua garganta.

Havia uma mensagem.

Rabiscada com sangue.

Não, não apenas uma mensagem. Uma resposta. Ela se lembrou das palavras que ela e Celeste escreveram após o atentado no porto: *Vai precisar se esforçar mais.*

Escritas nos armários de madeira que abrigavam prateleiras de bebida estavam as palavras *Me esforcei o bastante?*.

E, no chão, Juniper estava morto.



CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

CLEO

A ilha foi construída com corações, ossos e sangue. A morte era parte de sua essência, desde o duelo que matou Cronan Malvere às vidas perdidas até então. Por três dias após Juniper ter sido encontrado morto, Isla permaneceu no Palácio de Espelhos, sabendo que seria a próxima.

Cleo ainda não a havia matado, mas sua influência estava em toda parte. Ela tinha interceptado o bilhete de Isla ou descoberto sobre a carta de alguma forma. Nenhuma forma de comunicação era segura. E sua mensagem sangrenta foi clara.

A Lunar ainda não tinha ido atrás dela… mas isso logo aconteceria.

Às vezes, tarde da noite ou de manhã bem cedo, Isla escapava do palácio Selvagem e corria. Nos últimos tempos, essa era a única atividade que tirava de sua cabeça as imagens de seu reino moribundo. Todos os dias ela ia mais longe, arriscando aventurar-se profundamente na floresta. Até o penhasco. Até mesmo próximo aos arredores do castelo.

Pelo menos isso a fazia sentir alguma coisa.

Ela se sentia inútil, não estava fazendo nada para vencer.

Mas por onde começaria? Oro, de propósito, não tinha compartilhado os lugares restantes na Ilha da Lua, onde a escuridão encontrava a luz. Ela

não poderia procurá-los sozinha. Mesmo que soubesse onde ficavam esses lugares, Oro e Cleo, provavelmente, já tinham olhado. O que significava que eles estavam com o coração… ou próximos de encontrá-lo.

A culpa pesou em seus ombros, formando uma grande pilha, pesando cada um de seus passos. Ela havia falhado com seu povo. Falhado com suas tutoras.

E falhado com Juniper. Cleo tinha matado o taverneiro por sua causa, por conta da informação que ele estava disposto a compartilhar.

O que significava que era uma pista importante.

Isla não permitiria que a morte de Juniper fosse em vão. E, enquanto corria pela floresta, sentiu uma pontada de esperança.

Se Cleo e Oro já tivessem encontrado o coração, a governante Lunar não teria se dado ao trabalho de sabotar Isla. Algo dera errado em seus planos… o que significava que talvez ainda houvesse uma chance de consertar tudo.

A ilha era uma massa fina, desfazendo-se dia após dia no mar, mas, ao entardecer, era uma beleza. O sol era como uma gema escorrendo, espalhando dourado e laranja e vermelho no céu, desesperado para deixar sua marca. As nuvens eram algodão embebido em tinta rosa.

Isla assistiu ao pôr do sol de um penhasco, as mãos nos joelhos, ofegante. Ela tinha acabado de correr por mais de uma hora. Seu cabelo estava molhado de suor, o calor do dia lembrando-a da terra dos Selvagens. Uma brisa salgada soprou sua trança para trás e retornou, grudando os fios em um lado de seu rosto.

Estava usando as roupas que o alfaiate confeccionara para ela durante sua primeira semana na ilha. Roupas feitas para correr e lutar. O tecido era fino, mas oferecia proteção contra os elementos naturais. Isla tinha planejado usar essa mesma roupa para encontrar o coração.

Juntos.

Ela se sentou enquanto o último raio de sol mergulhava relutantemente abaixo do horizonte. Suas mãos agarraram a grama, e ela sentiu o poder correndo pelo solo, embora mais fraco que antes. Poder ao qual ela não tinha acesso.

— Mãe — ela disse para a escuridão que se aproximava. — Não é sua

culpa.

Ela falava com a mãe às vezes.

Isla nunca a conheceu. Foi morta pelo pai de Isla no dia em que ela nasceu, antes de ele usar a faca contra si mesmo. Ambos vítimas da maldição Selvagem. Sua mãe se recusou a matar seu amor, então a maldição exigiu sangue.

E a filha deles nasceu sem habilidades.

— Eu também não conseguiria — ela disse baixinho.

Isla pensava nisso, às vezes. A escolha impossível. Matar um amado… ou morrer. Antes, a resposta parecia óbvia. Agora, ela sabia que jamais seria capaz de matar a pessoa que amava.

Talvez isso a tornasse mortal. Talvez a tornasse fraca.

Não. Fraca, não. Um governante fraco não teria chegado tão longe no Centenário sem poder algum.

— Eu te entendo. Não te culpo… E… — A voz dela tremeu por apenas um momento antes de voltar ao normal. — E gostaria de ter te conhecido.

No momento em que voltou para a floresta, a lua era um grande olho no céu, observando-a. Isla esgueirou-se pelas sombras, mantendo-se em seu perímetro, observando o castelo do Continente através da escuridão.

Ela sentia falta de seu quarto. Sentia falta do abrigo e da segurança que ele havia lhe permitido.

Isla estava prestes a voltar para a floresta do Continente quando a avistou.

Cleo.

Sua primeira reação foi parar e sacar a adaga, mas a Lunar não tinha visto Isla. Ela estava muito longe.

Enquanto Isla observava Cleo deslizar pela noite, a capa branca pálida como osso, seu medo diminuiu.

Celeste tinha razão. Ela havia ficado escondida por muito tempo.

Logo, ela seria forçada a deixar o esconderijo, para o Carmel, um festival de celebração durando vinte e quatro horas que acontecia no septuagésimo quinto dia do Centenário. A presença era obrigatória, a não ser que ela desejasse sair oficialmente do jogo.

Ela não podia. Não com o estado em que seu reino estava.

Isla seria forçada a enfrentar Cleo na celebração. Parte dela se perguntava se era durante o Carmel que Oro e a Lunar planejavam matá-la. Se queriam tornar o ato dramático, um espetáculo para os ilhéus presentes. Seu coração disparava com o pensamento.

Ela não viveria mais dias com medo. Se seu destino era morrer, ela o enfrentaria com coragem.

Com o suor pegajoso na testa, Isla começou a seguir a governante Lunar pela noite.

Talvez ela a levasse direto ao coração.

Cleo percorreu o Continente, as roupas brancas brilhando na noite, iluminadas pelo holofote que era a lua. A governante Lunar se deliciava com o brilho, parando por um momento para jogar os ombros para trás e erguer o rosto para a lua. Diziam que os Lunares se tornaram o reino mais forte desde que as maldições foram lançadas. Ao contrário dos Solares ou Umbras, eles ainda conseguiam acessar sua fonte de energia. E, ao contrário dos Estelares, muitos de seus membros ainda eram antigos. Sua maldição os afetou menos, se é que chegou a afetá-los. Milhares de Lunares morreram nas mãos do mar com o passar dos anos, sem dúvida, mas os sobreviventes não estavam fisicamente enfraquecidos.

O estômago de Isla revirou-se. Ela não sabia como não tinha pensado nisso antes.

Devia ser Cleo quem lançou as maldições. Era *isso* que Juniper tinha tentado dizer a ela. Foi por *isso* que a Lunar o matou.

Ela havia criado as maldições e colocado uma sob seu reino para não criar suspeitas? Uma sentença que não a enfraqueceria nem um pouco?

Ela não tinha sofrido. Ainda estava forte como sempre fora.

Se isso fosse verdade…

Cleo não gostaria que as maldições fossem quebradas.

Será que Oro sabia? Era por isso que ainda não tinham usado o coração? Cleo estava garantindo que Oro nunca fizesse uso dele?

Isla estava respirando rapidamente. Cleo era perigosa. Fatal. Mas Isla não se virou e voltou para o castelo, para Grim ou Celeste.

Ela seguiu Cleo até a ponte da Ilha da Lua.

Pela primeira vez, não havia guardas ali. A governante Lunar devia tê-

los mandado embora depois que ela e Oro formaram uma dupla. *Por quê?*

Ela não tinha tempo para suposições e considerou a ausência deles como um bom sinal.

Isla esperou alguns minutos até Cleo desaparecer na ponte.

Então atravessou também.

Cleo passou pelo palácio. Isla a seguiu pela mesma floresta que ela e Oro tinham visitado duas semanas antes. Aonde ela estava indo?

O vestido branco da Lunar flutuava suavemente acima da folhagem, sem se sujar na terra ou se molhar nos riachos que cortavam a floresta. A correnteza mudou, indo em direção a Cleo enquanto ela passava, como se a chamasse.

A roupa de Isla a resguardava do frio. Suas bochechas e nariz ardiam, mas seu peito estava quente. As botas a protegiam do gelo. Cleo caminhava com facilidade, sem se incomodar com a neve. Talvez os flocos a revigorassem da mesma forma que a luz.

Sem aviso, Cleo parou e Isla congelou antes de mergulhar de volta na cobertura da floresta. A governante Lunar estava diante de uma montanha revestida de gelo, como uma armadura. Ergueu os braços acima da cabeça, dedos separados, e os abaixou com a graça de um floco de neve caindo do céu.

No mesmo instante, o gelo começou a se derreter, escorregando em camadas que atingiram o chão e logo endureceram de novo. Isla semicerrou os olhos na escuridão. O que Cleo estava fazendo?

Ela precisava ver mais de perto. Isla deu um passo à frente, um pé para fora da floresta. Apertou os olhos enquanto o gelo continuava a cair, revelando um buraco, quase como um portal ou uma passagem secreta. Era ali que Cleo e Oro se encontravam? Era ali que ela estava guardando o coração? Ou estaria em algum lugar completamente diferente?

Isla deu outro passo e um guincho alto cortou o ar.

O pássaro azul-escuro de antes voou por entre as árvores, mirando bem na cabeça dela. Ela se abaixou a tempo, mas ele deu a volta, estalando o bico como um louco. O pássaro grasnou alto; um alarme, Isla percebeu tarde demais. O pássaro era um espião de Cleo, alertando a mestra de que

estava sendo seguida.

Isla se atreveu a olhar para cima. A governante Lunar tinha se virado. Seus olhares se encontraram.

Em um flash azul cristalino, Isla foi arremessada no ar por uma espessa camada de água. Sua respiração foi arrancada do peito. Cleo a jogou contra o lado coberto de gelo da montanha, e Isla gritou quando sentiu a coluna estalar. A dor era chocante, ofuscante, e ela gritou de novo no momento em que a água se transformava em gelo.

Cleo deu um passo à frente, parecendo surpresa.

— Tenho que admitir — disse ela —, estou impressionada com a sua estupidez. Uma governante sem poderes me seguindo na minha própria ilha?

Ela ia matá-la. Como fez com Juniper.

Isla socou o gelo, mas era quase como se fosse ferro.

— Ah, conforme a noite fica mais fria, o gelo só vai ficar mais forte — Cleo disse. — Agora me diga, Selvagem, por que me seguiu até aqui?

Ela precisava ser esperta, manter Cleo falando o máximo que pudesse. E rezar para que isso lhe desse tempo suficiente para bolar um plano.

— Eu sei — disse Isla, a voz saindo rouca e fraturada. Ela respirou fundo, a dor nas costas atravessando sua espinha como adagas. — Sei por que você matou Juniper.

Cleo parecia curiosa. Deu mais um passo para perto de Isla. Seu cabelo branco brilhou ao luar enquanto ela balançava a cabeça.

— Você é uma tola. — *Tola*. A palavra era uma velha amiga, ou inimiga, cumprimentando-a. Embora tivesse agido como uma tola, Isla estava longe de ser uma. — Mas também corajosa por aparecer no Centenário sem habilidades… — Ela levantou a sobrancelha. — E usar luvas de pele para entrar nas seções protegidas dos nossos castelos? Engenhoso. — Ela apertou os lábios. — Vamos ver se você é inteligente o suficiente para sair dessa enrascada.

A Lunar estalou os dedos, e o gelo que a mantinha no lugar se expandiu. Engrossou.

A raiva a aqueceu, embora não o suficiente para impedir que o gelo deixasse seu corpo dormente. Os lábios de Isla eram duas lascas de gelo

quando ela sussurrou.

— Você está com medo — disse ela. — Porque eu sei… eu sei que foi você que lançou as maldições. — Isla esbravejou contra o gelo, golpeando-o sem parar, mas era inútil. — Eu sei, e se eu, uma *tola*, conseguiu descobrir, então qualquer um pode fazer isso.

Cleo levantou a mão e o gelo saiu das clavículas de Isla e subiu por seu pescoço, como uma gargantilha de cristal. Isla ofegou, seu fôlego congelado.

— Você não sabe a verdade, Selvagem — disse ela. — Mas, mesmo se soubesse… — Ela sorriu. — Cadáveres não podem falar. E cadáveres não podem quebrar maldições, podem?

Com isso, Cleo sorriu antes de desaparecer na caverna gelada.

O tempo passa diferente quando você está morrendo, percebeu Isla. Os segundos eram longos e os minutos, assobios intermináveis do vento. Poderiam ter se passado horas ou poucos instantes, mas logo a dor de centenas de facadas em suas costas aliviou. O gelo havia congelado a dor, assim como tinha abafado o pouco de calor que sua roupa havia fornecido.

Ela se lembrou da primeira vez em que havia se transportado para o reino Lunar. Como ela havia odiado. O gelo e a paisagem coberta de neve pareciam lindos, mas eram como mordidas. Mosquitos por todo o seu corpo. Ela ficou por apenas alguns minutos, tempo suficiente para assistir à maré da lua cheia engolir um navio inteiro.

Ela nunca pensou que algo tão simples e natural como o frio seria o que acabaria com ela. Talvez uma maldição ou uma lâmina no coração, mas nunca o frio.

Primeiro, Isla ficou triste. Depois, aterrorizada.

E então com raiva de novo.

Cleo estava certa… Ela era uma tola. Tinha seguido Lunar sem um plano, desesperada para conseguir respostas. E o coração.

E vingança.

Ela retirou todas as palavras que havia dito a sua mãe, chamando-as de volta do céu, puxando suas orações para si. Se ela tivesse poderes, talvez pudesse levantar um dedo e acessar a rocha abaixo do gelo. Ou uma

árvore. Ou chamar um animal que a ajudaria a se libertar.

Sim, é culpa sua, ela disse em sua cabeça. *Se eu morrer, a culpa é sua. Que tipo de Selvagem se apaixona, sabendo o preço?* Isla se perguntou como a mãe estaria agora. Uma versão mais velha de si mesma, supôs. Depois que um governante tinha filhos, começava a envelhecer como devia, parecendo mais e mais velho conforme a família crescia. Cada família só tinha acesso a certa quantidade de poder. Após as maldições, a ilha e os reinos enfraqueceram, mas, de certa forma, algumas pessoas, ao perderem suas famílias, se tornaram mais fortes.

Isla não tinha família. E era fraca mesmo assim.

Sozinha.

Não… sozinha não.

O colar. Grim disse a ela para tocá-lo sempre que precisasse dele. Ele poderia salvá-la. Suas mãos estavam longe demais, era impossível soltá-las do gelo, mas seu queixo, talvez ela pudesse usá-lo para encostar na corrente…

Um som do fundo de sua garganta ecoou contra as montanhas ao redor enquanto ela se contorcia, os nervos na base do pescoço pulsando de dor. Ela inclinou a cabeça o máximo que pôde, e ela latejava.

Mas com o gelo que Cleo tinha prendido sua garganta, isso não era o suficiente.

Ela caiu, a cabeça batendo na parte de trás da montanha. Isla mal processou a dor. Mesmo que pudesse tocar o colar, Grim não podia sair à noite, ela se deu conta. Só conseguiria alcançá-la pela manhã.

E ela já estaria morta então.



CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

MENTIRAS

A respiração quente soprava contra sua bochecha. Ela ouviu o gelo quebrando. Alguém batia uma lâmina contra ele. Cortando através do gelo para salvá-la, como se estivesse esculpindo uma estátua.

Isla não conseguia abrir os olhos. Eles tinham congelado, como o resto de seu corpo. Seus cílios estavam colados. Embora ela não pudesse ver, sabia que ainda era noite, pois o ar estava ainda mais frio.

Seus lábios tentaram se separar, para agradecer a quem a libertava, mas eles estavam selados, unidos pela geada. Quem quer que fosse, batia sua arma com força contra o gelo, repetidamente, as vibrações percorrendo seus ossos. Iria acertá-la se não tomasse cuidado.

— É ela, não é? — disse uma voz. Era perversamente profunda e entretida.

Outra voz.

— Olha o rosto dela. Claro que é. — Ela sentiu algo afiado contra a bochecha. Uma lâmina? Não, uma unha. Longa. — Faremos um caldo com seus ossos que vai nos encher de poder. Vamos queimar o cabelo dela e inalar a fumaça para ficarmos lindas novamente.

Isla prendeu a respiração.

A primeira voz disse:

— Ela está acordada, não está? Acha que consegue nos escutar?

— Não me importo. Onde está Thrayer? Este gelo não está querendo quebrar.

Algo farfalhou nas proximidades. Então:

— Estou aqui. Vocês já a encontraram desse jeito?

A primeira gritou.

— Presa como uma formiga no mel.

— Bom. Muito bom…

O gelo ficou quente, transformando-se em água. Isla escorregou pela lateral da montanha, caindo em sua base. Mesmo que seu corpo estivesse livre, ela não conseguia mover um músculo, nem mesmo para alcançar seu pescoço.

Alguém a agarrou por baixo dos ombros e a ergueu.

Quem eram? Canibais que iriam assá-la no espeto e devorar sua carne carbonizada?

Estava tão frio que a promessa do calor era quase bem-vinda.

Quem quer que fossem, um Lunar estava os ajudando. Alguém tinha descongelado o gelo.

Carregaram-na pela floresta. Ela podia ouvir aquele pássaro ridículo que havia denunciado sua presença. O pássaro de *Cleo*. Ele a estaria observando? Ela imaginou que a governante Lunar sentiria muito prazer em vê-la assada viva.

— Atire nesse pássaro. Está fazendo meus ouvidos sangrarem.

Ela ouviu o som de uma flecha sibilando na noite. Por um momento, houve silêncio.

Em seguida, mais gritos estridentes.

— Se não consegue acertar um maldito pássaro, por que deveria ficar com o coração dela?

— Fui eu que a encontrei!

— Talvez eu atire em *você* e fique com ela para mim.

O pássaro gritou e gritou, quase em alegria.

A floresta ficou em silêncio.

Ela sentiu uma corrente de ar, um gosto metálico na boca.

Uma de suas captoras berrou, e o calor das chamas passou rugindo por

seu rosto. O cheiro de explosões quebrando algo próximo a ela, respingos de sangue contra a pele. Quem a segurava a largou.

Mas, antes que ela caísse no chão, os braços de outra pessoa a envolveram.

E Isla estava no ar.

Ela era metal sendo moldado em uma lâmina, saturada de tanto calor que gritava e se perguntava como ainda tinha forças para emitir som.

— Só mais um pouco — alguém disse.

Ao som daquela voz, Isla parou e golpeou o ar com todas as suas forças, movendo quaisquer membros que tivessem sido descongelados.

Alguém cobriu seus olhos com a mão, aquecendo-os, e, finalmente, ela pôde abri-los.

Oro estava parado acima dela, franzindo a testa.

— *Você* — ela disse por entre os dentes, a voz venenosa. Suas mãos imploraram para sufocá-lo. Para estripá-lo, passar uma lâmina bem no meio do peito dele, arrancar seu coração com as próprias mãos.

Ele estava ali para matá-la? Tinha finalmente encontrado o coração de Lightlark?

— Antes de fazer qualquer coisa horrível que tenho certeza de que está imaginando — ele disse —, deixe-me explicar.

Ela teria se lançado sobre ele sem ouvir mais uma palavra se seu corpo ainda não estivesse tão dormente.

Oro suspirou.

— Eu não traí você, Selvagem. — Isla abriu a boca, mas ele continuou: — Embora o fato de você ter acreditado nisso tenha me ajudado tremendamente…

— Ajudado com o quê? — ela rosnou. Oro estava mentindo. Isla não acreditava em uma palavra que saía de sua boca perversa.

— Um dos lugares onde a escuridão encontra a luz na Ilha da Lua era impossível de acessar sem a ajuda de Cleo. Foi envolto em um labirinto séculos atrás para impedir intrusos. Eu precisava dela… então alterei as duplas.

As unhas de Isla cravaram-se na palma das mãos. Ela conseguia mover

os dedos. Talvez, se fosse rápida o suficiente, conseguiria estrangulá-lo. Tentou levantar a mão, mas mal chegou a um centímetro da cama.

Cama.

Ela olhou ao redor, perturbada.

Não estava em seu quarto. Estava no *dele*.

As paredes eram simples, mas o teto era de ouro maciço. Os pisos eram de pedra. Todas as janelas estavam cobertas por tecidos pesados.

Oro deu um passo para trás, notando seu olhar e, provavelmente, seu pânico.

— Te trouxe para cá assim que te encontrei. Achei que não iria querer que os outros soubessem o que aconteceu.

Nada disso fazia sentido.

Por que Oro tinha salvado ela?

Ele alegava que não a havia traído… que o plano deles ainda estava em andamento. Que todas as suas ações estavam a *serviço* de sua busca pelo coração.

Mentiras incontáveis.

Há mentiras e mentirosos por toda parte…

Oro continuou:

— Ela finalmente me levou até lá esta noite. Foi assim que encontrei você. Estava na Ilha da Lua, no labirinto. O coração não estava lá, o que é bom, porque acredito que Cleo teria tentado pegá-lo… mas agora nós só precisamos procurar em mais dois lugares.

Nós. Não havia mais *nós*.

Isla balançou a cabeça. Lágrimas escorreram pelo seu rosto, a traição ainda uma ferida aberta.

— Não se trata apenas de alterar duplas. — Sua voz falhou. Ela odiava quando isso acontecia. — Eu confiei em você. Eu… *você*. Você contou a eles. Você…

Oro fechou os olhos por um momento.

— Eu sei. Eu sinto muito. De verdade. Cleo estava desconfiada. Ela sabia que havíamos visitado a Ilha da Lua um dia antes. — Isla pensou no pássaro. O espião. Ele tinha visto os dois. — A única maneira de convencê-la a me ajudar era descartar você. Publicamente. Sua reação e

comportamento nas últimas semanas tinham que ser genuínos.

Essa não era uma razão boa o suficiente. Ela abriu a boca para dizer isso a ele, mas Oro continuou.

— E — ele disse — minhas fontes me disseram que Cleo tem ficado cada vez mais convencida de que é a Estelar que deve morrer.

O quê? Isla mal resistiu ao impulso de ficar de pé, alarmada.

— Isso não faz o menor sentido. Ela *me* quer morta.

Oro franziu a testa.

— Cleo teria te matado esta noite se quisesse.

— Foi praticamente isso que ela fez — retrucou Isla, exasperada. Se Oro não a tivesse salvado, ela teria virado a refeição de alguém. — Por que Cleo escolheria a Estelar?

— Ela acredita que é a mais fraca entre nós. É o menor reino. O que menos se desenvolveu nos últimos quinhentos anos, devido à maldição.

A voz de Isla tremeu ao dizer:

— Você… você não concorda com ela, concorda?

Ele negou com a cabeça.

— Não. O reino Estelar é essencial. Eu não revelei seu segredo só para Cleo confiar em mim, mas também para lançar dúvidas sobre essa decisão. Antes, quando Cleo e Celeste eram um par, ela não podia matá-la. Quando alterei as duplas…

— Cleo poderia ter ido direto nela — Isla completou.

Oro assentiu.

— Exatamente.

A impressão de Isla era que Cleo nem se importava em seguir as regras ou alcançar o poder prometido. Não se era ela a responsável pelas maldições.

Mas se Oro estivesse certo e compartilhar seu segredo tivesse salvado Celeste… ela era grata.

Tudo o que ele disse parecia lógico. Se estava falando a verdade, então tudo o que tinha feito nas últimas duas semanas fora para manter Isla e o plano deles em segurança.

Ela balançou a cabeça.

— Não acredito em você.

— Eu nunca menti para você, Isla. — Ele deu um passo à frente, se aproximando. — Apesar de você ter mentido para mim muitas vezes. — Outro passo. — Você me contou o seu segredo. Agora deixe-me revelar qual é o meu dom. Ninguém consegue mentir para mim. — Ela se lembrou das palavras dele na caverna. — Porque eu sei quando as pessoas estão mentindo.

O dom. Isla piscou.

Ela havia perdido a conta de quantas vezes havia mentido para Oro ao longo do Centenário. Enquanto trabalharam juntos. E, todas as vezes, ele sabia.

Ele estreitou os olhos para ela.

— Tudo o que você fez foi mentir para mim, e eu ainda te contei sobre o coração. Eu te contei tudo, menos isso. Porque Cleo *adorou* ver a sua expressão quando você se deu conta de que tinha sido traída. Por isso ela se dispôs a me levar a qualquer lugar que eu quisesse na Ilha da Lua. Ela *vibrou* quando eu te expus e a escolhi como parceira. Quando revelei um segredo tão importante. — Ele parou a poucos centímetros dela. As mãos de Isla ainda estavam fechadas em punhos, e ela ponderou brevemente sobre como seria bom socá-lo.

— Você me colocou em perigo — disse ela. — Cleo poderia ter me matado!

— Nunca estive longe de você — ele disse. — Soube quando você se mudou para o Palácio de Espelhos. Eu vigiei a entrada. Coloquei guardas nas proximidades. Como acha que Ella conseguiu passar ilesa? Eu te segui por todos os lugares. E quando não podia, meus guardas monitoraram Cleo para garantir que ela não chegasse perto de você.

Isla deu uma risada irônica.

— E hoje à noite?

— Esta noite, fui encontrá-la. Você passou despercebida ao segui-la, mas eu te encontrei, não foi? — Ele balançou a cabeça. — Cleo está planejando alguma coisa. Está formando uma legião secreta. — Então, ele *sabia*. — O coração está na ilha dela. Se Cleo encontrá-lo antes de nós, temo pelo que ela pode fazer.

Ele estava certo. Isla estava convencida de que Cleo havia lançado as

maldições. Se a teoria de Oro estivesse correta, isso significava que ela já teria usado o coração antes. O que a impediria de fazer isso de novo?

O olhar de Oro era implacável.

— Eu confio em você, Isla, embora tenha me dado inúmeras razões para não fazê-lo. Você vai confiar em mim? Pelo bem de nosso povo?

Nosso povo.

Isla não queria falar com o rei nunca mais, mas também não tinha um plano. Celeste ainda perseguia o desvinculador inutilmente.

E seu povo estava morrendo.

— Sua oferta ainda está de pé, então — disse ela, cada terminação nervosa em seu corpo gritando para não confiar nele. Para enfiar uma lâmina em suas costas e fazê-lo sentir a traição.

Oro assentiu.

— Quando encontrarmos o coração, você vai usá-lo. Você receberá o poder prometido.

Isla seria uma tola se confiasse em Oro de novo depois do que ele havia feito, mas parte dela esperava que ele não estivesse mentindo, que realmente existisse uma chance de salvar seu povo e a si mesma.

Também não podia ignorar o fato de que Oro tinha salvado sua vida. Mais uma vez. Não fazia o menor sentido. Se ele estava trabalhando contra ela, por que não queria Isla morta? Isso cumpriria parte da profecia.

Isla relaxou as mãos, e a adaga que havia retirado do bolso secreto em suas calças enquanto ele falava caiu no chão com um estrondo.

Oro olhou para o chão, nada surpreso.

— Certo. — Ela o encarou com o olhar mais frio que conseguiu. — Você sabe que não como corações — disse lentamente. — Mas se me trair de novo, não importa o motivo — Isla mostrou os dentes —, vou abrir uma exceção.



CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

CARMEL

— Cleo lançou as maldições — Isla contou a Celeste na manhã seguinte.

Contou tudo sobre o ataque à amiga. Até sobre a conversa entre ela e Cleo.

Diante disso, Celeste franziu a testa.

— Mas com qual objetivo? Se ela as criou, não ganhou nada com isso. Não é como se ela tivesse usado as fraquezas dos outros reinos para invadi-los. Ela não fez nada.

Isla estava pensando a mesma coisa.

— Não sei. Talvez Cleo tenha *feito* algo e só não sabemos ainda.

Ela também contou que a Lunar queria que Celeste morresse, ao que a amiga apenas deu de ombros.

— Acho que todo mundo aqui, exceto você, quer isso. Vou ser mais cuidadosa, é claro, mas nunca confiei nela, nem por um instante.

Finalmente, Isla disse a Celeste que Oro a salvou e o que ele havia alegado.

Ela se preparou para o julgamento da parte de Celeste, para seu olhar de decepção, mas a Estelar parecia quase satisfeita.

— Isso é bom — disse ela.

— Bom?

Celeste assentiu.

— Eu te disse, estou procurando a biblioteca secreta. Tenho certeza de que fica no castelo do Continente, e Oro deve saber onde. Você poderia perguntar. Ele revelou o seu maior segredo para todo mundo, então vai ter que te contar alguma coisa para ganhar sua confiança de novo.

Isla teve vontade de gritar diante da insistência de Celeste em continuar procurando pelo desvinculador, mas Isla prometeu que perguntaria quando pudesse, só para acalmar os ânimos da amiga.

Desde o baile, os súditos de cada reino haviam se isolado em suas ilhas. A falta de energia no Continente estava acelerando sua destruição.

Não era hora de comemorar. Isla e Oro precisavam verificar os dois últimos lugares da Ilha da Lua o mais rápido possível, antes que o tempo acabasse. Terra não passava de vinhas e madeira.

Mas, para Oro, o preço de desobedecer às regras do Centenário seria sua vida, e Isla tinha que segui-las se quisesse vencer.

No septuagésimo quinto dia, o festival Carmel aconteceu como o planejado.

Uma comemoração durando vinte e quatro horas para marcar as últimas semanas do Centenário, uma celebração dos reinos para todos os ilhéus, não apenas os nobres. Isla achava que ninguém compareceria ao evento, não depois do que havia acontecido no baile, mas, assim como esperado, as lojas voltaram a abrir as portas no dia anterior ao festival. Pequenas multidões começaram a encher as ruas.

Isla não precisava ficar durante todo o evento, apenas por parte dele. Ela pulou o piquenique de manhã e as festividades na zona leste do Continente à tarde.

Ela se perguntou se Cleo faria uma aparição, dada sua suspeita de que a Lunar não se importava com as regras. Se ela tivesse *mesmo* lançado as maldições, ia querer mantê-las intactas… não quebrá-las.

A Lunar também tentaria impedir qualquer outra pessoa de quebrá-las.

Isla esperou em seu quarto no castelo o dia todo, ouvindo da janela os ecos das festividades. Música ao longe. Copos tilintando enquanto as celebrações continuavam em direção aos jardins do castelo.

Se o Carmel não fosse naquele dia, ela estaria na Ilha da Lua

procurando nos últimos lugares. As duas pernas de Terra estavam debaixo da terra agora. Flores brotavam do topo de sua cabeça.

Não demoraria muito para que a floresta a tomasse completamente. Não demoraria até que a própria floresta não existisse mais.

Um dia de descanso, disse a si mesma. E então iria encontrar o coração e conseguir tudo o que queria.

— Você está ridícula — disse Celeste.

Estava anoitecendo. A Estelar tinha acabado de voltar das celebrações para chamar a amiga. Isla tinha voltado para o quarto no castelo, por insistência de Oro, já que estavam trabalhando juntos novamente. Ele prometeu que tomaria precauções para mantê-la segura.

Guardas monitoravam seu corredor o tempo todo. O próprio rei vinha visitá-la ao longo do dia.

Celeste e Isla estavam ambas vestidas como representações brilhantes e requintadas de seus reinos. A líder Estelar estava coberta de cristais, do pescoço às luvas compridas, até o tecido que cobria o chão a seus pés. Seu cabelo estava enfeitado inteiro por pequenos diamantes, como estrelas extraídas da galáxia só para a festa.

Naquela noite, Isla era uma rosa desabrochando. Uma coroa de flores fora colocada por cima da sua coroa, vermelho vivo em contraste com seu cabelo escuro. Pétalas de rosa tinham sido posicionadas em seu pescoço e desciam até um corpete dividido em três partes. Os recortes ficavam cada vez mais elaborados até a altura da cintura, bem apertada com fitas cruzadas ao longo da coluna, antes de florescer de seus quadris em camadas enormes. Fileiras de pétalas entrelaçadas iam até o chão. Sua capa era uma cauda de rosas que se arrastava por um metro e meio.

Elas não podiam entrar juntas no Carmel. Oro provavelmente sabia da amizade entre as duas, se ele e seus guardas estiveram mesmo rastreando seus movimentos. Isso não era especialmente alarmante; claro que as governantes mais jovens criariam laços. Ainda assim, elas não queriam que ninguém suspeitasse de que sua aliança precedia o Centenário.

Celeste prometeu ficar por perto e Isla planejava ficar poucos minutos no festival. Vendedores se enfileiravam nas ruas do lado de fora do castelo, vendendo mingau em conserva, bolinhos de sabugueiro, fios de açúcar e

taças e mais taças de bebida. Foliões de todos os reinos diurnos vagavam pelas festividades, usando versões elaboradas de suas cores, a cautela desaparecendo a cada segundo que se passava sem um desastre. Estelares usavam glitter, Etéreos usavam chapéus que flutuavam precariamente na brisa e Lunares usavam ternos e vestidos formais brancos.

Todos olhavam para ela. Isla imaginou que as notícias de sua falta de poderes haviam se espalhado, embora a maioria tivesse assistido à sua apresentação no duelo, testemunhado o que ela era capaz de fazer com uma lâmina. Ela girou uma adaga entre os dedos, encarando-os de volta. Desafiando-os a fazer um movimento.

Isla percebeu imediatamente que estava sendo seguida, mas não por Cleo.

Oro havia colocado uma escolta de cerca de meia dúzia de guardas para acompanhá-la pelos jardins. Eles eram discretos, mas Isla podia sentir seus olhos sobre ela.

A proteção deles a tornou ousada. Quando um Estelar carregando uma bandeja de bebidas passou por ela, Isla aceitou uma das taças.

Ela sabia as chances de encontrar o coração e obter seu poder. Esta poderia muito bem ser sua última celebração. Sua última chance de provar um vinho.

Isla tomou um gole.

Tinha gosto de mel maltado e desceu queimando a garganta.

Os guardas continuaram a segui-la pelos jardins. Levou apenas alguns segundos para que ela começasse a se sentir leve.

Vinho não poderia ser tão forte, poderia? Teria tomado algum tipo de bebida comemorativa mais forte que o normal?

Celeste saberia. Os nobres a encaravam enquanto ela passava, buscando a amiga na multidão. Ela não a viu em lugar nenhum. Talvez tivesse ido embora. Talvez não tivesse conseguido encontrar Isla e decidira procurar por ela em seu quarto.

Hora de ir, ela pensou. Tinha passado tempo suficiente no festival para cumprir as regras. E os efeitos da bebida se apoderavam dela.

No momento em que subiu as escadas do castelo e entrou nos corredores, o mundo parecia estar girando. Ou talvez fosse ela. Isla estava

com *calor*, muito calor, a roupa ridícula grudando no corpo como melaço. Ela tirou a coroa de flores e a deixou cair no chão. Arrancou as pétalas que desciam pelo pescoço, se sentindo sufocada. De repente, sua roupa era demais. Ela desabotoou a capa e a deixou cair. Já se sentia muito melhor. *Mais livre*. Mais selvagem.

Isla imaginou os guardas atrás dela encontrando partes de seu vestido e riu.

Todas as suas preocupações desapareceram como bolhas no champanhe. Ela não conseguia nem pensar em um de seus medos por mais de alguns segundos, mesmo que tentasse. Pareciam escorregadios em sua mente.

Isla sorriu ao começar a tirar as pétalas de seu vestido.

— Aposto que uma flor nunca se colheu sozinha… — ela disse para absolutamente ninguém. Então riu enquanto arrancava a camada inferior da roupa, se despindo dela com alívio.

Ela se virou e percebeu que estava em um corredor que não reconheceu. Já havia passado o quarto? Estivera muito ocupada destruindo o vestido ridículo para notar? Ela deu de ombros e continuou, desfazendo-se das camadas até que o vestido florido passou a terminar bem acima dos joelhos, deixando para trás um rastro de pétalas. Caminhou até chegar a um beco sem saída. Isla franziu a testa para a parede, então se virou ao som de uma voz.

— Isla?

Ela deu um sorriso largo demais, a excitação correndo pelas veias tão rápido quanto o vinho.

— Oro — ela disse, seus sentimentos quanto à suposta traição a mundos de distância. Tudo o que lembrava era que deveria ser legal com ele e torcer para que ele cumprisse sua promessa. Isla caminhou até o rei, os pés descalços pisando nas pétalas. Ela devia ter tirado os sapatos em algum momento, e riu de si mesma pelo que estava prestes a fazer, mal conseguindo se controlar o suficiente para ficar na ponta dos pés e dar um peteleco na coroa do rei.

Oro piscou para ela. Então franziu a testa.

— Você está bem?

Isla revirou os olhos.

— Você está sempre tão bravo… *por quê?* Você sorri?

Sim. Ele tinha sorrido para ela, apenas uma vez.

Ela ainda estava na ponta dos pés e o chão parecia escorregar sob eles como um tapete sendo puxado. Antes que ela caísse, Oro segurou seu cotovelo para firmá-la. Depois soltou imediatamente seu braço.

Isla fechou a cara para ele.

— Eu não *mordo* — disse ela, e de quebra revirou os olhos.

Ela se virou e balançou pelo corredor ao som de uma música que parecia tocar através de seus ossos.

— Vou te levar para o seu quarto… se você quiser? — ele perguntou.

Isla deu de ombros.

— Tá bom. Eu estava indo pra lá… mas os corredores mudaram. — Ela olhou para ele pedindo uma explicação e ele a encarou como se algo que ela disse fosse ridículo. Isla piscou, sem saber o que poderia ser.

De repente, ele pareceu alarmado.

— Você bebeu a névoa?

Isla assentiu com entusiasmo. Era assim que chamavam o vinho? Ela estava cantarolando alguma coisa. Não, estava cantando. Abriu a boca, e sua voz inundou os corredores. Ela gostou do jeito que ecoou, e cantou mais alto.

Ela nunca tinha se sentido tão viva… como se sua garganta, braços e rosto estivessem pegando fogo e brilhando, zumbindo.

Por que Poppy e Terra nunca lhe permitiram esses prazeres?

Isla não percebeu que estava falando parte de seus pensamentos em voz alta até que Oro perguntou:

— Suas tutoras?

Felizmente, ele estava seguindo na frente, porque Isla não havia processado nenhum dos últimos corredores ou curvas. Ela assentiu.

— Você tinha guardiões?

Ele ficou em silêncio por alguns momentos antes de admitir:

— Não, não tinha. Eu nunca deveria ter me tornado governante, ou rei. Meu irmão era o único que tinha tutores.

— Então, o que achou que seria? — As palavras escaparam de sua

língua tão facilmente, e ela se perguntou por que tinha parecido difícil perguntar qualquer coisa a ele antes.

— Eu liderei nossos exércitos.

Isla parou no corredor. Ela colocou as mãos nos quadris.

— *Você* comandou os exércitos de Lightlark?

Ela esperava que Oro a encarasse, mas ele não o fez. Apenas assentiu. Contudo, fazia sentido. Era por isso que ele era tão bom nos duelos. Isla começou a caminhar de novo, mais devagar dessa vez. Ele acompanhou seu passo.

— É por isso que você odeia ele, não é?

Oro parecia saber que ela se referia a Grim. Apesar de ter ouvido falar do antigo título do Umbra, Terra nunca havia contado a ela sobre o de Oro. Ela se perguntou por quê. Ela ao menos sabia? Isla supôs que a reputação e história do rei dos Solares antes das maldições tinham sido apagadas por tudo o que veio depois.

— Nós dois perdemos muitos guerreiros — ele disse. — E eu não concordava com a maneira como ele lutava. — Oro não deu mais explicações, e então eles chegaram a sua porta. — Você vai ficar bem?

Oro olhou por cima do ombro, verificando se os guardas tinham seguido os dois. Eles estavam em seus lugares encostados na parede, vigiando o corredor.

Isla assentiu.

— Eu vou ficar bem.

Quando ele se virou para ir embora, ela segurou seu punho.

— Espere. Ainda tenho tantas perguntas. Você pode entrar? — Parecia que era a última coisa que ele queria fazer, mas Isla não foi dissuadida por sua expressão. — Vou fazer um chá — acrescentou.

Ela entrou. E, por insistência, Oro a seguiu. Ele aqueceu um pouco de água, e ela encontrou a bolsa de especiarias e flores Selvagens para preparar sua bebida favorita, um chá que ela chamava de abelha amarela.

— Por que abelha amarela? — Oro perguntou antes de tomar um gole, parecendo gostar.

Isla se sentou ao lado dele no sofá e deu de ombros.

— A planta que produz essas flores estava sempre cheia de abelhas —

ela disse. — Eu costumava levar pelo menos três picadas toda vez que tentava colhê-las para o chá, mas valia a pena.

Oro lançou-lhe um olhar estranho.

— Você não tem dormido bem, não é? — ela perguntou, inclinando-se na direção dele, olhando de soslaio para as bolsas sob seus olhos.

Ela esperava que ele ignorasse a pergunta, como tinha feito antes, mas ele disse:

— Não. Faz muito tempo que não durmo direito.

— Por quê? — Sua voz, surpreendentemente, era gentil. Sem julgamentos, como sempre tinha sido com ele.

Oro olhou para a árvore, seus frutos maduros e inchados com suco, tão pesados que os galhos estavam baixos.

— Sinto muita culpa — ele disse calmamente. — Que não me deixa dormir.

Culpa. Isla conhecia a palavra muito bem.

— Como você me encontrou? — Isla perguntou de súbito. Ela se recordava de fragmentos daquela noite, como um espelho estilhaçado.

— No corredor? Eu segui o rastro de pétalas.

Ela balançou a cabeça.

— Não… antes.

Na floresta da Ilha da Lua.

O ar esfriou e se acalmou, e Isla cantarolava suavemente ao som de sua corrente.

— Eu ouvi o pássaro — disse ele. — Foi como te encontrei. Segui o pássaro.

Pássaro estúpido, ela pensou. O mesmo que tinha quase causado sua morte. Pelo menos tinha feito alguma coisa boa.

De repente, Isla ficou cansada, sua energia se desfazendo tão facilmente quanto seu vestido. Suas pálpebras estavam pesadas, e ela sorriu. Deitou-se no sofá, sua cabeça contra a perna dele. A bebida fez sua mente girar atrás dos olhos e ela gemeu.

— Minha cabeça está cheia de mel — disse, porque era exatamente o que parecia.

Oro riu, e foi uma surpresa tão grande que ela desejou que seus olhos

abrissem só para ver se era verdade.

Isla acordou quente. O vinho ainda ofuscava sua mente, mas agora parecia mais uma névoa do que a tempestade da noite anterior. Ela se lembrava de pedaços da celebração. De Celeste vindo atrás dela. De ter notado os guardas. De ter bebido o vinho. Do caminho até o castelo. De ter rasgado suas roupas. Seus olhos se abriram.

Sua cabeça estava no colo de Oro, sua bochecha contra a perna dele. Ele estava encostado no sofá, exatamente como ela se lembrava.

Só que ele dormia.

Ela se perguntou o que, em mil reinos, eles colocavam no vinho. E soube por que Terra e Poppy a impediram de beber. Lembrou-se de sua conversa na noite anterior e estremeceu. Suas perguntas tinham sido tão descaradas, mas Oro tinha respondido, não tinha?

Há quanto tempo eles estavam dormindo? Ela se virou para a sacada. As cortinas estavam fechadas, nenhuma luz atravessava o pequeno vão entre elas. Noite, então. O que significava que lá embaixo, nos jardins, a festa ainda acontecia.

Oro parecia mais tranquilo do que ela jamais o vira. Quase doeu ter que cutucá-lo, mas ele tinha que participar do Carmel pelo menos pelas últimas horas. Ele se assustou, a mão subindo rapidamente em defesa, quase agarrando Isla pela garganta. Seus olhos se arregalaram por meio segundo quando ele a viu à sua frente na escuridão. Então se endireitou e baixou a mão.

— Você pegou no sono — disse ela. — Obrigada… obrigada por ficar comigo. Me desculpe, acho que você perdeu parte da… festa.

As sobrancelhas de Oro se juntaram um pouco, e Isla se perguntou se ele tinha esquecido. Parecia melhor. As olheiras roxas sob seus olhos estavam mais suaves, seu queixo mais forte.

Isla lembrou-se do som com o qual havia adormecido: a risada de Oro. Não uma risada maldosa, do jeito que ele sempre fazia. Ela nunca tinha ouvido ele rir de verdade. Enquanto olhava para ele, ela se perguntou se teria imaginado. Ele estava com o cenho franzido enquanto analisava o quarto, como se tivesse se arrependido de ter concordado em entrar.

Isla se levantou. Não ousou olhar para o vestido que ela sabia que estava em frangalhos, rasgado acima da coxa. Oro também não a encarou enquanto se levantava.

— Tenho que ir para a celebração — disse ele rispidamente.

Isla assentiu.

— É melhor.

Sem pensar, ela estendeu a mão e consertou sua coroa, que havia saído do lugar enquanto ele dormia.

Seus olhos se encontraram quando ela terminou. Algo como raiva brilhava nos dele. Ela se afastou, surpresa.

— Mais dois lugares na Ilha da Lua — ele disse categoricamente, com indiferença. — Amanhã, vamos até um deles. No dia seguinte, no outro. E então acabou.

— Ótimo — disse ela secamente antes de se virar para a varanda e deslizar pelas portas.

O ar da noite era como uma carícia, farfalhando as pétalas que ainda restavam em seu vestido. Ela podia ouvir a celebração lá embaixo, o tilintar de copos e sussurros de conversas e músicas alegres.

Uma hora depois, Isla ainda estava na sacada quando uma batida ressoou a sua porta. Ela revirou os olhos, esperando que Oro tivesse voltado para ver como ela estava. Isla abriu com um suspiro.

E se deparou com Ella parada ali, com o rosto vermelho. Foi quando ela percebeu que a festa que podia ouvir de sua varanda havia silenciado. A música tinha parado.

— O que aconteceu? — Isla perguntou, recuperando sua adaga em um piscar de olhos.

Ella, sem estremecer com a arma, disse, ofegante:

— Um dos líderes foi atacado.

— Qual deles? — ela perguntou, rugidos enchendo seus ouvidos, enchendo o mundo.

Os dedos sob a luva prateada de Ella tremeram ao lado de seu corpo.

— A Estelar.



CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

DESAPARECIDA

Isla atravessou o castelo como uma tempestade. Se ela tivesse poderes, estariam fora de controle. Ela correu como se estivesse fugindo, empunhando a adaga pronta para jogá-la; seus dentes rangiam como se o mármore sob seus pés fosse gelo.

Ella, uma Estelar, estava viva. O que significava que sua governante também devia estar.

Tinha que estar.

Conforme ela se aproximava dos gritos e dos ilhéus desesperados correndo dos jardins, Isla se lembrou de sua máscara.

Ela não deveria conhecer Celeste antes dos últimos meses.

Ela não deveria se importar tanto.

Isla beliscou a palma da mão para não chorar. Suavizar as rugas de preocupação em seu rosto era como tentar torcer uma placa de metal, mas foi o que ela fez.

Ainda assim, ao adentrar os jardins, ela estava correndo.

Ofegante. Parou.

Celeste flutuava no meio de um labirinto em miniatura. Parecia estar dormindo. Névoa prateada e fios finos como teias de aranha teciam um fino véu ao seu redor.

O único outro governante ali era Oro. Ele se virou para ela, o rosto tenso.

— É um antigo encantamento. Faz tempo que não o vejo. É um veneno.

Cleo. Ela fora atrás de Celeste. Como Oro havia suspeitado.

— Como revertemos? — Sua voz estava ofegante.

Oro balançou a cabeça.

— Não podemos. Só o corpo dela pode se curar. A habilidade de cura Lunar fortalece o veneno.

Os lábios de Isla tremeram. Ela olhava Celeste como se observasse um cadáver em um caixão.

Nos últimos setenta e cinco dias, Isla começara a se sentir forte. Tão diferente da insegura e inexperiente garota Selvagem que havia pisado na ilha pela primeira vez.

Agora, ela se sentia completamente impotente outra vez.

Não. Tinha que haver uma maneira de curá-la. Ela não podia simplesmente não fazer nada.

— Quem quer que tenha lançado o feitiço foi interrompido — disse Oro, estudando a teia ao redor da líder Estelar. — Deveria tê-la matado imediatamente. Essa é a única boa notícia.

As mãos dela estavam fechadas em punhos.

— Quando ela vai acordar? — Isla perguntou. Sua voz estava muito alta, embargada.

Oro virou-se para ela.

— Se ela acordar… pode levar dias. Semanas.

A ilha talvez não durasse tanto tempo.

— Foi ela — Isla rosnou. — Cleo.

Oro não encontrou seu olhar.

— Talvez.

— Talvez? — Isla queria gritar, queria chorar, mas não fez nenhuma dessas coisas, e esperou pacientemente que Oro fosse embora.

Quando Isla quase foi assassinada, Celeste a salvou. Quando quase foi esmagada pelo teto no baile, Celeste estava lá para ajudá-la. Quando Isla estava se recuperando da suposta traição de Oro, Celeste a havia tirado de sua tristeza.

Ela sempre foi uma boa amiga. A melhor.

E Isla falhou com ela. Estava alcoolizada e mal-humorada em sua varanda quando a amiga mais precisava dela. Ela havia deixado Celeste sozinha na festa, sabendo dos riscos.

Isla sentiu o ar mudar quando Grim apareceu, na segurança de um dos cômodos mais próximo dos jardins. Finalmente.

— Preciso que você faça algo para mim — ela disse, sua voz enfim estável.

— Qualquer coisa.

Ela respirou como se houvesse furos em seus pulmões.

— Quem a atacou vai voltar para terminar o trabalho. Preciso que você a faça desaparecer até que ela acorde.

Isla ficou grata quando ele não questionou seu pedido. Grim simplesmente assentiu.

E, um momento depois, o corpo de Celeste desapareceu.



CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

VENENO

Tudo mudou em um instante. Agora, Isla não estava apenas lutando por si mesma, ou Terra, ou seu povo.

Estava lutando por Celeste.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto quando ela deixou o castelo logo após o amanhecer. Isla havia falhado com sua amiga, de muitas maneiras, e não tinha se dado conta disso até aquele momento. Assistir à Terra morrer lentamente deveria tê-la lembrado de que a amiga sofreria o mesmo destino se elas não fossem bem-sucedidas. Em vez disso, ela abandonou rapidamente o plano que passaram anos formulando. Em parte, porque não beneficiaria o *seu* reino. Ela não tinha pensado em Celeste.

Isla não podia consertar o passado, mas podia tentar ajudar Celeste agora.

Oro afirmou que ela não poderia ser curada pela habilidade Lunar… mas talvez pudesse ser curada com algum remédio Selvagem.

Logo ela estava atravessando um caminho coberto por grama. Por uma floresta que parecia determinada a marcar mil vezes sua pele. Atravessando uma ponte perigosa.

Até que se viu refletida na floresta estéril. De frente para o Palácio de Espelhos.

Ela precisava abrir aquele cofre. Por qualquer meio necessário. Poderia haver remédios antigos dos Selvagens lá dentro, plantas capazes de retirar o veneno que atacava Celeste. Ela não tinha visto nenhum no oásis aonde Oro a tinha levado muitas semanas atrás, mas talvez eles tivessem sido trancados ali.

Isla sabia que a porta queria que ela a abrisse por um motivo. Talvez fosse isso.

Ela caminhou em ritmo constante até a parede, planejando não ir embora antes de descobrir como abrir a fechadura. Era uma forma estranha e comprida. Primeiro, ela tentou com os dedos. Os colocou de forma dolorosa, enfiando parte da palma na fechadura, para preencher os buracos, mas, quando tentou torcer a mão, tudo o que ela fez foi gritar enquanto a pele prendia no metal. Levou quase uma hora para se soltar, e, a essa altura, havia cortes na mão que pingavam sangue.

Isla não desistiu. Vasculhou todos os cômodos do enorme palácio que tinha sido sua casa durante semanas. Havia armas estranhas e curvas. Instrumentos que ela não sabia tocar. Um deles, uma caixa fina de madeira com buracos, Isla empurrou na fechadura com tanta força que quebrou. Então, ela passou um tempo tentando tirar as farpas, cortando os dedos novamente no processo.

Ao meio-dia, ela estava furiosa.

Jurando voltar, retornou para o castelo de mãos vazias.

Isla queria matar Cleo havia muito tempo. Principalmente depois da tentativa de assassinato no porto.

Mas agora… vendo Celeste sem vida, flutuando como um espectro, envolta em névoa…

Agora queria matar Cleo e que fosse uma morte dolorosa.

Isla estava pensando em todas as maneiras que ela faria a governante Lunar sofrer ao pisar na Ilha da Lua com Oro ao seu lado.

Mais dois lugares, ela disse a si mesma. Celeste não podia mais jogar. Isla teria que jogar pelas duas; garantir sua vitória e salvar o reino da amiga. Isso era tudo o que importava agora.

Apenas mais dois lugares onde procurar.

A neve caía rápida como chuva, encharcando o topo de sua cabeça e escorrendo em linhas por suas bochechas. Desta vez, ela usava uma capa grossa por cima da camisa de mangas compridas e da calça para se proteger do frio. Mesmo assim, não adiantou muito, e Isla não se afastou muito de Oro, que irradiava calor como um sol que havia descido do céu.

Logo, chegaram a uma torre em uma montanha de neve. Oro escalou sua única entrada, uma janela, e ela o seguiu para dentro, descendo, atravessando um corredor, até se dar conta de que não estavam em uma torre.

Estavam em um palácio.

Era abandonado, mas ainda adornado, feito inteiramente de mármore branco. Eles haviam entrado de seu pico mais alto; o resto estava enterrado no gelo, preso no eterno inverno que era a Ilha da Lua. Ela seguiu Oro andar por andar até chegarem ao topo de uma grande escadaria.

Os largos degraus levavam ao que outrora devia ser o andar principal.

Agora estava completamente debaixo d'água.

De alguma forma, a mobília permaneceu presa; tudo no cômodo abaixo parecia estar perfeitamente no seu lugar. Apenas… submerso.

Oro começou a tirar as roupas.

Isla se virou para encará-lo.

— O que você está fazendo?

Ele a encarou.

— Existem criaturas naquela água que não serão fáceis de enfrentar. Não preciso carregar mais peso ou dar a esses monstros algo com o que me sufocar. — Sua capa agora estava descartada no chão. A camisa logo se juntou a ela.

Isla ficou o encarando, embora tudo em sua mente dissesse para não fazer isso. Oro era extraordinariamente parecido com as estátuas de mármore na Ilha da Lua, seu peito e braços musculosos como um guerreiro, tonificados como uma lâmina.

Mais da metade de seu corpo já havia sido tomada pelo cinza-azulado. Ele era parte ouro, parte escultura de gelo. Isla o observou, imaginando se doía perder os poderes, morrer lentamente, centímetro por centímetro.

Ela o observou por outros motivos também.

Oro virou-se para ela, surpreso.

— Tenho certeza que você já viu muitos corpos antes — ele disse, sem rodeios.

Isla se irritou. Ele não tinha dito isso de forma maliciosa, mas tranquilamente, e ela não podia culpá-lo por sua suposição. Um *verdadeiro* Selvagem, mesmo um sem poderes, já teria visto incontáveis corpos nus. Eles eram famosos por suas conquistas românticas.

Um fato, nada mais.

Isla engoliu em seco.

— Claro que sim — ela disse, um pouco rápido demais.

Oro ergueu uma sobrancelha, percebendo que a ausência de uma maldição não era a única coisa que a distinguia de seu povo.

Ele deu um passo à frente, ainda sem camisa. Inclinou sua cabeça dourada para ela.

— Diga-me, Selvagem… com *quantas* pessoas você já esteve… intimamente?

O rosto de Isla corou. Ela mal resistiu à vontade de esbofeteá-lo.

— Que tipo de pergunta é essa? — ela quis saber. Em seu reino, o amor era proibido, mas a intimidade não era evitada. Era *celebrada*.

Ele parecia saber disso, e sua expressão ficou ainda mais surpresa.

— Curiosidade. — Ele encolheu os ombros. — Já estive com muitas mulheres. Não é algo que nego.

Isla zombou dele, bufando.

— Bem, isso deve ter sido há muito tempo, a julgar por quão tenso e insuportável você é.

Os lados da boca de Oro se contraíram, divertindo-se.

— Pode ser, mas você não respondeu a minha pergunta.

— E nem vou — disse ela, olhando para ele. Oro sorriu. Ele estava rindo dela?

Por alguma razão, Isla foi compelida a provar que ele estava errado. Para apagar o sorriso de seu rosto miserável. Sem quebrar o olhar de Oro, desabotoou a capa e a deixou cair no chão. Tirou a enorme camisa e a calça, até ficar apenas com as roupas que usava por baixo, além das roupas íntimas. Uma regata minúscula que ia até acima do umbigo e shorts

justos de cintura alta que terminavam no alto da coxa.

Ela não estava em sua roupa íntima, mas vestindo apenas pedaços de tecido, sentiu-se nua na frente dele.

Oro ficou muito quieto.

Ela deu de ombros, se esforçando para parecer despreocupada.

— É só pele — ela disse, a voz saindo ligeiramente ofegante.

— Só pele — ele repetiu, sua boca mal se mexendo.

Isla passou por ele, desceu os degraus da escada. Até seus pés espirrarem água. Até a água chegar aos joelhos. Ela o ouviu tirar a calça, depois as meias e os sapatos. Ela tremeu, o frio doendo em cada centímetro de pele exposta.

Um momento depois, Oro estava ao lado dela, de cueca. Desta vez, ela desviou o olhar. Um pouco relutante.

— Lírios-d'água crescem aqui — ele disse, também evitando encará-la. — Os que você mostrou na montanha. — Isla se lembrou daquele dia, que parecia a reinos de distância. — Você disse algo como *o coração pode estar preso às suas raízes*, correto?

Ele olhou para Isla, e ela apenas assentiu.

— Essas águas abrigam criaturas antigas e cruéis — disse ele. — Fique atenta.

A água ondulou quando ele mergulhou. Isla respirou fundo e o seguiu. Oro nadou rapidamente, para fora do salão principal, direto para o corredor. Ela ficou perto da escada. O teto tinha quinze metros de altura, e ela estava no alto, mergulhando em direção a um cômodo que parecia quase perfeito, exceto por uma pintura que tinha sido rasgada, faixas do que um dia fora uma paisagem ondulando na água.

Seu olhar traçou as bordas do chão, sob os móveis. Sem sinal de qualquer planta. Isla se virou, para tentar um cômodo diferente, e quase engoliu um bocado de água, assustada.

Um rosto, adorável e cruel como um pesadelo, flutuava diante dela.

Metade do rosto da garota tinha escamas; metade de seu cabelo tinha a mesma sedosidade transparente da cauda de uma carpa. Seus braços e pernas eram cobertos por escamas também, criando o efeito de seda submersa em torno de seus membros.

Fascinante.

Isla semicerrou os olhos. Sua mente rapidamente se tornou tão obscura quanto a água. Ela estava lá por algum motivo… mas ela não conseguia se lembrar qual era.

A garota sorriu e estendeu a mão coberta de escamas com unhas afiadas como facas. *Para ajudar*, Isla percebeu.

Ela não sabia por quê… mas pegou a mão dela.

E a garota a conduziu para baixo. Passando por um quarto, para um corredor. Então Isla viu os lírios-d'água, afundados, suas raízes como tranças que desciam por metros e mais metros. Algo sobre elas parecia importante, mas ela não sabia dizer o quê.

Felizmente, Isla tinha a garota para guiá-la, mas para levá-la para *onde*?, ela questionou.

Algo tamborilou em seus ouvidos, um eco ou rugido, enquanto seu peito se contraía. A dor era silenciosa, tão distante quanto a superfície, mas as batidas continuaram. Batendo como…

O coração. Era para isso que estavam ali, Isla se lembrava agora.

Ela parou de seguir aquele caminho e a garota se virou, puxando o braço dela.

Isla balançou a cabeça, o movimento deixando-a tonta. Seus olhos tinham começado a se fechar. Ela precisava de algo… talvez ar.

A garota era insistente. Ela puxou seu braço, levando Isla consigo.

Algo não estava certo. Isla escapou das mãos da garota.

A criatura não gostou disso. Ela girou e cortou Isla com suas unhas afiadas como navalhas.

Nuvens vermelhas coloriram a água como manchas de tinta.

Isla começou a nadar para fora do cômodo novamente, sem saber muito, mas com a noção de que precisava fugir. Ela passou pela porta, de volta pelo quarto, até que conseguiu visualizar as escadas, mas estava longe demais e suas pernas ficaram rígidas.

Mas Isla não estava ali sozinha, percebeu, a névoa em sua mente dissipando. Ela poderia chamá-lo…

Algo puxou seu pé com tanta força que ela engasgou, engolindo água, e afundou novamente.

Era como fogo na garganta, queimando seus pulmões, a água salgada diretamente do mar. Isla estremeceu, seus órgãos implorando por ar, por alívio, quando ela se virou para olhar para seus pés, para a garota que a reivindicava mais uma vez.

Ela agarrou a adaga que havia escondido no peito, enfiada no arame do sutiã, e a deixou cair. Seu pé livre alcançou a lâmina com os dedos.

E ela apunhalou a figura tenebrosa bem no olho.

A criatura sibilou, desaparecendo para o fundo em um instante.

Ela estava no topo da escada de pedra no segundo seguinte, tossindo a água de seus pulmões.

No ar, sua cabeça clareou completamente.

O que aconteceu?, ela pensou. *Por que ela havia seguido a garota como uma idiota?*

— Aquilo era uma criatura da noite — Oro disse em algum lugar próximo. Sua voz estava tensa. — Eles podem invadir sua mente. Desligá-la completamente.

Ele se ajoelhou ao lado dela, e Isla se perguntou o motivo, até que gritou. A dor tomando conta dela com força total. Havia uma ferida longa e profunda num lado do seu corpo onde a garota tinha a cortado.

Oro fez um som suave e calmante que parecia totalmente em desacordo com sua presença imponente. Mesmo de joelhos, ele era maior que ela.

Isla estremeceu no chão frio de pedra, e ele colocou a mão na sua barriga nua. O calor inundou seu âmago de uma só vez, seguido por uma ferroada; ele a estava curando. Oro fez o som calmante mais uma vez quando ela se retraiu, e Isla olhou para ele, realmente olhou para ele, fazendo uma careta enquanto sua pele se costurava novamente. Ele a encarou de volta.

Algo sobre sua proximidade, talvez, ou suas mãos sobre ela, ou, mais provavelmente, o sangue que ela havia perdido, deixou Isla um pouco tonta.

Ela gemeu novamente, a cura como eletricidade em sua pele. Oro estremeceu quando a mão dela cobriu a dele, ambas pressionadas contra a ferida. Era quente como carvão sob seus dedos, e enorme, quase cobrindo completamente sua barriga. Em pouco tempo, ele moveu a mão.

Isla observou os nós de seus dedos descerem por suas costelas, curando as bordas da ferida.

— Pronto — ele disse, no momento em que Isla se preparava para outra ferroada.

Isla piscou para ele. Tinha estado ofegante, o sal em sua ferida como chamas contra a pele. Agora, sua respiração tinha se acalmado.

Oro removeu lentamente as mãos de sua pele nua. Assim que ele o fez, ela estremeceu, o frio voltando.

Com isso, ele a tocou novamente, desta vez contra o joelho.

Ela se endireitou, desejando que seus pensamentos estranhos fossem embora, lembrando-se do motivo para estarem naquele palácio miserável.

— Você encontrou? — ela perguntou, os olhos arregalados. Desesperada.

O olhar de Oro se tornou sombrio.

— Não — disse ele. — Não estava lá.

Isla fechou os olhos, a decepção doendo quase tanto quanto a ferida. Ela era a única esperança de Celeste e de seu povo. Ela não podia falhar, não de novo. Quando abriu os olhos, se forçou a parecer mais confiante do que se sentia.

— Só pode estar em um lugar, então. Certo?

— Sim, mas é um lugar que eu esperava evitar.

— Por quê?

— Fica bem no centro do território Vinderen — disse ele.

Seu rosto se contorceu, sem entender o que aquilo significava.

— O grupo que tentou te matar.

Ah.

— Quem eram eles? — ela perguntou. Ela não os tinha visto, mas suas vozes… o que eles queriam fazer com ela…

Oro piscou.

— Achei que você sabia.

Sabia o quê?

— Eles são Selvagens.

O quê? Seu rosto se contorceu.

— Não sobrou nenhum Selvagem na ilha, e eles eram *homens*.

— Não sobrou nenhum mesmo. Eles *eram* selvagens. O grupo deles deixou o seu reino muito antes das maldições. Eles já haviam renunciado ao poder, então não foram afetados por elas.

Então, eles comiam corações e carne por desejo… não por causa da maldição. Ela estremeceu. Havia tanto sobre os Selvagens que ela não sabia.

Por que o grupo deixou o reino, pra começar?

— Eu posso ir sozinho — disse Oro. Ao contrário de todas as vezes que ele disse palavras semelhantes, não havia maldade alguma em sua voz. — Se você preferir não correr o risco.

Mas Isla tinha chegado tão longe. Se quisesse ganhar, se quisesse salvar as pessoas que mais amava, ela precisava estar lá quando encontrassem o coração.

— Eu vou — ela disse.

Naquela mesma noite, Oro a levou para um lugar que ela nunca imaginaria ser convidada: o antigo depósito de armas do castelo. Pegou coisas demais: flechas, arcos, facas, estrelas de arremesso, espadas. Celeste e Terra estavam em sua mente, as pessoas mais fortes que ela conhecia.

Ela deixou o cofre, pronta para o que enfrentaria no dia seguinte.

Pronta para enfrentar os ex-Selvagens que quase a cortaram em pedacinhos.



CAPÍTULO QUARENTA E SETE

DESABROCHAR

Assim que pisaram na Ilha da Lua na noite seguinte, o pássaro azul-escuro os encontrou. Ele grasnou alto, e Isla apontou sua flecha para ele.

— Faça barulho de novo e você vai virar sopa — ela disse com maldade. Querendo saber se estava falando diretamente com a própria governante Lunar. Ela deveria atirar no pássaro de Cleo bem no peito pelo que a governante tinha feito com Celeste.

O animal grasnou mais uma vez, então voou para longe, fugindo da ponta afiada de sua flecha.

— No limite? — Oro perguntou. Não tinha nenhuma arma com ele. Isla supôs que era estratégico. Os ex-Selvagens não podiam saber que o rei de Lightlark os considerava uma ameaça.

Acima de tudo, era uma mensagem para Cleo. Onde quer que ela estivesse na Ilha da Lua, usando ou não o pássaro azul-escuro como seu espião, saberia que eles estavam em suas terras novamente. Oro entrando em sua ilha tantas vezes desarmado enviava a mensagem mais importante.

O Centenário era um jogo. E Oro ainda era seu jogador mais poderoso.

Isla tentou não pensar na governante de cabelos brancos enquanto eles atravessavam a neve até o último local. Em vez disso, pensou no coração.

Ele iria desabrochar, tão lindo quanto uma prímula?

Seria tão frio quanto o coração do rei de Lightlark?

Tão perto.

Eles estavam tão, tão perto.

Ela se virou para Oro e o encontrou olhando para ela. Sua expressão era resoluta, dura como as placas de gelo ao lado deles. Ele acenou com a cabeça, como se fosse capaz de ler seus pensamentos.

Só mais um lugar. E aí acabou.

O território de Vinderen ficava muito além do alcance da neve do reino de Cleo. Em sua ponta, na região nordeste, havia um trecho de terra tão traiçoeiramente frio que era quase inabitável. Isla usava o calor que emanava de Oro como um escudo. Ele estendeu-o para que a envolvesse completamente, e ela mal sentiu a neve pousar em seu nariz.

Gelo, afiado como dentes, projetava-se do chão em um ângulo, um aglomerado de lâminas. Isla segurou o punho de sua espada com força, olhos alertas, observando tudo. Eles entraram em uma floresta de árvores mortas, esqueletos cobertos de neve.

Eles vieram como uma onda.

Em um momento havia silêncio. No seguinte, a noite se dividiu em gritos enquanto homens saltavam das árvores, bem no caminho deles. Outros estavam escondidos atrás de troncos, e apareciam agora, flechas apontadas para seus pescoços.

Mas Isla estava pronta.

Ela sorriu, só um pouco. E soltou.

Três de suas flechas voaram de uma só vez, cada uma encontrando seu alvo. Corpos caíram dos galhos altos. Ela se abaixou, quase sendo atingida por uma lâmina voadora, então se virou, a espada agora em punho. Ela estripou o homem em sua frente, que apontava uma adaga para o seu coração, então virou-se e fez o mesmo com uma mulher muito alta que apontava uma machadinha enferrujada para sua têmpora.

Estrelas de arremesso voaram de sua outra mão para o pescoço de um homem que estava prestes a enterrar sua lâmina nas costas de Oro. Elas pousaram em uma linha perfeita em sua garganta, como um colar macabro.

O fogo de Oro sibilou e rugiu quando ele matou cinco pessoas de uma vez, as armas de metal caindo na neve quase sem fazer barulho. Ele congelou um oponente contra uma árvore. Outro, ele arremessou de volta com uma explosão de energia Estelar.

Isla girou, rápida como um pião, sua lâmina encontrando carne e cortando-a tão facilmente quanto dentes de Selvagens afundando no tecido macio de um coração. O metal dela tilintou contra o de outra pessoa antes que ela derrubasse a arma e cortasse aquele que a empunhava. Fez o mesmo com outro. E mais outro.

Com um grunhido, caiu de costas. O chão estava coberto de gelo, e ela engasgou, mas não sentiu alívio, seus pulmões transformados em pedra.

Um homem se elevou sobre ela. Seus dentes eram como lâminas, afiados para servirem como armas. Ferramentas para comer, ela percebeu.

Ele estendeu a mão para o pescoço dela. Para quebrá-lo. Para matar de forma limpa, para que a carne não fosse danificada por ferimentos, adequada para um banquete.

Isla observou, congelada. Ela levantou a mão trêmula do chão, ofegando, desejando que seu corpo superasse o choque do impacto…

E uma lâmina atravessou o peito do homem. Ele soltou um som gorgolejante, e engasgou com o próprio sangue antes de cair na neve.

Oro ficou ali, segurando uma espada.

Mas ele não estava armado… ou assim ela pensou. Isla assistiu maravilhada quando a espada de prata desapareceu em uma explosão de faíscas. Ele havia *criado* a espada com a energia Estelar. Ela não sabia que isso era possível.

Quando sua respiração voltou, Isla se levantou, olhando em volta para os corpos que nunca voltariam a se erguer.

Mortos. Estavam todos mortos.

— Existem mais deles — disse Oro rapidamente. — E virão investigar. Vamos rápido.

Isla aceitou sua mão, ainda ofegante. Ele a aqueceu através do toque, e eles correram, Oro puxando-a tão rapidamente que Isla estava quase voando, parando apenas no momento em que ela apareceu.

Uma árvore de penas brancas, florescendo no gelo.

É claro. O hospedeiro perfeito para o coração. Uma árvore isolada, congelada no tempo. Poderia estar escondido em suas plumas ou entre suas raízes.

Isla deu um passo à frente. Uma vez. Duas vezes. Então correu.

Finalmente. Depois de tudo…

Lá estava ele. A salvação de todos eles. Sua chance de ser a governante e amiga que as pessoas que ela amava mereciam.

Ela ouviu Oro logo atrás dela. Seu calor aumentou, aliviado por tudo estar acabado. Os meses de busca.

Os séculos de sofrimento.

Isla alcançou a árvore e começou a procurar em seus galhos. As penas eram macias como neve. Elas dançaram silenciosamente ao vento, sussurrando juntas, pedacinhos minúsculos caindo.

Quando não encontrou nada em sua copa, Isla olhou para as raízes. O gelo permitia que ela visse cada centímetro delas, espessas e torcidas como tranças.

— Isla.

Ela analisou a árvore novamente. E de novo.

— Tem que estar aqui — ela disse, passando as mãos furiosamente pelas penas. Desesperada.

Ela caiu de joelhos violentamente para olhar mais de perto a parte de baixo, afastando as pontadas de dor que quase cegavam sua visão. Ela enfiou as mãos no gelo e procurou mais, analisou cada nó.

Mas não havia nada entrelaçado em suas raízes.

— Não está aqui — disse Oro. Sua voz era tão vazia quanto seus olhos estavam naquele jantar na primeira noite.

Eles estavam errados.

Ou estavam certos, e Cleo tinha chegado primeiro. Talvez Cleo tivesse enviado seu pássaro para zombar deles quando pisaram pela primeira vez na ilha.

Isla ficou imóvel. Se Cleo estava com o coração…

Ela ouviu os alertas e dúvidas de Celeste, aqueles que ela havia ignorado, ecoando em sua mente enquanto apoiava a cabeça no gelo e chorava.



CAPÍTULO QUARENTA E OITO

ESCONDIDA

Faltavam vinte dias para o fim do Centenário. E Isla achava que a ilha não aguentaria mais dez.

Terra não aguentaria mais cinco.

Depois de toda a busca de Oro e Isla pelo coração, eles tinham falhado.

Isla havia cometido incontáveis erros nos últimos oitenta dias. Tinha confiado nas pessoas erradas. Feito os planos errados. Seguido as pistas erradas. Perseguido o poder cegamente quando deveria ter feito tudo para proteger as pessoas que a amavam.

Mas ela se recusava a desistir. Não dessa vez. Não quando Celeste exigiria que ela não desistisse.

Isla bateu à porta de Oro três dias depois da viagem à Ilha da Lua, com os nós dos dedos ainda em carne viva por causa do frio da vastidão de Vinderen, mesmo depois de ter passado o elixir Selvagem várias vezes na pele machucada.

Na árvore emplumada, Isla viu a luz desaparecer de seus olhos. Tinha visto ele se fechar novamente, pronto para se tornar o mesmo rei que ela havia conhecido naquela primeira noite. Mais fechado e alerta do que sua própria ilha amaldiçoada. Quando o coração não estava onde deveria, parte dele desapareceu, da mesma forma que Lightlark faria se eles

falhassem. Desta vez, talvez para sempre.

No momento em que seu punho estava indo em direção à porta, Oro a abriu. Ele pegou o braço de Isla antes que pudesse bater em seu peito. Ele segurou seu punho e olhou para ela, confuso.

Isla passou por ele, adentrando seu quarto, e ele permitiu.

— Ainda não acabou — disse ela, as narinas dilatadas e a voz falhando como se ainda estivesse tentando convencer a si mesma.

Oro a encarou. Ele não disse nada.

Ela deu um passo na direção dele.

— Eu me recuso — ela disse, balançando a cabeça. — Me recuso a acreditar que é assim que tudo termina. — Ela fincou um dedo em seu peito. — Você é o rei de Lightlark, a pessoa mais poderosa de todos os reinos. — Ele ergueu uma sobrancelha, parecendo surpreso por ela falar sobre ele sem incluir as palavras *miserável* e *insuportável*. — Tem que haver outra maneira. Outro final.

Oro olhou para o dedo de Isla, ainda pousado contra o peito dele, antes de olhar para ela.

— O que você sugere? — ele perguntou.

Uma pergunta tão simples… mas uma que ele nunca havia feito.

Mesmo em sua busca pelo desvinculador, ela estava seguindo o plano de Celeste.

Pela primeira vez, Isla traçou seu próprio plano.

— Vamos começar do começo — disse ela com firmeza, virando-se, observando o quarto dele. — Da verdade mais elementar, a raiz de tudo isso. — Ela mordeu o lábio, pensativa. Pensando na primeira coisa que ele disse a ela, a base para toda a sua busca. Uma pergunta que ela havia feito antes, que ele não tinha respondido. Isla se virou para ele. — Como você descobriu sobre o coração?

Ele franziu a testa.

— Eu li a respeito.

— Onde?

— Em um livro.

— Que livro?

— Um antigo. Que encontrei em uma biblioteca secreta.

O mundo ficou em silêncio. Todos os sentidos de Isla pareceram desaparecer.

Biblioteca secreta. Assim como Celeste dissera.

Por que ela não ouviu a amiga?

Ela fez o possível para disfarçar sua surpresa, os joelhos tremendo pelo alívio e pela culpa esmagadora ao dizer, muito baixinho:

— Que biblioteca?

Oro não hesitou enquanto atravessava a sala e abria a porta de sua sacada. Ele puxou a porta até o final, fazendo-a tocar a maior parede do quarto. Então, ele girou a maçaneta novamente. Desta vez, empurrando a porta para a frente, contra a pedra sólida.

Ela se abriu.

Isla o seguiu até uma sala alta como uma torre, grande como os aposentos do rei. Cheio de livros e objetos encantados em cada canto.

Uma biblioteca.

Isla mal respirava, mal se movia, torcendo para que seu coração traiçoeiro, batendo alto em seu peito, não a entregasse. Tudo o que ela viu eram livros. O desvinculador devia estar bem escondido. Não que isso importasse agora.

Celeste estava à beira da morte. Isla não poderia usá-lo com ela naquele estado. E, mesmo que pudesse, o desvinculador não salvaria Terra. Só um poder inimaginável o faria. Apenas o poder prometido à pessoa que quebrasse todas as maldições seria capaz disso.

Oro caminhou até uma das prateleiras com segurança, como se tivesse feito isso inúmeras vezes antes. Ele pegou um livro e o abriu.

Palavras tinham sido registradas na página com tinta em uma língua antiga que Isla não entendia.

— Consegue ler isso? — ela perguntou.

Oro assentiu.

— Leia tudo — disse ela. — Tudo sobre o coração. Por favor.

Ele concordou, mas, em vez de olhar para a página, Oro a encarou.

— Antes disso, há algo que você deve saber, Selvagem. — Ele estava sério, sem diversão ou maldade em sua expressão.

Seu estômago afundou por instinto. Pronto para se decepcionar.

— Eu teria te contado no início, mas depois do que Grim te disse… Eu estava esperando que ele mesmo revelasse essa informação.

Ela engoliu em seco. Revelar o quê? O que poderia ser tão importante?

— Estou supondo que ele nunca o fez — completou ele.

Isla apenas olhou para ele. Esperando.

— Meu ancestral, Horus Rey, e o de Grim, Cronan Malvere, criaram a ilha.

Ela assentiu. Já sabia disso.

— E um ancestral seu também.

Ela piscou. Não. Isso não podia ser verdade. Isla colocou a mão na mesa só para sentir firmeza. Selvagens nem eram mais aceitos na ilha… eles não ajudaram a *criá-la*.

— Isso não faz nenhum sentido.

— Lark Crown. Ela criou a terra em que pisamos. A ilha foi batizada com o nome dela.

Lark Crown. Isla não conhecia esse nome.

— Você está mentindo. Se isso fosse verdade, todos saberiam. Não seria um segredo.

Os olhos de Oro ficaram sombrios.

— Eu nunca menti para você — disse ele. — E não era segredo, não por muito tempo. Até que, como grande parte do nosso conhecimento, se perdeu no tempo. Milhares de anos se passaram, Solares governaram por tanto tempo que *quem* criou a ilha foi esquecido, mas não por todos.

Oro estava falando sério. E Isla sabia que ele não tinha nada a ganhar com uma mentira assim.

Se isso era verdade, por que Grim não contou a ela quando eles conversaram sobre a criação da ilha? Ela se lembra da resposta de Oro depois que ela disse que Grim era o governante mais acessível.

Não tão acessível quanto você pensa.

Ela apertou os lábios. Não, não era mentira. Agora ela entendia por que Oro queria fazer um acordo com ela. Por que ele ainda a tinha traído de verdade.

— É por isso que você precisava de mim — disse ela, com a voz muito tensa. — Para encontrar o coração.

A expressão de Oro não mudou quando ele assentiu.

— Só pode ser encontrado e libertado por um de nós três. Solar, Selvagem ou Umbra. Eu presumi… com nós dois juntos…

Somente unidos as maldições podem ser desfeitas.

Ele estava simplesmente seguindo a profecia. Uma parte dela murchou por dentro.

Todas as palavras de Oro tinham pontas e cortavam sua mente. Oro havia confirmado, semanas antes, que acreditava que o *crime original* tinha sido alguém usando o coração de Lightlark para lançar as maldições. Agora, ele alegava que apenas um Solar, Selvagem ou Umbra poderia acessar os poderes do coração.

O que significava que um de *seus* reinos as havia lançado.

Não Cleo. Isso não fazia sentido…

A ancestral de Isla teria usado o coração para lançar as maldições? Ou o irmão de Oro, o rei Egan?

Ou o falecido pai de Grim?

Não. Tinha que ser Cleo.

Isla encarou atentamente o livro, embora pudesse sentir os olhos de Oro nela, estudando sua reação a esta nova informação.

— O que o livro diz? — ela perguntou entre os dentes, desejando que sua cabeça parasse por um momento. Desejando não revelar nada.

Finalmente, os olhos de Oro deixaram seu rosto. E ele começou a ler.

Duas badaladas depois, Isla e Oro estavam sentados na biblioteca, curvados, incontáveis livros e um silêncio frustrado entre eles.

Os detalhes do livro eram escassos. Falavam de um coração com a habilidade pura e não filtrada de Solares, Selvagens e Umbras. Energia maior do que a deles, o tipo de poder que só existira havia milhares de anos.

O coração fica escondido até desabrochar e se tornar parte de Lightlark quando se faz mais necessário. Essa foi a tradução que Oro lhe ofereceu.

Quando Isla se levantou novamente, suas pernas estavam com cãibras, e ela ficou surpresa ao ver a luz brilhando na barra das cortinas de Oro. Eles tinham passado horas lendo e não estavam nem um pouco mais perto do

coração.

Mas Isla não perdeu a esperança.

Na verdade, ela estava mais esperançosa do que nunca.

— Esta é a chave para encontrá-lo — ela disse, apontando para os livros. — Eu sei que é.

Oro assentiu, mas seus olhos estavam mais cansados do que ela já vira antes. Olheiras roxas e cantos enrugados. Quando Isla sugeriu que descansassem um pouco antes de se encontrarem, ele recusou apenas uma vez. Então, felizmente, ele cedeu.

Isla caminhou pelos corredores tão silenciosa quanto um espectro, o castelo se abrindo e os dedos avermelhados do amanhecer espreitando pelas longas janelas descobertas. Ela estava longe dos aposentos de Oro. Longe do seu quarto.

Celeste surgiu assim que Isla entrou no cômodo onde Grim a havia escondido. Ela estava exatamente como em todas as outras noites em que Isla a tinha visitado. Ainda como uma estátua. Flutuando tranquilamente.

Lágrimas arderam nos cantos dos olhos de Isla. Desde o início, Celeste esteve determinada a encontrar o desvinculador, um plano para quebrar as maldições sem matar outro governante. Sem precisar de mais ninguém além delas mesmas.

Por tantas semanas, Isla o procurou.

Embora Celeste não pudesse ouvi-la, a voz de Isla tremeu quando ela finalmente disse:

— Você estava certa, Cel. Sobre a biblioteca secreta.

Ela segurou as mãos da amiga, sabendo o quão animada ela ficaria se estivesse acordada. E foi quando que Isla notou que uma delas estava fechada em um punho. Como se Celeste estivesse lutando, logo antes do veneno tê-la parado.

Não lutando, pensou Isla, enquanto cuidadosamente abria os dedos da amiga.

Enviando uma mensagem. Para Isla.

Havia algo no punho de Celeste, algo que ela havia conseguido segurar, para contar a Isla quem tinha feito isso com ela. Uma pista. Isla finalmente abriu a mão pálida da Estelar.

E o anel de diamante que ela dera a Azul caiu no chão.



CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

DIAMANTE

Azul havia envenenado Celeste. Ele não era o alegre e atormentado governante que encantara Isla com sua música. Era um líder calculista com um plano em ação.

Isla se lembrou da conversa que ouvira, muitas semanas atrás. Oro estava brigando com Azul sobre uma estratégia para acabar com um dos reinos. O rei garantiu a Isla que ela estava segura. Ela havia presumido na época que Azul tinha a intenção de destruir o reino Lunar.

Agora ela percebia que ele devia estar falando sobre o reino Estelar. Celeste. Pior, Isla nem mesmo contara à amiga sobre a conversa que tinha ouvido. Depois que sua melhor amiga passou a ser a dupla do Etéreo, Isla deveria pelo menos tê-la advertido, mas estava muito concentrada na traição de Oro. Em si mesma, sempre em si mesma.

Como ela não havia considerado a possibilidade de que Azul pudesse estar visando a Estelar?

Mas por quê?

Qual era o plano dele?

Tantas perguntas, tantas peças que não faziam sentido. Toda vez que pensava que tinha certeza de algo, a verdade mudava e se dispersava, mas não por muito tempo.

Isla lembrou-se do que o oráculo havia dito.

Você… tem muitas perguntas. Há tantas coisas que eu poderia dizer… embora não devesse.

Tudo será revelado em breve.

Isla estava no Palácio de Espelhos, a coluna ereta. Folhas mortas sopravam preguiçosamente a seus pés, o vento entrando por uma rachadura no vidro. Estava de frente para a grande escadaria que levava a cômodos que antes ficavam cheios, e agora estavam vazios. Teias de aranha e espelhos rachados em vez de risadas e música.

Quase podia ouvi-los, suas vozes tão doces quanto a dela, enquanto levava a mão ao seu pescoço, ao diamante negro gigante que pendia contra sua garganta, e o puxava.

Um minuto se passou. Seu poder não funcionava no Palácio de Espelhos. Ele teria que aparecer nas margens da floresta na Ilha Selvagem e chegar até ela a pé.

A porta se abriu com tanta força que parecia prestes a se quebrar, e Isla se virou para encontrar Grim, correndo, frenético.

Seus olhos estavam arregalados, cheios de medo. Sua respiração era selvagem. Ele carregava uma espada.

Grim estava na frente dela em um instante.

— Coração, você está ferida? — Suas mãos gigantes cobriram ambos os lados de seu rosto, os polegares nos cantos de seus lábios, analisando-a em busca de alguma lesão. Ele olhou para Isla como se ela não fosse feita de sangue e osso, mas de gelo e névoa, a um momento de desaparecer… ofegante pela corrida…

— Estou bem.

Notando seu tom, ele baixou as mãos.

Não havia necessidade de contornar a razão pela qual ela o havia chamado aqui.

— Por que você não me disse que uma Selvagem criou a ilha com um Solar e um Umbra?

Sua expressão não se alterou, não do jeito que ela havia imaginado. Por um momento, tudo o que ele fez foi observá-la.

Enfim, Grim disse:

— Algumas coisas é melhor descobrirmos por nós mesmos. — Seu olhar era firme. — Há muitas coisas que outros me disseram que eu teria preferido ter aprendido sozinho. No meu tempo. Quando eu pudesse compreender tudo melhor.

Que coisas?, ela queria perguntar, mas Isla se manteve focada.

— Você nunca ia me contar?

— Em algum momento, claro. Eu te trouxe aqui… respondi as suas perguntas… mas não queria jogar tudo de uma vez em cima de você. — Ele balançou a cabeça. — Você tinha acabado de chegar a um lugar novo, sem saber de muita coisa. Foi forçada a carregar o fardo das maldições, a representar todo o seu reino. Sem poderes. Você estava apavorada. Eu não podia piorar aquilo tudo. Não queria.

Isla não deveria ter ficado surpresa por ele ter sido capaz de sentir seu medo durante todo o Centenário, sua confusão. Ainda assim, isso não era desculpa para esconder aquilo dela.

— Tem mais alguma coisa que você não me contou? — Isla exigiu. Ela não podia confiar em mais ninguém. Azul havia envenenado Celeste. Cleo havia tentado matá-la em várias ocasiões. Isla lembrou-se do aviso do oráculo.

Há mentiras e mentirosos por toda parte, Isla Crown.

Grim era um deles?

Os olhos dele brilharam com algum segredo. Ela o conhecia bem o suficiente agora para perceber.

Ela deu um passo para trás.

— Tem, não é?

Grim ficou tenso. Assentiu.

— O que é?

Metade dela sentia raiva. A outra metade sentia medo. E Grim sentiu tudo isso.

Ele deu um passo para se aproximar de Isla. Ela recuou e quase perdeu o equilíbrio.

— Tem *algumas* coisas que não te contei — disse ele. — Não explicitamente.

Outro passo.

Só diga logo, pensou Isla. Ela não aguentaria nem mais um momento de dúvida.

Ele franziu o cenho. Era uma expressão nova em seu rosto. Ele fazia isso para outras pessoas, *com frequência*, mas nunca para ela. Com ela, Grim sempre sorria.

— Eu não te contei o que você faz comigo.

Ela piscou.

— O quê?

— Eu não te disse que você me destruiu.

— Destruí?

Ele assentiu.

— Estou *destruído*. Torturado. Você não parou de me atormentar desde a primeira vez em que te vi.

Isla abriu a boca. Fechou-a. Pensou até em pedir desculpas.

Grim continuou:

— Bastaram algumas conversas com você e eu estava pronto para fazer a troca mais desvantajosa de todas: tudo de mim em troca de qualquer parte de você que estivesse disposta a dar. — Ele balançou sua cabeça. — Você invadiu a minha mente. Me fez questionar minha sanidade. Eu penso em você o tempo todo.

A maneira como Grim disse *o tempo todo* deixou as bochechas de Isla queimando com as insinuações.

— O tempo todo? — ela repetiu, a voz ofegante.

— Tarde da noite, eu te desejo tanto que chega a doer. Eu ardo por você *o tempo todo* — ele disse, seu rosto parecendo realmente torturado. Como se tivesse esperado por muito tempo para dizer aquelas palavras. Como se ela fosse uma maldição pior que todas as outras.

Então ele a beijou.

Isla arfou, baixinho, e ele se afastou. *Não*. Antes que Grim pudesse se afastar, ela apertou o corpo no dele, os braços ao redor de seu pescoço. Ela inclinou a cabeça para trás para encontrar seu olhar. Toda a raiva se foi, substituída por emoções que fizeram os olhos dele assumirem um ar perverso.

Antes que ele pudesse sorrir, Isla pressionou seus lábios nos dele. Ele era

frio como pedra, e ela ficou ainda mais gelada quando ele a prendeu contra o vidro. O beijo ficou mais intenso, as bocas se abrindo, o calor ardendo até o âmago do seu corpo. A cabeça dela tombou para trás, e Grim beijou toda a extensão de seu pescoço, seus dentes roçando levemente sua garganta, abaixo do colar.

Ele afastou a capa de Isla e passou os lábios pelo ombro nu dela. Ela arfou, o frio fazendo sua pele formigar, e as mãos dele agarraram sua cintura, forçando-a ainda mais contra a parede. Isla estendeu a mão para desabotoar a capa dele, que caiu silenciosamente no chão.

Os olhos de Grim grudaram nos dela, mas Isla já estava puxando sua camisa. Ele deixou que ela tirasse a peça em um movimento rápido. Então Isla fez uma pausa. E o encarou.

O porte perfeito para a guerra. Músculos perfeitamente tonificados. Um guerreiro implacável assomando-se sobre ela. Uma grande cicatriz marcava o peito dele, a centímetros do coração. Isla espalmou a mão sobre ela, e Grim observou o movimento, sua respiração um pouco instável, como se estivesse se esforçando para continuar parado.

— O que foi isso? — Seu pulso estava acelerado. O dele também.

Grim estremeceu enquanto ela traçava a marca irregular da cicatriz.

— Só alguém que tentou me matar. — Ele colocou a mão sobre a dela. — Devoradora de Corações — completou, o fantasma de um sorriso em seus lábios. *O apelido estava de volta.* — Neste momento, é *você* que *está* me matando.

Sua voz era profunda como em seus sonhos nas últimas semanas. Os que ele tinha enviado a ela. Aqueles que ela agora queria tornar realidade.

Ela segurou a coroa dele com delicadeza. Deixou que caísse no chão, causando um estrondo. Fez o mesmo com a dela.

O governante dos Sombrios e a governante dos Selvagens, ambos respirando um pouco rápido demais. Ela passou por cima de sua coroa, se jogando nele, e Grim a envolveu nos braços. Desta vez, o beijo foi desesperado, como se o sol estivesse se pondo e eles tivessem apenas alguns minutos restantes, como se a sala de vidro estivesse prestes a explodir. Ele a segurou com força, como se sentisse medo de que ela fosse flutuar para longe, um pássaro fora da gaiola.

Isla travou as pernas em torno dele, e podia *senti-lo*. Cada centímetro dele contra ela, mesmo por baixo das roupas. *Eu não te disse o que você faz comigo*. As palavras ecoaram em sua mente enquanto ela descobria o significado. *Eu ardo por você o tempo todo*. Grim estava ardendo por Isla agora mesmo. Ela se moveu contra o corpo dele lentamente, e um rosnado baixo escapou dos lábios de Grim. Com uma explosão de desejo incontrolável, ele a agarrou pelas coxas, os dedos marcando sua pele, e se enterrou nela ainda mais. Os olhos de Isla se fecharam com a fricção, a cabeça pendendo para trás. Ele a encostou no vidro enquanto suas mãos iam para a frente do vestido dela, rápidas contra os laços e alças. Antes que Isla percebesse, o tecido havia sumido e a boca de Grim estava em seu seio.

O mundo poderia desmoronar a ela não notaria. Todo o seu foco estava no caminho da língua e dos dentes de Grim. Ela estava ardendo por ele, por seu gosto, seu toque, o jeito como ele fazia sua pele parecer uma trilha atingida por um raio.

— Mais — Isla disse, ou gemeu, não sabia. Tudo o que ela sabia no momento era que queria tudo o que Grim tinha para oferecer. — *Por favor*.

Ele a segurou com força, e ela agarrou seus braços, mordeu seus ombros para evitar arfar novamente enquanto Grim a levantava e sua mão enfim alcançava exatamente o lugar que ela desejava. Por cima do tecido. Depois, por baixo dele. Isla gemeu com a primeira pressão de seus dedos calejados em seu âmago e com os toques lentos e constantes que se seguiram.

Mais. Ele deu a ela, e Isla gemeu na boca dele quando seus dedos a exploravam mais fundo. Mais fundo. O desejo dominou tudo, e Grim grunhiu quando ela começou a se mover contra sua mão.

— Isso. — Sua voz era quase um rosnado, persuasiva e tensa, como se ele estivesse gostando tanto quanto ela.

Antes que ela pudesse se perguntar o que poderia fazer a seguir, Grim segurou sua nuca para que Isla olhasse de novo para ele e ordenou:

— Olhe para mim, coração. Eu quero ver quando você perder o controle.

Isla cravou as unhas na nuca dele. Suas testas pressionadas uma contra a

outra. Isla nunca tinha se sentido mais viva, mais despida, do que naquele momento, com ele assistindo enquanto sensações incessantes a dominavam. Grim a encarou bem nos olhos enquanto cada sensação se intensificava, a penetrava, mais do que ela jamais imaginou ser possível.

E algo sobre tudo aquilo era tão familiar, como adormecer ou cantarolar para a chuva, ou respirar. Como se ela já tivesse vivido aquilo mil vezes em seus sonhos.



CAPÍTULO CINQUENTA

DESPERTA

Isla não dormia. Ela passava os dias e noites na biblioteca, e as horas lhe escaparam tão facilmente quanto a chuva correndo pelas centenas de janelas do Palácio de Espelhos durante a tempestade que havia trancado ela e Grim naquela caixa de vidro por horas.

Enquanto folheava as páginas, ela sentiu a lembrança das mãos dele contra sua pele, seus lábios no ombro dele. Eles não tinham feito tudo o que ela gostaria na hora, e em parte Isla estava aliviada por, em vez de fazer qualquer movimento para tirar a roupa, Grim tê-la puxado para o seu colo no chão. Por terem observado a chuva, a cabeça dela no peito dele. O queixo dele descansando onde a coroa de Isla deveria estar. Antes de irem embora, ela fez Grim prometer que encontraria Azul, onde quer que ele estivesse escondido, e o traria para ela.

Oro a observava como se soubesse os lugares que Grim havia tocado. Isla sabia que ele devia ter notado seus olhos distantes, mas não disse uma palavra. Parte dela não queria que ele soubesse nem suspeitasse.

Isla cravou as unhas na palma da mão, forçando-se a se concentrar. Quebrar as maldições e vencer eram o mais importante agora. Ela era a única esperança de Terra, Celeste e de si mesma.

Além disso, o coração era a chave para liberar a vida que ela sempre

quis. Não apenas poder, mas também, talvez, um futuro com o qual sonhar… com Grim.

— Alguma coisa?

A voz de Oro foi um balde de água fria nos pensamentos fervorosos na cabeça dela. Isla piscou e percebeu a expressão dele, sabendo que não estava nada concentrada no texto.

Ela fechou o livro e limpou a garganta. Tinha relido o mesmo parágrafo dez vezes, e nenhuma das frases tinha nada a ver com o coração, ou maldições.

— Não — ela disse, recostando-se na cadeira. — E você?

Ele balançou a cabeça e olhou para a pilha de livros antigos em sua frente como se estivesse a apenas alguns segundos de incinerar toda a pilha com um gesto.

Isla esfregou as mãos no rosto, nos olhos, nas têmporas. Suspirou.

— Isso não está funcionando.

Oro apenas a observou.

Ela estava exausta. Seu pescoço e costas doíam de tanto ficar curvada, lendo. Sua cabeça estava cansada por todo o trabalho que vinha fazendo, pensando, planejando e sonhando acordada.

— Vamos recapitular — disse ela, apoiando a cabeça nos braços. A mesa de madeira estava fria contra sua pele e cheirava a pinho. — Conte-me tudo o que sabemos.

Oro não hesitou, como inquestionavelmente teria feito meses antes. Em vez disso, recostou-se na cadeira e tamborilou na mesa, perto da cabeça de Isla.

— Sabemos que o coração está na Ilha da Lua. Sabemos que contém poder imensurável dos Selvagens, Solares e Umbras. Que foi usado para lançar as maldições. Que desabrocha regularmente quando é necessário, em lugares diferentes. Onde a escuridão encontra a luz.

Onde a escuridão encontra a luz.

Atrás de suas pálpebras, havia apenas escuridão. Isla imaginou a escuridão encontrando a luz. Como aquilo seria. Que cores criaria. Ela franziu a testa apoiada no braço. Não *precisava* imaginar. Tinha visto inúmeras vezes, milhares de vezes ao longo de sua vida.

A cabeça de Isla levantou tão depressa que sua testa latejou de dor. Os olhos de Oro se arregalaram ligeiramente.

— O que foi?

Ela ficou de pé, andando de um lado para o outro, sua mente trabalhando com muita pressa, as palavras saindo devagar demais.

— E se não for sobre um lugar, mas um horário?

— O quê?

Ela o encarou.

— O alvorecer. O crepúsculo… quando a escuridão e a luz se encontram.

Oro ponderou, estreitando os olhos.

— Remlar disse que seria *onde* a escuridão encontra a luz. — Esse devia ser o nome do homem alado, pensou Isla.

— E se forem as duas coisas? Em um lugar onde a escuridão encontra a luz, mas só durante o amanhecer ou o anoitecer?

Oro piscou para afastar o cansaço. Pensando. Ele estava tão concentrado que Isla quase podia ver sua mente trabalhando por trás dos olhos, repassando possibilidades. Ele olhou para a mesa, a mão aberta em cima dela.

Ele balançou a cabeça.

— Eu procurei na ilha por décadas e nunca encontrei… Talvez seja por isso.

O amaldiçoado rei Solar não podia sair ao anoitecer ou ao amanhecer, horários muito próximos da luz do sol. Eles sempre procuraram o coração à noite, muito depois de o sol desaparecer. Isso explicaria por que o coração não estava em nenhum dos lugares que haviam verificado. Talvez estivesse, mas escondido. Oro se virou para ela.

— Isla, acho que você pode estar certa.

Ela se levantou. Oro também. Eles se encararam, e ele sorriu. *Sorriu*.

Isla nunca o tinha visto tão feliz.

Algo no sorriso dele a remeteu a outra lembrança feliz. O momento em que ela sentiu as chamas contra seus braços, formigando dolorosamente ao longo de sua pele congelada, o alívio mais doce do que uma colherada de mel. O momento em que ela soube, cercada pelos Vinderen, que havia sido

salva. Por Oro.

Ele a tinha encontrado, contra todas as probabilidades. *Eu segui o pássaro*, ele tinha dito.

Ela sorriu. A mesma criatura que quase a condenara tinha salvado sua vida.

Oro ergueu uma sobrancelha para ela, tentando ler seus pensamentos.

Isla congelou. Ela sentiu o sangue sumir do rosto, e Oro estendeu a mão para firmá-la enquanto ela se apoiava contra a mesa.

O pássaro havia seguido Isla de forma implacável toda vez que eles pisavam na Ilha da Lua. Ela presumiu que ele era os olhos e ouvidos de Cleo, mas e se estivesse errada?

E se o pássaro estivesse tentando mostrar algo a ela?

— Eu sei onde está o coração — disse.



CAPÍTULO CINQUENTA E UM

CORAÇÃO

Os passos de Isla eram silenciosos na neve. Sua respiração era estável. O mundo inteiro havia se estreitado em um túnel. Seus pensamentos, em geral incessantes, foram substituídos por uma calma predatória, a sensação de pouco antes de matar, um momento antes de lançar uma flecha, a tensão da corda.

Ela estava certa desta vez. Sabia disso com cada parte de si.

Oro estava esperando por ela no hall do castelo naquela noite. O cômodo zumbia com uma energia invisível, emanando dele em ondas. Ele estava ansioso. Esperançoso.

Ela sorriu, mesmo sem querer. Porque estava ansiosa e esperançosa também.

Isla caminhou até ele, ficou na ponta dos pés e deu um peteleco em sua coroa. Sorriu para ele, testando-o, vendo se os meses trabalhando juntos talvez tivessem acabado com seu desdém por ela.

Oro franziu a testa. Então a surpreendeu, tirando a própria coroa…

E colocando-a na cabeça de Isla, por cima da que usava.

— Se estiver certa sobre isso, Selvagem — ele disse —, você pode se tornar mais poderosa até do que eu.

Suas palavras quase fizeram os joelhos de Isla vacilarem. Ele realmente

estava dando a vitória a ela. Não, reconhecendo que a vitória *era* dela.

Isla havia descoberto o que o rei não tinha conseguido compreender.

Ela tirou a própria coroa e a colocou no cabelo dourado de Oro. Ficava ridiculamente pequena na cabeça dele, e Isla fez um biquinho.

— O reino Selvagem combina com você, *rei* — ela disse antes de sair pelas portas.

A coroa dele ainda era quente e pesada em sua cabeça. Era tão grande que escorregou até o meio da testa, mas Isla percebeu que não se importava.

Faltava pouco menos de uma hora para o amanhecer. Tempo o suficiente para procurar um abrigo para Oro. Assim que o encontrassem, tudo o que teriam que fazer era esperar.

A pele de Isla coçava; seu corpo estava todo coberto de faíscas. Ainda assim, ela ficou em seu túnel, concentrando toda a energia no outro lado.

O coração. Aqueles que amava. Seu futuro.

O poder era a última coisa em sua mente. Se ela pudesse salvar Celeste e Terra, ficaria contente. Elas significavam muito mais do que habilidades e poderes jamais significariam. Sabia disso agora.

Ela só esperava não ter percebido tarde demais.

— O que você vai fazer? — perguntou a Oro enquanto davam os primeiros passos pela Ilha da Lua. — Quando quebrarmos as maldições?

Oro caminhava com firmeza, olhos fixos no céu.

— Vou reconstruir — respondeu. — Nos últimos séculos, o foco do reino tem sido as maldições. Como quebrá-las. Como viver com elas. Como sobreviver a elas. Quando tudo isso tiver acabado, vou estar livre para trazer Lightlark à glória de antes.

Isla levantou uma sobrancelha para ele.

— Com o reino Solar como o imperante?

Oro balançou a cabeça.

— Não. Como era antes. Quando os reinos eram unidos.

Ela soltou um longo suspiro. *Unidos*. Isso significaria os Selvagens retornando para Lightlark. Os que restaram, pensou, o pavor torcendo o estômago.

— Não tenho certeza de que o povo de Lightlark ficaria feliz caso os

Selvagens voltassem.

— Eles terão que aprender a lidar com isso — disse Oro. Sua voz era tão firme que ela o encarou. Ele encontrou seu olhar. — E talvez você queira ficar.

Isla piscou. Nunca havia pensado em ficar em Lightlark. Durante o pouco tempo em que se permitiu sonhar sobre o *depois*, sobre como seria sua vida se conseguisse quebrar as maldições, tinha imaginado apenas fragmentos. Ela e Celeste, de volta às novas terras Estelares. Comemorando os aniversários da amiga sem tristeza ou medo. Liderando a nova terra Selvagem com confiança, Terra e Poppy fortes ao seu lado. E mais recentemente… visitando Umbra. Passando tempo com Grim.

Nenhum de seus futuros incluía a ilha.

— Talvez — ela disse, mas era uma mentira. E, por causa de seu dom, Oro sabia.

Eles caminharam durante meia hora pela Ilha da Lua, em silêncio.

O vento açoitava suas bochechas com tanta violência que Isla se perguntou se Azul era o responsável. *Azul*. Ela não tinha contado a Oro sobre a prova de que era ele o responsável por envenenar Celeste. Então fez isso naquele momento.

Oro franziu a testa.

— Deve haver algum engano — disse. — Azul nunca quis ferir outro governante. Nunca tentou formar uma aliança.

Ela acabara de contar a ele que o Etéreo tinha envenenado Celeste. Não era prova o suficiente de que não era inocente?

Por que Oro estava defendendo Azul? Ela queria exigir uma explicação, mas recuou quando um grito ecoou em seu ouvido.

O pássaro azul-escuro.

Suas asas batiam lentamente, como se as penas fossem muito pesadas para o corpo pequeno. Ele grasnou de novo. Desta vez, Isla não o ameaçou.

Ela o seguiu.

Isla e Oro correram com pressa pela neve, e ela apertou os olhos, tentando não perder o pássaro de vista no escuro. Não sentiu o frio, ou a terra afundando sob seus pés, ou qualquer outra coisa, enquanto seguia o

pássaro em meio à floresta repleta de galhos esqueléticos, que agarravam as roupas deles como se implorando para que diminuíssem a velocidade.

Ela continuava em frente. Ofegando.

O pássaro não era o coração. Sabia disso.

Mas a levaria até ele.

Montanhas de gelo surgiram. Os oráculos não estavam longe. *Onde a escuridão encontra a luz*. Ela se lembrou do que o oráculo dissera… que o coração não estava no gelo, mas estava *próximo, mais próximo do que você imagina*. As árvores ficaram mais distantes umas das outras aqui, com mais espaço para a neve se acumular. Um rio serpenteava entre elas, o som da água se partindo e voltando a congelar como pequenas rachaduras da lenha se estilhaçando.

Outro guincho ecoou pela noite. Ela avistou o pássaro enquanto ele mergulhava para baixo e voava para cima, para uma árvore.

Até um ninho.

— Aqui — disse Isla. Ela sabia que o coração estava ali em algum lugar.

Tudo o que eles tinham que fazer era esperar pelo amanhecer.

Eles encontraram uma caverna esculpida em uma das montanhas de gelo, com vista para a árvore. Oro fez uma fogueira, embora Isla soubesse que ele poderia aquecê-los sem isso. Ele precisava ocupar as mãos para distraí-lo do tempo que passava vagarosamente e do pássaro a poucos metros de distância.

Ou talvez ele não pudesse aquecê-los. Isla tinha visto o quanto de sua pele estava coberta pela mancha cinza-azulada. Tinha sentido a ilha ficando mais fria e mais escura a cada dia que passava.

As chamas aumentaram e atingiram o pico em lindos movimentos. O fogo de Oro ainda estava laranja e vermelho, mas também tingido de algo diferente… um estranho tom de azul-escuro. Ao que parecia, essa era a marca registrada dele.

Isla passou um dedo ao redor da coroa de Oro, empoleirada precariamente em sua cabeça. Ela franziu a testa, apertando os olhos para enxergar melhor a borda, logo acima de suas sobrancelhas.

— É afiada demais — disse ela, sugando a ponta do dedo onde a pele tinha sido furada por uma das pontas.

Oro deu risada. Era um som glorioso, fazendo-a sorrir imediatamente em resposta. Genuíno. Talvez porque, pelo que tinha visto, ela era a única capaz de fazê-lo rir.

Mas então ele se encurvou.

A Ilha da Lua estremeceu. Estalactites de gelo caíram da entrada da caverna como adagas, algumas se quebrando, outras se fincando no chão. Isla se esquivou de uma que quase atravessou seu braço.

As mãos de Oro estavam em punhos, e ele arqueou o corpo, grunhindo, o rosto contorcido de dor.

A neve deslizava das montanhas, ameaçando soterrar a entrada da caverna. O pássaro gritou com raiva, um som tão alto que a fez estremecer. Um estalo como um trovão soou quando uma geleira se abriu.

Tão rápido quanto os choques começaram, terminaram.

A ilha está desmoronando, e eu serei levada junto com ela.

Oro ofegou, os dedos enfiados na pedra. Suas costas estremeciam como se ele ainda sentisse os tremores, ainda sentindo dor por todo o corpo.

Isla deu um passo cuidadoso na direção dele. Ajoelhou-se até ficar bem na sua frente.

Ele se recostou na parede, os olhos bem fechados.

— Você está bem?

Oro assentiu na mesma hora em que seu corpo inteiro se contraiu mais uma vez, como se ele tivesse sido atingido por um raio. Ele bateu a mão no chão, e longas rachaduras irromperam do lugar que ele havia atingido; a energia Estelar fazendo a caverna cheirar a faíscas.

Isla não conseguia imaginar a dor. A conexão dele com a ilha significava que ele sentia seu poder… mas também sua destruição.

Isla colocou a mão com cuidado no ombro dele, e ele enrijeceu-se. Ela a retirou rapidamente.

Oro gritou mais uma vez, os dedos se cravando mais fundo na pedra, fogo se formando e se apagando em suas palmas, gelo congelando e derretendo, faíscas revestindo-as, depois desaparecendo.

— O que… o que posso fazer para ajudar? — ela perguntou, em pânico. Tinha que haver algo que ela pudesse oferecer.

Os olhos deles ainda estavam fechados. Ele engoliu em seco e ela

observou o movimento, observou-o estremecer outra vez. Encontrou-se imaginando se ela tomaria sua dor para si, se pudesse.

— Cante para mim, Selvagem — ele enfim disse.

Isla pensou que devia ter ouvido mal, mas ele inspirou e expirou de forma trêmula. Em silêncio. Esperando.

Ela se lembrou da noite na varanda. Quando cantou sem saber que alguém estava ouvindo.

Ele tinha aplaudido, e ela presumiu que estivesse sendo maldoso.

Talvez tivesse mesmo gostado.

Isla começou a cantar uma canção Selvagem. Sua música favorita. A única que cantava quando queria ouvir sua própria voz ecoando de volta para ela. Quando estava sozinha em seus aposentos e esperava que alguém bem longe dali pudesse ouvi-la. Quando se perguntava se havia alguém a reinos de distância, escutando.

Cantou aquela música.

Sua voz era doce como mel, aguda como sinos, profunda como o trovão. Ela podia fazer coisas selvagens com sua voz, e fez, sentando-se nos calcanhares, os joelhos encostando nas pernas dele. A voz ecoou pela caverna, harmonias se entrelaçando.

Os olhos de Oro se abriram em algum momento. Ele a observou, recuperando o fôlego aos poucos. Lentamente, seus punhos começaram a se abrir. Ele descansou as palmas das mãos na pedra fria e escutou.

Isla sorriu para ele quando seus ombros relaxaram. Sua expressão não se alterou. Ela continuou a cantar, porque ele não tinha pedido para parar, e o sol não tinha nascido. Ela cantou até sua voz ficar rouca e o som mudar. Gostava quando ficava assim, mais grossa, diferente.

Parte dela se perguntou se ele a deixara continuar por educação, mas, quando Isla fechou a boca, Oro franziu a testa.

— Por que você parou?

Isla fez um gesto em direção à entrada da caverna, sem fôlego.

— Por causa daquilo.

O céu noturno estava clareando. A lua estava desaparecendo.

Oro ficou de pé em um instante. Ambos correram para a entrada, assistindo. Esperando.

Na luz que surgia, Isla notou algo. Ela semicerrou os olhos. Logo abaixo do ninho, algo flutuava no ar, livre da gravidade.

— Aquilo é um ovo? — ela perguntou.

Assim que as palavras saíram de sua boca, o ovo caiu. Lentamente, muito lentamente, caiu no chão.

E se abriu.

De sua casca emergiu uma brilhante gema dourada. Ela se ergueu do chão em sincronia com o sol nascendo no horizonte, do outro lado do penhasco.

— O ovo representa a lua — ela disse, sua voz rouca de tanto cantar. — A gema… é o sol.

Quantas vezes ela não pensou que a lua cheia parecia um ovo? Que o sol parecia uma gema? Isla se virou para Oro, os olhos arregalados.

— É isso — disse. — Esse é o coração.

O coração fica escondido até desabrochar e se tornar parte de Lightlark. Oro havia presumido que fosse uma planta, mas, desta vez, o coração tinha voltado como a própria base da vida. Um ovo.

Oro observou a gema flutuando e a casca descartada com tanta admiração que Isla se perguntou se iria cair de joelhos. Ele encontrou o olhar dela e sorriu tão gloriosamente que era como se o próprio sol estivesse brilhando através de sua pele.

Ele a pegou nos braços e a girou. Isla riu, tão perto de chorar de alívio, seus olhos ardendo, os pulmões queimando. Foi imediatamente inundada pelo calor dele, atravessando seus ossos. Um momento depois, estava no chão novamente.

Oro balançou a cabeça em descrença e estendeu a mão para sua coroa na cabeça dela. Isla se perguntou se estava prestes a pegá-la de volta. Em vez disso, ele a endireitou, sorrindo.

— Vá em frente, Selvagem. Pegue nosso coração.

Ela sorriu de volta.

Finalmente.

Ela não era fraca. Tinha resolvido o enigma da profecia, encontrado o coração, *do jeito dela*. Estava certa. Ia salvar as pessoas que amava. Ia fazer o que até mesmo suas tutoras achavam que ela era incapaz de

realizar.

Ia vencer o Centenário.

Isla partiu em direção à árvore. O pássaro gritou alegremente. A gema era brilhante como o sol, pequena o suficiente para caber no centro de sua palma. Brilhava como ouro puro. A fonte de todo o poder de Lightlark. Seu coração.

Ela estendeu a mão para a gema. Segurou-a. Sentiu a força disparar através da pele e dos ossos, o poder como um jato de água fria, uma onda gigantesca no topo de sua cabeça, chamas lambendo cada centímetro do seu corpo.

E sentiu tudo isso sumir quando uma flecha atravessou seu peito.

Isla engasgou, caindo de joelhos. Seu queixo baixou, e seus olhos pousaram na longa ponta de uma flecha, atravessando seu coração.

Um tiro perfeito.

Um rugido irrompeu em algum lugar atrás dela. Ela pensou que poderia ser Oro, pouco antes de o fogo engolir a floresta, queimando pessoas… Havia *pessoas*.

Vinderens. Ali para se vingar. Arcos ainda a postos. Eles puxaram suas cordas para acertá-la novamente, então morreram. Oro tinha matado todos eles num instante.

Um segundo parecia uma vida inteira. Sua cabeça pendia no ombro, a enorme coroa do rei caindo. Oro estava lá, tentando alcançá-la, a poucos metros de distância… mas não podia dar um passo para fora da caverna para curá-la. Não durante o dia. Seu rosto estava estranho, marcado e delineado de um milhão de maneiras distintas. Num impulso desesperado, ele estendeu a mão, apenas para rugir mais uma vez com a dor, o sol partindo sua pele. Sangue se acumulava embaixo de Isla em uma poça carmesim. O calor era quase um conforto no frio.

Ela já havia sobrevivido por tempo demais, segundos roubados, sem dúvida pelo poder do coração.

Com uma das mãos, Isla agarrou o coração de Lightlark, o seu próprio dando as últimas batidas. Com a outra, ela estendeu a mão e puxou o colar.

Grim apareceu do nada antes que seus dedos pudessem soltar o coração.

Os olhos dele se arregalaram ao vê-la coberta de sangue. Isla estava em seus braços em um segundo.

— Por favor — Oro disse da caverna, e Isla mal reconheceu sua voz. Por que ele estava implorando? Queria que ela largasse o coração? Sua mão relaxou, e a gema caiu no chão.

A última coisa que ela viu foi o rosto de Oro, atravessado por inúmeras emoções, cada uma mais surpreendente que a anterior.

Então ela se foi.

O coração a mantinha viva. Teve certeza disso quando o deixou cair e o mundo escureceu.

E então estava caindo em uma poça de estrelas infinita.

Os reinos eram apenas raios de uma roda, girando, girando, girando. Ela estava em algum lugar entre eles, se afogando, arfando, desaparecendo.

Mãe. Será que ela finalmente iria conhecê-la? *Pai*. O homem que tinha causado a sua morte, causado o nascimento de uma uma criança amaldiçoada?

A morte não era silenciosa nem rápida.



CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

PROFECIA

— Devoradora de Corações.

As palavras eram um sino em algum lugar distante. Um estrondo de trovão. O rápido fechamento de uma porta.

— Volte para mim.

Volte. Ela o tinha deixado?

Um suspiro trêmulo. Palavras carregadas de dor. Agonia. Reduzidas a um sussurro.

— O que você fez comigo? — ele disse, a voz suplicante. Ela sentiu um dedo correr por um lado de seu rosto. — O que você fez para me deixar completamente à sua mercê?

Isla abriu os olhos.

Estava no quarto. Grim segurava as últimas garrafas do elixir de cura Selvagem em um braço.

Isla estava nos braços de Grim antes que pudesse respirar novamente. Ele puxou-a para o peito, embalando sua cabeça, a mão atrás dos joelhos. Seus olhos procuraram os dela em desespero.

Ela pressionou a testa na boca dele. Ele era frio como pedra, e atenuou a dor. Ela estava muito quente… coberta de chamas, de energia, de faíscas.

A flecha.

Sua mão foi para o próprio peito. Nada. A ponta afiada havia desaparecido. Isla olhou para baixo e viu sua camisa rasgada. Rasgada para cuidarem do ferimento. Ela puxou a roupa de baixo e viu. Uma marca raivosa, bem sobre o coração dela. Onde a flecha havia perfurado.

Ela deveria estar morta.

— Como… como…

— Eu não sei. — Ele a abraçou novamente, cuidadoso como se estivesse segurando um copo de vidro.

Mas ela sabia. O coração a salvara… Sua energia tinha sido suficiente para mantê-la viva pelos momentos necessários para curá-la.

Ela se lembrou das palavras de Oro. Apenas um Selvagem, Umbra ou Solar poderia reivindicar o coração. Usá-lo.

Isla não tinha poderes… Será que ele teria a reconhecido mesmo assim?

Ela havia conseguido usá-lo?

Engoliu em seco. Se *tivesse* usado o coração, então parte da interpretação de Oro da profecia havia sido completada.

Quando o crime original for cometido novamente.

Isla escapou do abraço de Grim e estremeceu com a dor que pulsava em seu peito. O sol ainda brilhava, mas estava se pondo. Ela havia passado o dia todo se recuperando… tempo demais tinha sido perdido.

— Obrigada — ela disse a Grim, a mão indo para a corrente invisível em volta de seu pescoço. Para o diamante, do tamanho de uma batatinha. Ela o abraçou, as mãos entrelaçadas atrás do pescoço dele.

— Tem outra coisa — disse Grim. Ele estava tão sério que Isla estremeceu. O que tinha acontecido enquanto ela estava se curando? — Existe uma loja Lunar na praça, um lugar secreto, há muito tempo abandonado. Eu fui até lá para tentar achar mais remédios enquanto você dormia. E encontrei uma coisa, de centenas de anos atrás. Um elixir Selvagem raro que faz o que a cura Lunar não consegue.

Isla inspirou muito fundo. Ela piscou para ele, uma pergunta em seus olhos.

Ele assentiu solenemente. Grim olhou para o chão, evitando o olhar dela.

— Celeste acordou.

— Eu preciso ir — ela disse rapidamente, ao mesmo tempo contente e em pânico. E se Azul viesse terminar o serviço, agora que a Celeste não estava mais escondida? Se Grim tivesse encontrado o governante Etéreo, ele já a teria avisado.

Grim olhou para a marca em seu peito, então para ela.

— Você precisa descansar — disse.

Isla balançou a cabeça. Não.

Ela se virou para sair, mas parou quando ouviu:

— *Devoradora de Corações*. — A voz dele embargou ao dizer as palavras. Ela o encarou. — Pensei que você tinha morrido.

Eu também, ela pensou, mas não foi o que disse. Em vez disso, falou:

— Estou viva. Por sua causa. — Ela o abraçou. Inclinou a cabeça para que o nariz dele encostasse em seu pescoço. Isla levou a boca até o ouvido dele. — E eu quero fazer mil coisas com você — disse, estremecendo enquanto o peito queimava, a ferida ainda sensível. — Mas primeiro… tem algo que preciso resolver.

Grim assentiu.

Ela passou por ele, saindo do quarto. Isla correu para os aposentos da amiga o mais rápido que pôde.

Antes que ela pudesse bater, a porta se abriu. Celeste estava lá, seus olhos arregalados.

Ela jogou os braços em volta da amiga, embora ainda doesse se mexer. A dor percorreu todos os seus ossos, seus órgãos se contraíram, e ela engasgou com as palavras.

— Eu pensei que você… Celeste, você…

— Eu sei — disse Celeste tranquilamente. — Foi Azul.

Isla se afastou para encontrar os olhos da outra.

— *Eu* sei. Recebi sua mensagem. — Ela levantou a mão, revelando o diamante em seu dedo mais uma vez. — Por quê?

— Não faço ideia. Ele deve ter algum plano.

Isla queria sentar e conversar com a amiga, permitir-se sentir alívio por mais do que só alguns segundos.

Mas tinha coisas a fazer.

— Consegui — Isla disse, com a voz embargada. — É uma história

longa, terrível, mas… eu encontrei o coração. E o usei.

— O quê? — Celeste disse, como se não tivesse ouvido direito.

Isla sorriu.

— Vou te contar tudo mais tarde, mas por enquanto… fique escondida e espere por notícias aqui. — Ela deu outro abraço rápido na amiga. — Tudo isso vai acabar logo.

Ela se virou para sair, então parou. Havia algo que ela precisava dizer.

— Sinto muito, Celeste. Por tudo. Tenho sido uma péssima amiga, uma parceira horrível, mas vou resolver tudo. Eu prometo.

Com um último aperto na mão de Celeste, Isla correu pelo corredor. A amiga a chamou freneticamente, mas ela não parou. Estava anoitecendo. O sol estava se pondo.

Ela correu de volta para o quarto. Grim tinha partido.

Um momento depois, as portas da varanda se abriram.

Oro veio voando e pousou no centro do tapete, sua pele danificada se curando bem na frente dela. Ele tinha voado através da luz que começava a enfraquecer, ela percebeu, quando o sol ainda brilhava de leve. O suficiente para queimá-lo, mas não matá-lo.

Ela congelou, o encarando.

— Você está viva — ele disse bruscamente, como uma acusação, seu peito ainda ofegante. Seus olhos estavam enormes.

Ela assentiu. Houve uma pausa.

— Ótimo. — Ele se endireitou. Engoliu em seco. Seus dedos se abriram e o coração estava na palma, brilhando como se Oro tivesse estendido a mão para o sol e pegado um punhado de seu brilho. Parecia menos uma gema agora, e mais uma esfera. Dourada. Faiscante.

— Conseguimos — ela disse, sem fôlego, levando a mão ao coração dolorido. Ela sorriu, embora seu peito parecesse ter sido cortado ao meio.

Oro entregou o coração para ela. Ele brilhava em sua palma, piscando.

— Tome um banho, Isla — disse ele. — Vista-se. — Só nesse momento ela notou o sangue seco em seus cabelos, a sujeira em suas roupas. — Então me encontre na biblioteca.

Antes que ela pudesse dizer uma palavra, ele voou de volta pela varanda, desaparecendo noite adentro.

Ela agarrou o coração, imaginando como Oro poderia confiá-lo a ela. O rei de Lightlark, desconfiado de todos, tinha entregado o bem mais valioso da ilha para ela. A chave para acabar com as maldições. A chave para o futuro dela. A chave da ilha.

Até *ela* pensou que ele era tolo por fazer isso.

Isla não se separou do coração, levando-o para o banho enquanto se esfregava rapidamente, sem demorar muito na marca em seu peito, que havia curado ainda mais, mas ainda parecia rosa em sua pele. Uma ferida permanente.

Ela colocou um vestido. Vermelho, como o sangue que havia derramado.

Dez dias.

Eles encontraram o coração com dez dias de sobra, mas ainda precisavam correr. A ilha poderia desmoronar a qualquer minuto. Terra poderia morrer naquele mesmo dia. Isla a observara através da poça de estrelas antes de ir em busca do coração com Oro. A única parte de Terra que não tinha sucumbido ao chão da floresta era a metade direita de seu rosto, um olho ainda bem aberto. O outro estava fechado.

Isla agarrou o coração com força em sua caminhada até a biblioteca, e ele pulsou em sua mão. Brilhante. Falando com ela em sua língua estranha, um canto de sereia que prometia poder.

Ele já havia começado a dar poder a ela, se sua cura milagrosa era alguma indicação.

Oro estava sentado na biblioteca, perdido em pensamentos. Encarando um texto sem realmente lê-lo.

Assim que Isla entrou, ele se levantou. Assentiu. Sentou-se de novo e fez sinal para ela fazer o mesmo.

Ele estava estranhamente sério. O rei de Lightlark estava diante dela, não seu companheiro de muitas aventuras. Não a pessoa em quem ela havia passado a confiar a própria vida.

Isla sentou-se e colocou o coração entre eles, com cuidado.

— Acho que o usei — disse ela com firmeza. — Acho que ele me salvou.

Oro apenas assentiu.

Ela repetiu a profecia de memória.

— Somente unidos as maldições podem ser desfeitas
Somente depois que um dos seis vencer,
Quando o crime original
For cometido novamente
E uma linha de poder ao fim chegar
Somente então poderão a história alterar

Isla engoliu em seco.

— *Nós* nos unimos… — ela disse. — Ao longo do Centenário. E todos os governantes estavam juntos na ilha. Essa é a primeira parte. Então, cometi o crime original ao usar o coração.

Oro se recostou, as pontas afiadas de sua coroa apontando para os fundos da biblioteca. Ele devia tê-la recuperado, junto com o coração, depois que o sol se pôs.

Ele não havia devolvido sua coroa. Sua cabeça parecia vazia sem ela… e também leve. Isla percebeu que não tinha pressa de usá-la novamente.

— Você receberá o poder que foi prometido. Vai ser oficialmente a *vencedora* — ele disse, parecendo despreocupado com o fato. — Quando completar a parte final da profecia.

Isla assentiu, o queixo erguido.

— O último passo, então, é a questão de qual reino perecerá. — Oro recostou-se na cadeira. — Como prometido… você deve escolher qual reino salvar.

— O Estelar — ela disse de imediato. Seus ombros se acomodaram um pouco. Ela estava em segurança… e sua melhor amiga também. As sobrancelhas de Oro se uniram, em surpresa. *Por quê?*, ela pensou.

Então seu sangue gelou.

— Quem vai morrer? — ela perguntou rapidamente, sem se preocupar em esconder o medo. Não mais.

Os olhos de Oro suavizaram, mas o resto de sua expressão permaneceu firme. A face de um rei.

— Umbra, Isla — ele disse gentilmente.

Algo perfurou seus pulmões, outra flecha, talvez. Sua respiração ficou ofegante. Ela estava se afogando de dentro para fora.

— Mas você disse que ele não podia morrer. Disse que era a única coisa entre nós e um perigo ainda maior.

A partir disso, ela presumira que Grim estava seguro.

Oro assentiu.

— Isso era verdade… Até encontrarmos o coração.

A compreensão foi uma pedrada no peito. O coração abrigava um inigualável poder Umbra. Com isso, o rei não precisava mais de Grim. Poderia matá-lo e ainda proteger a ilha contra o misterioso perigo.

— E Cleo? — ela perguntou, sua voz zangada, os dedos se curvando. — Eu não sei como, mas ela lançou as maldições. Ela deve ter se unido a outra pessoa que pudesse controlar o coração. Ela é a razão por trás de *tudo* isso. — Sua voz tremeu. Seus olhos arderam com lágrimas que não caíram. — Ela tentou me matar. Duas vezes.

A expressão de Oro não mudou.

— Talvez. E se tiver lançado as maldições, será julgada.

— *Se?* — Isla gritou, se levantando.

Oro também se levantou, elevando-se sobre ela.

— Existem milhares de Lunares na ilha. Não vou condená-los todos à morte por causa das ações de sua governante.

Os braços dela tremeram, mas ele estava de acordo em permitir que todo o reino Umbra morresse. Ela abria e fechava as mãos. Sua cabeça latejava.

— E Azul? — Ele quase matou Celeste. — Ele obviamente tem algum tipo de plano para tomar o poder em Lightlark. Não podemos confiar nele.

Oro balançou a cabeça.

— Eu te disse. No segundo Centenário, o marido de Azul morreu. A cada Centenário desde então, ele não tenta quebrar as maldições, formar alianças nem tomar qualquer coisa. Azul só tenta falar com seu amado uma última vez.

— E o plano dele? — Isla quis saber. — Eu ouvi vocês dois.

Seu plano é uma loucura, dissera Oro. *Você estará condenando milhares à morte.*

Um reino tem que morrer, Oro, Azul respondeu.

— O plano dele? — Oro disse, dando um passo em direção a ela. — O

plano dele era se *sacrificar*. Entregar-se como o governante que deve morrer para acabar com as maldições. Ele sabia que os dias da ilha estavam contados depois da minha demonstração. Estava disposto a sacrificar a si mesmo, seu povo, se isso significasse salvar a todos. Eles têm um regime democrático. Seu reino *concordou*. Eles votaram.

— Isso não é verdade. Ele tentou matar Celeste — ela rosnou.

— Não sei por que ele faria isso. Tenho certeza de que existe um motivo.

Um *motivo*. O rei parecia ter infinitas desculpas e empatia, mas apenas quando lhe convinha.

Azul e Cleo tinham seus próprios planos, Isla sabia disso, mas ela percebeu então que eles tinham que ter recebido ajuda. Cleo tinha matado Juniper depois de descobrir, de alguma forma, que Isla planejava encontrá-lo. Celeste fora encontrada longe da celebração do Carmel, nos jardins, como se tivesse sido atraída até lá…

Apenas uma outra pessoa sabia sobre a carta de Juniper para Isla e Celeste.

Uma pessoa soube do envenenamento de Celeste antes de qualquer outra.

Uma pessoa tinha acesso total ao castelo e podia se mover livremente, praticamente despercebida.

Ella.

Os olhos de Isla ardiam; sua garganta estava seca. Ela não tinha certeza de mais nada. Ela estava errada? Ou certa?

Havia trabalhado incansavelmente para encontrar o coração.

Mal sabia ela que, o tempo todo, só estava garantindo a morte de Grim. Se Isla se recusasse a matá-lo, Oro o faria. Ela sabia.

Você poderia escolher ele, sussurrou uma voz em sua cabeça… escolher salvar seu reino. E ver se Oro talvez escolhesse a Lunar ou o Etéreo para morrer em vez da Estelar.

Não. Isla sabia que Oro escolheria a Estelar nesse caso. Era o mais fraco dos reinos de Lightlark, com a menor população, por causa de sua maldição. Celeste era a governante mais jovem, como Isla.

A escolha era clara. Ou Celeste, ou Grim.

Lágrimas escorreram pelo seu rosto. Lágrimas quentes de raiva.

— Ele não — ela disse. — Por favor.

Por que ela achou que ele escolheria Cleo? Só porque a governante Lunar havia tentado assassiná-la? Porque Oro tinha a salvado?

Ela era uma tola por pensar que ele se importava, por de alguma forma se permitir acreditar que Oro era tudo menos o rei de Lightlark. Um governante cruel que faria coisas perversas para servir o povo.

E Umbra era seu inimigo.

O rosto de Oro permaneceu inexpressivo. Ele era mais uma vez o rei na mesa de jantar zombando de seu cabelo molhado, colocando um coração em seu prato e exigindo que ela o comesse.

— Eu vi o dom dele, Isla. Ele pode viajar entre Lightlark e Umbra em um instante. Você sabe o quanto isso é perigoso? Quando as maldições forem quebradas e Umbra decidir atacar novamente enquanto ainda estamos vulneráveis, ainda nos recuperando, ele pode transportar todo o seu exército aqui em um piscar de olhos. Sem aviso.

— Mas você nem *sabia* sobre o dom dele até agora! O que significa que ele poderia ter feito exatamente isso na guerra. E não fez, não foi?

Oro balançou a cabeça, furioso.

— Você não sabe *o que* ele fez — ele disse, mostrando os dentes. — E isso foi há muito tempo. *Antes* de ele se tornar o governante e herdar imenso poder.

As mãos de Isla tremiam ao lado do corpo. Ela encarou Oro, os olhos brilhando. Suplicando.

— Por favor. Reconsidere.

Oro balançou a cabeça.

Ela mostrou os dentes.

— Você não pode tomar essa decisão sozinho. Você mesmo disse. A escolha é importante. É mais difícil do que matar.

A expressão de Oro era triste, compassiva, até.

— Não estou tomando a decisão sozinho, Isla — ele disse.

Oro devia ter o apoio da Cleo e de Azul, então. A maioria dos governantes.

Ele havia obtido a aprovação de sua escolha pelas costas dela.

A lâmina estava em sua mão em um instante. Ela investiu contra ele antes que Oro pudesse se mexer, pressionando a adaga contra sua garganta.

Ele deixou. Não a acertou com seu fogo, do jeito que ela sabia que podia fazer, mesmo enfraquecido, com meio pensamento.

Oro olhou para ela com seus olhos de favos de mel. Oco. Sem emoção.

— Vá em frente — ele desafiou. Sua conexão com todas as pessoas da ilha a impedia de matá-lo, mas ela poderia fazê-lo sangrar, fazê-lo sofrer.

A mão de Isla tremeu, a adaga oscilando contra a garganta dele. Ela o encarou por um longo tempo.

Depois guardou sua adaga e saiu.



CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

ESCOLHA

Isla tinha um plano. Não era perfeito, e fazia dela uma mentirosa, uma ladra e uma hipócrita.

Mas não era nada que ela já não tivesse feito nos últimos noventa dias. Celeste abriu a porta e ela começou a falar.

— Diga-me que você é minha amiga e que vai me perdoar.

A Estelar endireitou a coluna. Sua expressão tornou-se resoluta, pronta para qualquer coisa.

— Eu sou sua amiga e vou te perdoar — Celeste disse, firme. Ainda assim, Isla sentiu uma pontada de medo de que tudo tivesse dado errado. E tinha.

Isla tinha tudo. O coração. A promessa de poder. A chance de salvar seu reino.

Mas tinha um custo: a vida de Grim.

Desde que Isla conseguia se lembrar, a coisa que ela mais queria era liberdade. Então, à medida que o Centenário avançou, ela começou a desejar poder.

Quando Oro declarou que Umbra morreria, quando Terra e Celeste estavam em perigo, Isla percebeu que havia uma coisa que ela queria um pouco mais do que ambas as coisas.

Um futuro. Felicidade. Uma vida com as pessoas com quem ela se importava. Terra e Poppy eram o mais perto que Isla tinha de uma família. Celeste era sua melhor amiga. Grim a fizera sentir coisas que pensava terem sido negadas a ela como governante Selvagem. Ela sempre pensou que a liberdade, ou mesmo o poder, mudaria tudo, consertaria ela. Mas eles não iriam… Entendia isso agora que havia começado a se consertar.

Então, ela bolou um plano. Um que ainda salvaria seu reino. Ainda salvaria Celeste. Não daria a ela o poder prometido. Não seria uma solução permanente para Terra e os Selvagens.

Mas ela teria Grim.

— Acho que sei onde está o desvinculador — disse Isla. — E tenho um plano para usá-lo… mas não só nós duas. — Ela respirou fundo para se acalmar. — Deixe Grim fazer parte do nosso plano original. Vamos dividir o custo de sangue do desvinculador em três.

Ela o salvaria. E, em troca, ele teria que concordar em ajudar a salvar seu povo. Isla não sabia como era o amor, mas isso, esse sacrifício… Governantes apaixonados podiam compartilhar poderes. Se ele a amasse também, ela poderia trazer qualquer poder que compartilhassem de volta para suas terras, para salvar seu reino.

Ou, se isso não fosse possível, quando sua maldição fosse quebrada, Isla tentaria negociar as habilidades Selvagens que ela ganharia em troca de Terra e do resto dos Selvagens que foram levados pelo solo. A floresta na nova terra era conhecida por fazer acordos, e os poderes de um governante Selvagem seriam valiosos demais para serem recusados. Era um sacrifício que Isla estava disposta a fazer para consertar tudo.

Ela *queria* vencer o Centenário; queria aquele imenso poder prometido, ansiava por isso como um amante. Ela queria o poder Selvagem que lhe fora negado no nascimento.

Mas não escolheria isso em troca de Grim. Ou de qualquer outra pessoa com quem se importava.

— Eu sei que você não confia nele, mas, por favor… por mim — ela pediu. — Eu te imploro, Celeste. Não temos muito tempo.

Demorou um instante para Celeste dizer alguma coisa. Isla esperou, imaginando mais razões para tudo estar errado, mais resistência, mas a

amiga deve ter percebido o desespero dela, deve ter compreendido o quão importante isso era. Porque, enfim, Celeste disse:

— Onde está o desvinculador?

Eles tinham um novo plano. Uma última cartada. Celeste faria parte do castelo desmoronar, para atrair Oro para fora de seus aposentos por tempo suficiente para entrarem na biblioteca secreta e encontrarem o desvinculador.

— Precisamos de um lugar para usá-lo — disse Celeste. — Um lugar onde Oro não será capaz de interferir se descobrir que estamos com ele.

— O Palácio de Espelhos — disse Isla. Os poderes de Oro seriam anulados lá, mas os encantamentos como o desvinculador ainda funcionariam.

Celeste assentiu.

— Vou pegar o desvinculador. Você traz o que ainda restar do elixir de cura para fechar nossas feridas depois de o sangue ser derramado. E é isso. É tudo o que precisamos trazer para que ninguém suspeite. — Sua amiga engoliu em seco. — Se alguém descobrir…

Um deles acabaria morto. Isla sabia.

Oro parecia tão frio. Tão *ele mesmo*, ela percebeu. Tinha começado a acreditar que o rei insuportável e desconfiado era uma máscara que Oro usava para proteger a si mesmo e sua ilha.

Agora, Isla se perguntava se a pessoa que ela havia vislumbrado, aquele Oro carinhoso, o parceiro de confiança com quem ela trabalhou por meses, tinha sido a máscara.

Isla correu para o quarto. Tinha a sensação de que não voltaria. Depois que elas usassem o desvinculador para quebrar suas maldições e Oro descobrisse… ela teria que fugir com Grim. E Celeste. Pelo menos até que os cem dias terminassem e Oro escolhesse outra pessoa para matar e quebrar as maldições, ou a ilha desapareceria novamente. Talvez para sempre desta vez.

Isla estava ao pé da cama, tentando assimilar tudo. A parede de folhas. O banheiro de mármore branco.

A cadeira onde Oro se sentou e ofereceu a ela um acordo.

O sofá onde ela descansou a cabeça no colo de Oro e escutou sua risada pela primeira vez.

A varanda onde ele a ouviu cantar e salvou sua vida.

Ela afastou as lembranças, fechando a cara. Tudo o que importava para ele era salvar seu povo e quebrar as maldições. Ele não se importava com ela.

Algo quebrou nas proximidades. Tremores percorreram o palácio. *Celeste*. Gritos encheram os corredores, ecoando. Ela se apoiou contra o guarda-roupa e soube que não demoraria muito para que sua amiga encontrasse o desvinculador e chegasse ao Palácio de Espelhos.

Isla tinha que ser rápida. O coração era lindo em sua palma, uma fatia de raio do sol. Parte dela considerou roubá-lo e usar suas habilidades para curar Terra e seu reino, mas tomá-lo condenaria Lightlark oficialmente e os milhares que viviam na ilha. Ela queria poder, mas não era tão egoísta assim.

E por mais que odiasse Oro no momento… Isla não iria machucá-lo.

Sua mão tremia enquanto escrevia a carta para ele. Explicando o que podia.

Quando terminou, seu peito doía, a ferida ainda pulsando em dor. Isso a deixou de joelhos, e lá ela ficou por um tempo, até que a dor diminuiu o suficiente para ela se mexer sem gemer.

Satisfeita por ter dado a Celeste vantagem suficiente, puxou o colar.

Grim apareceu imediatamente. Ela quase desmaiou de alívio, vendo que ele ainda estava vivo. A determinação nos olhos de Oro tinha sido muito clara.

Eles não tinham muito tempo. Mesmo enfraquecido, o poder de Oro era imensurável. E este território era dele. Ele queria que o governante Umbra fosse assassinado e, provavelmente, tinha mil maneiras de fazer isso acontecer.

Ela caminhou até ele. Segurou sua mão.

— Você confia em mim?

Grim olhou para ela. Piscou.

— Claro, Devoradora de Corações.

— Oro vai matar você para acabar com as maldições. Celeste e eu nos

conhecemos; temos uma relíquia antiga que vai ajudar a nós três. Nós vamos quebrar nossos vínculos esta noite. E depois… vamos ter que fugir.

Ela estudou o rosto de Grim com cuidado. Assistiu a suas feições se contorcerem, mas ele não pareceu surpreso. Ele tinha previsto que Oro tentaria assassiná-lo?

— Você faria isso por mim? — Grim perguntou, segurando a mão dela com mais força.

Era uma tolice se importar com outros jogadores em um jogo tão cruel quanto o Centenário, mas Isla não podia evitar seus sentimentos.

— Sim. E você vai precisar me ajudar também. Posso precisar de um pouco do seu poder para salvar o meu reino. Eu…

— Vou te dar tudo — ele disse imediatamente. — Tudo o que precisar. Tudo que é meu é seu.

Ela sorriu.

— Isla.

— Não temos tempo — disse ela, apertando a mão dele. — Precisamos ir. Agora. Para o mais perto possível do Palácio de Espelhos.

Os olhos de Grim dispararam para a janela, onde a escuridão encobria tudo.

Ele não saía à noite havia séculos.

— Você confia em mim? — ela perguntou.

Grim não respondeu. Apenas tocou o coração dela. Ela estremeceu com os dedos frios, uma onda passando por ela.

— Seu *coração* — ele disse, franzindo a testa. Ele balançou a cabeça. — Não pertence apenas a você.

Isla não sabia o que isso significava.

Antes que pudesse perguntar, ela caiu no chão, em outro lugar.

Eles pousaram, e Grim se preparou. Se Isla estivesse errada, sua pele começaria a se abrir, assim como a de Oro sob o sol… Ele morreria.

Mas nada aconteceu.

Eles estavam na margem da floresta na Ilha Selvagem, sob o encanto do antigo poder Selvagem, que os protegia de todas as habilidades que não fossem dos Selvagens. Isla tinha uma teoria de que a floresta Selvagem era um pouco como ela, que a supressão de poderes também significava que as

maldições de outros reinos seriam anuladas.

E ela estava certa.

Grim ficou boquiaberto. Olhou para o céu através das copas das árvores, deslumbrado. Ele não conseguia acessar o poder sombrio que vibrava em suas veias, mas parecia que a visão do céu escuro acima dele era o bastante.

Isla agarrou seu punho.

— Rápido — ela disse, esperando que Celeste já estivesse lá dentro.

Isla mergulhou na floresta morta e Grim não se moveu um centímetro. Ele a observou. Os olhos cheios de algo como desespero.

— Coração — disse ele.

Ela parou. Algo sobre a palavra… sobre como ele disse…

— Você vai me perdoar? — ele quis saber, estendendo a mão e colocando uma mecha do cabelo de Isla atrás da orelha.

O coração dela bateu uma vez. Duas vezes.

— Perdoar pelo quê? — ela perguntou, dando um passo para trás. Outro.

Grim balançou a cabeça. Franziu a testa.

— Você me perguntou, apenas alguns minutos atrás, se eu confiava em você. Mas *você* devia ter perguntado se podia confiar em *mim*.

A floresta não fazia um barulho. As folhas mortas não farfalhavam. Como se estivesse atordoada, assim como ela.

Ela cambaleou para longe. Disse:

— Como assim? — Sua voz foi tão baixa, ela duvidou que ele tivesse escutado.

— Coração — disse ele. Deu um passo mais perto. — Seus sonhos, aqueles que você queria entender… Não são sonhos.

— O quê?

— São lembranças.

Lembranças.

Ele de pé diante dela em uma armadura completa. Suas pernas enroladas em volta dele. Seus lábios em seu pescoço, suas clavículas, nas laterais de seus joelhos.

Os sonhos que ela teve por semanas, aqueles que tornaram difícil olhar

Grim nos olhos.

— Do que você está falando?

Grim balançou sua cabeça. Estendeu a mão para ela, então recuou quando ela se encolheu.

— Você apareceu no meu castelo um ano atrás. E voltou… várias vezes. Usando sua relíquia Umbra.

Isla estava se afogando, tinha certeza que sim. O chão se mexeu abaixo de seus pés. Ela agarrou um galho seco para se manter de pé.

— Eu nunca estive nas terras Umbras — ela disse, balançando a cabeça. Recuando mais um passo.

Grim engoliu em seco.

— Você esteve. Só não se lembra. Eu tive que recolher suas memórias. Todas que você tinha comigo.

Ela estava ofegante. *Como ele se ofereceu para fazer com Juniper.*

Uma lembrança veio à tona em sua mente, a segunda coisa que tinha saído da boca de Grim quando ela pisou pela primeira vez na ilha, noventa dias antes.

Já nos vimos antes?

Grim tocou seu ombro depois, e ela esqueceu tudo sobre aquilo. Ao vê-lo, algo deve ter espreitado o véu que ele colocou em suas memórias. E ele teve que extingui-las com o toque.

Isla piscou rapidamente. Nada fazia sentido. Embora fosse a coisa menos importante que ele disse, sua cabeça estava cheia de algodão, e tudo em que ela conseguia se concentrar era:

— Minha varinha estelar é uma relíquia *Estelar*.

Os olhos de Grim estavam tristes. Parecia estar desmoronando e fazendo esforço para não demonstrar.

— Não, não é — disse ele. — É de Umbra. — Ele franziu a testa quando ela balançou a cabeça novamente. — De quem você acha que vem o seu poder?

Ela estava sem ar. O dom de Grim era o poder de se transportar para qualquer lugar que ele quisesse. O mesmo poder da varinha estelar.

— Não — ela disse. — Eu nunca estive nas terras Umbras — repetiu, sua mente girando, a voz embargada. Ela não ousara, não depois dos

avisos de Terra.

A voz de Grim era gentil.

— Coração — ele disse firmemente. — Onde você acha que estava antes de entrar no portal para o seu quarto, antes do Centenário?

Isla lembrou-se de chegar em seu quarto através de sua poça de estrelas, logo antes de Terra e Poppy entrarem. Logo antes de ajeitar a coroa na cabeça e se dirigir ao povo.

Mas ela não se lembrava de onde tinha estado. Vasculhou sua mente, cavando, implorando para as memórias aparecerem.

Nada aconteceu.

Se o que Grim disse era verdade… ela estivera com ele naquela manhã. Ele havia levado suas lembranças. Então, poucos minutos depois, fingiu não conhecê-la. Isla olhou para ele como um estranho familiar.

Não podia ser verdade. Nada disso fazia sentido. Nada disso.

Há mentiras e mentirosos por toda parte…

Isla não sabia o que fazer, o que pensar, em quem confiar, mas certamente não confiava em si mesma.

Ou nele.

Então, correu para a floresta que seus ancestrais haviam criado. Grim esperou alguns momentos antes de correr atrás dela. E, fora destes bosques, ele talvez tivesse a alcançado.

Mas Isla era rápida como a flecha que havia perfurado seu coração. Silenciosa como um beija-flor. Antes, havia cortado a bochecha e os braços nessa mesma floresta. Hoje, ela pulava todos os galhos certos. Abaixava-se sob todas as árvores.

Até que viu a si mesma, refletida de volta.

Ela entrou correndo no Palácio de Espelhos, ouvindo passos e estalidos do lado de fora. Através do vidro, observou enquanto as árvores mortas se entrelaçavam e formavam uma parede, prendendo-a lá dentro.

A floresta era encantada. Sentia o medo dela? Estava finalmente protegendo a governante Selvagem que não conseguia se defender sozinha?

Isla não teve tempo de questionar. Grim não podia usar seus poderes ali, mas era um guerreiro; levaria apenas alguns golpes bem calculados de sua lâmina para passar pelo muro.

Ela quase caiu de alívio quando viu Celeste lá dentro, de olhos arregalados.

— O aconteceu? — ela perguntou, e Isla percebeu que ainda estava ofegante.

Celeste trazia algo nas mãos.

Parecia uma agulha de costura gigante, longa como uma adaga. Pontiaguda em ambas as extremidades. Era parte de ouro e parte de vidro, e brilhava intensamente, como o coração.

O desvinculador.

— Nada — ela disse, então balançou a cabeça. — Tudo.

Celeste assentiu, parecendo entender que Grim não iria se juntar a elas.

— Eu não sei por que você precisava dele, mas vou te ajudar com o que for. Vamos dar um jeito… juntas.

Juntas. Ela havia estragado tudo, mas acreditou em Celeste quando ela disse que encontrariam uma solução.

— Precisamos nos apressar, então — disse Isla.

Celeste estendeu a agulha em direção a ela.

— É uma coisa rápida. Só precisamos perfurar a pele com isso.

Dizia-se que o custo do desvinculador era de pelo menos um galão de sangue de um governante. Isla não tinha certeza de como a agulha iria recolher tudo isso, mas talvez não precisasse *guardá-lo*. A agulha provavelmente faria um furo que não fecharia até que a quantidade necessária de sangue fosse vertida. Isla tinha trazido o resto de seu elixir de cura para fechar suas feridas quando terminassem.

Um estalo soou na noite. Isla se virou para ver que Grim havia aberto caminho através das cascas das árvores mais rápido do que o esperado.

Eles se encararam através do vidro. Os olhos dele se arregalaram ao ver a agulha.

— Agora — sussurrou Isla, e Celeste enfiou a agulha em sua própria mão, estremecendo.

— Coração, não! — Grim gritou antes que ela pudesse fazer o mesmo, alto o suficiente para fazê-la parar. Ele correu o mais rápido que pôde, entrando pela porta.

Mas Isla sentiu uma pontada na palma de sua mão. Estava feito.

Ela gritou, algo decisivo correndo por ela, queimando como fumaça em seus pulmões, sal em sua garganta, faíscas em seu estômago, mas não era sangue. Não era nada que ela pudesse enxergar.

Isla se virou para encarar Celeste. Os olhos de sua amiga haviam mudado. Estavam mais sombrios, um tom de prateado profundo em vez de cinza-claro.

Ela sorriu de forma maligna.

Isla congelou. Não reconhecia aquele sorriso. Os cabelos prateados de Celeste começaram a flutuar ao redor de sua cabeça. Suas costas arquearam assim que as de Isla se curvaram, subitamente tonta. Sua pele parecia fina demais, e, ainda assim, a pele de Celeste brilhava fortemente. O desvinculador estava *tirando* algo dela e dando para Celeste. Algo importante.

Grim agarrou a outra mão de Isla, tentou puxá-la para longe da agulha.

E foi arremessado contra o vidro. Por *Celeste*, mas os poderes dela não deviam funcionar ali…

O Umbra se debatia violentamente contra as correntes que pareciam videiras, os braços tensos. Bem naquele momento, a porta se abriu mais uma vez. Oro. Como tinha encontrado ela? Seus olhos cor de âmbar foram direto para o desvinculador, e ele empalideceu.

— Isla — chamou suavemente, parecendo mais em pânico do que nunca.

Então, se curvou, caindo de joelhos. A ilha estava se deteriorando novamente? Mas daquela vez era diferente. Grim caiu ao mesmo tempo. Ambos enfraqueceram em segundos, como ela, mas como?

De repente, ela foi empurrada para a pedra, longe da agulha, caindo no chão no momento em que sua cabeça estalou contra o mármore.

Isla piscou, a visão turva, e Celeste deu um passo em direção a ela. O sangue escorria do furo na palma da mão da governante Estelar.

Seis gotas.

Uma chiou. Uma flutuou. Uma explodiu. Uma ficou escura como tinta. Uma congelou. Uma caiu no chão e desabrochou em uma rosa vermelha.

O sangue de Celeste agora continha habilidades de todos os seis reinos.

Impossível.

Era como se ela tivesse acabado de drenar Oro e Grim de todo o seu poder, mas ela nem havia encostado neles… e isso não explicava *todas* as seis gotas…

A cabeça de Celeste caiu para trás enquanto ela ria. Seus olhos encontraram os de Isla, e ela deu uma risada em zombaria.

— Você não é muito boa em seguir regras, não é?

Isla estava paralisada no chão, a boca aberta. Tinha mil perguntas e não conseguia formar uma única, exceto:

— *O quê?*

— Você deveria ficar *longe* de Grim, lembra? Eu te avisei… e o rei de Lightlark! Você não deveria seduzi-lo, esse não era o *seu* plano, era o das suas tutoras… — Ela sorriu. — Ainda bem que eu esperava que você quebrasse as regras, pequena Selvagem.

Oro tinha conseguido se levantar de alguma forma, embora a cor tivesse sumido completamente de seu rosto. Ele deu um passo à frente, a mão levantada…

E foi arremessado contra o vidro, ao lado de Grim. Por uma raiz selvagem.

Celeste não podia usar suas habilidades Estelares no Palácio de Espelhos.

Ela estava usando poder Selvagem.

— Como? — Isla perguntou. Devia estar sonhando… ou tendo um pesadelo.

Não fazia sentido… Sua melhor amiga.

Isla estava aos pés de Celeste, encarando-a. Não estava procurando saídas. Nem tentando alcançar a adaga em seu quadril.

Não podia ser real.

O sorriso de Celeste só ficou mais perspicaz. O Centenário era um grande jogo, ela e Celeste tinham repetido essas palavras inúmeras vezes.

E Isla tinha sido enganada.

— Por que não pergunta a eles? — Celeste disse, apontando para Oro e Grim, que pareciam estar a um instante de cair em um sono de cem anos, seus músculos relaxados, pálpebras caindo. Ainda assim, eles lutaram em vão contra suas amarras. Celeste suspirou. — O amor em Lightlark é uma

coisa perigosa, não é?

Isla sabia bem disso. Apaixonar-se significava dar à outra pessoa acesso completo às suas habilidades.

— Eu realmente pensei que seria mais difícil… mas você fez sua parte muito bem. Esses dois governantes antigos e famosos caíram aos seus pés como frutos maduros. — Celeste caminhou até eles, zombando. — Grim era fácil. Ele já te amava… Vocês dois têm uma história e *tanto*… Contudo, acho que você não se lembra, não é?

Celeste virou-se para Isla em busca de confirmação, e ela não fez nenhum movimento. Ela não reconheceu a amiga. Não podia ser ela… Isla se recusava a aceitar. Celeste encolheu os ombros com a falta de resposta e parou na frente de Oro. As narinas dele se dilataram. Se tivesse seus poderes, apenas seu olhar seria capaz de atear fogo em todos ali.

Mas, no Palácio de Espelhos, apenas o poder Selvagem era permitido.

— O rei desconfiado e cruel… se apaixonou por uma Selvagem? — Celeste balançou a cabeça, sorrindo. — Foi uma tortura, não foi, rei? Tentar lutar contra isso. Acreditando que estava sob seu feitiço… sem saber que ela sequer tinha poderes Selvagens, até que ela lhe contou o segredo.

O olhar de Oro disparou para Isla. Ele parecia em pânico, uma expressão que ela nunca tinha visto em seu rosto.

Isla olhou para ele, realmente olhou para ele. *Se apaixonou?* Celeste tinha que estar errada.

A Estelar se aproximou de Oro. Correu uma unha pintada de prata por sua bochecha.

— Claro, você nunca esteve sob feitiço nenhum. — Ela deu de ombros. — Isso, pelo menos, deve fazer você se sentir melhor sobre perder cada gota de poder que já teve.

Oro lutou contra as amarras. Grim estava muito quieto ao lado dele, olhando para Isla. Ela sentiu.

Mas não sabia para onde olhar. Nada fazia sentido.

Oro não podia amá-la. Isla achava que ele nem *gostava* dela.

Tinha começado assim, pelo menos, mas quanto mais tempo passavam juntos, depois de tudo o que fizeram…

Celeste estalou a língua.

— E pensar que eles entregaram todo esse poder para você. — Ela olhou para Isla, ainda no chão, e suspirou. — E agora você deu tudo isso para mim.

Ainda não fazia sentido. Mesmo que Oro e Grim *estivessem* apaixonados por ela… Isla não poderia simplesmente dar esse poder a Celeste. O desvinculador…

Celeste deve ter lido a confusão no rosto de Isla, porque completou:

— *Nunca* houve um desvinculador, passarinha. *Isto* é um *vinculador*. O único instrumento encantado que permite transferência de habilidades. Criado para ajudar os reis Solares a transferir o poder para seus herdeiros sem precisar morrer. Não é mesmo, rei?

Oro rosnou e fez força contra as vinhas, tanta que quase as quebrou com um único movimento.

Quando Isla foi picada pelo vinculador, o instrumento permitiu que Celeste tomasse todo o poder a que Isla tinha acesso, mesmo que não soubesse. Os poderes de Oro e Grim.

— *Celeste*. Você é minha amiga. Não faria isso.

Ela iria lutar pela amizade delas. Lutar pela pessoa que ela amava.

Celeste franziu a testa. Ela se inclinou para onde Isla estava, ainda no chão, e pegou o rosto dela como já havia feito inúmeras vezes antes. Isla permitiu. A governante Estelar suspirou, uma pitada de pena cruzando o rosto resplandecente. Então, sua boca se contorceu. Celeste sorriu, os lábios ocupando o rosto dela.

— Você não entende, sua linda, linda tolinha? Você fez tudo que eu queria… e eu nem precisei te obrigar.

A Estelar se transformou. Seu nariz encurtou. Os olhos mudaram de cor. Suas bochechas afundaram. Seus lábios ficaram mais vermelhos.

Um rosto diferente. Uma pessoa diferente.

Um poder impossível; um dom.

Celeste não era Celeste.

Oro finalmente parecia prestes a desmoronar. Seus olhos brilharam de dor.

— *Aurora*.

Aurora. Isla conhecia esse nome. A governante Estelar que morreu no dia em que as maldições foram lançadas. Aquela que se casaria com o rei Egan.

— Eu vi você morrer — continuou Oro, a voz rouca.

Aurora se virou e encarou Oro.

— Uma ilusão, eu receio.

— Por quê? — A voz de Oro era gutural. Então a compreensão endureceu sua figura. — Foi vingança, não foi?

Aurora sorriu.

— Do que você está falando? — Isla perguntou. Sua cabeça estava girando.

Nada fazia sentido.

Cada palavra parecia doer. Oro explicou:

— Meu irmão deveria se casar com Aurora. — Um filete de sangue escorria do canto da boca. — Mas se apaixonou por outra pessoa. Pela melhor amiga dela.

O quê?

— Pela sua ancestral.

Sua ancestral, aquela que tinha morrido na noite das maldições. Seu nome era Violet. Isla não sabia quase nada sobre ela. Com certeza não isso.

Aurora deu uma risada sem humor. Tudo tinha acontecido séculos atrás, mas a dor estava vívida em seu rosto.

— Eles pretendiam se casar, mesmo com a aliança já no meu dedo. Eu estava tão brava… Usei meu dom de transfiguração para me transformar em uma linda Selvagem e convenci *esse* idiota — ela olhou incisivamente para Grim — de que ele me teria naquela noite se me desse a flor mais bonita da ilha… uma que eu sabia que havia desabrochado nas ruínas da Ilha da Noite, apenas algumas semanas antes. O coração de Lightlark. Algo que Egan havia me contado sobre quando éramos crianças. Eu o rastreei com a intenção de que fosse um presente de casamento. Em vez disso, Grim sem saber liberou o coração para que eu pudesse usá-lo. Não foi meu melhor trabalho. Como não tinha sido eu a encontrá-lo, não consegui manejá-lo com eficiência. Sem que realmente fosse a minha

intenção, amaldiçoei todos os reinos, até o meu próprio. Apenas *eu*, como criadora das maldições, não fui afetada.

"Então entrei em pânico. Com todos os governantes, exceto eu, mortos, eu seria a principal suspeita. Então, fingi minha morte com uma ilusão Umbra, usando o coração. Você me *viu* morrer… mas a pessoa que realmente pereceu era minha herdeira, minha irmã tola. Assumi sua identidade, seu rosto. Então, quando estabeleci as novas terras Estelares, proibi criados no castelo. Governei de longe. Guardar segredos é fácil em um reino onde todos morrem aos vinte e cinco anos. Tornei-me uma nova governante Estelar a cada Centenário. O tempo todo esperando a hora certa. Planejando. Esperando."

— Esperando o quê? — Isla quis saber. Lágrimas escorriam por seu rosto. Isso não podia ser real. Ela ainda se recusava a acreditar.

— Esperando o momento de tomar tudo que me foi negado. Só que, desta vez, desejei governar todos os seis reinos. Ter acesso a todos os poderes de Lightlark se provou difícil. — Ela zombou de Oro. — Mesmo com um novo rosto e uma nova personalidade a cada Centenário, você sempre rejeitou meus avanços. Um rei desconfiado, realmente. Egan tinha me falado sobre o vinculador. Comecei a procurá-lo a cada Centenário, mas, mesmo se eu fosse capaz de enganá-lo, rei, para usá-lo em mim, eu receberia apenas *quatro* das seis habilidades. Um governante só pode usar o vinculador uma vez para ganhar habilidades, e uma vez para perdê-las. Eu precisava de uma maneira de obter todos os seis poderes de uma vez.

Celeste se virou para Isla. Ela ainda estava no chão, observando enquanto tudo em sua vida, tudo o que ela achava que sabia, se despedaçava.

— E é aí que você entra, passarinha. — Isla engoliu em seco. — Foi pura sorte, na verdade.

A voz de Grim ecoou pela sala.

— *Aurora* — ele disse em advertência. — Não.

Ela apenas sorriu. Então continuou:

— Anos atrás, um dos mais poderosos e curiosos generais de Grim roubou uma de suas relíquias e a usou para visitar a nova terra Selvagem. Lá, ele conheceu uma bela Selvagem. E, embora fosse proibido em todos os

sentidos, você acredita que eles se apaixonaram? O general Umbra era poderoso… tanto que pensou que poderia subjugar a maldição Selvagem, mantê-la sob controle. E conseguiu. — Ela sorriu para Isla. — Por tempo o suficiente para gerar você.

Isla estremeceu de raiva.

— Não.

— Sim, Isla. Você não é apenas Selvagem… mas também uma Umbra.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não tenho poderes.

Aurora riu.

— Pelo contrário, passarinha. Você é *muito* poderosa. Suas habilidades de Selvagem foram simplesmente camufladas pelos poderes Umbra. Ficaram invisíveis. Inutilizáveis, a menos que um Umbra habilidoso as despertasse… Manifestações de poderes são tão estranhas, não são?

Poder.

Isla sempre teve poder.

E havia perdido. Para sua melhor amiga. Que nunca sequer tinha sido sua amiga.

— Eu vi minha chance de obter todos os seis poderes e fiz planos para isso. — Aurora apertou os lábios. — Então algo inesperado aconteceu. Eu não sabia que você tinha visitado outros governantes também. Você aparentemente mencionou algo suspeito sobre mim para Grim, e, no dia seguinte, ele apareceu no meu quarto.

Aurora se virou para Grim.

— E foi aí que ele se tornou meu cúmplice.

Isla ficou paralisada. O rosto de Grim empalideceu. Ele não encontrou o olhar de Isla.

— As emoções de uma pessoa têm cores, aparentemente, e as de "Celeste" tinham o mesmo tom que as minhas. Ele descobriu minha identidade imediatamente e estava prestes a me matar, sabendo que minha sobrevivência significava que tinha sido eu a responsável pelas maldições. Só que, antes que ele o fizesse, eu disse a ele que a única razão pela qual eu continuava voltando para o Centenário com um novo rosto era porque não podia descansar até que a linhagem de Egan fosse destruída para

sempre. Apresentei a ele um plano que mataria o rei sem condenar todos na ilha, quebraria as maldições e daria a ele o controle de Lightlark. Tudo que ele precisava fazer era me ajudar.

— Devoradora de Corações — Grim disse, tentando chamar a atenção de Isla, mas ela não conseguia nem mesmo olhar para ele, que e rosnou, lutando contra suas amarras, mas era inútil. — Ela me disse que o crime original tinha sido um governante Solar ter se apaixonado por uma governante Selvagem; Egan apaixonado por Violet. — Sua respiração estava difícil. — Para quebrar as maldições e cumprir a profecia, o crime original precisava ser repetido novamente. Você tinha que fazer Oro se apaixonar por você, mas já estávamos apaixonados. Você teria recusado. Então, precisei roubar suas memórias de nós dois.

Isla mal conseguia respirar. Tinha sido por isso que Grim a evitara durante as semanas em que ela e Oro estavam trabalhando juntos. Ela pensou sobre seu estranho comentário, encorajando-a a dançar com Oro no baile.

A voz dele assumiu um tom desesperado enquanto ela ainda se recusava a encará-lo.

— Foi a decisão mais difícil que já tomei, Devoradora de Corações. Saber que ter sucesso significava que você estava seduzindo outra pessoa. Fazer você esquecer a nossa história. Nosso amor.

Foi aí que Isla finalmente encontrou seu olhar.

— A decisão mais difícil que *você* já tomou?

Sua voz tornou-se resoluta.

— Eu ia devolver suas memórias. Quando Oro se apaixonasse… e você se lembrasse que *me* amava… nós poderíamos pegar todos os poderes de Lightlark e governar juntos.

Aurora apertou os lábios.

— E, uma vez que Oro tivesse sido drenado de suas habilidades e de sua ligação com a ilha, eu estaria livre para matá-lo — completou.

Grim se pronunciou novamente:

— Eu fiz isso pelo meu reino. Seu reino. Por *nós*, Coração.

Aquilo se encaixava perfeitamente na profecia. Governantes sendo unidos. Ganhando imenso poder. Um governante e sua linhagem familiar

morrendo.

Aurora suspirou.

— Você tem que admitir… *foi* um grande plano. — Ela sorriu. — Pena que era tudo mentira.

Grim se debateu contra suas amarras, berrando de raiva. Imediatamente, espinhos das videiras que o amarravam penetraram em sua pele, tirando sangue. Ele estremeceu, já enfraquecido. Agora Isla sabia o porquê. Tanto ele quanto Oro tiveram seus poderes drenados.

E Isla também. Embora ela não tivesse sido enfraquecida… não como os dois. Afinal, ela nunca tinha dependido do poder.

Ela não podia sentir falta de algo que nunca soube que tinha.

— Preciso te agradecer — disse Aurora, olhando para Isla. — Você não só encontrou o vinculador para mim… mas me entregou todos os seis poderes de uma vez só.

Isla estremecia.

Tudo tinha sido orquestrado. Um jogo muito maior do que o que ela pensou que estava jogando.

Isla finalmente se levantou. Grim tinha feito tudo pela mesma razão que ela havia tentado ganhar o Centenário: salvar aqueles que amava e trazer poder de volta ao seu reino. Em todos os níveis, ela compreendia.

A diferença era que Isla estava disposta a desistir de tudo por ele. Quando, o tempo todo, ele a usara como um peão. Ela cuspiu na direção dele.

Isla olhou para Oro e esperou que ele lesse o pedido de desculpas em seus olhos. Por causa dela, porque ele tinha sido tolo o suficiente para amar uma Selvagem, seu pior medo havia se tornado realidade. Ele havia perdido seu poder.

Oro estava certo em não confiar nela. Em não confiar em ninguém.

Isla deveria ter feito o mesmo.

Ela sacou a lâmina e encarou Aurora. Tudo fazia um sentido aterrorizante agora.

Aurora matou Juniper depois que ele escreveu sobre saber quem tinha lançado as maldições. Não Cleo ou Ella.

Azul devia ter de alguma forma descoberto que Celeste era Aurora e

tentou detê-la durante o Carmel.

Isla engoliu em seco, sabendo que precisava terminar o trabalho.

Ela foi rápida, mais rápida que um raio. Sua lâmina levou um segundo para alcançar a garganta de Aurora.

Mas, antes que pudesse perfurar a carne, a lâmina se quebrou.

Isla e Aurora se entreolharam. Não fazia sentido. Aurora não poderia exercer suas habilidades naquele lugar. A governante Estelar riu.

— A adaga que você escolheu na loja Estelar. A que *eu* coloquei lá. Uma que eu encantei para nunca me ferir, caso você descobrisse minha trama. Claro que você escolheu aquela com uma serpente… Você é tão previsível, passarinha. Tão fraca… tão *tola*.

Aurora ergueu os braços e as videiras quebraram o vidro do Palácio de Espelhos, jogando estilhaços para todos os lados. Eles encheram a sala, contorcendo-se como serpentes, alcançando todos eles.

Oro e Grim foram sufocados na mesma hora. Esmagados contra o que sobrava da parede de vidro. Aurora acabaria com eles, mesmo com seus poderes drenados, apenas para destruir qualquer outra possível reivindicação de autoridade. Isla sabia disso.

— Morta por suas próprias habilidades… — Aurora comentou, as mãos levantadas, pronta para derrubar Isla com tudo que a floresta tinha a oferecer. Ela fez uma pausa, por apenas um instante. — Eu gostava de você, Selvagem, mas todos os governantes devem morrer hoje. Outra vez.

Antes que Aurora pudesse enviar as videiras e raízes para acabar com ela, Isla estendeu a mão para o topo de sua coluna, seu esconderijo favorito. Seus dedos envolveram algo que zumbia fracamente. Brilhava.

Os olhos de Aurora se arregalaram.

— Eu disse para você não trazer nada, idiota.

Isla sorriu maliciosamente.

— Não sou boa em seguir regras, lembra?

Então mergulhou em sua poça de estrelas.



CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

AMALDIÇOADA

Seu quarto estava exatamente como ela o havia deixado, embora o lado de fora estivesse estéril. Nenhuma árvore perto das janelas. Nem o verde da grama.

Ela caiu bruscamente, desabando sobre o piso de pedra, os joelhos latejando de dor.

Com a comoção, a porta se abriu. Assim como tinha acontecido três meses antes.

Poppy estava de roupas de dormir. Ao vê-la, a mulher gritou de alegria. Sua tutora correu para abraçá-la, os braços em volta de seu pescoço. Ela cheirava a canela e sangue. Devia ter sido dia de se alimentar.

— Você conseguiu, passarinha! — exclamou Poppy. Devia ter presumido que a chegada antecipada de Isla significava que ela havia sido bem-sucedida com o plano delas. Cujo primeiro passo era seduzir o rei e roubar seus poderes para si.

E embora seu verdadeiro plano tivesse sido outro desde o início… Isla supôs que tinha feito o que elas queriam também.

Isla não a abraçou de volta. Finalmente, Poppy se afastou, e Isla disse:

— Você sabia. Vocês duas.

Poppy teve a coragem de parecer confusa. Isla trincou os dentes.

— Vocês sabiam que eu tinha poderes… não sabiam?

Celeste — *Aurora* — a chamou de um nome que apenas suas tutoras usavam. *Passarinha*. E foi nesse momento que Isla percebeu que a trama da Estelar exigiria ajuda. Gente de dentro.

— E foram vocês que mataram eles, né? — perguntou Isla.

Apenas Poppy e Terra tinham acesso a esses cômodos. Isla tinha conseguido todas as suas informações sobre Lightlark, seus pais e sua maldição através delas.

Mentiras.

E mentirosos.

A mão de Poppy foi em direção à única lâmina que ela carregava.

Isla empunhou a dela primeiro, uma que ela guardava embaixo de sua penteadeira.

— Por quê? — ela resmungou.

Poppy estava pálida.

— Fizemos isso por *você*. A governante Estelar nos deu uma escolha: matar sua mãe e o amante dela para que o poder deles fosse transferido para você a tempo do próximo Centenário, e criá-la para ser capaz de seduzir o rei um dia… ou mataria toda a linhagem Selvagem e destruiria o reino. Ela exigiu que te convencêssemos de que você tinha nascido sem habilidades… para que nunca tentasse usá-las. Disse que era perigoso, que a mistura de poderes poderia te matar.

Isla deu um passo à frente, apontando sua adaga para Poppy.

— Vocês mataram os meus pais — ela disse, o som das palavras mal deixando seus lábios. Não as maldições. Não o fato de sua mãe ter quebrado as regras. *Elas*. As pessoas em quem sua mãe mais confiava. A cabeça de Isla estava pesada. Seus membros estavam fracos. Seu peito ainda latejava. — Eu deveria te matar — acrescentou antes de abrir a outra mão, revelando o frasco de elixir de cura Selvagem. — Eu deveria deixar Terra apodrecer.

Ela bebeu a garrafa, esperando que continuasse funcionando nos próximos minutos, em ferimentos que ainda não havia sofrido.

Isla deixou cair a lâmina.

— Mas tenho algo mais importante para fazer agora.

Isla passou por Poppy e foi até a parede de espadas. Correu para vestir sua armadura completa: ombreiras, botas de cano alto, peitoral, longas luvas de metal e, por fim, o capacete. Escolheu duas espadas.

Então, abriu a poça de estrelas mais uma vez.

Ela havia escapado de Lightlark. Estava segura, por enquanto. Podia fugir. Podia correr.

Ainda assim…

Não podia deixá-los para trás.

Grim a traíra de todas as formas. Ele merecia a fúria de Aurora, uma morte lenta em suas mãos…

Mas Oro não. Ela se lembrou de suas palavras, ditas com sinceridade: *Eu nunca menti para você, Isla. Nem uma vez*. Ele era a única pessoa em quem ela podia confiar. O único que não a havia traído de verdade. Ela não o abandonaria.

Poppy agarrou seu punho.

— Vai voltar? Você conseguiu fugir. Não seja tola.

Isla rosnou, se livrando do aperto de sua tutora.

— Eu posso ser uma tola, mas pelo menos tenho honra. Voltarei com poder para os Selvagens. Vou salvar este reino e Terra, mas depois… não quero ver nenhuma de vocês nunca mais.

Ela levantou os braços para o teto, suas duas longas espadas unidas acima da cabeça.

E atravessou o portal.

No momento em que Isla pisou no Palácio de Espelhos, já estava correndo. As videiras controladas por Aurora reagiram em reflexo, tentando atacá-la de todos os lados, com espinhos e todo o resto.

Isla podia não ter poderes.

Mas, ao contrário dos outros governantes, estava acostumada a lutar sem eles.

Suas espadas cortaram o ar com um zunido quando ela afastou as lâminas e girou em grandes círculos ao seu lado, na sua frente, em suas costas. E, onde quer que cortasse, plantas caíam ao seu redor.

Aurora havia roubado o poder de Isla… e, mesmo moribunda, a floresta

encantada procurou proteger a governante Estelar. A natureza decadente criou guardiões em resposta à ameaça de Isla, criaturas feitas de casca de árvores. Elas buscaram Isla através de aberturas no vidro, empunhando armas feitas de ossos e chifres de animais selvagens. Isla rugiu e atacou, lutando contra elas tão ferozmente quanto qualquer inimigo, girando, movendo as lâminas, protegendo-se dos espinhos e adagas de osso com metal.

O mundo ficou em silêncio. Cada passo era delicado como uma dança, cada movimento da lâmina era um alvo, seus braços pulsando não com dor, mas com poder. Isla treinara todos os dias antes do Centenário, desde que era apenas uma criança. Ela não brincava com bonecas, mas com lâminas. Ela não trançava os próprios cabelos, mas tecia videiras para fazer escudos.

Por um momento, ela sentia-se de volta à floresta Selvagem durante uma rara excursão de treinamento ao ar livre, Terra sentada no alto de uma árvore, observando os movimentos de Isla, a espada cortando o ar. As flechas atirando em alvos esculpidos nas árvores. Suas lâminas de arremesso atingindo os alvos todas as vezes, de qualquer ângulo.

E ela ouviu palmas, em algum lugar. Terra só costumava bater palmas quando Isla havia dominado uma técnica de luta. Uma que lhe renderia uma nova lâmina para exibir na parede do quarto.

Mas as palmas não vinham de Terra.

As mãos de Aurora se tocaram e uma trepadeira fina perfurou o vidro, tão fina que passou por entre as lâminas de Isla.

E se enrolou em seu pescoço.

Isla engasgou. Agarrou-se com força à vinha quando sua respiração foi sufocada, espinhos cortando seu pescoço, bem contra a laringe.

Aurora estava na frente dela, rindo. Batendo palmas mais uma vez. Divertindo-se.

— Você *voltou*? Você estava livre, passarinha. — Ela estalou a língua, subitamente desapontada. — E veio de volta para a gaiola.

Ela fechou o punho e a videira a apertou ainda mais, fazendo Isla cair de joelhos. Isla cortou sua raiz, se libertando, mas a parte enrolada em seu pescoço permaneceu intacta.

Oro e Grim a observavam, ambos lutando contra suas amarras, os olhos arregalados de medo. Sangue escorria de suas testas, de seus membros. Aurora já havia cortado seus corpos mil vezes com aqueles espinhos. Parecia que Isla tinha interrompido a lenta tortura dos dois governantes.

Eles nem tiveram a chance de pará-la… não tinham tido acesso às suas poças de poder antes que Aurora os roubasse, por culpa dela. Porque *ela* havia sugerido que eles se encontrassem no Palácio de Espelhos.

Ainda assim... havia uma vantagem em estar ali. Grim e Oro podiam estar presos, mas Aurora estava limitada apenas ao poder Selvagem. Para além desse lugar, seus novos poderes eram ilimitados. Ela poderia exercer as habilidades de todos os seis reinos. Ninguém na história tinha sido capaz de fazer isso antes.

Pior, ela não estava ligada a nenhuma das maldições, por ser sua criadora. Deixando o resto dos reinos fracos, fáceis de conquistar.

Não. Aurora não podia deixar o Palácio de Espelhos.

Mesmo que isso significasse que Isla também não sairia.

Isla passou a lâmina no ar em um piscar de olhos, direto no pescoço. A videira que a sufocava tinha só dois centímetros de espessura. Um milímetro a mais e ela cortaria a própria garganta.

Mas as espadas de Isla eram parte dela. Sem nenhum poder para controlar, ela se concentrou exclusivamente nas armas durante toda a vida.

A videira caiu de seu pescoço.

Ela disparou em direção a Aurora, as espadas levantadas. A governante Estelar enviou cascos de árvore através do vidro, formou espinhos de casca, lançou-os em direção a ela.

Isla cortou cada um deles. Ela era fluida como água. Precisa como um raio. Rápida como uma estrela cadente. Suas espadas moviam-se de forma autônoma em um ritmo como o do sangue que pulsava em suas veias, com um tinir através da cúpula de vidro, ecoando entre cortes e estilhaços enquanto Aurora enviava mais forças da floresta para detê-la.

Ao se aproximar, Isla sentiu as lágrimas quentes mancharem seu rosto. A maior traição não era de Grim. Nem de Terra e Poppy.

Era de Celeste. Que fingiu ser sua amiga. Sua *irmã*.

Isla era solitária. E Celeste havia se aproveitado de sua solidão.

Ainda assim, mesmo depois de tudo, um canto traiçoeiro de seu coração ainda amava a amiga.

Aurora riu frente à dor gravada no rosto de Isla.

— Você poderia ter feito isso — disse ela. — Quebrado as maldições. Eu não contava com Oro descobrindo a existência do coração. Vocês dois realmente poderiam tê-las quebrado, se *você* tivesse sido forte o suficiente para deixar um dos governantes morrer. E, claro, tem a questão do crime original, como na profecia…

Isla girou, se preparando para o impacto de um tronco. Caiu no chão, o ar deixando seus pulmões por um momento antes de retornar, o líquido curativo que ela acabara de tomar ainda em seu sangue, dando-lhe forças para se recuperar. Uma das videiras cobertas de espinhos cortou um lado do seu corpo, fazendo o sangue jorrar, e ela gritou, mas um momento depois a pele se uniu novamente.

Ofegante, Isla manteve o ritmo na direção de Aurora, espadas ainda desembainhadas.

— O crime original não foi usar o coração — Isla disse por entre os dentes, grunhindo enquanto cortava uma videira que se enrolava em sua perna, grossa como um braço. Outra tentou tomar seu lugar, para jogá-la contra o vidro ao lado de Oro e Grim, que ainda estavam sangrando e lutando contra suas amarras espinhosas, mas ela cortou antes que pudesse agarrá-la. — E não foi um Solar se apaixonando por um Selvagem. Foi?

Não, maldições tão cruéis só poderiam ser lançadas por meio de um ato verdadeiramente sinistro. O crime original não poderia ter sido o amor ou exercício de grande poder… sangue tinha que ter sido derramado para criar algo tão maligno.

E não qualquer sangue.

Ela havia aprendido muito cedo sobre o sacrifício dos seis governantes em troca da profecia que quebraria as maldições. Poppy e Terra disseram a ela que sua própria ancestral tinha liderado o sacrifício, dando sua vida primeiro.

Mas Isla agora se perguntava se sua ancestral tinha mesmo se sacrificado.

Talvez ela estivesse morta antes que os outros governantes descobrissem

sobre as maldições.

Os olhos da Estelar brilharam. Como se, por um momento, ela sentisse uma dor…. Como se lembrasse do ato que a mudou para sempre, que tinha sido a base para maldições que haviam durado quinhentos anos.

Seu rosto retornou para a maldade um segundo depois, e ela levantou as mãos.

O teto despedaçou quando uma dúzia de árvores o atravessou de uma só vez. Isla foi coberta pelos cacos de vidro. Ela gritou, observando sua pele ser cortada, depois se curar, rasgar e sarar, o elixir de cura Selvagem lutando para acompanhar os ataques.

As árvores a golpearam, deixando-a de joelhos. Antes que elas a esmagassem completamente, Aurora torceu os dedos e teceu os galhos em uma treliça em torno de Isla.

Ainda chovia vidro quando ela olhou para Aurora.

Através dos buracos de sua gaiola.

— Passarinha — disse Aurora, balançando a cabeça do outro lado da sala. — Você deveria ter ficado na natureza.

Mas ela não estava enjaulada. Não de verdade. Mesmo quando estava trancada em seu castelo, sempre teve um portal para o exterior.

Ela tirou a varinha de onde a havia guardado em suas costas, pronta para deixar a gaiola.

E a varinha voou de suas mãos, arrancada por uma videira. Isla assistiu a ela rolar pela sala até pousar nos pés de Grim. Ele olhou para ela, sangue escorrendo de sua testa. Grim ofegava e estremecia, como se respirar doesse, mas ele conseguiu dizer:

— Coração — arfou, suas palavras mal saindo. — Seu *coração*, Devoradora.

O coração dela? Isla se lembrou da flecha que havia a acertado, uma dor chocante como um raio atravessando-a. Ela deveria ter morrido. Nem o elixir Selvagem, nem mesmo *Cleo*, nada seria capaz de curar o ferimento causado por uma flecha no coração.

Só um coração poderia.

Isla apertou o peito e ele ardeu. Não por causa da lesão, ela se deu conta…

Mas por causa do que havia nele agora.

Poder em sua forma mais pura. Quando o coração a curou… ele a marcou.

Seu coração. *Não pertence apenas a você*. Ela não tinha entendido as palavras de Grim antes, mas agora elas faziam sentido.

Isla sentiu o chamado por toda a ilha. Em seu quarto, onde ela o havia deixado, com o bilhete para Oro. O coração cantou para ela, a mesma canção que tinha ouvido no momento em que pisou na ilha. Um chamado como o do pássaro guinchando em seu ouvido, um calafrio como a geada que entorpeceu sua língua na Ilha da Lua.

Isla sentiu, e chamou por ele.

Seu braço se esticou. Seus dedos se flexionaram.

Então, um arco de luz solar atravessou o vidro. O coração disparou para sua palma, que brilhou.

Sua mão se fechou e a gaiola se quebrou. O poder Selvagem disparou do coração em um fluxo. Galhos estalaram, voando pelo cômodo. Algo reluziu a seus pés: o vinculador. Isla o agarrou com a outra mão, enfiando-o no bolso.

Um momento depois, ela estava correndo, pulando, a poucos centímetros de Aurora.

Com os olhos arregalados, surpresos, Aurora se transformou por um instante, as feições se contorcendo, se tornando Celeste.

Celeste.

Isla não hesitou como Aurora esperava. Tirou o vinculador do bolso e enfiou uma das pontas afiadas na palma da própria mão.

E fincou a outra ponta no coração de sua melhor amiga.

O grito de Isla foi um som selvagem, gutural, que ecoou pelo Palácio de Espelhos. Seu rosto se contorceu em agonia. Sua melhor amiga… sua irmã…

Ela sentiu o poder correr através da agulha para dentro de si, enquanto os olhos de Celeste se arregalaram e depois esmaeceram.

Esmaeceram.

Até que o crime original fosse cometido novamente. Uma governante matou sua melhor amiga a sangue-frio. Uma linhagem chegou ao fim. E

um dos seis venceu.

O mundo explodiu.

Isla foi jogada para trás por uma força mais selvagem que o vento, mais forte do que a maré. Lágrimas queimaram e embaçaram sua visão, quentes em seu rosto, escorrendo pelas têmporas. Ela piscou uma vez para as estrelas enquanto voava de volta, e elas pareciam mais brilhantes do que nunca.

Antes que Isla caísse no chão, o piso desabou.

As maldições foram quebradas, e Lightlark também. O chão se partiu em mil rachaduras, e Isla escorregou pela fenda, seguindo o corpo de Celeste, que já havia sido tomado pela ilha. A governante Estelar tinha caído centenas de metros para o núcleo ardente de Lightlark. O coração caiu da mão de Isla e despencou atrás de Celeste, retornando para a ilha mais uma vez.

Isla o seguiu.

Ela caiu, caiu, caiu, como naquela noite na sacada. Atrás dela, o solo se revirava, fervia, pronto para receber seus ossos. Isla sentiu o poder fluir através dela, tudo o que ela havia conquistado de volta com o vinculador, mas quando estendeu a mão para agarrá-lo a energia escorregou por seus dedos. Ela não sabia como usá-la… nunca tinha usado as próprias habilidades antes.

Isla fechou os olhos. Reconhecendo seu destino.

Só teve tempo de se despedir de uma pessoa. E escolheu…

Algo a agarrou pela cintura. Suas costas se arquearam dolorosamente.

Isla parou de cair.

Alguém a salvara, mas isso era impossível. Grim e Oro talvez tivessem se libertado de suas amarras após a morte de Aurora, mas ainda não podiam usar suas habilidades no Palácio de Espelhos, mesmo sem as maldições. Mesmo que Isla devolvesse seus poderes.

A não ser que…

Isla abriu os olhos para ver o que a envolvia: uma videira. A planta a segurou e começou a puxá-la de volta à superfície.

Poder Selvagem.

Mas não tinha sido ela a manipulá-lo.

O amor em Lightlark é uma coisa perigosa.

Alguém que ela amava estava usando suas habilidades para isso.

O tronco grosso da planta a ergueu até a superfície, para fora do poço que se abrira bem no centro do Palácio de Espelhos.

Quando ela alcançou a superfície, Isla se arrastou sobre a borda, para a pedra sólida, ofegante. Seu cabelo bagunçado cobria o rosto.

Por trás dos fios, ela viu Oro relaxar o punho.

E a videira ao redor de sua cintura se soltou.

Oro estava usando o poder de Isla, e ela podia ver no rosto de Grim que ele sabia o que isso significava.

A agonia se transformando em surpresa e, finalmente, em raiva dizia que ele também havia tentado acessar suas habilidades… e descobriu que não conseguia.

Isla abriu a boca. Horas antes, seus sentimentos tinham sido diferentes. Horas antes, ela estava pronta para fugir com Grim, para construírem um futuro juntos. Para sacrificar tudo o que ela queria, por *ele*.

Mas ele a traiu de formas inimagináveis. Tinha roubado suas memórias em vez de incluí-la em seu plano. Em vez de confiar nela para tomar suas próprias decisões, ele tinha feito a escolha por ela.

E Oro… Ele tinha sido seu verdadeiro parceiro durante o Centenário. Ele entregou suas verdades em troca das mentiras dela. Isla chorou na frente dele. Riu. Superou seus maiores medos. Enfrentou diversos perigos. Ele a conhecia melhor do que qualquer outra pessoa na ilha, exceto pela amiga que havia perdido.

Antes que Isla pudesse dizer uma palavra, Grim saiu por um buraco no vidro e desapareceu na noite.

O sangue de Celeste ainda estava quente em sua mão, sob a manga. Ela caiu de joelhos e vomitou. Soluçou. Gritou.

As maldições tinham sido quebradas.

Mas o processo a quebrou também.



CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

DEVASTADA

Eles haviam se unido. Um dos seis tinha vencido. A linhagem de um governante chegara ao fim. O crime original tinha sido cometido novamente.

E, no centésimo dia do Centenário, a ilha não desapareceu sob a tempestade.

Isla não tinha saído do quarto. Ela só voltou para o reino Selvagem uma vez, para injetar poder no solo, salvando o reino e seu povo da completa destruição. Ela ainda não sabia usar o poder, mas tinha sido simples. Enterrou as mãos no chão e liberou parte de si mesma no solo. A mudança foi imediata. Chocante.

Então voltou para o castelo do Continente, usando sua varinha estelar. Ela passava os dias sentada na banheira, a água quente substituindo as lágrimas, porque descobriu que não tinha mais nenhuma para verter. Estava vazia.

Oca.

Celeste. Sua melhor e única amiga não tinha sido uma amiga.

Grim. Um ano de lembranças esquecidas. E algumas que ela conseguia alcançar. Aconchegados na chuva. Seu corpo pressionado contra o mesmo vidro que havia se quebrado e a cortado em mil lugares.

Ela sabia agora que Ella nunca tinha tentado prejudicá-la. A Estelar a mantinha atualizada pela porta do quarto. Foi Ella que contou que Cleo havia derrubado a ponte para a Ilha da Lua, separando seu território do restante do Continente. Isla não sabia o que isso significava, o que ela estava planejando… mas não podia ser bom.

Azul tinha sido visto na praia, observando a tempestade maldita enfim desaparecer. Aparentemente, a tempestade havia prendido as almas dos mortos pelas maldições. Eram esses os boatos que ela ouvira certa vez. Os corpos presos lá dentro haviam caminhado apenas alguns passos como espectros antes de desaparecerem para a paz eterna, antes mesmo de alcançarem a costa.

Isla esperava que o Etéreo tivesse finalmente conseguido ver seu marido uma última vez.

Azul nunca tinha sido um perigo, Oro estivera certo sobre isso. Isla sabia agora que ele estava simplesmente tentando impedir Aurora, desconfiado de Celeste.

Depois de duas semanas na escuridão de seus aposentos, com as cortinas fechadas, ela finalmente se sentiu forte o suficiente para escovar o cabelo, se vestir e sair do quarto. Ela ficou na varanda, olhando para o reflexo do sol no mar, uma gema tão dourada quanto o coração de Lightlark. O encantamento que tanto procuravam e que salvara todos eles. Salvara a *ela* mais de uma vez.

Ele guardava um poder inigualável.

E ela também.

Isla ainda não tinha tentado fazer uso de suas habilidades, a não ser ao dar um pouco de energia para o reino Selvagem. Nem sabia por onde começar. Estava preocupada com a possibilidade de que, se tentasse puxar apenas um fio de poder, acabaria desfazendo toda a costura e eles escorreriam dela em uma enxurrada destruidora.

Então, Isla os deixou em paz. Mesmo sabendo que chegaria a hora em que precisariam ser libertados.

Grim voltou para Umbra, ferido. Traído.

Isla não podia ignorar o desespero quando ele retornou aos seus pensamentos. Ela não se permitia olhar muito de perto para as sombras em

seu quarto. Colocava toalhas sobre os espelhos por segurança, sabendo que Umbras podiam usá-los para se comunicar. Às vezes, tomava café tarde da noite em vez de cair em sonhos que agora reconhecia como memórias.

Especialmente desde que, cinco dias antes, ela ouvira uma voz ecoar em sua mente, pouco antes de abrir os olhos.

Lembre-se de nós, Coração. Lembre-se de tudo.

Você vai se lembrar.

E, quando o fizer,

Você vai voltar para mim.

A voz de Grim era tão clara que era como se ele estivesse sentado em seu quarto. Na beirada da cama.

Só que, quando ela finalmente abriu os olhos, puxando as cobertas para a pele suada, o aposento estava vazio.

Com a maldição quebrada, Umbras seriam mais fortes do que nos últimos quinhentos anos. Engolindo em seco, ela se lembrou da demonstração de poder de Grim na chuva. Lembrou-se das palavras que fizeram calafrios percorrerem sua espinha… O mesmo acontecia agora, novamente, embora por um motivo diferente.

Eu poderia abrir um buraco negro que engoliria a praia inteira. Poderia tornar o mar escuro como tinta e matar tudo que há nele. Poderia demolir o castelo, tijolo por tijolo, de onde estamos. Eu poderia te levar de volta para as terras Umbras comigo agora mesmo.

Antes, ela havia pensado que aquelas palavras eram ele se gabando. Declarando seu amor.

Agora, pareciam ameaças.

Ela se apoiou no corrimão, forçada a se afastar de seus pensamentos quando o calor a inundou. Veio por trás dela.

Oro.

Os dois não se falavam desde que ele a ajudou a voltar para o castelo. Isla estava confusa e trêmula em seus braços, soluçando, gritando, o olhar moribundo de Celeste gravado em sua mente. Ele havia deixado comida, chá, água, roupas confortáveis em sua porta, mas ela só a abria depois que ele já estava longe.

Seus ombros enrijeceram. Ela olhou para o mar agitando-se abaixo dela, cristas brancas e redemoinhos de safira.

— Não está pensando em pular de novo, está?

Ela se virou e olhou para ele.

— Eu não *pulei*. Você me derrubou.

Seus olhos estavam sérios, mas seu tom era de falsa preocupação.

— Eu?

— Sim. Você e sua bisbilhotice.

Ele ergueu uma sobrancelha para ela.

— Eu te ouvi do meu quarto e saí para investigar. Não chamaria isso de bisbilhotar.

Isla tentou sustentar seu olhar penetrante, mas enquanto observava seu rosto ela piscou. Nunca tinha visto Oro sob o sol.

Os olhos cor de âmbar dele brilhavam tanto quanto o coração. Os cabelos eram fios de luz feitos de seda. Os contornos afiados de seu rosto estavam destacados contra o brilho. Sua pele brilhava.

As olheiras sob seus olhos haviam desaparecido. Suas bochechas pareciam muito menos pálidas. O azul-acinzentado havia desaparecido de suas feições.

Oro estava radiante.

Isla engoliu em seco.

— Você estava insuportável naquela noite — ela disse, suas palavras saindo sem qualquer malícia.

Oro deu um passo em direção a ela.

— Você também. Aparecendo para o jantar encharcada, com o cabelo pingando. E tudo que eu conseguia ouvir era a sua voz, ressoando na minha mente como uma maldição. Pensei que era de propósito, que você estava usando suas habilidades para me atrair, mas depois você ficou tão mal-humorada que era impossível que esse fosse o seu plano. — Oro franziu a testa. — Quando você me contou seu segredo, eu… fui pego de surpresa. — Ele soltou uma risada sarcástica. — Por séculos, evitei qualquer tipo de conexão. E quando pela primeira vez comecei a sentir algo… foi por uma Selvagem que nem estava tentando me seduzir.

Oro estava tão perto que Isla teve que inclinar a cabeça para encontrar

seu olhar.

Por um momento, eles se encararam. Ele abriu a boca, depois a fechou. Ela fez o mesmo.

Não sabia o que dizer.

— *Isla* — ele falou, seu nome tão suave nos lábios dele. Ela viu suas próprias emoções refletidas em seus olhos.

Estava se sentindo desorientada. Sem saber como aquilo aconteceu.

Apenas que aconteceu.

O amor era uma coisa estranha. Ela o desejava de tantas maneiras. O teve por um tempo, embora tivesse feito de tudo para negar. Principalmente, Isla confiava nele.

Era *essa* a base do amor?

Ela ainda não tinha certeza.

Sobre nada.

Isla levou a mão ao peito dele. Em algum lugar, podia sentir seu poder pulsando. Um fluxo incessante, dourado e brilhante. Solar, Etéreo, Lunar e Estelar. Quando Isla usou o vinculador, devolveu o poder de cada governante através da mesma ponte que havia permitido a ela tomar suas habilidades, embora ainda pudesse acessá-las.

Não havia defesas entre ela e a poça infinita de Oro, já que o fluxo funcionava para os dois lados. Ela poderia enfiar a mão e pegar o que quisesse. E ele poderia fazer o mesmo com ela.

Oro fechou os olhos por um instante, como se sentisse os dedos de Isla correndo ao longo dos rios de energia dentro dele.

Ele imitou o movimento dela. E Isla se perguntou o que ele sentia… porque, quando Isla matou Aurora com o vinculador, ela sabia exatamente o que estava fazendo. Não apenas obtendo seu próprio poder — e o de Oro e de Grim —, mas também *tirando* algo dela. Todas as habilidades da governante Estelar. Uma brecha, para matar um governante e sua linhagem, cumprir a profecia e acabar com as maldições, e ao mesmo tempo poupar o reino Estelar.

Agora, Isla tinha o poder de um governante Estelar, e não queria pensar no que isso significava.

Oro pressionou dois dedos contra seu coração. E desceu, até o centro do

peito dela.

Uma videira serpenteou pela varanda e desabrochou uma rosa vermelha.

Oro a arrancou da planta. Ofereceu a Isla.

Ela olhou para a flor. Uma rosa com espinhos, como ela. Era linda. Perigosa.

Isla a pegou e jogou-a por cima do ombro. E ficou na ponta dos pés para que sua testa tocasse a dele.

Oro hesitou. Seus olhos eram cor de âmbar e ardentes, nada como o vazio que ela havia vislumbrado no primeiro dia do Centenário. Ele a encarou como se ela fosse o motivo pelo qual destruíram a ilha, o coração que ele estava desesperadamente tentando encontrar por tantos anos. A agulha que havia costurado de volta cada um dos seus pedaços.

Isla respirou fundo.

Então se virou para o mar.

Grim. Ele a havia destruído e Isla fora imprudente. Apressada, agido sem pensar, sem hesitar.

Ela não cometeria esse erro novamente. Mesmo que confiasse em Oro — ninguém mais além dele.

Isla subiu na mureta, da mesma forma que fizera no primeiro dia do Centenário, quando entoou a canção que atraiu Oro até sua varanda. Ele estava atrás dela, uma fonte infinita de calor, tão perto que, quando ela inclinou a cabeça para trás, descansou no peito dele.

Seus pés chutavam o ar, bem acima do mar revolto. Isla virou-se para ele.

— Não me deixe cair.

Seus olhos encontraram os dela.

— Nunca.

Isla sustentou o olhar de Oro.

— Nunca mais — ele emendou.



CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

CHAVE

O Palácio de Espelhos havia perdido seus vidros. Era o esqueleto de uma estrutura agora, o piso coberto de cacos afiados como facas. Estalavam sob os sapatos de Isla quando entrou.

Oro havia trabalhado para fechar a rachadura no solo, usando um poder emprestado, mas um corte ainda percorria toda a extensão do salão, como uma cicatriz. Um lembrete do que havia acontecido ali.

Um lembrete da governante que fora enterrada lá embaixo.

Ele estava ao seu lado, observando cada um de seus movimentos. Sem ele, Isla não sabia se teria tido a coragem de voltar.

Não… ela teria. Porque estava mais forte agora, e isso não tinha nenhuma relação com seu novo poder.

Isla continuou em frente, tranquila, a cabeça erguida. Oro havia devolvido sua coroa. Ele contou a ela sobre como a pegou depois de terem encontrado o coração, durante as horas agonizantes na caverna enquanto o sol ainda brilhava e ele não podia ir encontrá-la… quando nem mesmo sabia se ela estava viva.

Foi nesse momento que eu soube que te amava, ele dissera. *Quando aquela flecha atravessou seu coração, era como se tivesse atravessado o meu também.*

Isla sentiu a ausência de sua coroa nos dias seguintes ao rompimento das maldições. Ela havia desenhado seus padrões em papel, imaginando-a em sua cabeça, pensando em como o adorno ficaria em sua mãe e nas gerações de governantes Selvagens antes dela… incluindo Violet.

Foi quando ela percebeu o que era. A única coisa que a ligava a seus ancestrais. O único objeto importante que tinha sobrevivido aos séculos.

Ela estava diante do cofre, na parte de trás do Palácio de Espelhos. Oro estava ao seu lado, os olhos fixos na fechadura de formato peculiar.

Isla respirou fundo antes de colocar a coroa no buraco. Cada ponta se encaixou no lugar devido. Ela virou, do jeito que faria com uma chave.

E abriu a porta.



AGRADECIMENTOS

Certa vez, aos doze anos, eu estava escrevendo livros no meu quarto e lendo agradecimentos como estes, na esperança de descobrir como ser publicada. Era meu único sonho. Um que persegui incansavelmente. Depois de centenas de rejeições, finalmente escrevi *Lightlark* para mim. Era o lugar que eu queria visitar, a história que queria ler.

Teria permanecido só meu se não fosse por aqueles que viram seu potencial e mudaram a minha vida.

Obrigado à minha equipe, que tornou todas as vitórias possíveis. À minha agente literária, Katelyn Detweiler, por se apaixonar por este livro primeiro e encontrar um lar para ele. Seu apoio é como uma armadura. Ao meu advogado de entretenimento, Eric Greenspan, por me aceitar e enxergar as possibilidades de tudo que está por vir. Aos meus agentes de cinema/TV na CAA, Berni Barta e Michelle Weiner. A Sophia Seidner, Sam Farkas e Jill Grinberg da Jill Grinberg Literary Management. A Aimee Lim, cujo feedback ajudou a moldar este livro e transformá-lo no que ele é.

À minha incomparável editora, Anne Heltzel, por acreditar na história de *Lightlark* antes de se tornar viral e por me apoiar na equipe da Abrams. Você viu em mim o que outros não viram e me incentivou a tornar este livro ainda mais forte — por isso, sou eternamente grata. A Andrew Smith, por acreditar em mim e em tudo o que o futuro reserva. A Kim Lauber, Hallie Patterson, Brooke Shearouse, Elisa Gonzalez, Melanie Chang e

Megan Carlson da Abrams, um grupo da mais alta qualidade que tenho a sorte de ter ao meu lado. Muito obrigada por tudo que fizeram para levar *Lightlark* ao maior número de pessoas possível.

À minha família, que teve o prazer de conviver com uma escritora (hehe). Aos meus pais, Claudy e Keith, por tornarem possível que eu seguisse meus sonhos. Pai, você sempre me disse que, quanto mais se trabalha, mais sorte se tem, e descobri que é verdade. Mãe, você é a pessoa mais forte que conheço, e agora vejo tanto de você em mim. Agradeço à minha irmã gêmea, Daniella, que é a razão pela qual continuo escrevendo. Seus pedidos por mais capítulos me levaram a criar novos mundos. Você foi minha primeira leitora e sempre será minha melhor amiga. A Sean, que foi um dos primeiros fãs do meu trabalho — sou muito grata por seu entusiasmo e ajuda. A Leo e Urso, por trazerem tanta alegria para a minha vida. A JonCarlos e Luna, por serem minha estrela e lua. Mal posso esperar para ver vocês seguirem seus sonhos também. A Angely, por sempre estar ao meu lado. A Rose, Alfonso, Carlos e Maureen, por seu amor e apoio ilimitados. Ao meu coração, Rron — este livro é dedicado a você, que torna o mundo real tão bom quanto o fictício.

Aos meus amigos, que me ajudaram a navegar por este novo mundo. Seu apoio, conselhos e amizade significam mais do que imaginam. A Chloe Gong, minha outra gêmea de muitas maneiras. Nossos brunches tornaram-se uma tradição, não é? A Adam Silvera, por sempre me apoiar e me fazer sorrir. A Marie Lu, Sabaa Tahir, Zibby Owens e Brigid Kemmerer. Como tive a sorte de conhecer vocês?

A todos que me seguem nas redes sociais. Suas mensagens e empolgação por este livro me fizeram cumprir todos os prazos, e estou determinada a fazer a espera valer a pena.

Acima de tudo, agradeço ao BookTok. *Lightlark* está aqui por causa de vocês. Cada vídeo, cada comentário, cada compartilhamento, cada amigo que fiz lá — *obrigada*. Vocês são mais poderosos do que imaginam. Não consigo lembrar o que estava pensando ao postar aquele vídeo sobre a ideia de uma ilha que só aparece uma vez a cada cem anos, mas nunca vou esquecer o choque por descobrir que milhões de pessoas queriam seguir nessa jornada comigo. Conseguimos!

Título original
LIGHTLARK

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, estabelecimentos comerciais ou localidades é mera coincidência.

Copyright © 2022 *by* Alex Aster

Arte da videira: cortesia da STOCKMAMBAdotCOM/Shutterstock.com

Design do livro *by* Chelsea Hunter

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
CLARICE GOULART

Edição digital: março, 2023.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A874L
Aster, Alex
Lightlark [recurso eletrônico] / Alex Aster ; tradução Carol Christo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2023.
recurso digital

Tradução de: Lightlark
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5595-176-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção colombiana. 2. Livros eletrônicos. I. Christo, Carol. II. Título.

23-82059 CDD: 868.993613

CDU: 82-3(862)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643
18/01/2023 24/01/2023

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



A AUTORA

ALEX ASTER é autora best-seller do *New York Times*, *Wall Street Journal* e *Publishers Weekly* e já vendeu os direitos de *Lightlark* para mais de trinta países. O livro será adaptado para os cinemas pela Universal Studios, sob comando dos mesmos produtores de *Crepúsculo*.

Aster é também uma das escritoras mais populares do mundo, com mais de um milhão de seguidores no TikTok e 150 milhões de visualizações em seus vídeos.

SIGA ALEX ASTER NAS REDES SOCIAIS
@alex.aster no TikTok
@alexaster no Instagram
www.asterverse.com

Índice

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Capítulo dezesseis
Capítulo dezessete
Capítulo dezoito
Capítulo dezenove
Capítulo vinte
Capítulo vinte e um
Capítulo vinte e dois
Capítulo vinte e três
Capítulo vinte e quatro
Capítulo vinte e cinco
Capítulo vinte e seis
Capítulo vinte e sete
Capítulo vinte e oito
Capítulo vinte e nove
Capítulo trinta

Capítulo trinta e um
Capítulo trinta e dois
Capítulo trinta e três
Capítulo trinta e quatro
Capítulo trinta e cinco
Capítulo trinta e seis
Capítulo trinta e sete
Capítulo trinta e oito
Capítulo trinta e nove
Capítulo quarenta
Capítulo quarenta e um
Capítulo quarenta e dois
Capítulo quarenta e três
Capítulo quarenta e quatro
Capítulo quarenta e cinco
Capítulo quarenta e seis
Capítulo quarenta e sete
Capítulo quarenta e oito
Capítulo quarenta e nove
Capítulo cinquenta
Capítulo cinquenta e um
Capítulo cinquenta e dois
Capítulo cinquenta e três
Capítulo cinquenta e quatro
Capítulo cinquenta e cinco
Capítulo cinquenta e seis
Agradecimentos
Créditos
A Autora